

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Doutorado em Educação

Marcio Bernardi

**O NÃO DIÁLOGO NO NEOCONSERVADORISMO
BRASILEIRO: EDUCAÇÃO E PROJETOS DE SOCIEDADE.**

Itatiba

2025

MARCIO BERNARDI

RA:202113825

**O NÃO DIÁLOGO NO NEOCONSERVADORISMO
BRASILEIRO: EDUCAÇÃO E PROJETOS DE SOCIEDADE.**

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos.

Orientador: Prof. Dr. Allan da Silva Coelho

Itatiba

2025

37.014.5 Bernardi, Marcio.

B444n O não diálogo no neoconservadorismo brasileiro: educação e projetos de sociedade / Marcio Bernardi. – Itatiba, 2025.
298 p.

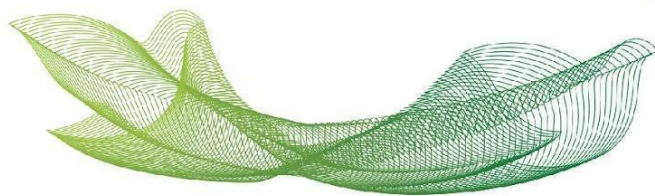
Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São
Francisco.

Orientação de: Allan da Silva Coelho.

1. Autonomia. 2. Educação. 3. Neoconservadorismo.
4. YouTube. I. Coelho, Allan da Silva. II. Título.

Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco – (SIBUSF)

Ficha catalográfica elaborada por: Karen Viana de Oliveira - CRB-8/10956



Educando
para a paz

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO**

Marcio Bernardi, defendeu a tese “O NÃO DIÁLOGO NO NEOCONSERVADORISMO: EDUCAÇÃO E PROJETOS DE SOCIEDADE”, aprovado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 30 de setembro de 2025, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Allan da Silva Coelho
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Luzia Bueno
Examinadora

Profa. Dra. Sônia Aparecida Siquelli
Examinadora

Prof. Dr. Cornélio Raimundo Mucache
Examinador

Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira
Examinador

Dedico esta tese aos meus pais, Evilásio Bernardi, caminhoneiro, e Rosa Aparecida Boava Bernardi, trabalhadora do lar, que sempre estiveram ao meu lado e não mediram esforços para que hoje a família tivesse um filho doutor.

AGRADECIMENTOS

É importante, antes de tudo, agradecer a todos os professores com quem tive contato ao longo da minha trajetória na pós-graduação. Cada diálogo e apontamento contribuíram imensamente para que esta tese se tornasse possível. Estendo este agradecimento à Universidade São Francisco (USF), por conceder a bolsa de estudos para seus funcionários, garantindo, assim, que, em meu caso, eu consiga realizar meu doutorado em Educação na instituição, na linha Educação, Sociedade e Processos Formativos.

Agradeço também aos meus amigos de trabalho, que em algum momento precisaram me ouvir falar sobre este texto, mesmo antes da entrada na pós-graduação. Em especial, Thais, Amanda, Paulo, Paulinha, Vivi e Cecília, com quem dialoguei ou cujas falas me fizeram repensar aspectos importantes da pesquisa.

Ao Giovani, Sandro e Paulo, sou grato pelas reflexões sobre a violência brasileira e suas implicações na estrutura política, que impactam o cotidiano e contribuem para a naturalização da exclusão e do sofrimento.

Devo também agradecer a Bruna Tiengo e André Amâncio, que me acolheram num momento significativo da pesquisa. As conversas, risadas e até o filme ruim que assistimos juntos foram experiências marcantes que nunca vou esquecer.

Aos amigos que reencontrei no meu retorno a Piracaia, em especial Bruno (FM), Gisa, Bruno Thomé e Ricardinho, peço desculpas se, em algum momento, fui insistente ao argumentar sobre este tema. Para além das reflexões apresentadas neste texto, tivemos risadas, conversas leves e momentos tranquilos que foram essenciais para a reconstrução desse recomeço. Que venham mais encontros como esses, afinal, vocês são minhas permanências quando penso na duração de amizades.

Com cada um de vocês, aprendi e sigo aprendendo algo único sobre a vida e as relações humanas.

Em meu retorno a Piracaia, também devo agradecer o reencontro com Renata e seu companheiro Leonardo, que sempre estiveram dispostos a me receber em sua casa e a conversar sobre os mais diversos temas. Essa convivência contribuiu significativamente para a produção deste texto e para reflexões sobre outros aspectos da minha vida.

Estendo também meu agradecimento ao amigo Fabiano Negrini. Nossas conversas foram muito relevantes para um aprofundamento das leituras sobre a atuação

do movimento neoconservador. Esses diálogos contribuíram significativamente para minha compreensão de como essa estrutura opera no cotidiano, naturalizando contradições e promovendo uma dissociação entre o plano ideal e a práxis social.

Ao Bruno (Zaba), minha gratidão por aguentar todas as vezes em que desabafei sobre os problemas que antecederam este texto, desde o seu desenvolvimento até as minhas questões pessoais e, provavelmente, todas as crises que ainda virão ao longo da vida. Aproveito para agradecer também à sua companheira Bruna, que certamente ouviu falar dos meus escritos e reclamações, mesmo que de forma indireta, pelos seus comentários. Além disso, sou grato pelos momentos que compartilhamos, pelas risadas e conversas, especialmente naquela subida ao sítio, uma semana antes da entrega deste texto. Aquele momento merece ser repetido sempre.

Ao Kris, que literalmente vi nascer e continuo acompanhando, e espero continuar acompanhando seu caminho de sucesso, desejo que a vida seja sempre leve e bela. Que você nunca esqueça como se usa um machado (sim, isso é importante!) e saiba que estou sempre disposto a jogar qualquer tabuleiro com você. E o mais importante: qualquer coisa, é só chamar.

Aproveito também para agradecer ao tio do Zaba, meu amigo Anésio, por ter me emprestado sua casa, permitindo que eu me isolasse do mundo e colocasse a cabeça em ordem durante este período. Sem sua ajuda e compreensão, e aquele brinde discreto à beira da fogueira, isso não teria sido possível. Sempre vou me lembrar da sua acolhida e reforço: o lago será resolvido ainda este ano (assim espero!).

É necessário ressaltar a figura de Lucas da Silveira Andrade, que, enquanto apresento este texto, provavelmente se encontra fora do país. Seu apoio foi fundamental, não apenas na produção do trabalho, mas em tantos outros aspectos do meu cotidiano, os quais jamais esquecerei. E não se esqueça: conto com seu sucesso!

Ao meu orientador, que também considero um amigo, Allan da Silva Coelho, minha profunda gratidão. Ele me estimulou na pesquisa nos momentos certos, acolheu minhas dores e problemas com respeito, carinho e atenção. Cobrou quando necessário, esteve sempre presente e disponível. Já deixo claro: qualquer problema neste texto é de minha responsabilidade. Em diversos momentos, sumi, e mesmo assim ele seguiu me buscando através do diálogo seja com um café, seja por Meet, WhatsApp ou e-mail. Se assumo todas as falhas deste trabalho, faço questão de dizer que os acertos só foram possíveis graças à sua orientação. Eu não teria chegado até aqui sem seu apoio.

Finalizando, agradeço aos meus irmãos, Marcos Bernardi e Márcia Bernardi Rossetti, e ao meu cunhado, Sapão. Um agradecimento especial à Tuanny Maia, que conheceu e esteve ao meu lado num momento conturbado da minha vida, me apoiando com carinho e respeitando cada etapa difícil deste processo, trazendo paz e tranquilidade em meio às incertezas.

Por fim, não poderia deixar de reconhecer as figuras fundamentais para que eu chegasse até este momento: meus pais, Evilásio Bernardi e Rosa Aparecida Boava Bernardi. Sem o apoio de vocês em todos os momentos da minha vida, nada disso seria possível.

Forte abraço a todos!

BERNARDI, Marcio. **O não diálogo no neoconservadorismo brasileiro: Educação e projetos de sociedade.** Tese (Doutorado em Educação). 2025. 298 p. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em educação. Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma bolsa institucional fornecida pela Universidade São Francisco (USF) aos seus funcionários e integra a linha de pesquisa Educação, Sociedade e Processos Formativos e o grupo do CNPq Fetichismo e Pensamento Crítico, focando na vertente “Capitalismo como Religião, Fetichismo e o Ethos Capitalista”. A pesquisa parte da análise da sociabilidade brasileira e do fortalecimento do pensamento neoconservador, que promove exclusão e violência com base nas premissas do capital. Com apoio teórico de Paulo Freire, as formas do diálogo, investiga-se como essa ideologia se manifesta no Brasil, considerando dois movimentos centrais: um político, baseado em ideias neoliberais, e outro religioso, que interpreta textos sagrados para justificar contradições sociais. O recorte temporal inicia-se com a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) ao governo federal (2003) e a popularização de plataformas como o YouTube (2010), que contribuíram para a disseminação de discursos neoconservadores. Os movimentos analisados oferecem respostas aos problemas sociais a partir de perspectivas neoconservadora. As fontes incluem livros dos representantes desses movimentos, vídeos publicados entre 2014 e 2018 e comentários dos espectadores. A pesquisa busca compreender quais elementos da educação não escolar, considerando processos educativos da sociabilidade brasileira, funcionam como instrumentos políticos para a expansão do neoconservadorismo, especialmente durante os governos do PT e de Jair Bolsonaro. Defendemos que, entre 2003 e 2016, os eleitores buscavam mudanças significativas na sociedade, mas essas não se concretizaram devido a contradições internas e à manutenção das estruturas políticas tradicionais, sustentadas pela estratégia do não diálogo. Como alternativa, propõe-se uma atuação social baseada no diálogo, visando à construção de uma nova sociabilidade capaz de superar as opressões de classe e enfraquecer o discurso neoconservador.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia. Educação. Neoconservadorismo. YouTube

BERNARDI, Marcio **The Non-Dialogue in Brazilian Neoconservatism: Education and Projects of Society**. Thesis (Doctorate in Education). 2025. 298 p. *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Education. São Francisco University, Itatiba/SP.

ABSTRACT

This work is the result of an institutional scholarship provided by the University of São Francisco (USF) to its employees and is part of the research line Education, Society and Formative Processes and the CNPq group Fetishism and Critical Thought, focusing on the strand “Capitalism as Religion, Fetishism and the Capitalist Ethos”. The research begins with an analysis of Brazilian sociability and the strengthening of neoconservative thought, which promotes exclusion and violence based on the premises of capital. With theoretical support from Paulo Freire, the forms of dialogue, the study investigates how this ideology manifests itself in Brazil, considering two central movements: a political one, based on neoliberal ideas, and a religious one, which interprets sacred texts to justify social contradictions. The time frame begins with the rise of the Workers’ Party (PT) to the federal government (2003) and the popularization of platforms such as YouTube (2010), which contributed to the dissemination of neoconservative discourses. The movements analyzed offer responses to social problems from neoconservative perspectives. The sources include books by representatives of these movements, videos published between 2014 and 2018, and comments from viewers. The research seeks to understand which elements of non-school education, considering educational processes within Brazilian sociability, function as political instruments for the expansion of neoconservatism, especially during the PT and Jair Bolsonaro governments. We argue that, between 2003 and 2016, voters sought significant changes in society, but these did not materialize due to internal contradictions and the maintenance of traditional political structures, sustained by the strategy of non-dialogue. As an alternative, a social action based on dialogue is proposed, aiming at the construction of a new sociability capable of overcoming class oppression and weakening the neoconservative discourse.

KEYWORDS: Autonomy. Education. Neoconservatism. YouTube.

SUMÁRIO

A CAMINHADA QUE ME LEVA À TESE.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – A ORGANIZAÇÃO DO CAMPO NEOCONSERVADOR NO BRASIL NO COMEÇO DO SÉCULO XXI	28
1.1 O começo da gestão petista e seus críticos.....	28
1.2 O YouTube como um novo espaço de atuação política: a educação com valores neoconservadores.....	60
CAPÍTULO 2 – ASCENSÃO E DISPUTA: O RELIGIOSO E O MOVIMENTO POLÍTICO COMO REPRESENTANTES DA EDUCAÇÃO NEOCONSERVADORA.....	94
2.1 A formação eleitoral do Neoconservadorismo	94
2.2 A disputa dos rumos do governo Bolsonaro: as diferenças iniciais entre o Religioso e o Movimento Político.....	128
CAPÍTULO 3 – A EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO POLÍTICO E DO RELIGIOSO.....	164
3.1 Os comentários no vídeo do Movimento Político e a construção de novos caminhos.....	164
3.2 Os comentários no vídeo do Religioso e a disputa orgânica por espaços.....	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	228
ANEXOS.....	244

A CAMINHADA QUE ME LEVA À TESE

Nasci em 20 de novembro de 1985, na cidade de Piracaia, interior de São Paulo, irmão de Marcos Bernardi e Márcia Bernardi, filho de Evilásio Bernardi, caminhoneiro, e de Rosa Aparecida Boava Bernardi, que dedicou sua vida ao trabalho do lar. Realizei meus estudos em escolas públicas da cidade, onde construí grandes amizades, algumas das quais estão mencionadas em meus agradecimentos, pois continuam sendo pessoas importantes em minha vida até hoje.

Iniciei o ensino superior em 2005, no curso de Psicologia, com dúvidas se não deveria ter entrado no curso de História. Neste momento da graduação, tive contato com o Movimento Estudantil, assumi a presidência do centro acadêmico de Psicologia e, conseqüentemente, ajudei na construção do DCE da universidade. Essa participação e atuação no movimento estudantil me levou a fazer parte de duas gestões da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. A dúvida com o curso de Psicologia me levou a abandonar o curso; mudei para São Paulo e aprofundei minha atuação política.

Estudei Pedagogia, na qual também não me formei, retornei à Psicologia e participei de diversas mobilizações: a primeira foi contra o ato médico, que, na prática, acarretava o processo de hierarquização da forma de organização da saúde, no qual a definição e atuação de profissionais dependiam de uma autorização do médico. A segunda foi a que buscou garantir 50% dos royalties do pré-sal para a educação.

Ao longo deste processo, me filiei a um partido político que compôs a base de sustentação do Partido dos Trabalhadores durante o período ao qual a tese busca analisar. Neste período, ao longo da militância, apresentávamos a convicção de que, apesar dos limites impostos pela forma política de nossa sociabilidade, transformações estruturais estavam ocorrendo.

Neste processo, não observamos as contradições que estavam surgindo no período; pelo contrário, observamos, nestas disputas, o interesse de grupos específicos, distanciando o cotidiano da prática do diálogo das permanências econômicas, privilegiando a segunda em detrimento da primeira.

Em 2012, em Bragança Paulista, já distante da militância partidária, começo o curso de História, no qual me formo em 2014. Passo a me interessar pela História do Tempo Presente, pela Internet e pelas manifestações que estavam ocorrendo ao longo deste período. Entre essas manifestações, destaco Occupy Wall Street, Primavera Árabe,

Indignados e as Jornadas de 2013 no Brasil, que apresentavam uma organização para além da forma do Partido. Com isso, a resposta por parte do Estado sempre se mostrava ineficiente, pois ele não busca se transformar, mas sim permanecer como estrutura.

Começo a dar aula de História no Estado e na cidade de Joanópolis. Observo, em conversas, uma crítica recorrente à gestão federal do PT, principalmente baseada na estagnação econômica e na relativização dos valores. Essas pautas, em nossa tese, são localizadas dentro do pensamento neoconservador.

Em 2015, ingresso no mestrado em História, no qual estudei as manifestações de junho de 2013 e como elas foram apresentadas na cidade de São Paulo. Ao longo da pesquisa, me deparei com o fortalecimento de grupos políticos que se apresentam como fiadores da lógica neoconservadora. Um dos meus objetos de pesquisa se apresenta como sendo construído a partir dessas manifestações e de suas críticas à condução do Partido dos Trabalhadores na gestão federal.

Apresento minha dissertação em 2017. Continuo dando aula no Estado e percebo, nas conversas com professores e pais, o aumento das críticas de cunho moral e econômico. Também observo o uso recorrente do termo comunismo para definir aquele período em nossa sociedade, sendo apresentadas como provas vídeos e mensagens disponíveis na Internet.

Observo que, neste ato, para além de uma disputa política, esses vídeos apresentam uma disputa de educação, ou seja, a disputa por uma formação de sociabilidade. Em 2019, começo a trabalhar na Universidade São Francisco e, no ano de 2021, ingresso oficialmente no doutorado em Educação, na linha de pesquisa Educação, Sociedade e Processos Formativos. A partir desses elementos que apresentei de forma resumida, minha tese busca contribuir para a compreensão da formação da educação neoconservadora na sociedade brasileira e refletir sobre como podemos produzir um enfrentamento a esses valores, construindo uma nova sociabilidade para além das demandas da ótica da reprodução do capitalismo.

INTRODUÇÃO

A construção desta tese em Educação na linha de pesquisa, “Sociedade e Processos Formativos”, tem como base a compreensão de que o ser humano está em constante formação, à medida que a sociedade ao seu redor também se transforma. Nossa estrutura social e nossos costumes não são definidos biologicamente ou instintivamente, mas sim construídos por meio de disputas políticas.

Pensar em Educação, Sociedade e Processos Formativos exige uma compreensão de que a educação vai além das instituições de ensino. Trata-se de uma práxis social, com limites e potencialidades que não são rígidos nem previamente definidos, mas que emergem da confrontação com a experiência humana, o que nos leva à nossa compreensão de educação, que não envolve apenas a educação de caráter escolar, mas uma educação para o viver coletivamente. Maria da Glória Gohn apresenta como educação não-formal. Em seu livro *Educação não-formal e Cultura Política*, é apresentada como essa forma de compreender a educação ganha espaço a partir da década de 1990 do século passado;

O grande destaque que a educação não-formal passou a ter nos anos 90 decorre das mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Passou-se ainda a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-escolares. (Gohn, 2001, p.92)

Como apresentado no fragmento acima, a partir dos últimos momentos do século passado, a educação ganha uma dimensão voltada para valores além da forma não escolar. Entretanto, ainda mantém uma vinculação com valores de reprodução do capital, mas com uma perspectiva de reconhecer as dimensões e aprendizados dos indivíduos. Ou seja, os fazeres e trocas entre sujeitos produzem uma forma e um sentido prático em nosso processo histórico, os quais observamos como uma educação, pois, a partir dessa troca, encontramos um processo de reconhecimento e construção de saberes que interferem no cotidiano.

Este processo é destacado por Gohn (2001), no livro apresentado, destaca cinco dimensões para a compreensão da educação não-formal, embora as enuncie como quatro, que servem para ajudar na compreensão deste conceito, além de uma justificativa prévia do tema, a qual destacamos a primeira como o eixo do nosso trabalho:

“[...] aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isso é, o processo que gera conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meio da participação em atividades grupais” (Gohn, 2001, p.98)

Partindo da perspectiva apresentada pela autora, nossa pesquisa compreende que a educação não-formal, que se fortalece no período final do século pode ser utilizada para algo emancipador e político em busca da construção de uma nova sociabilidade para além das dimensões da lógica neoliberal. Para isso, vamos nossa tese ir se desdobrar sobre os acontecimentos da sociedade brasileira no período de 2003 até 2022, com o objetivo de responder à seguinte questão: quais elementos da educação não escolar, ou seja, da sociabilidade brasileira nesse período, a partir das gestões federais do Partido dos Trabalhadores e de Jair Messias Bolsonaro, servem como instrumentos políticos para a ampliação do espaço do neoconservadorismo brasileiro?

Para isso, consideramos a produção de livros e os comentários de dois (02) vídeos um (1) de cada fonte retirados do YouTube. A partir dessa análise, buscamos identificar quais são os elementos centrais que devem ser disputados para a construção de uma educação libertadora, conforme a concepção de Paulo Freire.

Nossa hipótese parte do pressuposto de que, no período entre 2003 e 2016, com a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) ao governo federal, a parcela majoritária dos eleitores nas eleições federais realizadas nesse intervalo (2002, 2006, 2010 e 2014) buscava, por meio da expressão eleitoral, promover transformações significativas na sociabilidade brasileira. No entanto, tais mudanças não se concretizaram, em razão das contradições internas e da permanência das estruturas políticas tradicionais e o enfraquecimento do pensamento neoconservador passa pela construção de uma nova sociabilidade.

Nesse contexto histórico, observa-se um aumento do consumo, o que gerou a percepção de melhoria nos indicadores econômicos e sociais. Esse movimento foi impulsionado, sobretudo, pela inclusão de uma nova classe trabalhadora, fortalecendo o discurso de que o consumo seria um garantidor de cidadania.

Para além da questão da cidadania observada sob a lógica do capitalismo, isto é, centrada no consumo, a governabilidade do Partido dos Trabalhadores revelou-se conflitante, em razão de sua base de apoio contraditória, composta por partidos de esquerda, centro e centro-direita. Essa composição heterogênea dificultou a

transformação estrutural do Estado e da sociabilidade brasileira em direções que garantissem uma cidadania para além da perspectiva limitada ao gasto.

Essa limitação acabou por fornecer uma base material ao avanço do movimento neoconservador brasileiro, sustentado por supostos elementos religiosos que serão analisados a partir de uma fonte identificada apenas como “Religioso” e por valores políticos conservadores, representados por outra fonte, denominada “Movimento Político”.

O ocultamento dos nomes oficiais dessas fontes tem como objetivo evitar ou dificultar eventuais ações jurídicas após a conclusão da pesquisa. Ressaltamos, contudo, que tanto os livros quanto os vídeos utilizados são públicos até o momento em que este estudo está sendo conduzido, estando, portanto, disponíveis para toda a sociedade.

O neoconservadorismo passa a ocupar a estrutura do Estado com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, momento em que se intensifica uma disputa interna dentro desse campo político, bem como uma reconfiguração das formas de questionamento da estrutura e da funcionalidade do Estado brasileiro seja nos aspectos relacionados à cidadania, à economia ou à representação política.

Esses elementos, quando analisados à luz da práxis freiriana, revelam potenciais contribuições para a construção de uma educação libertadora, capaz de promover uma sociedade emancipada e livre de opressões.

As escolhas de governabilidade do Partido dos Trabalhadores, pautadas por acordos políticos, buscaram preservar as estruturas já constituídas, gerando um desalinhamento com o processo desencadeado pelas próprias campanhas eleitorais historicamente construídas desde a redemocratização. Nesse contexto, o partido lançou, em todas as eleições presidenciais, Luiz Inácio Lula da Silva como candidato, apresentando-o como símbolo da mudança da lógica social vigente.

Essa formação histórica ultrapassa os limites de uma construção meramente partidária e se configura como uma construção social de valores e vontades coletivas. Seus primeiros ecos podem ser identificados no campo da educação, especialmente quando nos deparamos com o conceito de *cognoscente (ato)*, presente no dicionário de Paulo Freire (2008) e sintetizado por José Pedro Bouffleuer;

Sua reflexão parte como que de uma constatação óbvia: “Nós, humanos, nos encontramos no mundo, com o mundo e com os outros, como seres concretamente situados e num processo de mútua construção” (FREIRE, 1987, p. 39ss). Esse mundo permite o “intencionar” de

nossas consciências que, assim, o tornamos objeto de reflexão e de ação, ou seja, como âmbito de nossa práxis. Como seres de práxis, nós podemos agir com base em objetivos a que nos propomos, criando realidades novas, produzindo o inédito, transformando o nosso entorno. Tal possibilidade de transcender o determinado, o previamente estabelecido, é que nos diferencia das demais espécies animais. Estas já nascem prontas, são modeladas instintivamente e, por isso, incapazes de criar, pelo que agem de modo meramente reflexo e padronizado, apenas se adaptando ao meio. Diferentemente dessas, nós humanos não nascemos prontos, somos inacabados. Deparamo-nos, portanto, com “a necessidade de nos fazer, objetivando o mundo, transformando-o e transformando-nos. Por sermos capazes de optar, de decidir e de valorar temos o sentido do projeto” (FREIRE, 1984, p. 43). A humanização nossa e do mundo constitui o desafio maior de nossas existências, para o que se espera orientem-se os esforços educativos. (Bouffleuer, 2008, p.82)

Em outras palavras, o processo ou ato apresentado no fragmento refere-se ao ser humano ativo, que se reconhece no outro e busca construir novos caminhos e horizontes junto a esses sujeitos. Essa construção não se dá sob uma perspectiva de direção ou tutela, mas sim por meio da troca e do reconhecimento mútuo. Trata-se da edificação de um mundo que não é previamente determinado, mas estruturado a partir da ação coletiva.

O sujeito descrito na citação é aquele que se engaja na construção coletiva, reconhecendo nos outros elementos que desconhece e estando verdadeiramente disposto a aprender com eles assim como a ensinar. É um sujeito comprometido com a criação de uma nova sociabilidade, pautada na reciprocidade e na emancipação.

A base referencial que orienta nossa análise questiona a realidade social na qual esse sujeito está inserido uma realidade que não o reconhece como cidadão, pois essa categoria não se fundamenta em valores sociais e humanos, mas sim em valores econômicos e de consumo.

Ao questionar e buscar transformação, o horizonte do sujeito passa por seu universo conhecido o universo eleitoral no qual a representação da mudança é capitaneada pelo Partido dos Trabalhadores, reconhecido por sua trajetória junto à classe trabalhadora, constituída pelas lutas por aumento salarial e pela resistência à ditadura civil-militar, especialmente a partir da década de 1980.

Luiz Inácio Lula da Silva, nesse contexto, buscou superar o processo excludente ao considerar os elementos do passado, ou seja, ao compreender os aspectos constituintes da realidade social. Trata-se de uma realidade que não é estática, mas que se movimenta e se transforma à medida que existimos e atuamos sobre ela.

Esse processo de questionamento e de busca pela construção de uma nova realidade percorre todo o período selecionado, apresentando novos dilemas. Entre eles, destaca-se a ampliação das formas de comunicação por meio de plataformas online, que passaram a servir tanto para a propagação de novas visões de sociedade quanto para a reprodução do antigo imaginário constituinte.

Esse imaginário se expandiu, pois o mesmo grupo que buscava a transformação social por meio da lógica eleitoral acabou confrontando os limites institucionais dessa via. Em vez de promover uma nova sociabilidade, o processo resultou na inclusão de uma parcela desse grupo na forma social que originalmente se pretendia transformar.

Nesse ponto, cabe-nos questionar: o que é socialmente construído que impede a efetivação de uma transformação profunda na sociedade brasileira? Essa indagação nos leva novamente ao fragmento de José Pedro Boufleuer (2008),

O mundo humano, enquanto expressão própria das relações que vamos criando com a natureza, com os outros e com nós mesmos, pode ser considerado como resultado de processos de aprendizagem que se expressam sob a forma de conhecimento. Todo conhecimento, assim, pode ser visto como acréscimo que fazemos a nós e a nosso entorno. Ele tem o sentido de uma construção coletiva e histórica, em perspectiva de continuidade e de renovação. Sua constante reconstrução se dá de forma pedagógica, através de processos de aprendizagem que ocorrem na interação com os outros, nossos coetâneos e com aqueles que nos precederam no tempo e na cultura. (Boufleuer, 2008, p.83)

Em síntese, a partir da continuidade do pensamento do autor, observamos que o desenvolvimento e a construção social têm como base o princípio da relação humana e do processo de aprendizagem processo este que só se realiza em momentos de troca e na construção histórica compartilhada.

Partindo dessa premissa, a concepção de educação que apresentamos em nosso trabalho fundamenta-se na relação dialógica entre sujeitos que constroem sua realidade à medida que se constituem como sujeitos históricos. Essa perspectiva é ilustrada por José Eustáquio Romão no verbete *Educação* (2008), presente no *Dicionário Paulo Freire*, ao destacar que a educação é um ato de criação coletiva, no qual ensinar e aprender são dimensões inseparáveis de um mesmo movimento de humanização;

A educação, para Paulo Freire, é ainda práxis, isto é, uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem. E, em decorrência da relação entre a dimensão política e a dimensão gnosiológica da relação pedagógica, a prática precede e se constitui como princípio fundante da teoria. Esta, por sua vez, dialeticamente, dá

novos sentidos à prática, especialmente se for uma teoria crítica, ou seja, resultante de uma leitura consciente do mundo e de suas relações naturais e sociais. (Romão, 2008, p.152)

Partindo do pressuposto freiriano de que a educação é um ato político e libertador, nossa pesquisa, ao considerar o período de 2003 a 2022, busca identificar nos livros e nos canais do YouTube denominados *Religioso* e *Movimento Político* os elementos que podem servir como chave de atuação para a construção de uma educação libertadora, capaz de enfrentar o avanço do neoconservadorismo brasileiro.

A escolha desse recorte temporal não se deu ao acaso. Consideramos as transformações sociais ocorridas nesse intervalo, sendo o primeiro marco de natureza política: a eleição presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002, por meio de uma coligação de centro-esquerda¹, vencendo o então candidato José Serra, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB). Essa eleição foi marcada por dois eventos significativos, sendo o primeiro a publicação da *Carta ao Povo Brasileiro*², escrita por Lula, documento que expressa a tônica conciliadora e reformista de seu governo.

A crescente adesão à nossa candidatura assume cada vez mais o caráter de um movimento em defesa do Brasil, de nossos direitos e anseios fundamentais enquanto nação independente. Lideranças populares, intelectuais, artistas e religiosos dos mais variados matizes ideológicos declaram espontaneamente seu apoio a um projeto de mudança do Brasil. Prefeitos e parlamentares de partidos não coligados com o PT anunciam seu apoio. Parcelas significativas do empresariado vêm somar-se ao nosso projeto. Trata-se de uma vasta coalizão, em muitos aspectos suprapartidária, que busca abrir novos horizontes para o país. O povo brasileiro quer mudar para valer. Recusa qualquer forma de continuísmo, seja ele assumido ou mascarado. Quer trilhar o caminho da redução de nossa vulnerabilidade externa pelo esforço conjugado de exportar mais e de criar um amplo mercado interno de consumo de massas. Quer abrir o caminho de combinar o incremento da atividade econômica com políticas sociais consistentes e criativas. O caminho das reformas estruturais que de fato democratizem e modernizem o país,

¹ A coalizão que apoiou a eleição de Lula em 2002 era formada por: PT (Partido dos trabalhadores), PL (Partido Liberal) PMN (Partido da Mobilização Nacional) PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) PMDB (Partido da Mobilização Democrática Brasileira) PCB (Partido Comunista Brasileiro) PCdoB (Partido Comunista do Brasil). Em 2006, no primeiro turno o PT contou com uma coligação formada por: PT, PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro) PCdoB, entretanto no segundo turno recebeu apoio de candidatos de partidos diversos. Em 2010, a coligação que elegeu Dilma Rousseff era formada por: PT, PMDB, PDT (Partido Democrático Trabalhista), PRB (Republicanos) Antigo PL que se transformou em PR (Partido da República), PSB (Partido Socialista Brasileiro), PSC (Partido Socialista Cristão) antigo PTC (Partido Trabalhista Cristão) atual Agir e PTN (Partido Trabalhista Nacional). Na eleição de 2014 da presidente temos os seguintes apoios: PT, PMDB, PCdoB, PDT, PP (Partido Progressista), PRB, PR (Partido da República), PROS (Partido Republicano da Ordem Social), PSD (Partido Social Democrático).

² Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2010/02/cartaapovobrasileiro.pdf>>. Último acesso: 12/01/2025.

tornando-o mais justo, eficiente e, ao mesmo tempo, mais competitivo no mercado internacional. (Silva, 2002)

Já o segundo momento relevante no cenário eleitoral³ foi a participação da atriz Regina Duarte na campanha do então candidato José Serra, em 2002. Em uma peça publicitária amplamente divulgada, Regina aparece olhando diretamente para a câmera e profere um texto que ficou marcado na memória política brasileira;

Eu tô com medo faz tempo que não tinha esse sentimento porque eu sinto que o Brasil nessa eleição corre o risco de perder toda a estabilidade que já foi conquistada. Eu sei que muita coisa deve ser feita, mas também tem muita coisa boa já foi realizada, não dá para ir tudo para a lata de lixo. Nós temos dois candidatos à presidência, um eu conheço, é o Serra, é o homem dos genéricos do combate à Aids, o outro eu achava que conhecia, mas hoje eu não conheço mais, tudo que ele dizia mudou muito, isso dá medo na gente, outra coisa que dá medo é a volta da inflação desenfreada, lembra? 80% ao mês, o futuro presidente vai ter que enfrentar a pressão da política nacional e internacional e vem muita pressão por aí, é por isso que vou votar no Serra, vou me dar segurança porque dele eu sei o que esperar, por isso, eu voto 45, voto Serra e voto sem medo. (Duarte, 2002)

A disputa pelo sentimento apresentada pelos dois fragmentos é uma permanência em nossa sociedade e serve como instrumento de organização do neoconservadorismo brasileiro. O discurso de Regina Duarte (2002), sobre o medo e o possível retorno da inflação, é um exemplo desse medo mobilizado pelo neoconservadorismo. Valores econômicos são uma das bases de argumentação da fonte intitulada *Movimento Político*. Por outro lado, observamos na *Carta ao Povo Brasileiro* elementos que apresentavam uma proposta de transformação e um apoio popular massivo, ao mesmo tempo que demonstravam atenção à questão do mercado. Como mencionado, a coligação representada por Lula venceu as eleições, permanecendo no poder até 2016, quando ocorreu o golpe parlamentar contra a então presidenta Dilma Rousseff.

Outro fator que justifica a escolha deste período é o avanço da tecnologia, especialmente pela ampliação do uso das redes sociais. Progressivamente, uma parcela cada vez maior da população brasileira passou a utilizar essas plataformas, o que resultou na criação de uma nova dimensão do espaço público um ambiente voltado à busca por informação, entretenimento e ao armazenamento de memórias. Nesse contexto, surge em 2005 a plataforma de vídeos YouTube, criada por três ex-funcionários da PayPal Chad

³ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=skVHeZ0OPdQ&ab_channel=Poder360>. Último acesso: 12/01/2025.

Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em San Mateo, Califórnia, com o objetivo de facilitar a hospedagem de vídeos na internet. Essa premissa permanece como uma das principais funções do site, utilizado para a divulgação de vídeos por meio da criação de canais e comunidades.

Esse local passa a ser utilizado pela sociedade brasileira para assistir a vídeos como clipes, filmes, humorísticos e musicais, além de se tornar um instrumento político. Um dos primeiros momentos de grande escala em que a plataforma foi usada com fins políticos pela sociedade brasileira ocorreu nas jornadas de junho de 2013, como apresenta a dissertação de Lídia Raquel Herculano Maia, intitulada *Conservação Política no YouTube: junho de 2013 e a Circulação de Sentido nos comentários do vídeo “Globo e os Protestos”* (2015), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴.

Essa plataforma de vídeos abriga os dois canais que serão utilizados como fonte de pesquisa, selecionados por seus números expressivos e pelo discurso neoconservador que apresentam. O primeiro é formado por um grupo de jovens que se organizou após as manifestações de junho de 2013, apresentando uma visão neoliberal sobre os rumos da sociedade. Atualmente, esse grupo possui representação no Congresso e em diversas prefeituras ao longo do país. Ele busca a formação de seus membros por meio de análises políticas, misturando momentos de raiva, preocupação, humor e críticas às posturas do governo, principalmente ao campo da esquerda.

Em seu canal, o Movimento Político apresenta os seguintes dados: criado em 17 de outubro de 2014, conta com 1,35 milhão de inscritos, 3.385 vídeos e 359.562.138 visualizações⁵. Para além desse ambiente, está presente em outras plataformas de comunicação, como o Instagram, com 840.000 seguidores, e o X, com aproximadamente 541.000 locais cujo acesso requer apenas conexão à internet. Com esse grupo, utilizaremos alguns vídeos para apresentar sua posição ao longo do texto e recorreremos à caixa de comentários disponível em seu primeiro vídeo, no qual recorre à comédia para buscar viralização e se contrapor à então candidata à presidência, Dilma Rousseff, em nosso terceiro capítulo. Além desses vídeos, utilizaremos dois livros: um sobre a história da criação do movimento, escrito a partir da visão de dois líderes (2019); e outro sobre como discutir política (2021), redigido por um desses líderes.

⁴ Link para dissertação: <<https://repositorio.ufrn.br/items/82ede074-be16-4ef8-9537-0e924aad0f39>> Último acesso em 27/03/2025

⁵ Todos os dados em relação a vídeos e demais plataformas foram realizados no dia: 13/01/2025.

O segundo canal é de um religioso pertencente a uma igreja neopentecostal, com os seguintes dados: iniciado em 12 de dezembro de 2006, apresenta 1,4 milhão de inscritos, 3.188 vídeos e 324.085.714 visualizações⁶. No Instagram, conta com 338 mil seguidores e, aproximadamente, 105.000 no X. Assim como no primeiro grupo, utilizaremos seu posicionamento ao longo do texto e, no terceiro capítulo, recorreremos aos comentários do primeiro vídeo do canal⁷, no qual realiza uma análise sobre o então governo de Jair Messias Bolsonaro. Também utilizaremos quatro livros desta fonte: o primeiro trata de como ser um cristão em nossa sociedade (2021); o segundo é um guia contra o marxismo (2023); o terceiro, um manual de como sobreviver sendo um conservador no começo do nosso século (2020); e o último aborda a história de Davi (2014). Os links para os vídeos encontram-se ao final da tese, na seção Anexos no formato de prints.

A escolha pelos comentários no terceiro capítulo, em detrimento dos vídeos, fundamenta-se na premissa de que o processo educacional promovido por esses canais se manifesta nas interações dos usuários. É nesse espaço que se torna possível identificar a influência dos posicionamentos e reflexões dos criadores sobre parte do público que teve contato com o material. Tal abordagem permite tensionar a relação entre o criador da proposta (Movimento Político e Religioso) e uma parcela de seus seguidores (comentários nos vídeos), com o objetivo de verificar se o pensamento neoconservador nesses ambientes se apresenta de forma unitária ou se, ao contrário, revela disputas internas e divergências conceituais.

Este processo de escolha parte do reconhecimento da não neutralidade, pois como Michael Löwy apresenta em seu livro *Método dialético e teoria política* (1978). Logo nas primeiras páginas, o autor realiza o seguinte questionamento: “Como pode o cientista social ‘se colocar no estado de espírito’ do químico se o objeto de seu estudo, a sociedade, é também o objeto de um debate político encarniçado entre concepções de mundo opostas?” (Löwy, 1978, p. 12). Em seguida, Löwy apresenta a posição de Émile Durkheim, que se mostra favorável à possibilidade de uma pesquisa com distanciamento, alinhando-se à corrente positivista, que compreendia a premissa de uma neutralidade do

⁶ Todos os dados em relação a vídeos e demais plataformas foram realizados no dia: 13/01/2025.

⁷ É importante que este canal passou por uma série de vídeo de apagamentos de vídeos devido a seu discurso e preocupação com ações judiciais. Por este motivo, não conseguimos definir que este vídeo é o primeiro do canal. Sobre a questão do apagar vídeos, recomendamos: <<https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2024/02/14/canais-bolsonaristas-deletam-mais-de-15-mil-videos-apos-operacao-da-pf-contra-o-ex-presidente.ghtml>>. Último acesso em 13/01/2025

pesquisador o qual não deveria ser afetado por fatores externos, como suas posições políticas ou suas interpretações sobre o desenrolar histórico. Após expor essas concepções e os debates que as envolvem, Löwy argumenta que;

A realidade social, como toda a realidade, é infinita. Toda ciência implica uma escolha, e nas ciências históricas essa escolha não é um produto do acaso, mas está em relação orgânica com uma certa perspectiva global. As visões do mundo das classes sociais condicionam, pois, não somente a última etapa da pesquisa científica social, a interpretação dos fatos, a formulação das teorias, mas a escolha mesma do objeto de estudo, a definição do que é essencial e do que é acessório, as questões que colocamos à realidade, numa palavra, a **problemática** da pesquisa. (Löwy, 1978, p.15)

Nossa problemática não surgiu ao acaso, como aponta o autor, pois parte do avanço das ideias neoconservadoras em nosso território, culminando na eleição de Jair Messias Bolsonaro. Criar uma hipótese sobre os fatores que permitiram essa ascensão, especialmente por meio do campo educacional, torna-se fundamental para qualquer tentativa de intervenção na realidade.

Dessa forma, a escolha por estes dois canais que optamos por denominar Religioso e Movimento Político se fundamenta em dois fatores principais. O primeiro diz respeito aos números mencionados anteriormente, que evidenciam sua relevância dentro desse campo de atuação. O segundo fator refere-se às divergências entre seus posicionamentos: embora nenhuma das fontes tenha se manifestado diretamente contra a outra, suas posições revelam disputas internas no próprio campo neoconservador.

Essa escolha, baseada nos números e na popularidade dos canais, não se dá ao acaso. Partimos da abordagem metodológica apresentada por Robert V. Kozinets⁸ em seu livro *Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online* (2014), no qual o autor propõe critérios para a seleção de fontes digitais. Segundo Kozinets, “Uma medida importante na netnografia é a centralidade; esta revela os atores que podem ser os mais importantes, proeminentes ou influentes em uma rede. Existem diversos tipos diferentes de centralidade. A centralidade de grau considera os atores ativos mais populares em uma rede.” (Kozinets, 2014, p. 55).

Essa popularidade é justamente o critério que orientou nossa escolha, ao mesmo tempo em que justifica a decisão de não apresentar os nomes dos canais analisados.

⁸ Sobre Kozinets, recomendamos: <<https://annenberg.usc.edu/faculty/robert-kozinets>>. Último acesso em: 12/12/2024

Embora o conteúdo esteja em domínio público, optamos por preservar suas identidades como forma de resguardo diante de possíveis implicações jurídicas.

Se a escolha dos canais parte da metodologia proposta por Kozinets, o motivo de utilizar as informações provenientes da plataforma YouTube pode ser compreendido a partir da obra de Martyn Hammersley e Paul Atkinson⁹, *Etnografia* (2022). Os autores permitem pensar os conteúdos desses canais como fontes legítimas de análise, ao afirmarem: “Os blogs são um exemplo: como sugerem Hookway e Snee (2017: 381), ‘os blogs são “documentos de vida” contemporâneos’ que ‘têm a espontaneidade dos diários comuns, embora sejam mais fáceis de encontrar e de acessar do que os documentos pessoais não solicitados’” (Hammersley, Atkinson, 2022, p. 208).

Embora o trecho se refira especificamente aos blogs, podemos estender essa concepção aos vídeos dos canais analisados, uma vez que também se constituem como registros contínuos e espontâneos. Esses vídeos expressam uma visão histórica do período e revelam aspectos da práxis neoconservadora, funcionando como documentos vivos que articulam narrativas, posicionamentos e disputas simbólicas no campo político-religioso.

Quando nos deparamos com os vídeos e a literatura produzidos por esses grupos, o Movimento Político busca se posicionar a partir da ruptura com o governo Bolsonaro, enquanto o Religioso realiza sua defesa. Diante disso, nos cabe a pergunta: o que seria o neoconservadorismo? Para responder à questão, utilizaremos o livro de Marina Basso¹⁰ Lacerda, intitulado *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro* (2019), no qual a autora apresenta a seguinte definição:

O neoconservadorismo é um movimento político que forjou um ideário privatista (defende o predomínio do poder privado da família e das corporações), antilibertário (a favor da interferência pública em aspectos da vida pessoal), neoliberal (contra a intervenção do Estado para a redução das desigualdades), conservador (articula-se em relação ao Estado de bem-estar, ao movimento feminista e LGBT) e de direita (se opõem a movimentos reivindicatórios que busca maior igualdade de direitos). Enquanto ideário, o neoconservadorismo é, como mencionado, um conjunto de preferências, um modo de pensamento, uma mentalidade que alia militarismo externo e interno, absolutismo de

⁹ Para apresentar nossos autores vamos utilizar a orelha do livro citado: *Martyn Hammersley* é professor de Estudos Educacionais e Sociais da The Open University, no Reino Unido. Ele desenvolveu pesquisas na área da sociologia da educação e sociologia da mídia. No entanto, grande parte da sua obra se dedica às questões metodológicas que envolvem investigação social. *Paul Atkinson* é professor emérito de Sociologia na Universidade de Cardiff, no Reino Unido. Seus interesses atuais incluem a etnografia dos ofícios e o ofício da etnografia.

¹⁰ Marina Basso Lacerda é bacharela em direito pela UFRP, mestra em direito pela PUC-RJ e doutora em ciência política pela UFRJ. Advogada e analista legislativa da Câmara dos Deputados.

livre mercado e valores da direita cristã, além de apoio ao movimento sionista. (Lacerda, 2019, p. 58)

Ao tomar contato com a produção do Movimento Político e do Religioso, localizamos os elementos que aproximaram ambos da candidatura de Jair Messias Bolsonaro, bem como os elementos de ruptura do Movimento Político com tal figura. Ao tratar da posição do Religioso, percebemos que, a partir da plataforma e gestão do então presidente, houve a propagação dos ideários da direita cristã brasileira, já articulados no slogan “DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA” (2018), com seus valores privatistas, de preservação e fortalecimento das famílias cristãs, valores sionistas e militarismo.

Em contrapartida, no âmbito do Movimento Político, identificam-se valores neoliberais que criticam o funcionamento e o tamanho do Estado. No início da gestão, esses valores manifestaram-se no apoio à política econômica de Paulo Guedes, então ministro da Economia, figura neoliberal e alinhada à direita, além do sionismo e militarismo.

Em síntese, o neoconservadorismo brasileiro que chega ao poder com a eleição de 2018 não constitui um bloco homogêneo, mas sim heterogêneo, no qual cada grupo atua em busca de seus próprios interesses sociais. Compreendemos, assim, que produzir um processo de educação libertadora freiriana não deve ser entendido como se esse bloco se movesse de forma unitária e sem disputas; pensar esse processo e atuar nesse conjunto envolve enfrentar as contradições produzidas em sua própria atuação.

Como já relatado no texto, nosso recorte tem como base a eleição da frente centro-esquerda e o surgimento e ampliação das redes sociais/plataformas online, em especial o YouTube. A partir disso, percebemos as mudanças, permanências e disputas sociais produzidas ao longo deste período, seja pela escolha de representantes, pelas manifestações ou até pela utilização da tecnologia, como as plataformas já mencionadas. Em outras palavras, nosso país estava vivendo um período de transformações, o que acabou levando a uma crise orgânica, conceito de Antonio Gramsci apresentado por Lelio La Porta no *Dicionário de Gramsci* (2017) da seguinte forma;

“Se a classe dominante perde o consenso, ou seja, não é mais ‘dirigente’, mas unicamente ‘dominante’, detentora de pura força coercitiva, isto significa exatamente que as grandes massas se destacaram das ideologias tradicionais, não acreditam mais no que antes acreditavam etc. A crise consiste justamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer” (Q 3, 34, 311 [CC, 3, 184]). Verifica-se uma situação complexa na qual, embora tendo perdido o consenso, a classe dominante conserva a autoridade, pela qual não é mais dirigente,

mas continua a ser dominante. Ao mesmo tempo, a classe dominada adquire certa quota de consenso, mas não possui a autoridade pela qual seria já dirigente. Nesse contexto se desenvolve uma dialética que não se refere a uma pura e simples relação baseada na força, mas numa dinâmica que gira em torno do nexo força-consenso. Se o “novo” demora a se afirmar, tanto o “velho” quanto o “novo” se encontra convivendo numa situação de “ceticismo diante de todas as teorias e as fórmulas gerais e como limitação ao puro fato econômico (ganho etc.) e à política”, portanto, “redução das superestruturas mais elevadas às mais aderentes à estrutura” (ibidem, 312 [CC, 3, 185]). A crise orgânica é justamente constituída por uma fratura entre estrutura e superestrutura, determinada pelo surgimento de contradições que nascem no momento em que a superestrutura se desenvolve em não conformidade com a estrutura. (Porta, 2017 p.162-3)

O trecho de Porta (2017), ao explicar o conceito de crise orgânica em Gramsci, aprofunda a análise das disputas e das dinâmicas sociais, mostrando como a erosão dos valores hegemônicos acarreta a perda de direção social e política, restando à violência o único meio de controle.

Nesse processo, confrontam-se a antiga forma social, que já não detém capacidade organizativa, e a nova organização social, responsável por desestabilizar a estrutura precedente. Essa disputa permanece em aberto e, sem um vencedor definido a priori, somente a trajetória histórica poderá revelar seu desfecho.

Essa crise orgânica vivenciada pela sociedade brasileira, no período em questão, evidenciou os limites do modelo social moldado pela lógica neoliberal. A primeira dimensão dessa crise pode ser observada, inicialmente, no campo eleitoral: com a ascensão do governo petista, que se apresentava como uma força renovadora, comprometida com a superação de problemas estruturais da realidade brasileira e com a ampliação dos direitos em sua mais ampla gama. Em seguida, com o governo Bolsonaro, temos a emergência de uma figura que se posicionava como restauradora, buscando reconfigurar e intensificar elementos do neoliberalismo, bem como práticas de exclusão e normatização social.

Outro aspecto dessa crise manifesta-se na esfera do consenso, que pode ser problematizada pela pergunta: “quem transmite esse consenso?”. Nesse contexto, emergem como fontes relevantes o Movimento Político e o Religioso, que atuam na construção de um movimento neoconservador por meio de seus canais no YouTube, em contraposição aos meios de comunicação tradicionais, como televisão, jornais e rádio.

A partir desses elementos, nossa tese parte da problemática relacionada ao processo formativo e educacional que, historicamente, tem dificultado o surgimento de

uma sociabilidade e de uma educação libertadora. Em seu lugar, consolida-se uma sociabilidade e uma educação de caráter neoconservador. Considera-se, nesse contexto, que os livros e os canais vinculados ao Movimento Político e Religioso ocupam um espaço significativo na formação dos indivíduos brasileiros, contribuindo para a reprodução de uma sociedade opressora.

Para se posicionar frente a esse processo, a pesquisa está estruturada em três capítulos, seguidos de uma consideração final. Ao longo do desenvolvimento, busca-se apresentar elementos que permitam responder à questão central: quais elementos da educação não escolar, ou seja, da sociabilidade brasileira nesse período, a partir das gestões federais do Partido dos Trabalhadores e de Jair Messias Bolsonaro, servem como instrumentos políticos para a ampliação do espaço do neoconservadorismo brasileiro?

O primeiro capítulo, intitulado *A organização do campo neoconservador no Brasil no começo do século XXI*, apresenta os elementos políticos e sociais que possibilitaram o fortalecimento do neoconservadorismo em nossa sociedade. Ao longo deste trecho, demonstraremos que os elementos desta forma política sempre estiveram presentes na formação social brasileira.

A primeira parte do capítulo, intitulada *O começo da gestão petista e seus críticos*, abordará como, historicamente, foi construída uma normatização das exclusões, culminando na chegada ao governo de centro-esquerda do Partido dos Trabalhadores. Este, por sua vez, não propôs um novo paradigma para as estruturas do Estado, mas buscou garantir o acesso de todos a uma estrutura que, tradicionalmente, nunca atuou de forma efetiva pela inclusão. Tal contexto permitiu que a visão neoconservadora se apresentasse, para parte da sociedade, como uma suposta solução às contradições do período.

O segundo momento do capítulo, denominado *O YouTube como um novo espaço de atuação política: a educação com valores neoconservadores*, aprofunda a análise do processo educativo para além da esfera escolar. Serão discutidas as formas de produção e reprodução da educação na sociedade e como essas dinâmicas foram instrumentalizadas por nossas fontes o Movimento Político e o Religioso para justificar suas ideologias, recorrendo, por exemplo, aos chamados valores judaico-cristãos.

Já no segundo capítulo, intitulado *Ascensão e Disputa: O Religioso e o Movimento Político como representantes da educação Neoconservadora*, tomaremos contato com os materiais disponíveis no YouTube e nos livros produzidos pelas nossas fontes, observando como, em seus conteúdos, são naturalizadas determinadas perspectivas sejam

de ordem econômica ou de pretensos valores religiosos que sustentam um projeto social de viés neoconservador.

Assim como no primeiro capítulo, este também será dividido em dois momentos. O primeiro, denominado *A formação eleitoral do Neoconservadorismo*, analisará os materiais das nossas fontes, buscando formular uma hipótese como eles constroem um sentido político e social que legitima uma sociedade excludente, fundamentada em valores de consumo neoliberais e em um suposto conservadorismo cristão.

Na sequência, o segundo momento, intitulado *A disputa dos rumos do governo Bolsonaro: as diferenças iniciais entre o Religioso e o Movimento Político*, abordará a ascensão do movimento neoconservador ao governo federal e sua tentativa de desenvolver uma racionalidade social pautada nestes valores. Essa dinâmica revela a fragmentação desse universo ideológico, evidenciada pelas tensões entre crítica e defesa da gestão de Jair Messias Bolsonaro.

Nosso terceiro capítulo recebe o nome *A educação do Religioso e do Movimento Político*. Neste momento, apresentaremos os comentários dos vídeos selecionados (um do Movimento Político e outro do Religioso) e formularemos possibilidades de atuação para disputar a realidade com o neoconservadorismo. Vamos nos debruçar sobre como os comentários nesses espaços contribuem para a formulação de uma teoria crítica, e hipóteses sobre os limites impostos por essa visão de mundo e construir uma perspectiva emancipatória.

O primeiro momento do capítulo, intitulado *Os comentários no vídeo do Movimento Político e a construção de novos caminhos*, parte da análise dos comentários do primeiro vídeo disponível no canal, publicado em 2014, que utiliza uma montagem irônica para questionar os motivos pelos quais Chico Buarque, apoiador da então candidata Dilma Rousseff, assume tal posição. A relevância desse vídeo está no fato de ser o primeiro do canal e, considerando o período histórico, já demonstrar um volume significativo de curtidas e comentários, especialmente quando comparado à versão original. Para além desse fator, localizamos nesse espaço a atuação de um apoiador da candidata petista e seus desdobramentos com os membros do canal, aprofundando a dimensão da importância do diálogo freiriano como forma de atuação.

O segundo momento, intitulado *Os comentários no vídeo do Religioso e a disputa orgânica por espaços*, utiliza os comentários do primeiro vídeo em que o Religioso analisa a primeira semana do governo Bolsonaro, em 2019, e como ela é retratada por seus apoiadores. A partir da caixa de comentários, identificamos a importância de se

contrapor e disputar organicamente esses espaços, já que não encontramos posições antagônicas ao discurso apresentado, mas sim divergências quanto à melhor forma de condução do governo.

Ao fim dos três capítulos, em *Considerações Finais*, buscamos sistematizar os principais debates realizados, com o objetivo de apresentar uma hipótese sobre o que representa o movimento neoconservador na sociedade brasileira suas determinações, ações e limites históricos. Observamos como esse movimento se apropria de práticas já constituídas em nossa cultura para ampliar sua base social, operando por meio de discursos que ressoam com valores historicamente sedimentados.

Diante desse cenário, reafirmamos a importância da educação como prática política fundamental. A construção de um campo anti-neoconservador não deve se restringir às disputas eleitorais ou ao controle das estruturas institucionais, mas sim propor uma reorganização profunda da sociedade. Essa reorganização precisa considerar a dimensão humana e histórica da vida social, tal como formulada por Paulo Freire, que rejeita visões idealistas e fechadas da realidade.

Nesse processo, ações como o diálogo e a construção de consensos tornam-se essenciais para a realização de um projeto emancipatório. A autonomia do humano, enquanto horizonte, exige práticas que promovam o diálogo, o reconhecimento da diversidade. A partir desta estruturação que a educação atua na realidade como forma de resistência e mudança, disputando sentidos e construindo uma sociedade mais justa, plural e democrática.

CAPÍTULO 1

A ORGANIZAÇÃO DO CAMPO NEOCONSERVADOR NO BRASIL NO COMEÇO DO SÉCULO XXI

1.1 O começo da gestão petista e seus críticos

Nesta seção, vamos apresentar como o começo do século XXI e a ascensão ao governo federal do Partido dos Trabalhadores, que busca criar uma sociabilidade, acabam fortalecendo a lógica neoliberal de consumo, ao mesmo tempo que garantem a ocupação de espaços por uma classe trabalhadora que não se encontrava presente. Neste processo, a parcela da população que não se sentia representada pelo discurso e pela prática do Partido dos Trabalhadores reconhece tais mudanças como um perigo à democracia, servindo, assim, como uma plataforma para o fortalecimento do neoconservadorismo brasileiro.

Neste contexto, a gestão federal encontra-se em um processo contraditório, que busca garantir tais atuações institucionais a fim de incluir pessoas no espaço de consumo sem romper com a lógica política já constituída, gerando um processo de distanciamento com setores sociais que, historicamente, observavam no PT um sinônimo de mudança política/social. Ao fim deste capítulo, esperamos que o leitor observe os elementos de uma educação que se fortalece com base no antipetismo, ao mesmo tempo que reforça elementos do neoconservadorismo, como, por exemplo, a crítica à forma coletiva da sociedade em detrimento dos interesses familiares e o reconhecimento da humanidade via o consumo na lógica neoliberal.

Partindo deste preâmbulo e antes de avançar na construção de um argumento sobre o avanço do neoconservadorismo na sociedade brasileira, devemos observar os elementos que permitem sua relação com a realidade, ou seja, os motivos que podem levar uma parte do nosso corpo social a se reconhecer como pertencente a esses valores, cuja defesa busca resolver os problemas do cotidiano. Para apresentar esta construção argumentativa, neste primeiro momento, é necessário desenvolver uma hipótese sobre o que é a práxis brasileira, suas formas e a educação nessa realidade.

Este processo será debatido em dois momentos: no primeiro, como a realidade política busca normalizar diversas formas de violência do cotidiano e impedir a ampliação da nossa democracia. Neste processo de negação da participação social, as classes populares desenvolveram estratégias que buscam garantir a criação de seu espaço de existência, como, por exemplo, associações comunitárias, movimentos sociais, solidariedade entre vizinhos e o ambiente religioso, levando, assim, a uma educação construída a partir de suas necessidades e do afeto ou, como Paulo Freire (2024) apresenta em *Política e Educação*;

O ser humano jamais para de educar-se. Numa certa prática educativa não necessariamente escolar a de escolarização, decerto bastante recente na história, como a entendemos. Daí que se possa observar facilmente quão violenta é a política da Cidade, como Estado, que interdita ou limita ou minimiza o direito das gentes, restringindo-lhes a cidadania ao negar a educação para todos. (Freire, 2024, p.26)

O fragmento de Freire (2024) nos permite compreender que o processo de educação não se limita apenas ao processo escolar, que é algo recente quando pensamos em processos históricos, mas perpassa todo o processo de existência humana. Com essa educação, que agora se encontra separada entre escolar e cotidiano, localizamos uma lógica de violência que busca normalizar as contradições sociais, justificando a sobreposição da educação escolar sobre as outras e procurando naturalizar um modo de vida e de valores políticos.

A forma institucionalizada de organização social começa a sofrer abalos a partir da eleição de 2002, com a coalizão de centro-esquerda encabeçada pelo Partido dos Trabalhadores ao governo federal, que buscou incluir esta população nas demandas sociais. Seu processo ocorreu via inserção por demandas já pré-estabelecidas em nossa sociedade, ou seja, uma inclusão por meio da manutenção do capitalismo, gerando, assim, uma dupla contradição: a primeira, devido ao caráter de manutenção de premissas neoliberais, ao qual abre o texto; e a segunda, de imobilismo político (Nobre, 2014), que será desenvolvida ao longo do texto.

A primeira contradição ocorre nos setores já estabelecidos da utilização do Estado, os quais observam esse fenômeno como uma perda econômica e, consequentemente, como uma redução de sua capacidade de gerência sobre a sociabilidade estabelecida, criando, assim, uma recusa por parte de uma parcela do conjunto social. Essa recusa encontra ecos em discursos de figuras da imprensa, dentre as quais podemos destacar o

jornalista Reinaldo Azevedo¹¹, que, no período ao qual nosso trabalho se refere, tornou-se o principal crítico da gestão petista.

A partir dos textos de Azevedo, percebemos a busca pela construção de um consenso após uma crise orgânica na sociedade brasileira, representada pela eleição do PT. Seus escritos buscam articular uma oposição a possíveis transformações permanentes na sociedade brasileira, argumentando sobre os potenciais problemas econômicos causados por um Estado com maior participação na economia e como isso afeta a classe média. Outro fator importante para o qual o jornalista aponta é a ampliação da atuação do Estado em demandas sociais, criando mecanismos de apoio financeiro para a população de baixa renda o que é tratado em seus textos como compra de voto, cabresto eleitoral e corrupção/aparelhamento do Estado por parte do PT e seus partidos da base (Azevedo, 2008). Segundo Reinaldo, esses pontos representam um perigo para a democracia, pois o Partido dos Trabalhadores buscava produzir um golpe e, em breve, uma ditadura sem alternância de poder entre oposição e situação.

Suas críticas o transformaram no principal colunista da *Revista Veja*, tendo publicado alguns livros, dos quais é importante destacar *O país dos petralhas* (2008) e *O país dos petralhas II: O inimigo agora é o mesmo* (2012), que, em seus títulos, já demonstram sua posição em relação aos rumos do país. Azevedo, durante este período, foi uma referência para a oposição ao governo federal, como apresentado por um dos líderes do movimento político, conforme transcrito em seu livro de memórias (2019):

Os negócios não iam bem e o país começava a perceber a merda que tinha feito nas eleições presidenciais de 2010. A economia simplesmente não crescia, e meu discurso ranzinza sobre o futuro do Brasil nas mãos da elite vermelha encontrava semelhança nas análises de gente como Reinaldo de Azevedo e Rodrigo Constantino, que eram cada vez mais populares” (Movimento Político, 2019, p.29)

¹¹ Débora Messenberg (2019), em seu texto intitulado: “A direita que saiu do armário: A cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiro” publicado no livro *As direitas nas redes e nas ruas: A crise política no Brasil*, define Reinaldo de Azevedo da seguinte maneira: “José Reinaldo de Azevedo e Silva, nascido em 1961 em dois córregos (SP), formado em jornalismo pela universidade Metodista de São Paulo (UMSP), ostentava, em outubro de 2016, mais de 301 mil curtidas de sua página no Facebook. Expõe na rede como sua citação preferida, a seguinte frase: “escreve o que quer, ainda que não queiram”. É colunista do jornal *Folha de S.Paulo*, sendo também comentarista e analista político da Rede TV. De março de 2014 até maio de 2017, comandou diariamente o programa *Os pingos nos is*, na rádio *Jovem Pan* e administrava um blog hospedado no site da revista *Veja*, que exibia em média, cerca de 150 mil acessos diários. Publicou cinco livros nos últimos anos, assim intitulados: *Contra o consenso* (2005), *O país dos petralhas* (2008), *Máximas de um país mínimo* (2009), *O país dos petralhas 2* (2012) e *Objecções de um rottweiler amoroso* (2014); cujas temáticas envolvem uma crítica ácida à política brasileira, dirigidas especialmente aos governos do PT, assim como os ambientes acadêmicos e jornalísticos nacionais. (Messenberg, 2019, p.189)

Este processo de identificação desse líder com o jornalista pode ser compreendido pela maneira como este apresenta suas críticas à condução política do PT, conforme observado no texto publicado inicialmente em seu blog, no site da *VEJA.com*, e que integra o livro *O país dos petralhas*, intitulado “A cascata das cotas e a maioria silenciosa”, publicado em 05/07/2006:

O tal Estatuto da Igualdade Racial e a política de cotas raciais nas universidades acabarão sendo aprovados. É mais uma vitória dos “profissionais” da causa sobre o cidadão comum. Afinal, trabalha-se até mesmo com a mentira deslavada de que a maioria no Brasil é constituída de negros, quando não é: a maioria é branca – 52,3%; declaram-se pardos 41,4%, e apenas 6% são negros. Registre-se, a propósito, que as distinções visíveis, digamos, a olho nu, entre “brancos” e “pardos” são cada vez menos perceptíveis. Para a maioria de brancos, pardos e negros, a questão não tem a menor importância. O Brasil discrimina é pobre. Os números dos estudantes universitários, e demonstrarei isso aqui mais tarde, provam que as cotas são desnecessárias porque o perfil da universidade já acompanha o da sociedade no que respeita às raças. As distorções são ligeiras e acabarão em breve. Sem precisar estuprar a Constituição. Mas, mesmo assim, a tendência é que se aprove o tal estatuto porque os políticos ficarão com medo de comprar briga com as lideranças barulhentas. Eis aí uma daquelas causas que eu adoraria ver votadas num referendo ou num plebiscito. (Azevedo, 2008, p.119)

É importante ressaltar que este escrito de Azevedo e a forma como ele descreve o processo de inclusão de pessoas nas universidades são resultado das contradições históricas da sociedade brasileira e do desinteresse pela inclusão, neste caso, dos negros em espaços públicos. Podemos observar isso como uma permanência em nossa sociedade. Cecília Maria Marinho de Azevedo, em seu livro *Onda Negra, Medo Branco: O imaginário das elites século XIX* (1987), descreve um fenômeno interessante do período final do processo escravagista;

Em Santa Rita do Passa Quatro os proprietários foram assaltados de temores logo após terem trazido de Santos uma leva de trabalhadores negros para trabalhar em suas fazendas despovoadas: “Na noite de 26 de janeiro, mais de cem pretos vieram ao alto da vila, armaram arcos de bambus e folhagens, hastearam bandeiras encarnadas, acenderam fogueiras ao estourar dos foguetes e rufos de caixa, e gritando: ‘Viva a república! Viva a liberdade!’, bem como outros vivas e morras. O fato atemorizou a população e as famílias, indo algumas pernoitar no mato. No dia seguinte os fazendeiros e outros cidadãos reuniram-se em número considerável para ir atacar os sediciosos nas próprias fazendas onde se achavam empregados. As autoridades, com meios prudentes e bons conselhos, conseguiram dissuadir a esses fazendeiros desse intento, de conseqüências bem funestas, prometendo requisitar do

Governo medidas com o fim de garantir a manutenção da ordem e a vida das famílias e fazendeiros ameaçados. (Azevedo, 1987, p.211-12)

Neste fragmento, podemos observar uma estrutura interessante do pensamento de uma fração da sociedade brasileira que busca reprimir as classes populares em momentos de criação e festividades, posicionando-se contrária à sua expressão e ocupação dos espaços públicos. Como apresentado pela autora, os trabalhadores negros não confrontaram os fazendeiros da região; apenas comemoravam, entre seus pares, sua nova possibilidade social: a liberdade e a república. Entretanto, essa felicidade se apresenta como um perigo e um alerta constante de transformações sociais neste caso, para uma pequena parte da população que havia se beneficiado da utilização dessa mão de obra e do sistema escravocrata para o funcionamento da sociedade que controlavam.

Deste modo, temos um conflito de mundos: de um lado, aqueles que buscam fazer a história, isto é, construir uma nova forma de vida; de outro, aqueles que defendem o imobilismo e a negação do humano no ato de se fazer humano, de dialogar e existir. É interessante, portanto, retornarmos ao texto da autora para analisarmos com maior profundidade o encerramento deste evento:

Haviam os pretos feito anunciar um grande samba na vila, mas este não se realizou porque, imediatamente ao ter notícia dos fatos narrados, fiz seguir força suficiente e devidamente municada, para facilitar as autoridades policiais a tarefa de impedir a continuação dos desacatos, e fazer respeitar a paz pública”.¹² Em outros tempos certamente a polícia não hesitaria em juntar-se aos proprietários para atacar tamanha ousadia. Porém o momento era delicado e a polícia devia zelar acima de tudo pela manutenção da ordem pública, cada vez mais ameaçada por uma guerra aberta entre negros e brancos e cujos contornos já se delineavam de forma bastante sangrenta. Enquanto a polícia tentava evitar que os ânimos se exaltassem ainda mais, os políticos na Assembleia Legislativa da província sucediam-se em discursos exaltados, denunciando o descontrole institucional generalizado. Segundo o deputado Castilho, naquele momento o despovoamento das fazendas estaria “tomando um caráter mais perigoso para a ordem social”, pois se a princípio os escravos abandonavam secretamente as fazendas, escondendo-se em seguida, agora eles invadiam as cidades, organizando passeatas e gritando pelas ruas “vivas a seus protetores” e “morras” aos escravocratas. (Azevedo, 1987, p.212)

A sociedade que tem seus preceitos de construção baseados na exploração social como foi o caso da sociedade escravocrata, e que se perpetua na sociedade de classes na qual estamos inseridos não permite a plenitude da capacidade humana, pois está

¹² Rodapé do livro: Ibid., p.10.

fundamentada na exploração e na negação do direito pleno à cidadania. Essa capacidade só é possível no encontro entre iguais e na plena troca de interesses, sem a imposição de limitadores e marcadores sociais que os definam como incapazes ou não merecedores da ocupação de todos os espaços públicos, da construção e do exercício de seu papel na história.

Como apresentado no fragmento de Azevedo (1987), o deputado se encontrava preocupado com a segurança da ordem pública, como se pode observar pelas palavras proferidas e sua colocação sobre a saída das pessoas em situação de escravidão das fazendas. Seu discurso não busca a garantia de convivência com o diferente, mas reforça a impossibilidade de reconhecer o outro como alguém com potencialidades e contribuições para a construção de uma nova sociedade. Este processo descrito ocorreu no século XIX; entretanto, tomemos contato com a notícia publicada no site UOL, em 29/10/2014, por Guilherme Balza, intitulada *Deputado defende que beneficiário de Bolsa Família seja proibido de votar*¹³ (Balza, 2014), na qual o argumento parte da premissa de que o cidadão que depende do Estado não deveria exercer seu direito ao voto enquanto durar o benefício;

"Na minha opinião, até choca um pouco, eu acho que quem depende do governo precisa ter temporariamente o seu título de eleitor suspenso. Ele deveria sim votar a partir do momento em que ele saísse da dependência do Estado", disse. O deputado disse que o candidato tucano venceu onde "tem trabalho" e "trabalhador" e perdeu nas regiões onde as pessoas rejeitam o trabalho. "O que ficou claro no resultado dessa eleição é que onde tem trabalho, onde existe o trabalhador, aquele que levanta de manhã, que trabalha e gera a riqueza desse país, que é São Paulo, o registro, a fotografia da mudança foi clara. Onde foi que nós perdemos? Onde a dependência do Bolsa Família, onde tem a dependência do Bolsa Família, onde tem a dependência das pessoas que não querem o trabalho, que não vem o progresso dentro da sua carreira. Nós perdemos ali" (Balza, 2014)

Esse argumento que a reportagem apresenta foi retirado da entrevista ao *Jornal Cidade*, da cidade de Rio Claro, realizada no dia 27 de outubro de 2014, um dia após o resultado eleitoral. Na entrevista conduzida por Balza, para complementar a reportagem, o então deputado estadual por São Paulo, Aldo Demarchi, à época filiado ao partido Democratas, argumenta não ter se arrependido de sua opinião e amplia seu discurso:

¹³ Disponível em: < <https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/2014/10/29/deputado-defende-que-beneficiario-do-bolsa-familia-seja-proibido-de-votar.htm>> . Último acesso em: 04/02/2024.

"Já vi vereadores perderem o mandato porque deram cesta básica na campanha. O Bolsa Família é uma compra de voto oficializada. Se você não pode dar cesta básica porque é compra de voto, quem recebe Bolsa Família não pode votar." O deputado, no entanto, não acha que a regra deva valer para aqueles que são beneficiados pelo governo de outras maneiras, como, por exemplo, empresários que recebem isenções fiscais ou empréstimos com juro subsidiado. "Eles pagam, produzem." Questionado pela reportagem sobre ter dito que Aécio perdeu onde as pessoas não trabalham, Demarchi negou que esteja referindo-se a alguma região específica do país. "Não estou querendo fazer separatismo. Não estou falando do Nordeste. Aqui na minha cidade tem gente que não quer trabalhar porque ganha Bolsa Família." (Blaza, 2014)

A argumentação do deputado apresenta os elementos citados por Azevedo (1987) no começo do texto, ou seja, observa como as ações governamentais, via política de Estado, podem destruir nossa democracia, criando, assim, uma separação entre os mecanismos que garantem a sobrevivência e aqueles que mantêm uma representação política. Ignora, portanto, todos aqueles que não detêm o capital e que, diante disso, se encontram além do limite da exploração capitalista, enquanto se observa com naturalidade a ampliação e manutenção de vantagens para a classe detentora de capital.

Ao se deparar com as duas falas, podemos observar como alguns representantes instituídos pelo Estado apresentam, permanentemente, o limite da atuação popular: seja, no primeiro caso, questionando a legalidade de gritos de comemoração ou de festas; seja, no segundo, realizando um recorte daquelas pessoas que têm o direito de participar da escolha democrática. Essa construção social aponta para o fato de que o projeto de sociedade é elaborado por poucos: aqueles que detêm o capital. Localizamos esse aspecto quando nos deparamos com a fala do deputado Castilho, que corrobora a ideia dos “problemas” decorrentes do fim da escravidão e da questão dos fazendeiros.

No segundo caso, o então deputado argumenta sobre a necessidade de impedir a participação política de pessoas que recebem apoio do governo para garantir sua sobrevivência na sociedade e a possibilidade de consumir produtos de primeira necessidade. Esse processo de negação das classes populares na vida pública parte de uma visão equivocada sobre os programas sociais e sobre a capacidade dessas pessoas de fazer política, afinal, era possível conquistar o voto de alguém a partir da garantia de alimentação com cestas básicas.

Essa forma de compreensão da realidade tem como princípio a sociabilidade na qual estamos inseridos e os consensos já produzidos dentro dessa estrutura. Paulo Freire (2019), em *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis*, no texto

“Educação e Democracia”, apresenta um aspecto importante sobre a dimensão do que devemos compreender como democracia e como ela é produzida:

Nenhuma reflexão em torno de educação e democracia igualmente pode ficar ausente da questão de poder, da questão econômica, da questão da igualdade, da questão da justiça e de sua aplicação e da questão ética. Não hesitaria em afirmar que, tendo-se tornado historicamente *o ser mais* a vocação ontológica de mulheres e homens, será a *democrática* a forma de luta ou busca mais adequada à realização da vocação humana do *ser mais*. Há, assim, um fundamento ontológico e histórico para a luta política em torno não apenas da *democracia* mas de seu constante aperfeiçoamento. Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (Freire, 2019, p.233)

O que Freire (2019) nos apresenta com este fragmento é um questionamento fundamental sobre como pensamos nosso processo democrático e como este foi normatizado apenas como um elemento legal, ou seja, o voto. Embora ele não formule uma pergunta diretamente, evidencia que a democracia, assim como a educação, é um processo construído historicamente e que deve levar em consideração todos os cidadãos. Isso representa, neste caso, que a democracia só pode ser considerada como tal a partir do momento em que se constitui na concretude que permite a criação do novo e isso passa pelas questões da dignidade humana, alimentação, emprego, dentre outras.

O que ambos os deputados defendem, a partir dos seus discursos e posicionamentos, é o impedimento da formação da democracia: não permitir a possibilidade de o indivíduo ser livre, criativo e se observar como fazedor da história, não apenas como mero espectador dos acontecimentos sociais. Ao criticarem a comemoração das pessoas que estavam saindo da escravidão e defenderem abertamente a não participação de um recorte social em processos eleitorais, demonstra-se que nossa formação social não preza pelo novo, mas pelo continuísmo excludente. E qual a relação desses processos com o discurso de Reinaldo de Azevedo (2008)?

Ela pode ser compreendida de duas formas. A primeira, já apresentada, é o processo pelo qual nossa sociedade foi formada, sempre sem buscar a inclusão daqueles que se encontravam à margem dos interesses do capital. Isso leva à ampliação desse sistema, afinal, nos é introjetada a ideia de que fazer parte da sociedade está diretamente ligado ao acúmulo e à produção de riquezas. Ou, como apresenta István Mészáros (2008) em *Educação para além do Capital*: “Aqui a questão crucial, sob o domínio do capital, é

assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema” (Mészáros, 2008, p. 44).

O que Reinaldo de Azevedo (2008) constrói com seu texto, e que o Movimento Político reconhece em sua atuação, é a importância do domínio dos valores econômicos sobre a primazia dos interesses coletivos. A sociedade, neste aspecto, não é reconhecida por sua diversidade, mas por sua capacidade de produção e pelo aumento do Produto Interno Bruto (PIB). Azevedo (2008), com seu texto, não se coloca contrário à entrada de pessoas negras nas universidades, mas sim à entrada de pessoas negras por meio de mecanismos de reconhecimento e políticas públicas do Estado, que, neste caso, estavam sendo conduzidas pela frente de centro-esquerda do PT. Se, por um lado, esse personagem não criou uma postura nova em nossa sociedade, por outro, deu sentido a uma posição política como intelectual. Partindo da construção teórica do pensador italiano Antonio Gramsci, que argumenta: “Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectual.”¹⁴ (Gramsci, s.d., p. 10).

Nesta formulação, segundo a qual todo sujeito é um intelectual, embora nem todos ocupem essa função na sociedade, compreendemos que Gramsci apresenta a construção do intelectual e do conhecimento como um fazer, transformando tal categoria dentro do campo da ação humana, com suas limitações, interesses e as classes que representam. Sendo assim, entendemos que os sujeitos, em sua atuação histórica, são intelectuais, pois produzem e compreendem a sua realidade. Entretanto, isso não lhes garante espaço para se posicionarem quanto às suas observações sobre esse processo e fazer histórico.

Nesse sentido, os intelectuais que apresentam capacidade de inserção na sociedade são os responsáveis pela produção do consenso e pela disputa de sentidos na realidade, como apresentado por Marcos Francisco Martins (2011) em *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*¹⁵, ao discutir a importância do intelectual orgânico conservador;

Pelo exposto sobre as tarefas científico-filosóficas, educativo- culturais e políticas dos intelectuais, pode-se inferir que, enquanto os intelectuais

¹⁴ Rodapé do livro: Do mesmo modo, o fato de que alguém possa em determinado momento fritar dois ovos ou costurar um buraco de paletó não quer dizer que todo mundo seja cozinheiro ou alfaiate.

¹⁵ Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643249>>. Último acesso em: 03/10/2024.

orgânicos à classe dominante e dirigente do modo de vida capitalista são conservadores, porque assumem como função primordial promover a reprodução do modo de vida social ao nível da subjetividade, da intersubjetividade e da prática social [...]” (Martins, 2011, p.145)

Quando tomamos contato com a formulação do conceito de intelectual em Gramsci e sua importância, como destacado por Martins (2011), percebemos como ele atua na estrutura da prática social. Ou seja, assim como os interesses sociais são antagônicos na sociedade de classes, seus intelectuais também o são não se constituem como categorias fechadas, mas como sujeitos cujos interesses estão vinculados às classes que representam por meio de sua intelectualidade.

Dentro desse aspecto, enquadraremos Reinaldo de Azevedo (2008) na construção de intelectual tradicional, pois:

Dado que estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem com “espírito de grupo” sua ininterrupta continuidade histórica e sua “qualificação”, eles se põem a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante. Esta autoposição não deixa de ter consequências de grande importância no campo ideológico e político (toda filosofia idealista pode ser facilmente relacionada com esta posição assumida pelo conjunto social dos intelectuais e pode ser definida como a expressão desta utopia social segundo o qual os intelectuais “independentes”, autônomos dotados de características próprias, etc. (Gramsci, s.d, p.17)

Com este fragmento de Gramsci (s.d), percebemos que os intelectuais tradicionais necessitam de um reconhecimento social que os identifica como sujeitos aparentemente desvinculados de interesses particulares, preocupando-se unicamente com as necessidades que dizem defender. Esse processo busca uma acomodação e a construção de um consenso em torno de valores já consolidados, próprios de uma sociedade fundada em lógicas exploratórias.

Reinaldo de Azevedo, com seus textos, se apresenta acima dos interesses da mera política institucional, pois compreende que a forma do país era adequada até a entrada do PT no governo federal. Além disso, posiciona-se como porta-voz de determinados grupos sociais neste caso, os neoconservadores representados pelo Movimento Político que buscam respostas para os problemas sociais por meio de demandas econômicas e desregulamentações, inspiradas nos moldes da sociedade norte-americana.

Já o religioso se preocupa com as questões da moral, a qual define como moral judaico-cristã¹⁶. Valores que podem ser mais bem compreendidos sob a ótica de Rodrigo Constantino¹⁷ (2019), que também foi mencionado pelos jovens políticos e que escreveu no site *Gazeta do Povo* um texto intitulado “Em defesa dos valores judaico-cristãos¹⁸”, no qual busca fazer um resumo/propaganda do livro de Brigitte Gabriel, intitulado *Rise: In Defense of Judeo-Christian Values and Freedom*;

Segundo Brigitte, os valores judaico-cristãos são fundamentais para construir esses blocos da civilização ocidental: liberdade, família e fé ajudaram a fornecer a estrutura para os benefícios que colhemos hoje, são os alicerces da nossa civilização. Mas esses princípios vêm se erodindo lentamente, deixando os ocidentais vulneráveis a um colapso catastrófico. Hoje, mesmo um dos valores mais básicos americanos, a liberdade de expressão, está sob ataque e ameaçado pela tirania da “tolerância”, uma forma de, na prática, calar aqueles que não se submetem à cartilha do politicamente correto. Tudo virou “discurso de ódio”, e a liberdade de emitir sua opinião agora termina onde começa o sentimento de esquerdistas radicais. Se eles se sentem “ofendidos” com alguma coisa, então você não tem mais o direito de se expressar. Enquanto isso, as crianças aprendem nas escolas a odiar o legado americano, e os pais parecem ocupados demais com suas carreiras, bens materiais e aparelhos eletrônicos para se importar. (Constantino, 2019)

Em síntese, podemos observar os valores judaico-cristãos, a partir da construção ideológica do bloco neoconservador, são os valores que não buscam de forma concreta emancipar os indivíduos, mas que buscam a legitimação de um modo de vida. Modo de vida este, baseado em valores da sociedade norte-americana, que tem se apresentado

¹⁶ Como apresentado na introdução, a construção da ideia de “judaico-cristã” é uma expressão política à qual os neoconservadores recorrem para ampliar sua base de apoio. As citações apresentadas ao longo deste capítulo e do segundo não têm como objetivo validar o termo, mas sim evidenciar a estrutura ideológica que esse campo utiliza para se justificar e se aproximar de uma parcela da sociedade. Esse conceito falso ignora as diferenças entre o pensamento religioso judaico e o cristão; ao contrário, busca a instrumentalização política da fé para fundamentar supostos valores culturais ocidentais que, por sua vez, legitimam as contradições do capitalismo. Outro aspecto relevante para a compreensão desse fenômeno diz respeito ao valor atribuído ao sionismo. A defesa dos valores “judaico-cristãos” envolve, nesse contexto, a sustentação do Estado de Israel como uma premissa religiosa, estabelecendo assim uma suposta ligação entre as tradições judaica e cristã. Considerando a dimensão da nossa pesquisa e seus objetos, não aprofundaremos este debate sobre os equívocos do conceito, mas partiremos para a crítica política que o Religioso e o Movimento Político articulam para garantir o imobilismo social.

¹⁷ Rodrigo Constantino Alexandre dos Santos é um economista brasileiro formando pela PUC- RJ, um dos fundadores e presidente do *Instituto Liberal*, foi colunista da revista *Isto É* e dos jornais *O Globo* e *Valor Econômico*. Se tornou conhecido nacionalmente por suas críticas ao Partido dos Trabalhadores e pela defesa dos valores neoliberais e hoje é colunista da revista *Oeste*, *Gazeta do Povo* e *AuriVerde Brasil*, além do seu canal no YouTube e Locals.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/em-defesa-dos-valores-judaico-cristaos/>>. Último acesso em 15/10/2024

como ideologia hegemônica¹⁹ a partir do século XX. Isso nos permite inferir que, quando nos deparamos com o processo de formação da sociedade brasileira e o processo do neoconservador, localizamos uma estrutura de permanência, entretanto, sem a necessidade de se apresentar como força política, pois o consenso social já considerava que esta era a forma organizadora do país. Afinal, é uma estrutura que acompanhou a formação e deu significação ao processo histórico, com ares de uma falsa pacificação, que visa apenas sedimentar as exclusões existentes, à qual qualquer possibilidade de mudança acarreta medos imobilizantes. Este medo de transformação é o que permite que discursos como o de Azevedo (2008) ganhem cada vez mais adeptos entre a classe média brasileira, ou seja, aqueles que conseguem utilizar os espaços sociais devido à sua capacidade de consumo.

Paulo Freire (2021), em seu livro *Educação como prática da liberdade*, apresenta um aspecto interessante sobre como o medo pode funcionar como motor político, o que pode ser um elo que garante o fortalecimento do neoconservadorismo em nossa sociedade como resposta às possíveis ações do PT:

E a classe média, sempre em busca de ascensão e privilégio, temendo naturalmente sua proletarização, ingênua e emocionalizada, via na emersão popular, no mínimo, uma ameaça ao que lhe parecia paz. Daí a sua posição reacionária diante da emersão popular. (Freire, 2021, p.116)

O argumento contra as cotas, apresentado até o momento, representa o processo de formação social baseado na violência e na busca de um consenso excludente, que pretende normalizar a não participação da classe proletária em todos os espaços. Ou seja, trata-se de uma educação que tenta enfatizar que os espaços sociais não são para todos. Esse arranjo social atribuiu aos excluídos locais e formas de conhecimento próprios, como sindicatos, associações de moradores, igrejas, partidos políticos vinculados à

¹⁹ Sobre o conceito de hegemonia, recorremos ao dicionário Gramsciano e a explicação de Giuseppe Cospino: “No que diz respeito ao significado que deve ser atribuído a “hegemonia”, desde o início (Q 1, 44, 41), G. oscila entre um sentido mais restrito de “direção” em oposição a “domínio”, e um mais amplo e compreensivo de ambos (direção mais domínio). Com efeito, ele escreve que “uma classe é dominante em dois modos, isto é, é ‘dirigente’ e ‘dominante’. É dirigente das classes aliadas, é dominante das classes adversárias. Portanto, uma classe desde antes de chegar ao poder pode ser ‘dirigente’ (e deve sê-lo): quando está no poder torna-se dominante, mas continua sendo também ‘dirigente’”. A oscilação prossegue nos apontamentos sucessivos, criando não poucas dificuldades interpretativas, que podem ser explanadas pelo menos em parte fazendo referência ao contexto. No Q 1, 48, 59, por exemplo, entre “exercício ‘normal’ da hegemonia no terreno que se tornou clássico do regime parlamentar [...] caracterizado por uma combinação da força e do consenso que se equilibram” (hegemonia como direção mais domínio), e situações nas quais “o aparelho hegemônico racha e o exercício da hegemonia torna-se sempre mais difícil” (hegemonia versus domínio). (COSPITO, 2017, p.366)”

esquerda, dentre outros aspectos que constituem a sociabilidade brasileira, mas que, dentro de seus espaços de atuação, buscaram questionar aspectos da lógica vigente.

A crítica ao processo de cotas apresentava a premissa de que a inclusão de novos indivíduos não acrescentaria conhecimento, mas sim redundaria na falência de um processo já estabelecido e funcional. Afinal, todas as suas demandas estariam disponíveis; bastaria ter a capacidade de atendê-las em uma lógica meritocrática que não reconhece privilégios historicamente construídos e que concebe as transformações de cunho econômico, profissional ou acadêmico como conquistas individuais, em vez de possibilidades de ampliação e reformulação social.

A ascensão do Partido dos Trabalhadores e sua coligação ao governo federal teve como elemento essa disputa entre setores já estabelecidos no Estado, com acesso aos elementos constitutivos dos direitos; em contrapartida, setores populares organizavam-se em instâncias para além do Estado, como sindicatos, igrejas e movimentos sociais. Essa frente via no PT a possibilidade de disputar e reinventar a sociabilidade por meio do processo eleitoral.

A disputa eleitoral, nesse contexto, demonstra que o fazer humano e social não é fechado, mas sim aberto, e que sua transformação assenta-se na práxis e no desejo. Neste momento, cabe indagar: quais transformações essa coligação proporcionou à sociedade brasileira que justifiquem esse receio de mudança?

Marcos Nobre (2022), em seu livro *Limites da Democracia: De junho de 2013 ao governo Bolsonaro*, apresenta o conceito de pemedebismo. Encabeçado pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), atualmente chamado Movimento Democrático Brasileiro (MDB), esse partido transformou-se em fiel da balança durante os governos eleitos a partir da década de 1990.

Sua função era garantir a estabilidade da política nacional, impedindo que um governo avançasse tanto em projetos de transformações sociais como se imaginava nas gestões do PT, justificando o receio manifestado por Regina Duarte em favor de José Serra quanto acelerasse os projetos neoliberais liderados pelo PSDB. Conforme afirma o autor: “A força do pemedebismo está na força do imobilismo em movimento que o caracteriza. É na força ideológica que impôs o arranjo segundo a lógica de um ‘mito da governabilidade’ que exigiria a formação de supercoalizões” (Nobre, 2022, p. 71).

A gestão petista adotou uma lógica de composição com partidos além de sua base eleitoral e com diversos movimentos populares que a apoiavam como estratégia de gerenciamento de longo prazo (Certeau, 2014).

Essa coalizão e busca de governabilidade foram retratadas na reportagem de 23 de fevereiro de 2003, intitulada “Lula faz convite ao PMDB para participar do governo”²⁰, da qual destacamos os seguintes trechos:

“[...] O governo considera que a aliança com o PMDB garante uma ‘maioria estável’ no Congresso para aprovar as reformas previdenciária e tributária.” [...] Deixamos claro que, se for o caso de ir para a base, não basta participar; nós queremos ajudar na formulação das políticas. O PMDB tem um programa”, afirmou Renan à Folha após o encontro com Lula” (Pacelli; Soliani; Cabral, 2003).

Como mostra a reportagem, desde o início o PMDB buscava espaço para influir na gestão, impondo sua própria perspectiva de organização social, que não estava necessariamente alinhada às demandas que haviam viabilizado a ascensão do bloco de centro-esquerda petista.

A entrada do PMDB representou uma ampliação do leque de alianças com partidos e grupos sociais que não refletiam as demandas coletivas responsáveis pela primeira vitória em 2002, demonstrando que a tática, segundo Certeau (2014), que o levou ao comando da República foi substituída pela gestão estrutural do aparelho estatal, pautada em acordos contraditórios e nem sempre alinhados aos interesses de sua base histórica de sustentação.

Essa contradição e afastamento podem ser ilustrados pelo episódio da escolha do pastor Marcos Feliciano então deputado eleito pelo Partido Social Cristão (PSC) para presidir a Comissão de Direitos Humanos, fato que desencadeou uma série de manifestações contrárias à sua nomeação e à sua atuação à frente da comissão em 2013.

O processo que resultou na eleição do deputado à presidência da Comissão de Direitos Humanos foi conturbado e provocou comoção em setores da sociedade e na base parlamentar do então governo Dilma, conforme registrado na página da Câmara dos Deputados, na notícia de 17 de abril de 2013, intitulada, intitulada *Deputados contrários a Feliciano anunciam saída da Comissão de Direitos Humanos*²¹;

Integrantes da Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos Humanos que ainda participavam da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) decidiram se retirar do colegiado. Os deputados Jean Wyllys e Chico Alencar, ambos do Psol-RJ, e Luiza Erundina (PSB-SP), que

²⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2402200311.htm>>. Último acesso em 15/03/2025.

²¹ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/401380-deputados-contrarios-a-feliciano-anunciam-saida-da-comissao-de-direitos-humanos/>>. Último acesso em 28/10/2023

era suplente na comissão, já haviam tomado a decisão. Nesta quarta-feira (17), foi a vez dos deputados do PT Erika Kokay (DF), Padre Ton (RO), Nilmário Miranda (MG), Luiz Couto (PB), Janete Rocha Pietá (SP) e Domingos Dutra (MA) seguirem o mesmo caminho. A saída dos parlamentares se deve à permanência do deputado Pastor Marco Feliciano (PSC-SP) na presidência da CDHM. A ideia da frente é que o PT não indique outros parlamentares para o lugar dos que estão saindo. O Psol decidiu que não indicará substitutos. O grupo também vai conversar com outros partidos que compõem a comissão para que se retirem do colegiado. "Estamos reafirmando nossa decisão e nossa luta para que possamos devolver a Comissão de Direitos Humanos ao povo brasileiro", disse Kokay. "Queremos instar as lideranças partidárias para que se sintam responsáveis pelo que está acontecendo na comissão", complementou. (Agência Câmara de Notícias, 2013)

Com isso, observa-se um processo de disputa sobre os rumos de uma comissão legislativa, na qual o presidente tem a prerrogativa de organizar os trabalhos e definir as pautas a serem debatidas. Esse episódio deveria ser compreendido como uma disputa política entre campos distintos que buscam espaço dentro de uma mesma base, com visões de mundo e projetos diversos.

Enquanto movimentos sociais e parcela da sociedade buscavam discutir e ampliar os direitos das minorias, percebendo na comissão um ambiente propício para avançar essas pautas, Marcos Feliciano proferia uma série de ataques a esses grupos. Dentre essas declarações, destaca-se a notícia do G1, de 31 de março de 2011, intitulada "Deputado vê 'podridão' em gays e diz que há 'maldição' sobre africanos"²², na qual lemos:

O deputado federal Pastor Marco Feliciano (PSC-SP), 38 anos, disse nesta quinta-feira (31) pelo microblog Twitter que africanos "descendem de ancestrais amaldiçoados por Noé" e afirmou que gays têm "podridão de sentimentos" que, segundo ele, "levam ao ódio, ao crime e à rejeição". Pastor da Assembleia de Deus há oito anos, Feliciano é deputado em primeiro mandato. Ele disse que costuma dar pelo Twitter respostas a perguntas de caráter religioso, postadas no microblog por ele e por assessores. (Iara, 2011)

Essa disputa interna pela Comissão de Direitos Humanos, que envolveu o abandono do colegiado por parte de alguns membros e os comentários de Marcos Feliciano nas redes sociais, revela um embate de interesses políticos entre setores conservadores e grupos empenhados na defesa das minorias.

²² Notícia disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/deputado-ve-podridao-em-gays-e-diz-que-africanos-sao-amaldicoados.html> > Último acesso em 28/10/2023

O primeiro campo reveste seu discurso excludente com um pseudodiscurso religioso para tentar impor sua visão de sociedade. Já o segundo reconhece a presidência da Comissão como fator determinante na definição de pautas e projetos essenciais.

Apesar dessas contradições internas, essa estrutura manteve-se com relativo controle até junho de 2013, quando ocorreram as manifestações²³ inicialmente motivadas pelo aumento da tarifa de ônibus, encabeçadas pelo Movimento Passe Livre, movimento social que busca revisar a lógica do transporte urbano e defender a gratuidade no transporte público. Entretanto, tais ações ampliaram-se e transformaram-se em protestos que englobaram diversas demandas populares, colocando em dúvida o funcionamento da máquina estatal, incapaz de atender aos anseios da população e abrindo espaço para figuras, movimentos e soluções oriundos do ambiente político não institucionalizado.

Segundo Nobre (2022), essas manifestações demonstraram a escolha do Partido dos Trabalhadores em manter as supercoalizões, possibilitando que grupos não acostumados a ir às ruas passassem a disputar esse espaço e buscassem criar um consenso social alinhado à sua visão de mundo;

Foi assim que essas novas forças se tornaram antiestablishment, antissistema, como não encontraram canalização institucional possível, o único caminho possível foi o de se organizar em termos de uma oposição extrainstitucional. E foi aí que a decisão do PT como líder do condomínio pemedebista naquele momento de cerrar fileiras com o sistema político contra esses impulsos antissistema foi determinante para que eles fossem organizados e canalizados pela direita, em sentido amplo. A característica histórica da esquerda como força antissistema passou, assim, para as mãos da direita. Mas não para as mãos da direita tradicional, encastelada no sistema político, regida pela lógica do pemedebismo. (Nobre, 2022, p.130-1)

Esse processo, descrito por Marcos Nobre (2022), nos permite gerar uma hipótese por que ideias neoliberais, conservadoras, anticomunistas, antifeministas e anti-LGBTQ²⁴

²³ Sobre as manifestações de junho de 2013 recomendamos os seguintes livros: Limites da Democracia de Junho de 2013 ao Governo de Bolsonaro (Marcos Nobres); 20 centavos – A luta contra o aumento (Elena Judensnaider; Luciana Lima; Marcelo Pomar; Pablo Ortellado); Sintomas Mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira (Sabrina Fernandes); A Multidão foi ao deserto: As manifestações no Brasil em 2013 (JUN-OUT) (Bruno Cava); As rebeliões da tarifa e as jornadas de junho no Brasil (organização Cássio Brancalione e Daniel de Bem); Gramática da Multidão: Para uma análise das formas de vida contemporâneas (Paolo Virno); As Ruas e a Democracia: Ensaio sobre o Brasil Contemporâneo (Marco Aurélio Nogueira); Junho de 2013: A rebelião Fantasma (organização Brendo Altman e Maria Carlotto); Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no Mundo (Maria da Glória Gohn). Minha interpretação sobre este movimento pode ser localizada na dissertação no curso de História no link: <<https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/20402/2/Marcio%20Bernardi.pdf>>. Último acesso em 01/09/2024.

²⁴ Compreendemos que a sigla quando escrevemos a Tese tenha sido ampliada e agora seja, lgbtqiapn+, entretanto no momento das manifestações a mesma se apresenta como LGBTQ. Estas siglas representam a

ganharam espaço social, popularizando elementos do neoconservadorismo. A opção do governo por manter-se vinculado ao sistema trouxe benefícios a setores antes excluídos, como o fortalecimento do movimento feminista e de suas pautas dentre as quais a Lei Maria da Penha (2006), o debate sobre a interrupção da gravidez, a defesa da diversidade sexual e o reconhecimento do casamento homoafetivo pelo Estado (2011).

Esses avanços contribuíram para a construção de uma narrativa ideológica que associa o Partido dos Trabalhadores ao comunismo, valendo-se de uma concepção ampla desse conceito e de sua forma política. Camila da Rocha²⁵ (2021), em *Menos Marx, Mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil*, ajuda-nos a construir uma visão sobre a noção de comunismo nesse universo, a partir do relato de uma entrevista com Adolpho Lindenberg, primo de Plínio Corrêa de Oliveira, um dos líderes da Tradição, Família e Propriedade (TFP);

No Brasil, antes da Revolução de 1964, na década de 1950, houve um movimento católico, de esquerda, muito importante, que quis formar comunidades comunistas chamadas de comunidades de base. Essas comunidades eram formadas por trabalhadores, padres e feministas que liam livros de dom Hélder Câmara, que foi a principal figura da esquerda católica da época. (Rocha, 2021, p.37)

Como apresentado no fragmento, a visão conservadora sobre o golpe civil-militar parte da perspectiva de que ele foi uma revolução, isto é, transforma um processo opressor em um momento redentor e libertador. Nessa ótica, a concepção de comunismo acompanha o processo de reforma como um ato comunista, pois, ao propor mudanças estruturais, desarticula toda a engrenagem de opressão que sustenta nossa sociabilidade. Nesse fenômeno, o comunismo se apresenta como uma arma política para os movimentos reacionários, pois lhes oferece o pretexto para dar golpes ou impedir reformas inclusivas.

Essa permanência permeia o embate sobre a Comissão de Direitos Humanos apresentado há pouco, afinal esse espaço era compreendido como ligado ao campo de esquerda. À medida que a coalizão política entre o bloco de centro-esquerda e partidos de centro e centro-direita era construída para assegurar uma governabilidade sem solavancos e sem ameaças institucionais, um novo campo de oposição foi estruturado, campo este

diversidade sexual, a qual: L representa Lésbicas; G representa Gays; B representa Bissexuais; T representa Transgêneros, Travestis e Transexuais, Q representa Queer pessoas que não se limitam a identidade de gênero ou orientação sexual concebidos como tradicionais; Intersexuais representa pessoas que não se enquadram em definições de corpo masculino e feminino; A representa assexuais, P representa os Pansexuais e N representa Não-binárias que não se observam dentro da visão binária homem e mulher.

²⁵ Camila Rocha é Mestra e doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo. Com a pesquisa que originou este livro, ganhou os prêmios de melhor tese de doutorado da Associação Brasileira de Ciência Política e de Tese Destaque USP na área de ciências Humanas.

em que, entre tantas expressões, localizamos nossas fontes: o Movimento Político e o Religioso.

Essa nova oposição, que emergiu em 2013 fora do sistema partidário e pelas redes digitais, assumiu traços de mobilização de rua e passou a dialogar com a população sem se apresentar a priori como um projeto eleitoral. Sua articulação baseou-se na rejeição à gestão e aos partidos da base do governo federal, uma vez que seus participantes se viam não representados pelas diretrizes governamentais, seja nas pautas morais, seja nas pautas econômicas.

Retornando ao livro *Limites da Democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro* (2022), localizamos uma hipótese sobre o crescimento desse movimento em nossa sociedade: “O fato é que, no Brasil, a formação das novas direitas se dá em um ambiente de arquipélago, multipolar, sem uma plataforma comum, sem uma referência compartilhada pelos inúmeros grupos” (Nobre, 2022, p. 140).

Essa ausência de plataforma comum permite que esse movimento atribua significados distintos a cada fenômeno social e a cada política governamental. A partir de nossas fontes, abordaremos essa dinâmica sob duas perspectivas: a visão conservadora e supostamente religiosa do ‘Religioso’ e a lógica econômica do ‘Movimento Político’, favorecendo a criação de um consenso contra a gestão petista.

Enquanto essa nova direita, que denominamos neoconservadora, se articulava em diversas frentes, a gestão federal petista apostava na reforma das estruturas do Estado, criando um Estado de bem-estar social pautado em um novo desenvolvimentismo (Singer e Loureiro, 2016). Essa proposta visava dinamizar a economia por meio da geração de emprego e renda para a classe trabalhadora, ampliando a capacidade de consumo da população e, conseqüentemente, elevando o PIB.

Esse feito é celebrado por Nelson Barbosa (2013), professor adjunto da Universidade de Brasília e professor de Economia da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Entre 2007 e 2010, ele ocupou os cargos de Secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, Secretário da Política Econômica, Ministro do Planejamento e Ministro da Fazenda. Em seu texto “Dez anos de Política Econômica”, que integra o livro *Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-liberais no Brasil*, Barbosa discorre sobre os resultados e desafios das políticas realizadas nesse período;

Dez anos depois o Brasil é outro país. O crescimento da economia acelerou, a inflação foi controlada, a dívida líquida do setor público caiu

em relação ao PIB, o país acumulou um volume considerável de reservas internacionais e ganhou autonomia na condução de sua política econômica. Mais importante, nos últimos dez anos o Brasil conseguiu gerar um volume expressivo de empregos, com aumento sustentável dos salários reais e inclusão de milhões de pessoas no mercado de trabalho formal e na sociedade de consumo de massa, formando o que vários analistas hoje chamam de “nova classe média” brasileira. Como foi possível combinar todos esses avanços? O desempenho de qualquer economia é resultado de vários fatores, nem todos necessariamente ligados à política econômica do governo. Apesar disso, as decisões das autoridades governamentais têm importância fundamental na evolução de qualquer país, pois elas influenciam como tendências de longo prazo e choques de curto prazo têm impacto no dia a dia das empresas e das pessoas. A política econômica também pode criar tendências de longo prazo e alterar o curso de desenvolvimento de uma economia, promovendo avanços mais rápidos a favor de alguns setores ou grupos sociais (Barbosa, 2013, p.70)

Conforme a visão de Barbosa (2013), no período de 2002, ano da chegada do PT ao poder central, até 2012, quando se encerra a década mencionada, o Brasil se transformou, surgiram possibilidades e até emergiu uma nova classe média. Entretanto, é importante destacar dois elementos em seu texto que servem de base para o fortalecimento do neoconservadorismo. O primeiro é o reconhecimento de que, por mais que as políticas governamentais de condução da economia não sejam o único fator responsável por esse avanço, elas criaram condições para um discurso meritocrático e de defesa do neoliberalismo, no qual a organização social, representada pelo Estado, não é vista como responsável por garantir ou viabilizar condições de bem-estar social. Ou seja, esse crescimento, apresentado como uma vitória do governo, acarretou uma contradição na defesa de um projeto de bem-estar comum.

Neste processo, identificamos a segunda contradição: a comemoração e o discurso em torno de uma nova classe média. Conforme Paulo Freire (2021), essa classe busca valores individualistas e o não reconhecimento no próximo, permitindo assim mais um elemento de aproximação desse grupo social ao consumo de valores neoconservadores, afinal, ela alcançou, com seus esforços, os objetos e a educação que tanto desejava.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, no interior do campo petista, já existia uma crítica ao conceito de nova classe média. No mesmo livro em que encontramos o texto de Barbosa, localizamos o escrito *Uma nova classe trabalhadora*, de Marilena Chauí;

Uma classe social não é um dado fixo, definido apenas pelas determinações econômicas, mas um sujeito social, político, moral e cultural que age, se constitui, interpreta a si mesmo e se transforma por

meio da luta de classes. Ela é uma práxis, ou como escreveu E. P. Thompson, um fazer-se histórico. Ora, se é nisso que reside a possibilidade transformadora da classe trabalhadora, é nisso também que reside a possibilidade de ocultamento de seu ser e o risco de sua absorção ideológica pela classe dominante, sendo o primeiro sinal desse risco justamente a difusão de que há uma nova classe média no Brasil. E é também por isso que a classe média coloca uma questão política de enorme relevância. Estando fora do núcleo econômico definidor do capitalismo, a classe média encontra-se também fora do núcleo do poder político: ela não detém o poder do Estado nem o poder social da classe trabalhadora organizada. Isso a coloca numa posição que a define menos por sua posição econômica e muito mais por seu lugar ideológico, e este tende a ser contraditório (Chauí, 2013, p.130-1)

Com base no fragmento de Chauí (2013), percebemos que o debate sobre classe social se estrutura para além do binômio capital-trabalho, que não perde sua importância, mas agora é complementado pela questão do pertencimento, ou seja, pelo lugar em que se reconhecem. Por esse motivo, a figura dos intelectuais, conforme defendido por Gramsci (s.d.), torna-se um instrumento importante no debate de classes e na organização de uma consciência libertadora ou neoconservadora, pois sua construção teórica/prática, contribui para justificar sua compreensão social em uma sociedade de classes.

Se a classe social não é algo dado, mas construída em relação à compreensão da realidade e aos valores econômicos, Chauí (2013) argumenta que, no período desse discurso, o governo petista estava formulando uma nova interpretação do fenômeno social. Essa abordagem deixou de enfatizar o pertencimento e a experiência compartilhada no trabalho, local de moradia em favor de um descolamento dessas referências, buscando novas formulações.

Tais formulações acabaram desaguando num sentimento de pertencimento a grupos online em redes sociais, conforme demonstrado por Nobre (2022): “[...] basta lembrar que, em maio de 2006 auge do Orkut e um ano após a eclosão do mensalão a comunidade ‘Fora Lula 2006’ contava com 110 mil membros e a comunidade ‘Eu odeio o PT’, 93 mil” (Nobre, 2022, p. 141).

Com o fim do Orkut e o surgimento de novas plataformas de transmissão, como WhatsApp e canais no YouTube casos do Movimento Político e do Religioso, esse aspecto será aprofundado na próxima seção deste capítulo, a partir do debate sobre bolhas e câmaras de eco.

Uma das estratégias do governo para aproximar a gestão federal dessa nova classe média, estreitar vínculos com sua base e modernizar as estruturas do Estado foi a

realização de conferências²⁶. Essas conferências tinham o objetivo de envolver a população no debate e na construção de políticas públicas.

As conferências ocorreram em três instâncias de governo: municipal, estadual e federal. No nível municipal, discutiam-se as demandas locais em grupos de trabalho e elegiam-se representantes de forma proporcional ao número de participantes em cada cidade e evento. Em seguida, o mesmo processo repetia-se no âmbito estadual, com os delegados escolhidos participando, em Brasília, da elaboração de um texto-base.

Esse texto-base era então submetido pelo governo a uma análise de viabilidade política, social e econômica, servindo de fundamento para a proposição de projetos de lei no Congresso.

Chegando às casas legislativas, não podemos ignorar as disputas e contradições políticas que, conforme Nobre (2022), caracterizam o “pemedebismo de coalizão”, estratégia destinada a assegurar a estabilidade da forma política brasileira. Nesse contexto, o governo promovia as conferências que considerava importantes, mas enfrentava barreiras políticas que nem sempre estava disposto a superar, exatamente em razão das pressões internas do arranjo de coalizão dominado pelo pemedebismo.

No livro *Cinco Mil Dias: O Brasil na Era do Lulismo*, Guilherme Boulos e Guilherme Simões (2017) dedicam um texto intitulado “*Outra governabilidade era possível – A relação contraditória com o movimento social*”, cujo fragmento a seguir é fundamental para aprofundar essa tensão;

As Conferências nacionais reuniam milhares de pessoas, num processo que se iniciava com encontros municipais e estaduais. Seu papel seria o de propor políticas públicas para cada área e, com isso, influenciar as ações de governo. Na prática, com raras exceções, as Conferências e Conselhos não foram levados em conta. Os espaços da definição da política continuavam os mesmos, com interlocução muito mais decisiva com o empresariado e a banca. O caráter meramente consultivo da maior parte dessas instâncias esvaziou seu poder real. As acusações de uma direita raivosa de que estes instrumentos flertavam com o bolivarianismo eram – infelizmente – infundadas. A derrota na Câmara em 2014 do Decreto 8.243, que apenas institucionalizava essas políticas existentes, mostra a quão atrasada é a direita brasileira, ao ponto de não conseguir conviver com mecanismos tão tímidos de participação social. E mostra também que a falta de ousadia dos governos petistas de criar espaços reais de participação, no período em que tinham força para isso, os deixaram inteiramente reféns destes setores mais atrasados. Nesse aspecto, os governos petistas cometeram um dano aos movimentos

²⁶ Podemos compreender os eixos das conferências a partir das seguintes temáticas: Desenvolvimento Urbano e Social, Educação e Cultura, Saúde e Bem-estar, Meio Ambiente e Sustentabilidade, Direitos humanos e igualdade, Ciência, Tecnologia e Trabalho.

sociais brasileiros: forjaram a ilusão de que os bons acordos, a garantia do “ganha-ganha” e a política institucional garantiriam avanços históricos. (Boulos, Simões, 2017, p.72-3)

Em síntese, as conferências, a partir da posição governamental, nem sempre buscavam transformar as estruturas da sociedade, mas sim produzir um espaço de conversa entre setores antagônicos, ao qual o poder decisório, em última instância, permanecia com a sua coalizão, que não buscava uma transformação dos padrões da sociedade nem uma mera inclusão que, de alguma forma, afetasse seus interesses. Pelo contrário, elas se apresentaram como uma arma para neoconservadores apresentarem as políticas governamentais como uma ameaça à democracia e à implementação do bolivarianismo²⁷.

Esse medo de transformação da sociedade brasileira, alimentado pelas políticas do governo federal, levava também à esperança de uma possível radicalização entre intelectuais e apoiadores, dentre os quais podemos destacar Emir Sader, que em 2009 lançou o livro *A nova toupeira: Os caminhos da esquerda latino-americana*, título que faz referência ao processo revolucionário teorizado por Karl Marx e Friedrich Engels, que apresenta a revolução como uma toupeira que trabalha sem que ninguém tome conta e, quando menos se espera, surge em um local inesperado (2009). Entretanto, no caso da realidade brasileira, a toupeira já estava sendo avistada pela oposição antes mesmo de ter nascido em nosso território.

Neste livro, busca-se analisar os processos de chegada ao poder de partidos de esquerda e centro-esquerda na América Latina e a forma como o continente busca uma possível ruptura com a estrutura do neoliberalismo, que acarretou o aumento das desigualdades sociais e a busca de uma nova forma de democracia.

Em sua análise, considerando o objetivo de nossa pesquisa, localizamos dois elementos que o neoconservadorismo apresentava como problema e perigo à nossa sociedade. O primeiro é a crítica ao neoliberalismo, que Sader (2009) apresenta como problema em nosso continente devido aos impactos socioeconômicos advindos dessa forma econômica, política e social. O segundo aspecto é a busca de novas possibilidades político-sociais, considerando os aprendizados e as formas de vida das classes populares e dos movimentos que se contrapõem à sociabilidade constituída.

²⁷ Para compreender o que este conceito representa neste contexto, recomendamos a leitura do texto: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bolivarianismo-2305/>>. Último acesso em 03/01/2025.

A possibilidade de uma transformação ou de uma revolução começou a ser aventada pelos movimentos antipetistas, que viam em cada medida do governo uma ameaça permanente à sua concepção de democracia. Esse discurso ganhou ainda mais intensidade quando a suposta ameaça do bolivarianismo recebeu chancela acadêmica e se converteu em “marxismo cultural²⁸”, termo que apareceu pela primeira vez no regime nazista de Adolf Hitler sob o título “[...] bolchevismo cultural ou arte degenerada” (Costa, 2020, p. 24).

Entretanto, aprofundaremos a discussão no segundo momento em que o conceito entra no debate público. Conforme Iná Costa²⁹ (2020) observa, durante a década de 1990 nos Estados Unidos, grupos anticomunistas com ênfase na América Central buscaram deslegitimar qualquer forma de reformismo ou avanço social para as classes excluídas, tendo como propagadores intelectuais e organizações alinhados à retórica conservadora;

Quanto à expressão “marxismo cultural”, como já ficou dito, seu uso da do início da década de 1990. Seus primeiros usuários são cristãos fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas – enfim, a extrema-direita estadunidense. Uma das mais eloquentes manifestações da tendência é o movimento Iluminismo sombrio (que não se perca pelo nome) – antítese assumida do iluminismo, que prega a moral vitoriana do século XIX, uma forma tradicionalista e teocrática, declara guerra a todo conhecimento científico e, em primeiro lugar, ao marxismo cultural. Os objetivos mais imediatos de sua fúria conservadora são o feminismo, a ação afirmativa, a liberação sexual, a igualdade racial, o multiculturalismo, os direitos LGBTQ e o ambientalismo.³⁰ (Costa, 2020, p. 37-8)

Este perigo do marxismo cultural é apresentado no livro de Religioso, Mello (2021), intitulado *Manual de Sobrevivência do Cristão no século XXI*. O autor atribui essa formulação a Antonio Gramsci, destacando a construção dos Cadernos do Cárcere e a atualidade e os perigos do marxismo cultural da seguinte forma: “[...] Gramsci escreveu uma longa argumentação a favor da guerra cultural e contrária à guerra violenta. Sem pressa, dentro de algumas décadas, todos se tornariam socialistas sem perceber.” (Religioso, 2021, p. 28).

Para Religioso, os processos implementados pelo PT não são compreendidos como ajustes na nossa sociabilidade destinada a promover a inclusão social e o aumento

²⁸ Para aprofundar mais sobre o tema, recomendamos a leitura de *Dialética do marxismo cultural* de Iná Camargo Costa, editora expressão popular, 2020.

²⁹ Iná Camargo Costa é professora aposentada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo e também foi professora do Departamento de Filosofia da Unesp-Marília.

³⁰ 26 Rodapé do livro: Para mais detalhes, procurar na Wikipedia o verbete Dark Enlightenment

do consumo interno, numa aliança complexa com partidos antagônicos que acabaria por anular qualquer tentativa de avanço social consistente. Em vez disso, seriam vistos como uma transformação gradual da sociedade rumo ao comunismo.

Religioso observa esse processo como uma marcha que culminará em uma sociedade não na perspectiva de Marx e Engels, mas na visão de Gramsci e em sua teoria do marxismo cultural, que, num primeiro momento, não busca enfrentar as contradições do capitalismo, mas destruir o legado judaico-cristão, conforme apresenta em seu *Manual de Sobrevivência do Século XXI* (Religioso, 2020)

Pelo título do livro de Max Weber, A ética protestante e o espírito do capitalismo, já se percebe uma disputa, uma distinção entre o capitalismo e o socialismo, pela qual o capitalismo é associado ao movimento protestante e sua ética. Quando os socialistas olham para o livro, entendem que o capitalismo é sustentado pelos protestantes como estrutura moral filosófica. Assim, é instaurada imediatamente uma guerra cultural, porque acreditam que, destruindo a cultura protestante e a ética judaico-cristã, o capitalismo seria implodido. Esta é uma guerra cultural contra o movimento judaico-cristão, visto como aquilo que deve ser extirpado. O paradigma judaico-cristão é entendido pelos esquerdistas como a sustentação moral do capitalismo e, portanto, o maior inimigo a ser combatido. (Religioso, 2020, p.37-8)

Este trecho de O Religioso busca formular para seus leitores uma disputa que não se encontra no livro de Weber: um embate entre capitalismo e socialismo. Essa argumentação falaciosa não pretende explicar a construção do capitalismo, mas sim legitimar seu modo de atuação na realidade. O autor recorre, ao equivocado conceito de “judaico-cristão” para justificar uma suposta guerra contra os cristãos vistos como representantes dos bons costumes e última barreira contra a depravação ao qual do outro lado se encontra o comunismo e um movimento esquerdista indefinido, que engloba todos os que não se alinham aos preceitos judaico-cristãos.

O Religioso apresenta a perspectiva de que uma parcela considerável da sociedade adere ao marxismo, buscando corromper a estrutura social e destruir a sociedade de forma silenciosa e constante, a partir da construção de uma nova forma de pensamento que nega perspectivas religiosas e fundamentos do nosso cotidiano.

Partindo dessa dimensão moral, conforme apresentada pelo Religioso (2020) no fragmento, é importante considerar o texto de Silvio Luiz Almeida (2018), “Neoconservadorismo e Liberalismo”, disponível no livro *O ódio como política: A reinvenção das Direitas no Brasil*, organizado por Ester Solano;

Já o neoconservadorismo estrutura-se com reação ao Welfare State [Estado do bem-estar social], à contracultura e à nova esquerda, fenômenos atrelados ao pós-Segunda Guerra Mundial e o advento do regime de acumulação fordista. Para os neoconservadores, a crise econômica que atingiu o capitalismo no final dos anos 1960 era antes de tudo uma crise moral, ocasionada pelo abandono dos valores tradicionais que governam a sociedade desde os primórdios da civilização, feito em nome de um igualitarismo artificialmente criado pela intervenção estatal. A crise, conforme o intervencionismo característico do Welfare State era o principal motivo da crise. (Almeida, 2018, p.28)

Esse é um ponto crucial ao analisarmos a formação social do Brasil no início do século XXI, que legitimou o avanço das posições neoconservadoras. Ao ampliar os espaços de participação popular sem romper as estruturas e acordos existentes antes de assumir o governo federal, o PT promoveu um aumento do consumo nas classes populares, rotuladas de “nova classe média”.

No entanto, essa definição não considerou o aspecto apontado por Marilena Chauí (2013): “Por sua posição no sistema social, a classe média tende a ser fragmentada, raramente encontrando um interesse comum que a unifique.” (Chauí, 2013, p.131). Esse fenômeno aprofundou a identificação desse segmento com ideias de direita;

Fragmentada, perpassada pelo individualismo competitivo, desprovida de um referencial social e econômico sólido e claro, a classe média tende a alimentar o imaginário da ordem e da segurança porque, em decorrência de sua fragmentação e de sua instabilidade, seu imaginário é povoado por um sonho e por um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo é tornar-se proletária. Para que o sonho se realize e o pesadelo não se concretize, é preciso ordem e segurança. Isso torna a classe média ideologicamente conservadora e reacionária, e seu papel social e político é o de assegurar a hegemonia ideológica da classe dominante, fazendo com que essa ideologia, por intermédio da escola, da religião, dos meios de comunicação, se naturalize e se espalhe pelo todo da sociedade. sob essa perspectiva que se pode dizer que a classe média é a formadora da opinião social e política conservadora e reacionária. (Chauí, 2013, p.131)

A partir da citação de Chauí (2013), localizamos que essa classe média que o governo federal propaga não apresenta os elementos da classe trabalhadora que contribuíram para sua eleição. No lugar da solidariedade que fazia parte dos locais de movimento de base, temos o fortalecimento da lógica meritocrática e o medo de não conseguir ascender socialmente ou, ao ascender, de perder seus bens devido a questões sociais ou políticas que lhe impossibilitem uma sociabilidade baseada no consumo e em lógicas meritocráticas.

Ao apresentar o discurso da “nova classe média” essa classe trabalhadora com poder de compra que, historicamente, foi abandonada pela estrutura pública nota-se que ela se reconhece como integrante do grupo que critica a política do PT quanto à ampliação da participação do Estado, afinal tal participação não esteve presente em seu cotidiano.

A utilização do termo “classe média” pelo governo pode ser compreendida a partir de uma crítica de Paulo Freire (2019), em *Pedagogia do Oprimido*, sobre o emprego exclusivo de slogans na comunicação com a população, desconsiderando as capacidades transformadoras desse grupo;

Por isso mesmo é que não pode sloganizar as massas, mas dialogar com elas para que o seu conhecimento experiencial em torno da realidade, fecundado pelo conhecimento crítico da liderança, se vá transformando em *razão* da realidade (Freire, 2019, p.181)

Propagandeando a ideia de “nova classe média”, o PT e os partidos de centro-esquerda abandonam o diálogo construtivo com os saberes dos oprimidos e buscam ajustar a realidade aos ganhos econômicos obtidos pela venda de força de trabalho, convertendo a capacidade e o projeto emancipadores em iniciativas individuais e estritamente econômicas.

Antes de apresentarmos a dimensão econômica deste processo, é necessário destacar a importância do diálogo na construção de uma nova sociabilidade e na defesa desse processo por sujeitos conscientes, atuantes em todas as esferas sociais. Para isso, recorreremos às contribuições de Freire (2019);

Se é dizendo a palavra com que, *pronunciando* o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. (Freire, 2019, p.109)

Freire (2019) argumenta que o diálogo é a forma de construção de caminhos; é por meio dele que nos humanizamos, reconhecemos o outro e criamos condições para atuar na realidade. Sob essa perspectiva, o Partido dos Trabalhadores não priorizou a humanização dos sujeitos, ao optar por não dialogar com os diversos setores da sociedade. Em vez disso, seguiu um receituário previamente estabelecido, que não parte da escuta e da construção coletiva, mas sim do consumo como solução.

O desenvolvimentismo proposto por essa frente apresentou resultados positivos na economia, conforme demonstram os dados econômicos de 2003 a 2008 relatados por Barbosa (2013):

Em 2008 o crescimento caiu para 5,1%, basicamente por causa do impacto negativo da crise financeira internacional sobre o Brasil no final daquele ano. Considerando o período como um todo, a taxa média de crescimento do PIB aumentou de 3,3% ao ano, entre 2003 e 2005, para 5,1% ao ano, de 2006 a 2008. A aceleração do crescimento foi motivada pelo investimento, que cresceu a uma taxa média de 12,4% no período de 2006 a 2008. Em segundo lugar, o crescimento do PIB também foi puxado pelo consumo das famílias, que aumentou ao ritmo de 6,1% ao ano no mesmo período. Essa expansão devida à demanda doméstica refletiu o impacto de três fatores sobre a economia brasileira. Em primeiro lugar, como será detalhado adiante, a taxa de câmbio continuou a cair de 2006 a 2008, o que, por sua vez, ampliou o poder de compra das famílias e barateou os bens de capital, gerando aumento do consumo e do investimento privados. Em segundo lugar, o aumento do investimento público e do investimento por parte da Petrobras teve forte efeito de “arrasto” sobre toda a economia. Em terceiro lugar, a aceleração do crescimento aumentou os lucros e salários num contexto de redução na taxa de juro e gerou uma expansão no crédito, que aumentou de 28%, em 2005, para 40% do PIB, em 2008. (Barbosa, 2013, p.76)

Estes dados econômicos, referentes ao período apresentado por Barbosa (2013), foram apropriados por meio de um processo de sloganização junto às classes populares, que passaram a interpretar seu fazer histórico a partir de critérios puramente capitalistas.

Renato Meirelles e Celso Athayde (2014), autores do livro *Um País Chamado Favela*, realizaram uma pesquisa sobre os costumes, desejos e padrões de consumo nas favelas brasileiras. Para tanto, entrevistaram 2.000 moradores em 2013, distribuídos em 35 cidades e 63 favelas. Com esses dados, podemos demonstrar e aprofundar a dualidade desse momento: de um lado, o êxito do desenvolvimentismo petista; de outro, como tais ganhos econômicos abriram espaço para a consolidação de concepções neoconservadoras. Conforme apontam os autores:

Em 2013, a média salarial do favelado era de 1.068 reais contra apenas 603 reais, em 2003. Trata-se de um salto notável de 54,7%. No Brasil em geral, a renda pulou de 1.172 para 1.616, reais, uma evolução de 37,9%. Conclusão: na favela, o ritmo do avanço é mais acelerado. (Meirelles, Athayde, 2014, p.30)

Os primeiros dados revelam informações interessantes quando consideramos a possibilidade de atuação do campo neoconservador em nossa sociedade. O primeiro aspecto refere-se ao desempenho econômico e à construção de uma identidade. Observa-se que a economia apresenta maior desempenho entre a nova classe trabalhadora, conforme Chauí, do que em setores tradicionalmente considerados de classe média. Esse

fenômeno fortalece um imaginário alimentado por textos como o de Azevedo (2008), apresentado no início do capítulo, que alerta para o risco de uma iminente revolução.

Entretanto, essa nova classe trabalhadora (Chauí, 2013) que conquistou possibilidades e horizontes inéditos e que um dia compartilhou a dimensão ideológica e os valores do PT já não reconhece diretamente as ações do governo petista como fator determinante nesse processo;

No total, 76% das pessoas opinaram que a vida melhorou no período imediatamente anterior à pesquisa. No entanto, poucas atribuem este avanço às políticas públicas ou aos empregadores. Para 14%, a família é a principal responsável pela evolução. Deus é citado por 40%. Segundo 42%, a ascensão é resultado do próprio esforço. (Meirelles, Athayde, 2014, p.30)

Estes dados permitem aproximar a teoria apresentada até o momento da práxis social. Com base em Meirelles e Athayde (2014), a realidade produzida nesse período histórico, marcada por contradições, estrutura-se de modo a legitimar, junto a setores populares, os argumentos do movimento neoconservador.

Nesse fragmento, destaca-se que 42% dos entrevistados reconhecem a melhoria de sua vida exclusivamente a fatores individuais. Permitindo, assim, que uma fração do universo pesquisado passível de ser incorporada pelas análises do grupo Movimento Político, que defende a ideia de que o mercado em lugar do Estado deve responder às demandas sociais, reduzindo as atribuições da regulamentação governamental.

Outro aspecto relevante desses dados é que 40% dos entrevistados citam Deus como o principal fator de sua melhoria de vida. Assim como no caso do Movimento Político, esses números revelam a base de sustentação do Religioso.

Portanto, mesmo que o PT tenha se empenhado em consolidar uma nova classe média, esta não reconheceu seus próprios esforços e valores nesse processo. Enquanto a nova classe média experimentou ganhos salariais visíveis, a classe média tradicional não percebeu o mesmo avanço.

Ao notar a redução da distância social para grupos antes relegados a papéis secundários percebidos apenas quando prestavam algum serviço, essa parcela passou a alimentar o temor das teorias bolivarianas e do marxismo cultural.

Um exemplo dessa reação de espanto encontra-se na notícia veiculada pelo site BOL em 10 de fevereiro de 2014, sob o título “Homem ironizado por usar bermuda em

aeroporto é advogado e voltava de cruzeiro internacional”³¹ (Bol, 2014). O artigo reproduz uma publicação de uma professora da PUC-Rio em sua página no Facebook, na qual ela compartilha a fotografia de um passageiro trajando bermuda, regata e tênis no Aeroporto Santos Dumont, acompanhada da legenda “Aeroporto ou rodoviária?” (Bol, 2014).

A matéria detalha três comentários de internautas e duas réplicas da docente. Inicialmente, um usuário reage com risadas, manifestando concordância e curtindo a publicação. Em seguida, outro internauta observa: “O ‘glamour’ foi para o espaço” (Bol, 2014), comentário que recebeu duas curtidas. A professora retruca: “Puxa, mas para o glamour falta muuuuito!!! Isso está mais para estiva” (Bol, 2014), obtendo quatro curtidas. Na sequência, um terceiro comentário lê-se: “Isso é só uma amostra do que tenho visto pelo Brasil... KKKK” (Bol, 2014), também com duas curtidas. Por fim, a docente encerra a interação com a observação: “O pior é que o Mr. Rodoviária está no meu voo. Ao menos, não do meu lado. Ufa!” (Bol, 2014).

Neste processo de inclusão e na suposta emergência de uma nova classe média, evidencia-se a distância que a separa da classe média tradicional. Enquanto a primeira busca instituir novos modos de sociabilidade, a segunda empenha-se em reafirmar valores e posições consolidados. Esses posicionamentos manifestam-se, sobretudo, na construção de críticas ao petismo tanto em relação ao seu projeto político e às tentativas de reforma quanto aos episódios de corrupção.

Em 2005, tem início a investigação da Ação Penal 470, popularmente conhecida como Mensalão³², amplamente divulgada pela imprensa como estratégia de perpetuação

³¹ Link da notícia: <<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2014/02/10/homem-que-foi-ironizado-por-professores-universitarios-e-identificado.htm>>. Embora esta notícia seja a mais antiga que encontramos, devo ressaltar que Antônio Prata em 19/01/2011, publicou um texto na Folha de S. Paulo intitulado “O aeroporto tá parecendo rodoviária” ao qual, com ironia, apresenta os preconceitos que envolvem nossa sociabilidade, e termina o texto com: “Mas o bordão que melhor exemplifica o susto e o desprezo da classe A pelos pobres, ou ex-pobres que agora têm dinheiro para frequentar certos ambientes antes fechados a eles, é: “Credo, esse aeroporto tá parecendo uma rodoviária!”. De tão repetido, tem tudo para se tornar o “Você sabe com quem está falando?!” do início do século XXI. Se o Brasil continuar crescendo e distribuindo renda, os rapazinhos, que horror!, ganharão cada vez mais espaço e a coisa só deve piorar. É preocupante. Nesse ritmo, num futuro próximo, quem é que vai empacotar nossas compras?” Demonstrando que esta relação é anterior à notícia vinculada, Link: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1901201104.htm>>. Último acesso em 10/01/2025.

³² A ação 470, conhecida como Mensalão, surge a partir das denúncias de Roberto Jeferson ser pego em um esquema de corrupção nos Correios e no Instituto de Resseguros do Brasil (IRB). Jeferson acusa o PT de comprar parlamentares da base via repasses e negociação de cargos. À medida que a investigação ocorre, percebemos que esta ação não ocorreu apenas no PT, mas era uma prática da forma política brasileira, entretanto a imprensa foca nas relações com o governo federal e os partidos de esquerda da coalizão federal. Um breve resumo sobre o mensalão pode ser localizado em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/mensalao/noticia/mensalao-cronologia-do->

do poder e passo rumo ao bolivarianismo. Reinaldo Azevedo (2008), em seu texto “Loucura e método” (publicado originalmente em 3 de abril de 2007 e incluído na obra anteriormente citada), afirma;

Mas não é inocente. Não é bobo. Não é um qualquer. Sabem o que há em comum entre o mensalão e a desmoralização do comandante da Aeronáutica?³³ A convicção plena, clara, exercida com desassombro, de que as instituições estão aí para ser superadas; de que as instituições são tabus, que devem ser quebrados; de que as instituições são vontades manifestas dos “inimigos” e precisam, pois, ser reformuladas, mudadas. É claro que Lula e o PT, ainda que fiquem cem anos no poder, não vão construir o socialismo porcaria nenhuma. Mas podem, sim, construir um modelo autoritário, para o qual a tradição esquerdista do partido é utilíssima. Repetindo, então, o já bastante citado Polônio, de Hamlet: o que Lula fez com a Aeronáutica é, sim, uma loucura. Mas tem método. (Azevedo, p.140, 2008)

Ou seja, sob a perspectiva da classe média tradicional, o Brasil, a partir de 2002, atravessa uma revolução silenciosa da qual ela se exclui; percebe-se, assim, uma perda de espaços historicamente controlados, atribuída à ascensão de parcelas populares que “vulgarizam” lugares antes reservados ao seu uso exclusivo. Essa combinação de sentimento de usurpação e de corrupção institucional torna-se elemento central na base de mobilização do Movimento Político, o qual defende a redução da intervenção estatal nas relações sociais, sustentando que o Estado é o principal vetor de corrupção na máquina pública.

Ademais, o modesto crescimento econômico vivenciado por esse grupo reforça a percepção de que as políticas públicas não atendem às suas demandas; assim como acontece com a nova classe média, o governo deixa de ser entendido como resposta efetiva às suas expectativas.

Para além dessa demanda, Azevedo (2008), em 8 de abril de 2007, publicou o texto “O povo é de ‘direita’, revela o Datafolha”, no qual sua argumentação inicial apresenta os seguintes dados;

A Folha publicou ontem uma pesquisa com a opinião dos brasileiros sobre vários assuntos – entre eles, o aborto. O resultado não me

caso.ghtml> e sobre a envergadura deste processo e sua relação com outros partidos <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/07/18/pp-ptb-e-pl-sao-os-partidos-com-maior-numero-de-parlamentares-sob-investigacao>>. Último acesso em 11/01/2025

³³ Rodapé do livro: No dia 30 de março de 2007, o presidente Lula desautorizou Juniti Saito, comandante da Aeronáutica, que havia decretado a prisão dos sargentos que atuavam no controle de voos. Os efeitos da insubordinação e da desordem no setor persistem ainda hoje.

surpreendeu: 65% dos entrevistados querem que a legislação continue como está – permissão apenas em caso de estupro e risco de morte para a mãe. Isso significa uma esmagadora maioria da população contra a chamada legalização do aborto. Em 1993, 54% tinham essa opinião. Apenas 10% defendem a prática sem qualquer restrição – há 14 anos, eram 18%. E 16% querem ampliar as situações em que a interrupção da gravidez seria possível – naquela primeira pesquisa, eram 23%. Essa e outras opiniões dos brasileiros, de que trato abaixo, demonstram a anemia dos políticos conservadores no Brasil. Há eleitores aos milhões que estão sem representação. (Azevedo, p.140, 2008)

A partir desses dados, o jornalista argumenta que a população brasileira é conservadora, mas não encontra espaços para se fazer representar seja em associações, partidos ou outras organizações e aponta para os dois principais partidos de oposição do período: Democratas (DEM) e Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

O antigo PFL agora se chama Democratas (DEM). O PSDB está em vias de fazer um encontro ou coisa parecida para tentar, sei lá, se aproximar mais do povo. De certo modo, esses partidos sonham uma coisa impossível: mimetizar a prática partidária petista, o que é impossível. O PT busca ser uma espécie de corrente iluminista – por mais obscurantista que seja – das corporações sindicais, com as quais deve viver, daqui a pouco, um conflito se realmente levar adiante a ideia de regulamentar o direito de greve para servidores. De todo modo, essa união está dada. As outras legendas não vão disputar esse espaço porque tratam de interesses mais difusos. DEM e PSDB cometem, a meu ver, dois erros crassos: não conseguem ter um discurso organizado sobre economia para confrontar o PT e renunciam a fazer o que chamo de guerra de valores com a esquerda. O Datafolha esfrega no nariz das duas legendas o óbvio: o povo brasileiro é conservador e, vejam só, não tem, no Parlamento, quem o represente a contento. (Azevedo, p.142, 2008)

Observa-se neste fragmento uma aproximação notável com os textos do Religioso (2020; 2021). Enquanto ele mobiliza o discurso sobre valores judaico-cristãos e marxismo cultural, Azevedo (2008) focaliza a dimensão de valores já presentes na população brasileira, valores esses que o configuram como sujeito de direita.

A partir dessa análise, depreende-se que o Religioso não foi o criador dessa matriz de pensamento, mas se apropriou das tecnologias de comunicação contemporâneas para amplificar e consolidar sua base de sustentação. Azevedo (2008) dirige uma crítica contundente aos principais partidos de oposição Democratas (DEM) e PSDB por não incorporarem essa identidade conservadora brasileira, situação agravada pela dificuldade desse segmento em encontrar espaços institucionais de organização e mobilização. Esse ponto converge com a argumentação de Nobre (2022), já apresentada em nosso texto.

Se a mobilização petista se apoia em estruturas extrapartidárias, o YouTube emerge como canal alternativo de articulação política, e o discurso do Religioso constitui uma das possibilidades discursivas dentro desse universo.

Em síntese, neste primeiro momento identificamos os processos formadores que viabilizaram o desenvolvimento e a expansão do discurso neoconservador em nosso território. O elemento inaugural a ser ressaltado é o período de ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) e de sua coligação de centro-esquerda à frente do governo federal. Essa etapa deve ser compreendida como um processo de articulação e mobilização de amplos setores populares, os quais passaram a perceber os limites impostos pela sociabilidade delineada pelo projeto neoliberal brasileiro.

Essa ascensão não deve ser compreendida como resultado de uma suposta conscientização popular promovida por esses partidos acerca dos problemas sociais em nossa realidade; pelo contrário, a sociedade via nessas agremiações a expressão político-eleitoral para atuação na esfera estatal. Ao longo de seu mandato, o bloco de centro-esquerda buscou criar mecanismos de governabilidade com diversos partidos, originando uma supercoalizão (Nobre, 2022) marcada por contradições: visões e projetos distintos confrontavam-se no interior da própria estrutura governamental, o que implicou em avanços limitados na transformação da sociabilidade brasileira.

Esse período também foi caracterizado pelo fortalecimento da cidadania por meio da prática de consumo; parcelas populares com acesso restrito a bens de consumo tornaram-se consumidores acríticos, corroendo potenciais laços de solidariedade intra-classe em função do consenso emergente em torno de uma nova classe média em formação.

Iniciada a partir de 2002, essa nova configuração da classe média passou a resgatar valores que, até então, pretendia desconstruir, ao posicionar-se contra a gestão de centro-esquerda e os partidos que integravam a coalizão. Desse modo, abriu-se um espaço propício ao fortalecimento do discurso antipolítico direcionado tanto aos partidos quanto ao próprio Estado, o que permitiu a emergência de atores até então marginalizados, como os Movimento Político e Religioso.

Formular sobre o fortalecimento desses atores e suas escolhas é o objetivo deste primeiro momento, pois eles representam uma expressão do neoconservadorismo brasileiro, cuja formação decorre não ao acaso, mas das contradições presentes em nossa sociabilidade durante um período marcado pela construção de mudanças.

A gestão petista contribuiu para a ampliação desse espaço, ao mesmo tempo em que consolidou valores excludentes e repressivos, em razão das tensões geradas pela dinâmica de administração de sua coalizão.

Analisar esses elementos nos permite apreender a práxis política, isto é, o processo de aprendizagem e de intervenção na realidade, cujos desdobramentos exigem interpretação crítica e ação transformadora. O processo de aprendizagem e de construção de modos de atuação no mundo fundamenta-se na prática cotidiana e na articulação de consensos em torno de projetos de emancipação social, configurando-se como um campo marcado por disputas e processos educacionais contínuos. Dessa forma, evidencia-se a não linearidade histórica e social, expressa na práxis entre classes sociais antagônicas que buscam construir sua própria dinâmica social.

Considerando nossas fontes até o momento e os apontamentos de Freire, buscamos demonstrar a construção de uma educação política/social que se encontrava em desenvolvimento durante o período retratado. Nessa perspectiva, alguns laços foram se perdendo à medida que valores econômicos se tornavam o eixo central da lógica governamental, transformando esses dados não em melhorias econômicas de uma classe, mas em um processo libertador de classes, permitindo, assim, o fortalecimento econômico sob a perspectiva humana.

1.2 O YouTube como um novo espaço de atuação política: educação com valores neoconservadores

Como apresentado inicialmente neste capítulo, o pensamento neoconservador, embora tenha emergido no contexto norte-americano, encontrou nos acontecimentos políticos e sociais brasileiros um terreno fértil para sua consolidação. Tal fenômeno se deve, em grande parte, às contradições históricas e à dinâmica política da coalizão liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) à frente do governo federal. Esse processo promoveu a inserção da nova classe trabalhadora (Chaui, 2013) no mercado de consumo; contudo, gerou simultaneamente um afastamento entre o governo e segmentos dessa classe que não reconhecem sua nova condição de consumo como resultado direto das políticas públicas implementadas pela referida coalizão.

Outro aspecto relevante para a compreensão da expansão do espaço ideológico neoconservador reside na manutenção, por parte do bloco governista, das estruturas

políticas pré-existent, conferindo à gestão um caráter de continuísmo. Essa permanência institucional contribuiu para que tanto a nova classe trabalhadora em ascensão econômica quanto a tradicional classe média passassem a buscar alternativas fora das estruturas partidárias e das organizações estabelecidas como igrejas, movimentos sociais e sindicatos, resultando em uma reconfiguração dos espaços de organização social. Nesse contexto, novos espaços periféricos passaram a ser ocupados por discursos igualmente periféricos, como o neoconservador, que se articulam sem a presença de contrapontos institucionais ou políticos significativos como, por exemplo, na internet.

Antes de abordar os aspectos educacionais do YouTube e a forma como o neoconservadorismo soube se apropriar desse espaço, é necessário realizar uma breve introdução sobre a construção da Internet e sua expansão no território brasileiro. Manuel Castells (2003), em sua obra *A galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*, apresenta os primórdios dessa tecnologia com o surgimento da ARPANET, desenvolvida a partir de uma rede de computadores cuja estruturação teve início no final da década de 1950 e foi concluída no final da década de 1960. (Castells, 2003)

A motivação para sua criação surgiu no contexto da Guerra Fria, especialmente após o lançamento do satélite Sputnik pela União Soviética, em 1957. Em resposta, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos buscou, por meio de parcerias com universidades, desenvolver uma tecnologia que garantisse superioridade informacional e estratégica frente aos soviéticos. Esse esforço resultou na criação de uma rede voltada ao compartilhamento de informações em tempo real, estabelecendo as bases para o que viria a se tornar a Internet. (Castells, 2003)

Essa produção humana se consolida a partir das décadas de 1960 e 1970, com dois movimentos antagônicos nos Estados Unidos os hippies e os liberais econômicos na Califórnia, na região conhecida como Vale do Silício (Barbrook, Cameron, 2018), dando forma ao conceito de *Ideologia Californiana*;

No ensaio, Barbrook e Cameron definiam a tal ideologia como uma improvável mescla das atitudes boêmias e antiautoritárias da contracultura da costa oeste dos EUA com o utopismo tecnológico e o liberalismo econômico. Dessa mistura hippie com yuppie nasceria o espírito das empresas .com do Vale do Silício, que passaram a alimentar a ideia de que todos podem ser “hip and rich” – para isso basta acreditar em seu trabalho e ter fé que as novas tecnologias de informação vão emancipar o ser humano ampliando a liberdade de cada um e reduzir o poder do estado burocrático. (Folletto, 2018, p.5).

O resultado desse encontro foi uma nova forma de atuação na economia e de compreensão sobre como as relações sociais devem ocorrer nesse espaço. A partir desse momento, esse ambiente passou a se apresentar como um local à parte da sociedade, destinado à sua própria manutenção:

A Ideologia Californiana, assim, simultaneamente reflete as disciplinas da economia de mercado e as liberdades do artesanato hippie. Esse híbrido bizarro só é possível através de uma crença quase universal no determinismo tecnológico. Já desde os anos 60, os liberais – no sentido social da palavra – esperavam que as novas tecnologias da informação fossem realizar seus ideais. Respondendo ao desafio da Nova Esquerda, a Nova Direita ressuscitou uma forma antiga de liberalismo: liberalismo econômico³⁴. Em lugar da liberdade coletiva visada pelos radicais hippies, eles defendiam a liberdade dos indivíduos no mercado. Mesmo estes conservadores não conseguiam resistir ao fascínio das novas tecnologias da informação. Nos anos 60, as predições de McLuhan eram reinterpretadas como publicidade das novas formas de mídia, computação e telecomunicações sendo desenvolvidas pelo setor privado. Dos anos 70 em diante, Toffler, De Sola Pool e outros gurus tentaram provar que o advento da hipermídia paradoxalmente envolveria um retorno ao liberalismo do passado³⁵. (Brabrook, Cameron, 2018, p.18)

A partir desses pequenos fragmentos, percebemos que a Internet e, conseqüentemente, a ideologia californiana (Brabrook, Cameron, 2018) surgem em um contexto histórico e em uma sociedade que busca negar elementos coletivos, visando o fortalecimento de valores individualistas, nos quais a resposta ou solução às demandas humanas só pode ser suprida por meio da tecnologia e do mercado, transformando a

³⁴ Rodapé do Livro: Há uma considerável confusão política e semântica quanto ao significado de “liberalismo”, nos dois lados do Atlântico. Os americanos, por exemplo, utilizam liberalismo para descrever quaisquer políticas que por acaso sejam apoiadas pelo – supostamente à esquerda do centro – Partido Democrata. Entretanto, como Lipset demonstra, este sentido estreito da palavra esconde a quase universal aceitação do liberalismo em seu sentido clássico nos EUA. Como ele diz: “estes valores [liberais] eram evidentes no século XX pelo fato de que (...) os EUA não apenas não tinham um partido socialista viável, mas também nunca desenvolveram um partido Conservador ou Tory no estilo Bretão ou Europeu”. Ver LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism: a double-edged sword*. New York: W. W. Norton, p. 31-2, 1996. A convergência da Nova Esquerda e da Nova Direita em torno da Ideologia Californiana, portanto, é um exemplo específico do consenso mais amplo em torno do liberalismo antiestatista enquanto discurso político nos EUA.

³⁵ Rodapé do livro: A respeito do sucesso de McLuhan no circuito corporativo festivo, ver WOLFE, Tom. *E se ele estiver certo?*. In: *The Pumo House Gang*. Londres: Bantam Books, 1968. Sobre o uso de suas ideias por pensadores conservadores, ver BRZEZINSKI, Zbigniew. *Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era*. New York: Viking Press, 1970; BELL, Daniel. *The Coming of the Post-Industrial Society*. New York: Basic Books, 1973; TOFFLER, Alvin. *The Third Wave*. London: Pan, 1980; DE SOLA POOL, Ithiel. *Technologies of Freedom*. Harvard: Belknap Press, 1983.

sociedade em um espaço tecnológico e de consumo, com uma suposta estrutura sem ideologia, mas puramente técnica.

Neste momento, é possível identificar alguns aspectos relacionados à Internet e, em seguida, seus impactos tanto na ideologia californiana (Barbrook, Cameron, 2018) quanto neoconservadorismo. Um dos elementos centrais é a construção ideológica que permeia o desenvolvimento da rede, fortemente influenciada pelo discurso da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos, e a suposta defesa uma liberdade de expressão considerada irrestrita. Reconhecer essa dimensão é essencial para examinar a intersecção entre os interesses comerciais do Vale do Silício e os valores culturais norte-americanos a partir da teoria de Barbrook, Cameron (2018)

À medida que a Internet se dissemina globalmente, ultrapassando os limites econômicos da cultura californiana, ela passa a configurar um novo espaço de produção e difusão de uma ideologia hegemônica (Gramsci, s.d.), pautada nos valores atribuídos ao modo de vida estadunidense. Essa hegemonia (Gramsci, s.d) se estabelece com pouca margem para o contraditório, especialmente no período histórico em análise. A própria estrutura da Internet e seus usos incorporam valores que refletem práticas culturais norte-americanas, gerando tensões e disputas nas sociedades onde sua presença se torna predominante.

Antes de aprofundarmos o papel da expansão da Internet e seus desdobramentos políticos e sociais, é necessário apresentar um conceito fundamental já mencionado por Chauí (2013), e que acabamos de utilizar: o conceito de hegemonia. Esse termo, contribuiu para a compreensão das relações de poder na sociedade, a partir da teórica do pensador Antonio Gramsci (s.d.).

Para expor esse conceito com maior detalhe, utilizaremos a obra *10 lições sobre Gramsci*, de Cezar Luiz De Mari (2023), que apresenta os principais temas do pensamento gramsciano:

Portanto, a hegemonia em Gramsci é sempre política e econômica, na medida em que as classes fundamentais afirmam sua capacidade de produzir os argumentos sociais politicamente ancorados em determinada base material. Nessa direção, os grupos sociais originados sobre uma base material, produzem os seus intelectuais, que conduzem a unidade de consciência aos grupos no campo econômico e social, organizando e mediante as relações de consenso e coerção. A luta pela hegemonia se dará na sociedade civil, onde as disputas das ideias e espaços se desenvolverão (Q 4, § 46, p. 473). Gramsci dá sequência a esta ideia (no Q 6, § 24, p. 406 e no Q 7, § 83, p.914) nos aspectos da hegemonia e divisão de poderes e da “opinião pública” estritamente

ligada à “hegemonia política”, sendo este o ponto de ligação entre a sociedade política e civil. Ele ainda irá traçar (no mesmo Q7, § 9, p.587) uma definição distinta da concepção idealista de hegemonia, vinculada exclusivamente aos domínios do “Estado”, entendido tão somente como “sociedade política”, tomando a “sociedade civil” apenas polo passivo. Trata da concepção do Estado integral, no qual a hegemonia se apresenta no modo da *filosofia da práxis*, isto é, unidade da sociedade política e civil. (Mari, 2023, p.32-3)

Com base na argumentação de Mari (2023), percebemos que o conceito de hegemonia em Gramsci amplia a compreensão sobre o processo de controle das estruturas de decisão da vida cotidiana, comumente denominado Estado. Em sua concepção, a manutenção do poder não se dá apenas por meio da coerção, ou seja, da repressão, mas envolve também o convencimento, que busca formar uma maioria capaz de garantir o funcionamento da estrutura social.

Nesse processo, a construção da hegemonia é coletiva, exigindo o aceite das ideias dominantes e, conseqüentemente, a reprodução dessa perspectiva, seja por meio de sua defesa explícita, seja por sua incorporação prática no cotidiano. A compreensão desse conceito permite aprofundar o debate sobre os impactos da expansão da Internet em nosso território e como ela contribui para a formação e disputa da hegemonia.

A partir da construção e da expansão da Internet em nosso território, observamos que o neoconservadorismo brasileiro passa a incorporar elementos da ideologia californiana (Barbrook, Cameron, 2018), adaptando-os à realidade nacional. Essa apropriação busca reformular a interpretação constitucional da liberdade de expressão, não com base nos valores jurídicos e culturais brasileiros, mas sim a partir da perspectiva da Constituição norte-americana. Além disso, há a defesa de uma liberdade mediada pelo mercado, com o objetivo de preservar os paradigmas sociais anteriores ao processo de inclusão pelo consumo, conforme discutido anteriormente.

Por fim, destaca-se o fascínio pela tecnologia ou, mais precisamente, pelas possibilidades atribuídas a empresas e aplicativos como agentes de desenvolvimento e resolução dos conflitos humanos. Trata-se de uma visão marcada por um determinismo tecnológico, que também tem influenciado parte da produção acadêmica ao abordar os processos sociais mediados pela Internet, como será discutido em seções posteriores deste texto.

É importante destacar, a fim de evitar a adoção de um determinismo tecnológico posição à qual nos opomos que o movimento neoconservador brasileiro não teve origem na Internet. Afinal, existem diversas formas de comunicação para além do meio digital, e

o intercâmbio de ideias, informações e visões de mundo entre intelectuais brasileiros e norte-americanos, no sentido gramsciano, constitui uma prática recorrente entre essas duas sociedades.

Fabiano Simões Corrêa (2013), com sua dissertação apresentada em Ribeirão Preto na Universidade de São Paulo na pós-graduação de Psicologia, intitulada *Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da internet*³⁶, oferece dados relevantes sobre a expansão da Internet no Brasil durante a primeira década do século XXI, ou seja, no período correspondente aos governos petistas;

Embora a péssima distribuição de renda no Brasil se constitua em obstáculo ao crescimento do acesso à Internet no país, o incremento do número de acessos tem se demonstrando uma constante. Segundo a 1ª. Edição da pesquisa F/Radar realizada pela F/NAZCA, publicada em março de 2007, o número de brasileiros com acesso à internet cresceu 1,5 vez entre os anos de 2001 a 2006, passando de 20 milhões para 49 milhões de usuários, representando 39% da população, com acesso (F/NAZCA) [...] O percentual de brasileiros com posse de banda larga pulou de 12% em 2008, para 31% em 2011. Além disso, pela primeira vez o acesso à Internet em casa se tornou a maior via de acesso para os brasileiros, ultrapassando o acesso pelas “Lan House” (F/NAZCA). Dados da 9ª. Edição da pesquisa F/Radar realizada em abril de 2011, indicam que continuamos crescendo, chegando à histórica marca de 51% da população com mais de 16 anos com acesso. No entanto houve uma desaceleração desse crescimento, já que este percentual é apenas quatro pontos acima dos resultados obtidos pela 3ª. Edição da F/Radar, realizada em março de 2008, quando 47% da população tinha acesso (F/NAZCA). (Corrêa, 2013, p.20)

Em 2014³⁷, observa-se uma transformação significativa no acesso à internet, impulsionada pela ampliação do uso de smartphones. Essa mudança é abordada em reportagem da *Folha de S. Paulo*, intitulada “43 milhões de brasileiros acessam internet por dispositivos móveis”³⁸, na qual são destacados dados relevantes sobre o crescimento da conectividade móvel no país;

³⁶ Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08102013-162610/es.php> > . Último acesso em 02/02/2025.

³⁷ A pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br), publicada em 31 de outubro de 2024, aponta o aumento do acesso à internet a partir das residências. Entretanto, a forma predominante de conexão ainda ocorre por meio de celulares. A pesquisa está disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2024_principais_resultados.pdf>. Um resumo pode ser encontrado na reportagem: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/31/acesso-a-internet-em-20-anos-pesquisa-tic-domicilios-2024.ghtml>>. Último acesso em: 19/08/2025

³⁸ Link da notícia: < <https://datafolha.folha.uol.com.br/mercado/2014/01/1400618-43-milhoes-de-brasileiros-acessam-internet-por-dispositivos-moveis.shtml> >. Último acesso em: 02/01/2025.

Atualmente, aproximadamente 43 milhões de brasileiros com 12 anos ou mais navegam pela internet utilizando dispositivos móveis, revela o estudo, que ouviu 2.236 pessoas em todas as regiões do Brasil. Entre outras informações, o estudo revela ainda 1 em 4 brasileiros pretende adquirir um smartphone no primeiro semestre de 2014. E o que move essa multidão? Hoje, 1 em cada 5 brasileiros costuma cometer, divulgar ou compartilhar experiências pela internet no exato momento em que elas acontecem. (Folha, 2014)

Partindo dessa breve contextualização, o YouTube, criado em 2006 na Califórnia, região do Vale do Silício, incorpora os valores associados à chamada *Ideologia Californiana*, conforme discutido por Barbrook e Cameron (2018). Essa perspectiva de mundo está vinculada a uma visão tecnocêntrica e otimista, que tende à construção de um determinismo tecnológico, no qual as transformações sociais seriam consequência direta e inevitável do avanço das tecnologias digitais.

Para problematizar esse entendimento, recorreremos à obra de Raymond Williams (2011), *Política do modernismo*, e permite um debate crítica sobre os impactos das tecnologias no cotidiano. A partir da ampliação do uso do computador no cotidiano das pessoas, Williams (2011) apresenta uma reflexão crítica sobre os efeitos das tecnologias na vida social;

Nos primeiros anos de qualquer nova tecnologia genuína, é particularmente importante clarear a mente quando ao determinismo tecnológico habitual que quase inevitavelmente vai acompanhar a novidade. “Os computadores vão tomar nossos lugares.” “O escritório sem papel dos anos 1990.” “O mundo de amanhã, do cabo e do satélite.” O pressuposto básico do determinismo tecnológico é que uma nova tecnologia – a imprensa ou as comunicações via satélite – “emerge” da pesquisa técnica e do experimento. Ela então muda a sociedade ou o setor na qual ela “emergiu”. “Nós” nos adaptamos à mudança, por ser esse o caminho moderno. Contudo, praticamente toda pesquisa técnica e todo experimento são realizados dentro de relações sociais e formas culturais já existentes, tipicamente para objetivos que já são, em geral, previstos. Além disso, uma invenção tecnológica como tal tem uma relevância social relativamente pequena. Apenas quando ela é selecionada para um investimento visando à produção, e quando ela é desenvolvida consciente para os usos sociais específicos – ou seja, quando deixa de ser uma invenção técnica para ser o que pode ser propriamente chamado de uma tecnologia *disponível* –, é que a invenção ganha relevância (Williams, 2011, p.128-9)

O fragmento de Williams (2011) contribui significativamente para a construção argumentativa deste texto, ao apresentar uma perspectiva antideterminista em relação à tecnologia. O autor defende que o uso e a funcionalidade dos recursos tecnológicos devem

ser compreendidos a partir de sua inserção social, e não por um valor intrínseco ou pré-estabelecido. Ao transpor essa abordagem para o contexto da presente pesquisa, entende-se que o movimento neoconservador brasileiro antecede a apropriação do espaço virtual. É a partir das dinâmicas da realidade nacional que esse grupo e sua ideologia se expandem, e não como resultado direto do desenvolvimento tecnológico.

Com base nessa premissa, é possível dialogar com a reflexão proposta por Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2011), na obra *Educar com a mídia: novos diálogos sobre a educação*, que oferece uma crítica pertinente ao determinismo tecnológico. Os autores afirmam que “[...] a nossa crítica tem que ser a política e não a tecnologia” (Freire; Guimarães, 2011, p. 124), reforçando a necessidade de observar os processos sociais e educacionais a partir de suas dimensões políticas e culturais.

A argumentação de Freire e Guimarães (2011) aprofunda o debate sobre o tema e lança luz sobre uma forma alternativa de abordagem, centrada na política e no fazer humano. Esse processo envolve a compreensão de que a construção de tecnologias, isto é, a produção de novas formas de interação com o mundo constitui uma dimensão permanente e necessária da existência humana. Por essa razão, estamos em constante atuação e criação.

Entretanto, quando se ignora que essas novas formas de atuação na realidade são construídas por sujeitos históricos, com interesses e contradições, e se reduz toda explicação ao modo de uso mais eficiente ou dinâmico, incorre-se em uma dualidade. De um lado, a tecnologia é vista como perfeita e capaz de facilitar todos os aspectos da sociabilidade humana, podendo inclusive substituir completamente outras formas tecnológicas e, em casos extremos, ser apresentada como substituta de seu próprio criador. De outro, é considerada imperfeita e responsabilizada pela destruição da harmonia social³⁹. Em ambas as perspectivas, há o apagamento da ação humana e da experiência subjetiva na utilização dessas ferramentas.

³⁹ Esta dualidade sobre o uso da tecnologia não é algo novo em nossa sociedade de classes. Eric Hobsbawm, em seu livro *A era das Revoluções 1789-1848* discorre sobre o movimento ludista que ocorreu na Inglaterra durante o século XIX, e que buscava a destruição das máquinas devido a compreensão de perda de emprego e as transformações das novas descobertas de seu tempo: “O descontentamento não estava ligado apenas aos trabalhadores pobres. Os pequenos comerciantes, sem saída, a pequena burguesia, setores especiais da economia eram também vítimas da revolução industrial e de suas ramificações. Os trabalhadores de espírito simples reagiram ao novo sistema destruindo as máquinas que julgavam ser responsáveis pelos problemas; mas um grande e surpreendente número de homens de negócios e fazendeiros ingleses simpatizava profundamente com estas atividades dos seus trabalhadores luditas porque também eles se viam como vítimas da minoria diabólica de inovadores egoístas.” (Hobsbawm, 2019, p.75)

Ao afirmar que a crítica deve ocorrer por meio da política, Freire e Guimarães (2011) reconhecem o valor da ação humana e da construção histórica, inserindo a invenção tecnológica em seu contexto de criação e nas disputas sociais que a sociedade produtora e usuária projeta sobre ela, bem como os impactos decorrentes de seu uso. Nesse sentido, em uma sociedade estruturada em classes, o desenvolvimento tecnológico não se dá com base em valores universais ou coletivos, mas sim como parte de uma lógica de ampliação de produtos voltada à geração de lucro para os proprietários das indústrias que detêm sua patente. Assim, o conhecimento humano e suas transformações são convertidos em valores monetários, evidenciando os limites políticos dessas criações.

O movimento que pesquisamos promove uma educação que não depende exclusivamente da tecnologia, embora esta seja um dos meios pelos quais suas ideias são disseminadas, mas não o único. Nossa pesquisa, por exemplo, apresenta fragmentos de seu material editorial, o que constitui uma forma alternativa de circulação desse conhecimento.

A circulação de ideias está intrinsecamente ligada ao processo educativo do sujeito enquanto agente de sua própria história. Portanto, atribuir esse processo exclusivamente a um fenômeno tecnológico implica reconhecer a educação sob a ótica da pedagogia bancária, conforme criticada por Paulo Freire (2019) em *Pedagogia do Oprimido*. Essa concepção reduz a educação a uma prática mecânica e transmissiva, que apresenta a realidade como algo “parado, estático, compartimentado e bem-comportado” (Freire, 2019, p. 79), negando a dimensão crítica, dialógica e transformadora do ato educativo.

A sociedade brasileira no período histórico ao qual estamos buscava produzir mudanças estruturantes e com isso se estava em disputa os rumos desta transformação, se teria como uma perspectiva a manutenção dos acordos pós-redemocratização brasileira acreditando na possibilidade de ganhos econômicos para todas as classes, ao qual pode ser representada pelos da nova classe trabalhadora (Chauí, 2013) que passa a ocupar novos espaços, gerando incomodo em outras camadas da sociedade ou uma transformação nesta forma de sociabilidade de forma radical, que era baseada em esperanças de pela primeira vez um metalúrgico assume a presidência da república e com ele a ascensão de um partido de centro-esquerda, ocorrem as conferências nacionais ao qual mencionamos.

Essa ebulição resulta na adoção de um primeiro caminho, pautado pela manutenção das conquistas e pela possibilidade de avanços graduais. Em contrapartida,

o discurso neoconservador estrutura-se em torno da defesa de uma ruptura, não com vistas à emancipação social, mas à recomposição simbólica com a nova classe trabalhadora, conforme aponta Chauí (2013). Tal recomposição tem como objetivo a opressão daqueles que não ascenderam economicamente, interrompendo, assim, os processos de transformação social. Para tanto, torna-se necessário corroer os vínculos identitários com o passado.

Nesse contexto, Maria da Glória Gohn (2001), na obra *Educação não-formal e a cultura política*, aprofunda o conceito de educação não formal. Segundo a pesquisadora, trata-se de uma fórmula educativa que ocorre fora dos espaços escolares, organizando saberes e práticas sociais que contribuem para a formação política dos sujeitos e para o fortalecimento da cidadania;

[...] trabalhamos com um conceito amplo de educação a que concebemos de forma associativa a outro conceito, o de cultura. Isto significa que a educação é abortada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e associação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações. (Gohn, 2001, p.97-8)

A partir do fragmento de Gohn (2001), compreende-se que a educação permeia todas as esferas da sociabilidade humana, manifestando-se nas experiências vividas em interação com o outro e promovendo mecanismos de construção do conhecimento, trocas simbólicas e aprendizado contínuo. Sob essa perspectiva, a prática educativa não se restringe a espaços ou horários previamente definidos, pois emerge de forma plural nas diversas situações que compõem o cotidiano social.

O YouTube, nessa perspectiva, representa um espaço que possibilita a troca entre indivíduos, gerando um processo educacional que se manifesta tanto na busca por aspectos práticos como, por exemplo, a configuração de um aparelho eletrônico quanto em dimensões políticas, como ocorre com os sujeitos que acompanham as visões desenvolvidas pelo Movimento Políticos e Religioso. Retomando a ideia presente no fragmento de Freire e Guimarães (2011), ao apresentar a tecnologia como um elemento político, é necessário, ao refletir sobre o diálogo e a educação produzida a partir dessas trocas, incluir também a dimensão política, ou seja, os interesses que emergem nesse diálogo.

Esses interesses podem se expressar na busca pela ampliação de horizontes, pelas possibilidades do fazer humano e pela construção da sociabilidade. No entanto, também

podem se manifestar em discursos que se apresentam como diálogo, mas que, na prática, visam disputar a realidade social, produzindo uma educação pautada em valores excludentes e limitadores da experiência humana, naturalizando as contradições sociais e buscando impedir o fazer histórico.

Em síntese, essa plataforma e os diálogos nela produzidos devem ser compreendidos dentro da esfera política, a fim de evitar a normalização daquilo que Freire (2019) denomina como *antidiálogo*,

Há, contudo, um aspecto que nos parece importante salientar na análise que estamos fazendo da ação anti-dialógica. É que esta, enquanto modalidade de ação cultural de caráter dominador, nem sempre é exercida deliberadamente. Em verdade, muitas vezes os seus agentes são igualmente homens dominados; “sobredeterminados” pela própria cultura da opressão⁴⁰. Com efeito, na medida em que uma estrutura social se denota como estrutura rígida, de feição dominadora, as instituições formadoras que nela se constituem estarão, necessariamente, marcadas por seu clima, veiculando seus mitos e orientando sua ação no estilo próprio da estrutura. (Freire, 2019, p. 207-8)

A definição apresentada por Freire (2019) permite a realização de uma crítica a dois conceitos que têm ganhado popularidade nos debates sobre sociedade e o uso da Internet e das plataformas digitais. Trata-se de abordagens que, em muitos estudos, apresentam características próximas ao determinismo tecnológico, especialmente ao se referirem aos conceitos de bolhas informacionais e câmaras de eco.

Sobre o primeiro conceito, partimos das contribuições de Recuero (2017), Pellizzarri Júnior (2019) e da dissertação de Daniel Felipe Emergente Loiola (2018), intitulada *Recomendado para você: O impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas*, desenvolvida no âmbito da Comunicação Social. Considerando que a plataforma em questão é o objeto de estudo, utilizaremos um fragmento desse trabalho para a definição do conceito de bolhas informacionais;

[...] o conceito de bolha dos filtros, um espaço onde as informações são sempre projetadas para irem de acordo com as ideias de casa usuário, e aquilo que é diferente acaba filtrado e invisibilizado. Sem um maior controle, acabamos sem saber o que está sendo removido por estes filtros, sem outros pontos de vista e perspectivas de pessoas diferentes. As bolhas representam um espaço em que as informações são todas controladas, de modo a melhorar a experiência de um usuário, buscando

⁴⁰ Rodapé do livro: A propósito de dialética da subordinação, ver Louis Althusser, *Pour Marx*, Paris, Maspero, 1967.

mostrar apenas o que é mais relevante, entretanto cria-se um ambiente estéril onde não é possível ver aquilo que está sendo deixado de fora.” (Loiola, 2018, p.21)

As bolhas informacionais representam uma lógica própria: a negação do diálogo. No entanto, essa ausência de diálogo não é uma construção da tecnologia em si, mas resulta da forma como determinados sujeitos compreendem a realidade e utilizam esses espaços para produzir uma sociabilidade artificial, que não se orienta pelo questionamento, mas pela reafirmação de valores e costumes previamente estabelecidos. Observar esse fenômeno exclusivamente sob a ótica da bolha é reduzir o sujeito a uma condição desvinculada da realidade, como se toda a sua experiência se limitasse a um ambiente controlado e não dialógico, atribuindo à tecnologia o poder de definir seus rumos.

A experiência humana envolve, sim, o uso da tecnologia por determinados grupos sociais; contudo, os debates e posicionamentos que emergem desse uso nem sempre encontram espaço efetivo de atuação no cotidiano dos sujeitos. Isso ocorre porque tais posicionamentos estão condicionados à forma como cada indivíduo compreende a realidade, o que envolve tanto fatores objetivos como as condições econômicas quanto aspectos subjetivos, como o grau em que determinada informação faz sentido dentro de sua dinâmica social e prática cotidiana.

Já em relação ao conceito de *câmara de eco*, partimos das contribuições de D’Ancona (2018), Ferreira (2022) e Oliveira, Medeiros e Mattos (2020). Assim como no caso das bolhas informacionais, utilizamos como referência teórica o trabalho de Raquel Recuero, Felipe Soares e Gabriela Zago (2021), no artigo *Polarização, Hiperpartidarismo e Câmaras de Eco: Como circula a desinformação sobre Covid-19 no Twitter*,

Neste estudo, entendemos “câmaras de eco” como grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência a informações que reforcem uma narrativa política em particular (de forma semelhante a BARBERÁ et al., 2015; e RECUERO et al., 2017). Como destacado acima, sabe-se que estes usuários são expostos em algum nível a informações antagônicas, inclusive as criticam para fortalecer seus posicionamentos (como visto por LARSSON, 2019; e SOARES et al., 2019). Ainda assim, as informações compartilhadas por usuários em uma câmara de eco representam uma “dieta midiática” distinta daqueles que não fazem parte do grupo. Neste sentido, a formação da câmara de eco é problemática porque pode criar o que Benkler et al. (2018) chamam de “Propaganda Feedback Loop”, ou seja, um ecossistema de informação em que uma variedade de usuários (incluindo líderes de

opinião, veículos hiperpartidários, etc) busca formas de reforçar uma narrativa específica, muitas vezes gerando maior radicalização dos usuários e aumentando a circulação de desinformação. (Recuero, Soares, Zago, 2021, s.n)

Embora o conceito de câmaras de eco reconheça e incorpore elementos do contraditório e da práxis cotidiana do sujeito, sua formulação e atuação na realidade não configuram um diálogo autêntico, mas sim um falso diálogo. Assim como ocorre na constituição das bolhas informacionais, esse fenômeno não é uma criação da tecnologia, mas resulta da apropriação dos recursos tecnológicos por sujeitos que os utilizam para validar e propagar permanências históricas. Trata-se de uma dinâmica que busca impedir o reconhecimento de outras perspectivas, negando a possibilidade de que diferentes sujeitos observem e compreendam a realidade sob outros prismas.

Essa postura não se orienta pela curiosidade ou pelo interesse em ampliar horizontes, mas pela reafirmação de uma visão de mundo específica, que transforma a construção social em um processo linear, pautado por características e valores que se encontram em constante estado de defesa. Tal dinâmica busca legitimar, por exemplo, o conceito distorcido de uma identidade judaico-cristã e a argumentação de ataques ao modo de vida ocidental, conforme apresentado pelo Religioso (2020).

O que une esses conceitos é o distanciamento em relação à práxis social, bem como a desconexão com a experiência cotidiana, que envolve a atuação com o outro, o uso da tecnologia e as posições assumidas pelo sujeito posições essas que se transformam ao longo de sua trajetória de vida, conforme sua compreensão do mundo. O debate parte da perspectiva de que essas informações ou visões sociais ocorrem exclusivamente nesse espaço, e que apenas nele é possível acessá-las. Assim, o sujeito, ao entrar em contato com tais conteúdos, perde sua consciência crítica e é absorvido pela lógica apresentada por essas informações.

Ao refletirmos sobre ambientes controlados, com circulação restrita de informações e sem abertura para outras perspectivas como ocorre nas bolhas informacionais (Loiola, 2018) ou na filtragem de conteúdo que busca reforçar uma visão de mundo específica, como nas câmaras de eco (Recuero, Soares e Zago, 2021), não estaríamos, de fato, diante da lógica da educação bancária criticada por Freire (2019)?

Esta concepção “bancária” implica, além dos interesses já referidos, outros aspectos que envolvem sua falsa visão dos homens. Aspectos ora explicitados, ora não, em sua prática. Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo

e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo espacializado neles e não aos homens como “corpos conscientes” (Freire, 2019, p.87)

Ao propor esta perspectiva sobre o fenômeno, não se trata aqui de negar a relevância da velocidade, da atenção e da retenção que os algoritmos buscam afinal, plataformas como o YouTube operam sob a lógica do lucro, em que os cliques e o tempo despendido diante das telas geram dados e receitas publicitárias que sustentam o modelo de negócios dessas empresas. O que se pretende, no entanto, é evidenciar que essa dinâmica está inserida no contexto mais amplo do capitalismo, e, portanto, seu enfrentamento não pode se limitar à crítica de seus efeitos imediatos como a apropriação desses espaços por movimentos políticos e religiosos mas exige uma análise aprofundada das causas estruturais que levam parcelas da população a permitir que o YouTube, e consequentemente esses canais, obtenham lucro.

Essa reflexão nos convoca a investigar não apenas os mecanismos tecnológicos envolvidos, mas também os fatores sociais, econômicos e culturais que tornam esses espaços atrativos e legitimados por determinados grupos. Em outras palavras, é necessário deslocar o foco da crítica dos sintomas para: quais as causas que levam uma parcela da população a permitir que o YouTube e consequente estes canais, ganhem dinheiro?

Compreendendo que a educação bancária apresentada por Freire (2019) nos permite um novo campo de reflexão que não é tecnológico, mas social, englobando também a tecnologia e a educação que cada período histórico constrói a partir de sua estruturação. Um dos aspectos discutidos sobre as informações e notícias na internet decorre da velocidade com que a informação é transmitida, gerando, assim, problemas na sociabilidade. Entretanto, qual era a sociabilidade brasileira no período anterior ao surgimento das plataformas digitais? Já não apresentávamos elementos constituintes de violência, exclusão e uma forma de compreensão da realidade pautada pela visão bancária descrita acima?

Mas retornemos ao debate sobre a velocidade da informação a partir das plataformas na internet. Para isso, parto do livro *Alienação e Aceleração: Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna* (2022), de Hartmut Rosa⁴¹, que apresenta a seguinte reflexão,

⁴¹ Professor de Sociologia e Teoria Social na Universidade Friedrich- Schiller em Jena, Alemanha, e diretor do Max- Weber-Kolleg na Universidade de Erfut. Além disso, já atuou como diretor da conferência

Com o efeito, a ideia de uma mudança significativa no tecido temporal está presente em análises “clássicas” da sociologia, por exemplo, quando Marx e Engels afirmam no *manifesto Comunista* que, na sociedade capitalista “tudo que é sólido se desmancha no ar”, quando Simmel identifica a intensificação de estímulos nervosos e a rapidez da experiência sociais da transformação como característica centrais da vida metropolitana (e, portanto, da Modernidade); quando Durkheim define a anomia como provável consequência de mudanças sociais que ocorrem rápido demais para que as novas formas de sociabilidade e moralidade se desenvolvam; ou, por fim, quando Weber – seguindo Benjamim Franklin – define a ética protestante como uma ética da disciplina temporal rigorosa, que considera a perda de tempo como “o mais mortal de todos os pecados⁴²”, Vê-se, desse modo, que os clássicos foram obviamente motivados, ao menos em parte, por uma percepção vívida do processo de aceleração que testemunharam observando a vida moderna. (Rosa, 2022, p.17)

Com este fragmento de Rosa (2022), gostaria de pontuar que a percepção da aceleração em nossa sociedade não é uma novidade, mas sim uma permanência de um modelo social ao qual estamos inseridos, fundamentado na divisão do trabalho, no processo de alienação e em outros fenômenos característicos do capitalismo. Isso não significa que devemos deixar de questionar esse fenômeno em sua forma atual, mas sim que é necessário observar esse processo para além do ambiente da informação, das notícias e da internet. É necessário reconhecer a relação de exploração que a sociedade produz e reproduz.

Reconhecer esse movimento de exploração tem como base o debate sobre a emancipação social, a qual não se dá de forma automática, mas por meio de um processo de trocas de conhecimentos e da construção coletiva de uma educação capaz de superar a contradição existente entre uma “educação para o homem-objeto” e uma “educação para o homem-sujeito” (Freire, 2021, p. 52). Partindo da compreensão de que o tempo ou, mais precisamente, a aceleração do tempo (Arantes, 2014) é uma construção histórica, observa-se que nossa relação social tem nos apresentado essa aceleração como uma exigência das atribuições cotidianas, ao mesmo tempo em que nos impõe a escassez de tempo.

Dessa forma, é necessário observar não apenas a velocidade com que as informações circulam, mas também os elementos econômicos que nos conduzem a um consumo e uma produção desenfreados. Esse processo de aceleração tem arrastado

internacional “Filosofia e Ciências Sociais” em Praga, e por muitos anos foi vice-presidente e secretário-geral do Comitê de Pesquisa (Cocta) da Associação Internacional de Sociologia (ISA). Também editou a revista internacional *Time & Society*. Recebeu inúmeros prêmios; entre eles, o Tractatus Award, o Erich Fromm Preis e o Annual Rob Rhoads Global Citizenship Education Award 2020.

⁴² Rodapé do livro: Weber, 1930.

consigo toda a esfera humana, provocando impactos profundos em alguns casos, quase irreversíveis/irreversíveis sobre o planeta.

Realizar o debate sobre esse processo para além do determinismo tecnológico permite observar as contradições da lógica social vigente. Trata-se de questionar não apenas o uso da tecnologia, mas sobretudo quem a detém, como ela é utilizada e de que forma tem contribuído para a manutenção das contradições sociais. A tecnologia, nesse sentido, não é neutra: ela está inserida em relações de poder e interesses econômicos que moldam sua aplicação e seus impactos.

Pedro Ivan Christoffoli (2017), em seu texto *O debate sobre a ciência e tecnologia na superação do modo de produção capitalista: lições do processo russo e questões da atualidade*, reforça esse argumento ao destacar a impossibilidade de analisar a tecnologia dissociada de sua dimensão política. Seu texto contribui para ampliar o questionamento ao qual apresentamos que o desenvolvimento tecnológico, distante de ser um processo meramente técnico ou inevitável, está intrinsecamente vinculado às estruturas sociais e econômicas que o sustentam;

São diversas as correntes que questionam a neutralidade das tecnologias. Toda opção tecnológica implica tomar decisões que afetam pessoas, o ambiente etc. Afeta mais uns do que outros; positivamente uns e negativamente outros; responde a escolhas, portanto. Tem consequências e afeta diferente as pessoas. Nesse sentido, qualquer tecnologia é política! (Thomas, 2013) (Christoffoli, 2017, p.143)

Como aponta o autor, a tecnologia atua sobre os sujeitos, porém não de forma homogênea. Com a expansão da Internet e a proliferação de conteúdos oriundos de movimentos políticos e religiosos, essa dinâmica não se apresenta de maneira distinta. Ao abordar a relação entre o conhecimento produzido e compartilhado nas redes, observa-se uma lógica estruturada por algoritmos⁴³, os quais determinam aquilo que é considerado mais relevante em determinado momento.

Para o funcionamento desses algoritmos, recorreremos à explicação de Amanda Chevtchouk Jurno (2016), em sua dissertação intitulada *Agenciamentos coletivos e textualidades em rede no Facebook: uma exploração cartográfica*, que contribui para o entendimento das dinâmicas de visibilidade e circulação de conteúdos nas plataformas digitais;

⁴³ Um exemplo da lógica da questão dos algoritmos podemos localizar em: < <https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/> >. Último acesso 26/11/2024

Os algoritmos são um dos responsáveis pela materialização do que entendemos como “Feed de notícias”, que funciona como uma composição fluida que, com base nos bancos de dados que armazenam os rastros digitais, exhibe os posts selecionados no momento em que o usuário acessa seu perfil pessoal. Além disso, os algoritmos são o cerne do Facebook. Will Oremus, escritor de tecnologia do site Slate, define os algoritmos do “Feed de notícias” como capazes de nos fazer sentir felizes ou tristes, expor-nos a ideias novas e desafiadores [...]” (Jurno, 2016, p.37)

Ao observar a argumentação de Jurno (2016), é necessário analisar com atenção um aspecto fundamental: quando se apresenta a lógica segundo a qual os algoritmos têm o poder de nos tornar tristes ou felizes, considerando o que nos é mostrado, talvez devêssemos inverter a perspectiva e perguntar quem é o sujeito que produziu esse conteúdo capaz de afetar nossas emoções? Ou seja, qual indivíduo, ao postar determinado material, conseguiu provocar em mim uma reação emocional?

Essa forma de compreensão nos conduz a um processo de diálogo entre sujeitos, uma troca simbólica ainda que mediada pela distância que comunica algo, atribui sentido e gera aprendizado. Assim, a compreensão dos algoritmos não deve se limitar à visão tecnicista, que os trata como fenômenos exclusivamente tecnológicos, debatidos apenas sob a ótica da computação, como se fossem entidades quase divinas capazes de transformar tudo ao nosso redor, inclusive nossos sentimentos.

Na perspectiva que propomos, os algoritmos devem ser compreendidos como produções humanas, carregadas de significados e potencialmente utilizadas como instrumentos de humanização ou desumanização. Os programadores, nesse contexto, devem ser reconhecidos como trabalhadores cuja função é garantir o funcionamento da estrutura técnica e não como agentes capazes de manipular nossas emoções diretamente. Trata-se, portanto, de resgatar a dimensão social e política da tecnologia, reconhecendo sua inserção nas relações humanas e seu papel na construção de sentidos.

Cathy O’Neil⁴⁴ (2020), em seu livro *Algoritmos de destruição em massa*, apresenta uma crítica à forma como os algoritmos vêm sendo utilizados por empresas de tecnologia e pelo mercado financeiro para sustentar o funcionamento do capitalismo, por meio da construção de bases de dados a partir das nossas informações;

⁴⁴ Cathy O’Neil é Ph.D. em matemática pela Universidade de Harvard e pós-doutora pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology). Durante a crise de 2008, trabalhou com métodos quantitativos para o fundo de hedge D.E. Shaw, e depois para a Risk Metrics, uma empresa de software de risco. Atualmente é professora no Barnard College, de Nova York.

Recentemente⁴⁵, o Google processou imagens de um trio de felizes jovens afro-americanos e o serviço automático de marcação de fotos os identificou como gorilas. A empresa se desculpou profusamente, mas em sistemas como o do Google, erros são inevitáveis. Tratou-se provavelmente de aprendizado de máquina defeituoso (e não um funcionário racista na sede da empresa) que levou o computador a confundir *Homo sapiens* com nosso primo próximo, o gorila. O próprio software havia folheado bilhões de imagens de primatas e feito suas próprias distinções. Ele se concentrou em tudo desde tonalidades de cor à distância entre os olhos e formato da orelha. Aparentemente, porém, não havia sido testado completamente antes do lançamento. (Neil, 2020, p.241)

Neste fragmento, evidencia-se a construção humana presente na tecnologia, o que evita uma visão de determinismo tecnológico. A associação apresentada no texto tem como base preceitos humanos, como o erro, a posição política, entre outros. Ao apresentar essa construção apenas pela lógica da tecnologia, os fatores subjetivos do indivíduo passam a ser vistos como elementos atípicos em nossa sociedade. No entanto, é fundamental reconhecer que a sociedade é composta por indivíduos com diferentes formas de compreender e atuar no mundo. Assim, o campo do trabalho é um elemento da vida no qual a singularidade pode se expressar por meio do fazer humano, como exemplificado no caso mencionado. Na continuidade de seu texto, a autora demonstra os demais impactos provocados por essa tecnologia;

Erros assim são oportunidades de aprendizado — desde que o sistema receba feedback sobre o erro. Nesse caso, recebeu. Mas a injustiça permanece. Quando sistemas automáticos analisam nossos dados para nos medir e dar um e-score, eles naturalmente projetam o passado no futuro. Como vimos nos modelos de sentenças por reincidência e nos algoritmos de empréstimos predatórios, é esperado que os pobres permaneçam pobres para sempre e são tratados de acordo com isso — são-lhes negadas oportunidades, são detidos com maior frequência, e extorquidos por serviços e empréstimos. É inexorável, muitas vezes oculto, para além de contestação e injusto. (Neil, 2020, p.242)

Apesar dos apontamentos relevantes, nos quais responsabiliza as empresas como principais geradoras dos problemas relacionados ao uso dos algoritmos, a autora não aprofunda seu discurso a ponto de propor uma ruptura com o modo de produção capitalista. Sua proposta parte da ideia de desenvolver uma tecnologia mais justa, o que

⁴⁵ É importante ressaltar que em seu livro, ela apresenta a influência humana no processo da programação, logo, das pessoas serem lidas como de gorilas, representa um equívoco de programação.

nos leva a um questionamento essencial: como é possível produzir algo mais justo dentro de uma estrutura social que depende da desigualdade para se manter?

A desigualdade, da qual o desenvolvimento capitalista depende para seu funcionamento, torna-se o elemento que garante ao movimento neoconservador brasileiro maior facilidade para ocupar os espaços de circulação de ideias. Isso ocorre porque tal movimento não enxerga a desigualdade como um problema, mas sim como uma forma legítima de organização social, na qual apenas aqueles que se esforçam conseguem prosperar. Dessa forma, não há a necessidade de transformar a sociabilidade, mas sim de fortalecer os elementos de contradição como o próprio capitalismo, a repressão e a exclusão que sustentam essa lógica.

Jung Mo Sung (2018), em seu livro *Idolatria do dinheiro e Direitos Humanos: Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*, apresenta um fragmento da entrevista de Margaret Thatcher que nos ajuda a refletir sobre o movimento neoconservador e sua inserção na sociedade,

Na verdade, o objetivo do neoliberalismo não se restringe ao campo da economia. Em 1981, numa entrevista concedida ao jornal **Sunday Times**, diante da pergunta do repórter sobre suas prioridades, Thatcher respondeu: “O que tem me irritado no direcionamento da política nos últimos trintas anos é que sempre tem sido em direção à sociedade coletivista. Pessoas se esqueceram da sociedade de indivíduos. [...] não é que eu estabeleci, na verdade, uma mudança na abordagem, e a mudança na economia é um meio de mudar essa abordagem. Se você muda a abordagem, você, na verdade, está querendo mudar o coração e a alma da nação. **Economia é método; o objetivo é mudar o coração e a alma**” (THATCHER, 1981, grifo nosso).” (Sung, 2018, p.78)

Os neoconservadores brasileiros também utilizaram plataformas como o YouTube para conquistar corações, conforme apresentado por Thatcher (Sung, 2018), partindo da lógica de que essas ferramentas são apenas mais uma forma de atuar na realidade, ampliar seu processo de educação e inserir sua visão de mundo. Para isso, torna-se fundamental a defesa irrestrita da liberdade de expressão, baseada na Primeira Emenda norte-americana. O discurso acrítico em torno desse conceito é apresentado como um valor central para o contexto brasileiro desses movimentos, sobretudo porque uma das críticas e perigos atribuídos ao governo petista reside na suposta ameaça de uma ditadura de partido único e do bolivarianismo, como mencionado na primeira seção deste capítulo, que restringiria a liberdade de expressão.

O coração de uma parte dos brasileiros foi conquistado a partir da defesa da liberdade e do fim da suposta ditadura petista que estaria sendo gestada. Entretanto, a democracia que esses grupos defendem não representa uma democracia real, mas sim um processo que permite a continuidade de supostos privilégios, sustentado por uma lógica social sem construção coletiva e sem participação popular pautada apenas pela circulação de produtos e pelo consumo. Nesse contexto, a construção do imaginário sobre a ditadura civil-militar brasileira é evocada não por seus horrores e violências, mas por sua idealização como uma estrutura funcional que teria vencido os perigos e inimigos internos. Essa narrativa se apresenta, então, como uma “democracia” mais eficiente do que a lógica política vigente à qual estamos inseridos.

Para observar como esse fenômeno se manifesta em nossa realidade, utilizaremos um vídeo de cada canal⁴⁶ que servirá como fonte: um do canal Religioso e outro do Movimento Político. Começando pelo Religioso, identificamos o vídeo intitulado “A disputa pelas mentes e corações⁴⁷”, publicado em seu canal no dia 03/08/2020. Nele, há uma defesa do governo Bolsonaro a partir de uma lógica democrática específica, que, como o próprio título sugere, aproxima-se do pensamento de Margaret Thatcher, como destacado por (Sung, 2018);

[...] Ou seja, pessoal, infelizmente a gente vê uma crise de referência hoje, nós vemos ali pessoas que não acrescentam nem um pouco sendo colocadas como grandes paladinos ali da justiça, paladinos da correção da dos bons costumes, né? Paladinos assim, da luta pela, pela liberdade, né? Dá luta pelo pela Democracia da luta pelo por aquilo que é correto, mas são pessoas que quando você olha pelo histórico você vê que tem um histórico um tanto quanto dubio, né!?” “[...] Eu acho que chegamos em um momento extremamente interessante no Brasil, que apesar de descobrimos que eleger um presidente não é suficiente para que a proposta deste presidente seja colocada em prática, uma vez que há várias estruturas de poder que não desejam essa melhoria⁴⁸, mas, por

⁴⁶ Optamos por manter os equívocos de linguagem presentes tanto no Movimento Político quanto no Religioso, a fim de demonstrar o fluxo de seu pensamento e a estrutura de sua argumentação incluindo repetições de palavras e outras construções recorrentes.

⁴⁷ Disponível em: < <https://11nq.com/2Tq8T> > Último acesso: 26/10/2024.

⁴⁸ Neste momento, o religioso está argumentando sobre a dificuldade de aprovação do Marco Civil do saneamento, que buscava permitir o acesso da iniciativa privada à exploração no setor do saneamento, tirando a primazia deste processo do Estado. Sua tramitação final ocorreu em 17 de março de 2021. Embora fora do período nosso período histórico, é importante ressaltar que a maior companhia de saneamento básico do país, SABESP, teve sua autorização para privatização durante a gestão do então governador Tarcísio de Freitas em 06/12/2023. Sobre Freitas, é importante destacar que exerceu vários cargos na estrutura federal, até assumir cargo de diretor-geral do Departamento Nacional de Infraestrutura de transporte durante o governo Dilma Rousseff durante o período de 22/09/2014 até 16/01/2015, quando assumiu cargo de consultor legislativo na câmara dos deputados. Durante o Governo Bolsonaro, foi alçado ministro da Infraestrutura e se tornou um ministro importante durante a gestão. Sobre a privatização desta empresa, ela

outro lado, o povo brasileiro está vendo quem luta a favor dos interesses do povo e quem quer simplesmente manter o poder, manter o status[...]" (Religioso, 2020)

Neste fragmento podemos localizar um aspecto interessante de permanência do neoconservadorismo representando pelo Religioso e que serviu de base para as manifestações contra o bloco de centro-esquerda na gestão petista, a desconfiança ou busca de minar o Estado e sua forma de atuação. Se durante o governo petista tal estrutura era utilizada para impedir o desenvolvimento individual e servia como base de perpetuação de corrupção e que se encontrava a serviço de interesses escusos, agora ele busca destruir a última possibilidade de liberdade do país, ou seja, ao tentar destruir a gestão de Bolsonaro e o desenvolvimento econômico com ações como o Marco Civil do Saneamento, além dos corruptos buscam garantir seus privilégios perante o povo.

O Religioso (2020) busca aproximar seus consumidores de uma defesa irrestrita da figura de Bolsonaro, ressaltando seu caráter como alguém que luta a favor do povo e enfrenta dificuldades impostas por um inimigo que mente para a população, apresentando-se como preocupado e comprometido com a construção de melhores condições sociais e políticas. Trata-se de uma retomada do embate entre valores de bem e mal, no qual o campo de Bolsonaro e de seus seguidores é associado à luz. Seu argumento tem como perspectiva que população percebe essa disputa como uma luta por sua própria melhoria.

Em seu livro *Davi: O homem protegido por Deus* (2014), o Religioso apresenta o seguinte argumento:

"[...] Assim como o inimigo constrói seus guerreiros malignos através de elaborados rituais de magia negra, Deus também prepara seus soldados por meio de uma santificação que, por vezes, atravessa gerações. Nestes últimos dias, o inimigo está construindo seu exército cada vez mais acelerado. Ele está preparando outro Golias, sua arma secreta, o opositor, de Cristo, que fará grandes maravilhas e iludirá a muitos com sua feitiçaria. Porém, assim como Deus enviou Davi para derrotar Golias, o Senhor está preparando outros servos armados para derrubar os gigantes dos últimos dias. Quem sabe você, caro leitor, não é um desses soldados especiais? Fica a reflexão.... Um abraço, Daniel Lopez (Religioso, 2014, p.208)

Este fragmento do livro, apresentado seis anos antes do vídeo, demonstra uma permanência na forma como o Religioso constrói sua leitura das disputas sociais a partir da dimensão religiosa. Se no vídeo ele argumenta sobre supostos paladinos (Religioso, 2020) no livro ele apresenta a figura de guerreiros malignos (Religioso, 2014). Se no livro ele afirma que Deus enviou Davi para enfrentar Golias (Religioso, 2014), no vídeo ele sugere que Bolsonaro está sozinho diante de seus adversários (Religioso, 2020), e que é necessário ampliar o número de seus apoiadores nesse campo (Religioso, 2020). Em seu texto, ele argumenta que Deus estaria produzindo soldados especiais para enfrentar os novos desafios e indaga se o próprio leitor não seria um deles (Religioso, 2014).

Seu método de educação, como se observa até o momento, é pautado pelo confronto. Embora recorra a elementos bíblicos para embasar suas posições, ele não apresenta alternativas de construção de caminhos pacíficos ou soluções para os conflitos sob perspectivas acolhedoras. Com isso, sua visão de mundo se transforma em um espaço massificado, sem abertura para o diferente ou para novas descobertas.

Se, por um lado, o neoconservadorismo do Religioso (2020) busca cativar e educar seus seguidores sobre a importância de aprovar as medidas do governo de Messias, estimulando uma visão de guerra e defesa irrestrita ao governo e desejando o engajamento ativo de seus telespectadores, o Movimento Político (2020) apresenta um certo distanciamento em relação ao governo. Isso pode ser observado no vídeo postado em 02/09/2020, intitulado ‘*BRASIL VIROU VENEZUELA*’⁴⁹:

“[...] enquanto se monta um estado policial⁵⁰ é a coisa mais assustadora porque é o que aconteceu na Venezuela, o que, que foi que rolou na Venezuela? Hum?! Governo populista dando dinheiro benefício de um lado e montagem de um estado policial do outro. O que Bolsonaro, tá fazendo agora no caso Witzel é o enfrentamento do presidente como o governador igual tinha na Venezuela, montagem deste aparato, já, já, tem as montagens das milícias revolucionárias bolsonaristas que vão seguir. I ao mesmo tempo, tome bolsa, tá? Repito, o que tá acontecendo no Brasil, aqui, é o que acontece em ditaduras populistas e em regimes populistas, que destroem a democracia. É um roteiro que a gente já conheceu na América Latina, então mais do que bolso-petismo como a gente fala a gente vê o bolso-chavismo acontecer e isso que aconteceu

⁴⁹ Disponível em: < <https://sl1nk.com/IEajT> >. Último acesso em: 26/10/2024

⁵⁰ O processo de formação de um estado policial tem relação com a disputa política do então governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel e a família Bolsonaro, para se aprofundar mais sobre esta disputa recomendamos: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/28/eleito-com-apoio-de-bolsonaristas-proximidade-de-witzel-com-a-familia-bolsonaro-nao-durou-muito.ghml> >. Último acesso em 26/10/2024.

com o Wilson como repito é só a ponta do iceberg, divulgue este vídeo espalhe este vídeo as pessoas precisam entender o que está acontecendo. Este final que eu coloquei no vídeo é a demonstração clara que a gente está vivendo um momento muito perigoso” (Movimento Político, 2020)

O distanciamento do Movimento Político em relação ao governo de Jair Messias Bolsonaro parte da compreensão de que as ações promovidas até então, em vez de fortalecer os elementos democráticos, estão corroendo a democracia brasileira. Ao comparar a gestão bolsonarista com a revolução bolivariana na Venezuela⁵¹, a análise busca demonstrar que o governo de Bolsonaro não se pauta por valores democráticos, mas sim por uma aproximação com a forma de governar do Partido dos Trabalhadores (Movimento Político, 2020).

Dessa forma, o Movimento Político constrói perante seu público a ideia de que o governo não compartilha dos valores e premissas da direita liberal tanto na perspectiva econômica, como evidenciado pelo auxílio emergencial durante a pandemia, quanto no campo das liberdades de expressão e políticas, especialmente diante da possibilidade de implementação de um projeto de controle total sobre a estrutura estatal.

O método educacional adotado até o momento pelo Movimento Político baseia-se na negação, exclusão e comparação. Ele nega as contradições políticas inerentes à gestão pública, ao mesmo tempo que ignora os problemas do neoliberalismo em nossa sociedade. Atribui a Bolsonaro a incapacidade de fazer política e de se comportar como um “verdadeiro liberal”. A partir dessa crítica, o Movimento exclui qualquer possibilidade de liberalismo na gestão vigente, desconsiderando suas ações e buscando criar um sentimento de pertencimento e exclusividade entre seus membros.

Por fim, assim como o Religioso, o Movimento Político necessita de um “outro” um oposto para formular seu discurso, evitando enfrentar os problemas reais de uma sociabilidade plena. Nesse processo, resgata o imaginário antipetista como ferramenta para criticar o bolsonarismo, não oferecendo uma crítica inédita, mas sim reciclando

⁵¹ Este discurso produzido pelo Movimento Político não discorre sobre a historicidade do processo da Revolução Bolivariana, seus limites e contradições. Para aprofundar sobre este processo, recomendamos os livros: *A Venezuela que se inventa: Poder Petróleo, e intriga nos tempos de Chávez* (Gilberto Maringoni); *El Golpe Fascista contra Venezuela* (Hugo Chávez); *A Folha de S. Paulo e o Governo Hugo Chavez (2002-2005)* (Tiago Santos Salgado); *A guerra de Hugo Chávez em seu labirinto* (Núnzio Renzo Amenta); *Hugo Chávez em seu labirinto* (Flávio da Silva Mendes); *Ecos do Libertador* (Brites Figueiredo); *Comandante* (Rory Carroll). Para uma possível relação entre o governo venezuelano e brasileiro, recomendamos: *Brasil e Venezuela: Histórico das relações trabalhistas de 1989 até Lula e Chávez* (Wallace Moraes) e *Governados por quem? Diferentes plutocracias nas histórias políticas de Brasil e Venezuela* (Wallace Moraes)

antigos preceitos que podem atrair novos apoiadores ao se posicionar como o verdadeiro representante do liberalismo.

Ao compararmos os dois fragmentos, observamos discursos sobre as construções e os rumos da democracia, embora sob perspectivas distintas. Enquanto o Religioso (2020) entende a preservação da democracia como dependente da manutenção do governo Bolsonaro, sua defesa representa não apenas a defesa da democracia, mas também a última esperança de mudança para o país. Embora não cite diretamente o nome do governador do Rio de Janeiro, seu discurso ironizando os “paladinos da justiça” remete a Wilson Witzel e à saída do então ministro da Justiça, Sergio Moro⁵² juiz responsável pela condução da operação Lava Jato, que culminou na prisão do ex-presidente Lula, impedindo sua participação na eleição de 2018, vencida por Bolsonaro.

Segundo o Religioso (2020), as ações do governo não colocam em risco a democracia; pelo contrário, são as denúncias contra o governo que buscam minar esse processo de fortalecimento democrático. Outro ponto relevante é que ele apresenta um aprendizado ao longo desse processo, conforme já mencionado, partindo do princípio de que não basta apenas eleger o presidente. Assim, já se delineiam elementos de um discurso voltado para a próxima eleição e para o fortalecimento da base de sustentação do presidente.

Em contrapartida, o Movimento Político enxerga na condução do governo Bolsonaro um risco à democracia, assim como via no governo petista. Segundo essa perspectiva, ambos criaram um ambiente propício ao enfraquecimento democrático por meio da compra de apoio das classes populares, especialmente através da atuação estatal em políticas que definiram como “dar dinheiro” à população (Movimento Político, 2020), com o único objetivo de garantir sustentação política. Essa crítica, no entanto, ignora dois elementos fundamentais da realidade histórica.

O primeiro é que os auxílios sociais são, em essência, políticas de Estado e não apenas de governo. Ainda que naquele momento estivesse em discussão a criação de novos auxílios emergenciais, como o próprio nome sugere, tratava-se de uma política voltada para um período atípico. Seu funcionamento, portanto, é objeto de debate

⁵² Sobre Sérgio Moro e sua atuação como juiz na Lava-jato recomendamos o livro *Operação Lava jato: Crime, Devastação Econômica e Perseguição Política* organizado por Fausto Augusto jr, José Sérgio Gabrielli e Antônio Alonso Jr. Ainda sobre este tema recomendamos a série de reportagens da *Intercep_Brasil* conhecidas como Vaza jato <<https://www.intercept.com.br/especiais/mensagens-lava-jato/>>. Último acesso em 05/01/2025. Sobre a saída de Moro do governo Bolsonaro, recomendamos o link: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/24/sergio-moro-pede-demissao-do-governo-bolsonaro-por-interferencia-politica-na-pf>>. Último acesso em: 05/01/2025

governamental, pois não se trata de uma medida sistêmica, mas sim de caráter temporário, enquanto durar a situação emergencial. Nesse contexto, o discurso do Movimento Político busca atacar duas frentes: a atuação do Estado por meio dos auxílios e a construção de novos mecanismos voltados à garantia da dignidade humana. Essa crítica se estrutura em torno do slogan (Freire, 2019) de “bolso-petismo” (Movimento Político, 2020), que tenta unir dois campos ideologicamente antagônicos bolsonarismo e petismo como forma de reforçar sua argumentação.

O segundo fator negligenciado pelo movimento é o contexto específico do período em questão: a pandemia de COVID-19. Naquele momento, o governo federal não demonstrava disposição em criar ou ampliar o auxílio emergencial⁵³, o que contradiz a acusação de uso político imediato dessas medidas. Outro ponto destacado pelo discurso é a formação de milícias de apoio ao governo Bolsonaro, sendo a mais conhecida o grupo liderado pela ativista neofascista Sara Winter, denominado “300 do Brasil⁵⁴”, que defendia a chamada “ucranização⁵⁵” do país, elemento este sem paralelo durante a gestão petista.

Embora localizemos uma diferenciação entre os processos de compreender e analisar a realidade atividade que será desenvolvida no terceiro capítulo, neste momento, gostaria de focar no elemento que une esses dois vetores do neoconservadorismo brasileiro: a construção da democracia. Ambos constroem uma visão sobre essa temática, buscando ensinar, por meio de seus documentos, o que seria a democracia brasileira sob a gestão Bolsonaro e os limites históricos do processo que estava sendo percorrido.

Para o Religioso, o período é marcado por dificuldades, mas ainda há motivos para esperança. As dificuldades decorrem dos ataques que o presidente continua recebendo de ex-aliados. A esperança, segundo sua argumentação, reside no fato de que, apesar do pouco apoio no Congresso, Bolsonaro ainda governa e, conforme sua análise,

⁵³ Sobre o debate sobre a criação e ampliação do auxílio emergencial, recomendamos as seguintes reportagens: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/01/bolsonaro-diz-que-auxilio-emergencial-sera-r-300.ghtml>>, <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/26/bolsonaro-aumenta-valor-apos-fala-de-maia-e-propoe-r-600-a-trabalhadores.htm>>, <<https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-fala-em-auxilio-emergencial-de-r-150-a-r-300-e-poucos/>>, <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2020/10/08/oposicao-quer-manter-auxilio-emergencial-de-r-600>> e <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/esquerda-propos-auxilio-brasil-de-r-600-permanente-mas-governo-orientou-base-a-votar-contrano-congresso.ghtml>>. Último acesso: 05/01/2025.

⁵⁴ Sobre o movimento 300 do Brasil, recomendamos a seguinte reportagem: <<https://www.poder360.com.br/governo/os-300-do-brasil-que-nao-chegam-a-50-acampavam-ha-mais-de-1-mes/>>. Último acesso: 05/01/2025.

⁵⁵ Sobre o processo de ucranizar o Brasil, recomendamos a seguinte reportagem: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52900757>>. Último acesso: 05/01/2025.

apresenta resultados importantes para a economia e para a diminuição da presença do Estado na vida do cidadão (Religioso, 2020).

Já para o Movimento Político, este momento é marcado por denúncia e perigo. Denunciam as ações do governo, do qual já não se sentem representados apesar de terem apoiado Bolsonaro no segundo turno das eleições de 2018⁵⁶ rompendo relações apenas em janeiro de 2020, em razão de uma série de acusações envolvendo⁵⁷ a família do então presidente.

Segundo o Movimento Político, a gestão federal representa um período crítico não apenas para a democracia, mas também para eles e para toda e qualquer forma de oposição. Ao mesmo tempo, consideram esse governo um retrocesso político, comparando-o aos governos lulistas e chavistas, que tratam com completa repulsa.

A forma como ambos os grupos pensam a democracia não se baseia em elementos claros de construção coletiva, mas sim na figura e no controle exercido pelo presidente da República. Por isso, para o Religioso (2020), é essencial a defesa de Bolsonaro, enquanto para o Movimento Político (2020), é fundamental sua retirada da presidência esvaziando, assim, o sentido do processo democrático, reduzido à simples ocupação de um cargo.

Outro detalhe que identificamos na argumentação de ambos os grupos é a presença da certeza. Ou seja, todos se apresentam com suas visões dos acontecimentos já definidas, sem espaço para dúvidas ou abertura ao diálogo. Com isso, tanto a esperança quanto a denúncia deixam de ser, como propõe Paulo Freire (2019), instrumentos de libertação da sociedade, e passam a funcionar como elementos limitadores da ação humana. Afinal, o conceito de democracia que defendem não depende do outro, da escuta ou da construção coletiva ela já está pronta, bastando apenas seguir as instruções que o Movimento Político ou o Religioso apresentam, por isso, encontramos a disputa neste campo.

No artigo de Marcos Francisco Martins (2018), *Educação, cidadania regressiva e movimentos sociais regressivos: o MBL em questão*, encontramos elementos que nos

⁵⁶ Sobre o posicionamento do Movimento Político na eleição de 2018: <<https://noticias.uol.com.br/videos/2020/01/05/kim-nega-traicao-do-mbl-e-diz-que-bolsonaro-usa-estado-para-proteger-filho-04024C1C3170CCB96326.htm>>. Último acesso em 05/01/2023

⁵⁷ Sobre as acusações envolvendo a família Bolsonaro recomendamos: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-04/flavio-bolsonaro-e-denunciado-por-lavagem-dinheiro-e-organizacao-criminosa-no-caso-da-rachadinha.html>> e <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/bolsonaro-tenta-controlar-investigacoes-e-blindar-familia-dizem-integrantes-da-justica-e-da-pf.shtml>>. Último acesso: 21/08/2025.

permitem discutir o apelo à democracia deste campo e a importância da figura presidencial;

No âmbito político, colocam a democracia em segundo plano em relação ao mercado e seu mais livre funcionamento, como ocorreu no Chile de Pinochet; apelam ao mais rudimentar individualismo, desdenhando de movimentos sociais clássicos, por vezes até dos NMS⁵⁸ ou mesmo novíssimos; criticam organizações sociais coletivas, porque consideram que tencionam governos a agirem contra os grandes empresários, onerando-os com impostos para financiar políticas públicas. No âmbito jurídico, reivindicam o fim das garantias sociais (parciais!) da Constituição de 1988 e da legislação infraconstitucional vigente, como a que se refere ao trabalho, previdência, ambiente, crianças e adolescentes, indígenas, quilombolas, LGBT... Culturalmente, atacam os que defendem a educação pública, laica, gratuita e de qualidade, fundamentando-se em posições ideológicas também diversas, que vão do fascismo, ao liberalismo e neoliberalismo. (Martins, 2018, p.55)

É por isso que, ao abordarem a questão da democracia, nossas fontes não o fazem de fato, mas utilizam esse argumento como ferramenta para construir um projeto eleitoral que lhes permita ampliar e consolidar formas repressivas de atuação na realidade. Os neoconservadores, cujos canais estamos analisando, produzem uma educação que não oferece esperança histórica à sociedade. Em vez disso, sua resposta à ausência de esperança é o fortalecimento da repressão a defesa, como aponta Martins (2018), de uma cidadania repressiva.

Essa proposta, no entanto, não é nova em nossa sociedade. Como estruturamos na primeira parte deste capítulo, ela representa o *modus operandi* da nossa democracia. O encantamento que esse discurso provoca em parte da sociedade não se deve ao YouTube enquanto plataforma de armazenamento e acesso aos vídeos, mas ao fato de que esses canais se apresentam como humanos, como iguais. Esse é o grande trunfo de sua estratégia educacional: ao se colocarem como próximos do público, reforçam os elementos que sustentam uma sociedade baseada na opressão e na discriminação.

As pessoas que seguem e consomem essas produções acreditam estar defendendo a democracia. Um exemplo disso pode ser observado em um comentário retirado do vídeo do canal *Religioso* (2020), utilizado na construção desta parte do texto:

⁵⁸ NMS é abreviatura de Novos Movimentos Sociais.

@JorgeOliveiratm3yq O que se espera é que realmente as pessoas estejam entendendo. Precisamos mudar o congresso no máximo possível. É BOLSONARO é aliança pelo Brasil é 38 (Religioso, 2020)

A “Aliança pelo Brasil” foi o nome dado por Jair Bolsonaro ao partido que tentou fundar, e o número 38 escolhido para representá-lo remete diretamente ao revólver de mesmo calibre uma associação simbólica que não parece casual. No entanto, para o autor do comentário, apoiar e defender a criação de um partido não é visto como um ato contra a democracia, mas como uma forma legítima de participação política, seguindo os ritos eleitorais que lhe foram ensinados ao longo da vida.

Seguindo o mesmo procedimento, observamos um comentário de um seguidor do canal *Movimento Político* (2020):

@victordalolo cara eu tenho falado isso com minha família e amigos há meses. Fico satisfeito em saber que não sou o único que pensa assim.” (Movimento Político, 2020)

Neste comentário, localizamos duas estruturas: a primeira é de alguém que acompanha com preocupação os rumos da democracia brasileira. Já a segunda remete ao ambiente de pertencimento, pois encontra neste local pessoas que partilham de sua forma de visão de mundo.

O avanço neoconservador brasileiro percorre o processo de formação da nossa sociedade no início do século XXI, a partir de uma esperança de transformações sociais robustas com a chegada da coalizão do Partido dos Trabalhadores, que, na prática, acabou produzindo um tímido reformismo⁵⁹. A chegada e ampliação de uma nova tecnologia, que apresenta uma ideologia pronta e que, dentro do período histórico, foi pouco questionada, resultou em uma naturalização voltada aos valores de um mercado excludente e ao não reconhecimento da diferença, formando um campo para que ideias repressivas se organizassem novamente não pela internet/YouTube, mas pela própria estrutura social construída para o desenvolvimento da democracia do século XXI.

Mark Fisher⁶⁰ (2020), em seu livro *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*, argumenta que, após a consolidação da

⁵⁹ Para aprofundar o conceito de reformismo e seus problemas no processo de transformação, recomendamos a leitura do capítulo *A construção da solidariedade*, em especial o subcapítulo *O beco sem saída representativo de Bernstein* (p.379 – 89) no livro *O poder da Ideologia* de István Mészáros.

⁶⁰ Mark Fisher foi, escritor, crítico, teórico cultural, filósofo e professor no Departamento de Cultura Visual em Goldsmiths, Universidade de Londres, e passou a ser reconhecido por meio do seu blog *K-punk* no começo dos anos 2000 por seus textos sobre política radical, música e cultura popular. Fisher publicou diversos livros, incluindo o sucesso inesperado *Realismo capitalista* (2009), e contribuiu com diversas

hegemonia do capitalismo na década de 1990, observamos o desastre sendo construído lentamente. Afinal, nosso cenário de futuro é projetado para garantir a permanência do presente: “A tese de Fukuyama de que a história havia atingido o clímax com o capitalismo liberal pode ter sido amplamente zombada, mas continua sendo aceita, e mesmo presumida, no plano inconsciente cultural” (Fisher, 2020, p.15), sendo este o combustível do desenvolvimento do neoconservadorismo.

Ao apresentar uma sociedade fechada (Freire, 2021), ou seja, uma sociedade sem perspectivas de transformação, resta à população apenas a organização e a preservação do ambiente que garanta sua existência.

Fisher (2020) inicia seu livro *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* com uma análise do filme *Filhos da Esperança*⁶¹, cuja trama se passa em 2027, quando, por razões desconhecidas, a humanidade deixa de gerar novos nascimentos. Nesse cenário, a população acompanha o próprio fim, que se torna ainda mais palpável com a morte da pessoa mais jovem do mundo, aos 18 anos.

Ao longo de sua reflexão, Fisher argumenta que a questão central levantada pela obra é: “quanto tempo pode durar uma cultura sem o novo? O que acontece quando os jovens já não são mais capazes de produzir surpresas?” (Fisher, 2020, p.11).

Ao observarmos a primeira pergunta e a transportarmos para nossa realidade sociopolítica, é necessário realizar um recorte histórico que parte do fim da ditadura civil-militar em 1985. Esse recorte não foi escolhido ao acaso, pois marca o início de uma nova configuração política, dentro da qual os acontecimentos aqui descritos se desenrolam sendo, inclusive, um dos pilares do discurso neoconservador, como já mencionado.

Nesse contexto histórico, a primeira eleição direta para presidente, realizada em 1989, resultou na vitória de Fernando Collor de Mello sobre o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva uma vitória marcada pela interferência direta dos meios de comunicação⁶². Embora breve, o governo Collor contribuiu significativamente para o avanço do

publicações em revistas como *The Wire*, *Fact*, *New Statesman* e *Sight & sound*. Ele foi também co-fundador da editora Zero Books, e da editora Repeater Books. O mundo perdeu um pensador radical quando Fisher nos deixou em janeiro de 2017.

⁶¹ Link para o trailer do filme: <
https://www.youtube.com/watch?v=9jisy5XHAC0&ab_channel=JardinsdeSofia-filmeselivros>. Último acesso: 03/01/2025

⁶² Para se aprofundar sobre este tema, recomendamos: <
<https://www.scielo.br/j/rae/a/YX34cybzZcY83TCJkXhMYQ/?format=pdf&lang=pt>>. Último acesso em: 10/04/2025

neoliberalismo⁶³ no país, promovendo um discurso crítico ao tamanho do Estado e à atuação de seus servidores públicos.

Após esse período, Lula foi derrotado em mais duas eleições, agora pelo candidato Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, que manteve a agenda neoliberal. Somente após esse ciclo, Lula foi eleito presidente em 2002.

Sua eleição, como já apresentada ao longo do texto, não teve como objetivo a criação de uma nova sociabilidade. Embora tenha promovido alguns avanços, manteve as contradições fundantes do neoliberalismo brasileiro. Ao buscarmos formular uma resposta para essa questão por meio da análise da gestão da sociabilidade e da gestão do governo federal tema abordado neste momento do texto, chegamos ao número de 29 anos: o tempo decorrido entre a vitória de Collor e a eleição de Bolsonaro. Não se trata de afirmar que a sociedade não tenha produzido novos fenômenos e experiências de sociabilidade, mas sim que sua eleição, juntamente com o fortalecimento dos movimentos neoconservadores brasileiros nesse período, representa a ausência de uma construção do novo. Esses movimentos assimilam valores com os quais sempre tiveram contato, mesmo reconhecendo seus limites e contradições.

Já em relação à segunda questão apresentada no fragmento de Fisher (2020), e partindo do nosso universo de pesquisa, retomamos a obra (2019) *Como um grupo de desajustados derrubou a presidente MBL: A origem*;

Pro inferno todos eles, pro inferno este país! Pra que servia essa merda de pátria? Pra que tentar tocar minha empresa, tocar minha vida, fingir normalidade num cenário de loucos? De que adiantava adiar o inadiável? Havia um fio condutor, que se iniciara naquela tarde de junho, em meio ao povo na Paulista, e se encerrava naquele corredor mofado repleto de canalhas. Até quando iria negar meu chamado? Até quando me esconderia em Vinhedo, das uvas e radares, buscando me apagar? *Eu já estou morto*, pensava. E estava mesmo! O que mais teria eu a perder? Eu era o pária, ali, de pé, isolado em busca de “justiça”. (Movimento Político, 2019, p.69)

Nesses momentos, observa-se uma tendência de combate ou questionamento ao instrumento ou sistema que os colocou nessa condição. Trata-se, portanto, não necessariamente da busca por criar algo, mas da tentativa de atribuir culpa a alguma estrutura ou agente específico. No contexto brasileiro, isso se traduziu na valorização de premissas do pensamento neoconservador, uma vez que tal perspectiva não produziu uma

⁶³ Para saber sobre o processo da ampliação do neoliberalismo na sociedade brasileira, recomendamos o artigo: < http://www.cih.uem.br/anaais/2013/trabalhos/240_trabalho.pdf>. Último acesso em 10/04/2025

nova sociabilidade, ao mesmo tempo em que definiu um responsável pelos problemas sociais vivenciados: o Estado e seu bloco dirigente.

É igualmente relevante notar que, diante da incapacidade de produzir o novo e, conseqüentemente, de se surpreender com ele, a sociedade tende a depositar suas esperanças e frustrações em elementos de uso cotidiano. No caso brasileiro, destaca-se o YouTube como espaço simbólico dessa projeção. Assim, nossa formação educacional, que não se orienta pela criação de rupturas ou surpresas, acaba por atribuir a elementos não humanos a responsabilidade pela condução da história, gerando uma relação de indignação e esperança não no fazer coletivo, mas na tecnologia.

Paulo Freire (2024), em sua obra *Política e Educação*, apresenta uma reflexão relevante sobre a formulação da educação burguesa no âmbito escolar, contribuindo para a compreensão crítica desse processo:

Tenho dito várias vezes, mas não é mau repetir agora que não foi a educação burguesa a que criou a burguesia, mas a burguesia que, emergindo, conquistou sua hegemonia e, derrocando a aristocracia, sistematizou ou começou a sistematizar sua educação que, na verdade, vinha se gerando na luta da burguesia pelo poder. A escola burguesa teria de ter, necessariamente, como tarefa precípua dar sustentação ao poder burguês. Não há como negar que esta é a tarefa que as classes dominantes de qualquer sociedade burguesa esperam de suas escolas e de seus professores. É verdade. Não pode haver dúvida em torno disto. Mas, o outro lado da questão está em que o papel da escola não termina ou se esgota aí. (Freire, 2024. p.61-2)

Freire (2024) ressalta que a construção da educação burguesa não se caracteriza necessariamente pela criação de elementos novos, mas pela sistematização do conhecimento produzido pela sociabilidade anterior. Tal perspectiva pode servir como ponte para a compreensão do que o neoconservadorismo brasileiro realizou e realiza na sociedade. Esse movimento não criou algo, seja na análise da sociedade ou na estruturação dos canais de comunicação, mas apenas conferiu sentido à educação já produzida pela sociedade brasileira. Isso significa reunir relações, posições, queixas e demandas historicamente não atendidas e oferecer-lhes uma saída político-social.

Por esse motivo, observamos, a partir das fontes consultadas, tendências divergentes sobre o governo Bolsonaro. Embora seu percurso e sua compreensão da organização da sociedade estejam fundamentados na noção de cidadania regressiva (Martins, 2018), tal concepção se insere em um fazer histórico, ou seja, trata-se de um projeto em disputa no interior do próprio campo neoconservador. Esse projeto busca

afastar a imaginação política da construção de novos horizontes societários, atribuindo a responsabilidade pelas transformações sociais a um número restrito de líderes e ao determinismo tecnológico e econômico.

Esse determinismo e essa sociabilidade exigem uma educação ou melhor, uma sistematização de elementos já existentes no cotidiano que se aproveita da construção de um sentido pautado pela ausência de crítica, pela necessidade constante de produção, pelo consumo e pela escassez de tempo: elementos que garantem o funcionamento do neoliberalismo. Nesse processo, a sociedade se constitui a partir de demandas imediatas, em que tudo é urgente, transferindo as demais esferas da vida para o domínio do mercado e da necessidade de segurança.

Essa construção assegurou o fortalecimento de uma via específica no caso, o espaço político. A entrada do neoconservadorismo na política, para além de se apresentar como base para a implementação de seu programa de redução do Estado de bem-estar social, deve ser compreendida também em sua dimensão cultural. Por isso, destaca-se a importância de intelectuais como Reinaldo Azevedo (2008), bem como a necessidade de compreender os argumentos do canal *Religioso*, que defende um governo cuja condução da pandemia resultou em aproximadamente 700 mil mortes⁶⁴, ou ainda a posição do *Movimento Político*, que inicialmente apoiou esse governo, mas rompeu com ele ao não se sentir contemplado em seus anseios.

O movimento neoconservador busca validar-se tanto na esfera política quanto na esfera cultural, utilizando, por exemplo, plataformas como o YouTube espaços que se mostram interdependentes. No entanto, essa interdependência não se dá porque tais plataformas tenham gerado ou oferecido espaço ao neoconservadorismo, mas sim porque as relações sociais no século XXI se estruturam nessa dinâmica digital. Não é o neoconservadorismo que está na internet; é a sociedade que utiliza a internet como meio de expressão e articulação. Da mesma forma, não é o neoconservador que se apropria da política, mas sim a própria política e, por extensão, a democracia que, em sua lógica de funcionamento, necessita da presença de movimentos neoconservadores para existir. Afinal, sem esses movimentos, quem defenderia as contradições sociais como as conhecemos? Como aponta Fisher (2020), é justamente essa manutenção das estruturas que garante a persistência do imaginário social vigente.

⁶⁴ Números retirados do site do Ministério da Saúde: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>>. Último acesso, 02/01/2025

A educação neoconservadora, antes de tudo, produz uma sociedade anti-humana, pois busca incapacitar os sujeitos para o diálogo, garantir a produção sem reflexão e impedir o questionamento. Coloca como função do sujeito, enquanto responsável na história, apenas gerir o que já se faz presente e, com isso, passa a cuidar das ruínas de uma construção histórica que se apresenta estéril. Paulo Freire (2019), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, nos permite questionar o quão desértica tem sido a educação moldada pelos valores do campo Religioso e do Movimento Político.

Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio⁶⁵ que os homens se fazem, mas na palavra, ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. (Freire, 2019, p.108-9)

A atuação dos movimentos político e religioso necessita do silêncio criticado por Freire (2019), pois é nesse vácuo que as contradições são percebidas, mas não questionadas, permitindo assim sua permanência. Este silêncio, não é apenas uma ausência do pronunciar, mas é a certeza do domínio sobre o próximo.

Em síntese, este capítulo buscou demonstrar que o processo de ampliação dos valores neoconservadores não surgiu ao acaso em nosso país, mas ocorreu à medida que a sociabilidade dos primeiros anos do século XXI se constituía, atravessando um forte questionamento dos pactos sociais que perdiam sua validade. Esse movimento pode ser compreendido a partir da ascensão do bloco de centro-esquerda, com a eleição de 2002, que representou a articulação de um bloco social em busca de um novo projeto de sociabilidade. Entretanto, essa gestão optou pela manutenção da estrutura vigente, evidenciando os limites institucionais presentes em nossa sociedade.

Embora tenham sido localizados elementos de mudança ao longo dessa gestão principalmente em aspectos econômicos, de inclusão social e em tentativas de transformação mais profunda, como no processo das conferências tais iniciativas não foram levadas adiante, em razão dos acordos de governabilidade firmados pelo próprio governo.

⁶⁵ Rodapé do livro: Não nos referimos, obviamente, ao silêncio das meditações profundas em que os homens, numa forma só aparece de sair do mundo, dele “afastando-se” para “admirá-lo” em sua globalidade, com ele, por isto, continuam. Daí que estas formas de recolhimento só vejam verdadeiras quando os homens nela se encontrem “molhados” de realidade e não quando, significando um desprezo ao mundo, sejam maneiras de fugir dele, numa espécie e “esquizofrenia histórica”

Nesse mesmo período, novas tecnologias foram ampliadas em nossa sociedade, entre as quais se destaca a Internet, que passou a configurar uma nova forma de organização social. Esse espaço contribuiu para o fortalecimento do neoconservadorismo brasileiro, pois permitiu a construção de consensos (Gramsci, s.d.) dentro desse campo e aproximou sujeitos propensos a compreender a realidade por esse prisma. Figuras como o Movimento Político e o Religioso disputaram e continuam a construir essa realidade, formulando uma educação que se utiliza não apenas da Internet, mas também da esfera política e das dimensões sociais e culturais, com o objetivo de garantir o formato excludente da nossa democracia.

A produção desta tese e, em especial, deste primeiro capítulo, que buscou demonstrar as contradições políticas e sociais e apresentar uma visão crítica ao determinismo tecnológico via YouTube, insere-se em um vasto campo social que busca atuar na realidade em direção a um processo de emancipação humana. Este primeiro momento do texto procurou apresentar o processo de construção de sentidos na sociabilidade e a formulação de uma educação a partir da práxis que, como buscamos demonstrar, não é linear evidenciada pela eleição de uma frente de centro-esquerda, pelo fortalecimento do neoconservadorismo e pela gestão do governo Bolsonaro.

CAPÍTULO 2

ASCENSÃO E DISPUTA: O RELIGIOSO E O MOVIMENTO POLÍTICO COMO REPRESENTANTES DA EDUCAÇÃO NEOCONSERVADORA

2.1 A formação eleitoral do Neoconservadorismo.

Ao longo deste capítulo, apresentaremos como uma parte da sociedade brasileira produziu uma nova sociabilidade, considerando seu recente poder de consumo e sua postura crítica em relação ao governo petista. Buscamos destacar elementos que constituem a posição política dos Movimento Político e Religioso, analisando como esses grupos influenciam uma forma de educação que está sendo construída no seio da sociedade. Esses movimentos não são compreendidos como pensadores ou educadores externos, mas sim como integrantes ativos dessa mesma sociedade.

Nesse percurso, abordaremos as diferenças internas ao movimento neoconservador com base em nossas fontes, considerando suas posições diante da gestão do então presidente Jair Messias Bolsonaro. Identificamos, nesse contexto, a construção de uma educação de caráter neoconservador no âmbito federal, com seus limites e disputas, os quais devem ser enfrentados por uma proposta educacional comprometida com a libertação. Tal enfrentamento é necessário para disputar e construir uma nova sociabilidade.

Como argumentado ao final do primeiro capítulo, a construção deste texto busca se inserir em um amplo conjunto de pensadores que procuram intervir na realidade e disputar o sentido político e social, com o objetivo de contribuir para o processo de emancipação social e para a superação das contradições presentes em nossa sociedade. Considerando essa perspectiva, e antes de aprofundarmos a crítica ao processo social brasileiro, é necessário justificar a posição adotada quanto ao método e à abordagem que orientam o desenvolvimento do texto. Para isso, partimos da obra de Umberto Eco (2008) *Como se faz uma tese*, na qual o autor apresenta o debate se temos a distinção entre tese científica e tese política:

1)O estudo debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros. O termo objeto não tem necessariamente um significado físico. A raiz quadrada

também é um objeto, embora ninguém jamais a tenha visto. A classe social é um objeto de estudo, ainda que algumas pessoas possam objetar que só se conhecem indivíduos ou médias estatísticas e não classes propriamente ditas. Mas, nesse sentido, nem a classe de todos os números inteiros superiores a 3725, de que um matemático pode muito bem se ocupar, teria realidade física. Definir o objeto significa então definir as condições sob as quais podemos falar, com base em certas regras que estabelecemos ou que outros estabeleceram antes de nós. Se fixarmos regras com base nas quais um número inteiro superior a 3725 possa ser reconhecido onde quer que se encontre, teremos estabelecido as regras de reconhecimento de nosso objeto. É claro que surgirão problemas se, por exemplo, tivermos de falar de um ser fantástico, como o centauro, cuja inexistência é opinião geral. (Eco, 2008, p.21)

Para Eco (2008), a partir do fragmento citado, é fundamental pensar a pesquisa sob o aspecto da delimitação do objeto. É ao longo do percurso investigativo que se observa se o objeto está suficientemente definido e compreensível entre os pares, de modo que possa efetivamente contribuir para o campo de conhecimento ao qual se insere. Nesse processo, não há uma única forma de conceber a pesquisa: ela pode seguir diferentes caminhos e intenções, desde que respeite as delimitações estabelecidas pelo seu objetivo.

O fio condutor da investigação e suas formas de condução devem ser compreendidos não a partir de uma dicotomia entre tese científica e tese política, mas sim com base nos critérios que sustentam sua construção. Ao final desse debate, Eco (2008) apresenta;

Nesse sentido, vê-se que não existe oposição entre tese científica e tese política. Por um lado, pode-se dizer que todo trabalho científico, na medida em que contribui para o desenvolvimento do conhecimento geral, tem sempre um valor político positivo (tem valor negativo toda ação que tenda a bloquear o processo de conhecimento); mas, por outro, cumpre dizer que toda empresa política com possibilidade de êxito deve possuir uma base de seriedade científica. (Eco, 2008, p.24)

Dentro dessa perspectiva, nossa pesquisa e tese buscam contribuir cientificamente para o campo da Educação, assumindo uma abordagem política que, embora engajada, preserva os padrões metodológicos e epistemológicos reconhecidos no ambiente acadêmico. Inspiramo-nos na concepção de Eco (1982), que não reconhece uma cisão entre tese científica e tese política, mas sim propõe que ambas devem ser avaliadas a partir dos critérios que sustentam sua construção.

Nesse sentido, dialogamos com pensadores que, em seus respectivos contextos históricos, atuaram e continuam a influenciar a transformação da sociedade. Entre eles, destacam-se: Coelho (2021), Coutinho (2011), Gramsci (2008), Freire (2019), Löwy

(1998), Marx, Engels (2010), Mészáros (2008), Del Roio (2019) entre outros autores que compartilham dessa perspectiva crítica e emancipadora.

Se, no primeiro capítulo, construímos o contexto histórico e político brasileiro do início do século XXI e analisamos as contradições da governabilidade do bloco de centro-esquerda, liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), bem como sua contribuição para o fortalecimento de valores neoconservadores já presentes em nossa realidade e intensificados ao longo do período, neste momento, voltamo-nos ao estudo de elementos ideológicos que se articulam com essa conjuntura. Tais elementos estão representados por vídeos e livros oriundos tanto do Movimento Político quanto do Religioso, os quais atuam na construção de um sentimento de pertencimento. Essa construção busca legitimar um método educativo fundamentado na exclusão social e na normatização das desigualdades.

A construção do pertencimento é formulada a partir da prática e da relação com o mundo, contexto no qual Coutinho (2011), em *O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916–1935* obra em que Carlos Nelson Coutinho organiza uma antologia do autor justifica a escolha dos textos que compõem a coletânea da seguinte maneira

Também pode ser questionada minha opção de agrupar os textos selecionados segundo temas (e também por ter escolhido estes e não outros temas), em vez de apresentá-los caderno a caderno, ou seja, na ordem material em que Gramsci os deixou. Para tentar minimizar o arbítrio, consultei inúmeras antologias de Gramsci, em várias línguas. Pude assim constatar que, em sua esmagadora maioria, elas adotam um critério temático, com base nos temas sugeridos pelo próprio Gramsci. No caso das antologias gerais (ou seja, das que não são monotemáticas, dedicadas a temas específicos, como educação, filosofia, crítica literária etc.), também pude comprovar que, malgrado variações, elas retêm quase sempre um conjunto de textos que podem ser considerados o núcleo essencial do pensamento de Gramsci. Tais textos “essenciais” estão certamente presentes também na presente antologia (Coutinho, p.35, 2011)

Como se pode observar na justificativa de Coutinho (2011), esta antologia busca apresentar os textos mais relevantes de Gramsci, considerando não apenas a posição do organizador em relação ao autor, mas também as escolhas feitas por outros estudiosos em projetos editoriais que visam reunir os escritos do pensador sardo. Neste livro encontramos o texto intitulada *senso comum*;

Um trabalho como o *Ensaio Popular*⁶⁶, destinado essencialmente a uma comunidade de leitores que não são intelectuais de profissão deveria partir da análise crítica da filosofia do senso comum, que é a “filosofia dos não filósofos”, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio. O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o “folclore” da filosofia e, como o folclore, apresenta -se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, adequada à posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia. (Gramsci, 2011, p. 148)

Para Gramsci (2011), o senso comum não é algo estático, mas sim um elemento em disputa, estruturado por formas contraditórias e por fragmentos que nem sempre dialogam entre si, embora busquem atribuir sentido ao cotidiano. É nesse espaço que se expressa o pertencimento, pois é ali que ocorre a interação do sujeito com o mundo e se estabelece sua relação com a realidade relação que, em nossa sociedade, pode ser intermediada por elementos de consumo e sua defesa irrestrita.

A busca por atribuir sentido ao cotidiano, a partir de significados distintos e contextos dispersos, permite a circulação de ideias entre diferentes grupos e esferas sociais. Essa contrariedade de posições oferece suporte à construção de perspectivas sobre os acontecimentos sociais, políticos e culturais no mundo. Os canais do Movimento Político e Religioso não colocam em dúvida seus posicionamentos; ao contrário, reforçam valores que acreditam ser corretos, verdadeiros e civilizadores, contribuindo para a consolidação de elementos do senso comum.

Nesse processo, o modo de vida contemporâneo é compreendido como expressão máxima da ação humana, sendo defendido e contemplado como um valor inquestionável

⁶⁶ Rodapé do livro: Com *Ensaio Popular*, aqui e em seguida, Gramsci se refere ao livro de Nikolai Bukharin, *A teoria do materialismo histórico. Manual popular de sociologia marxista*, publicado em Moscou, 1921 (edição brasileira: N. Bukharin, *Tratado de materialismo histórico*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1970) ao qual dirigirá duras críticas nos *Cadernos*. Bukharin (1888- 1938) era, na época em que escreveu este livro, um dos principais dirigentes do PCUS e da URSS. Depois de seu rompimento com Stalin, em 1929, caiu em desgraça e terminou assassinado, em uma das muitas farsas judiciais montadas por Stalin. Sobre Bukharin, cf. também supra nota, 16. (Optamos por manter o erro de digitação presente no livro; o correto seria (1888–1938). Sobre a nota 16, apenas para esclarecimento, ela se refere a uma carta de Gramsci em que ele expressa seu posicionamento diante da disputa interna no Partido Comunista da URSS sobre os rumos econômicos, sociais e políticos do país. O foco do debate era a continuidade da Nova Política Econômica (NEP), defendida por Stalin, Bukharin e pela maioria do Comitê Central do PCUS. Nesse contexto, o grupo de oposição liderado por Trotski e Zinoviev argumentava pela necessidade de encerrar a NEP, propondo uma política de industrialização acelerada, baseada em planejamento centralizado e na transferência de capital do campo para a cidade. Na carta, Gramsci se posiciona favoravelmente à manutenção da NEP e manifesta preocupação com a forma como a maioria vinha conduzindo o processo de debate.)

de civilização. Uma das construções de senso comum produzidas por ambos os canais analisados é a ideologia da “civilização judaico-cristã ocidental”, que busca naturalizar nossas estruturas sociais e apresenta qualquer outra forma de sociabilidade como bárbara.

Entre os mecanismos de defesa dessa construção, destacamos o argumento equivocadamente do livro Religioso” (2020), que, apesar de seus limites teóricos evidentes, tenta sistematizar seus pensamentos com o objetivo de organizar aspectos do pensamento social. Para questionar essa tentativa, recorreremos novamente ao autor sardo, que afirma: “Quando na história se elabora um grupo social homogêneo, elabora-se também, contra o senso comum, uma filosofia homogênea, isso é uma corrente sistêmica.” (Gramsci, 2011, p.148-9)

Neste fragmento de Gramsci (2011), o autor nos leva a refletir sobre como grupos sociais constroem sua hegemonia. Apesar dos erros teóricos que o conceito apresenta, ele construiu seu espaço de reprodução dentro do campo neoconservador e sua hegemonia (Gramsci, s.d.). Neste processo, os canais Movimento Político e Religioso se apresentam como aqueles que, com seus vídeos e livros, buscam criar métodos e estruturas que validam o argumento, em busca de transformar o senso comum (Gramsci, 2011) em uma ideologia em esferas para além do neoconservadorismo, construindo, assim, uma forma hegemônica (Gramsci, s.d.) de visão social. Ou seja, transformar este falso conceito em uma ideia dominante, a qual representa toda uma prática de opressão em sua estrutura. Opressão esta que deve ser compreendida, novamente, à luz do fragmento recém mencionado (Gramsci, 2011):

Estes sistemas influem sobre as massas populares como força política externa, como elemento de força coesiva das classes dirigentes, e, portanto, como elemento de subordinação a uma hegemonia exterior, que limita o pensamento original das massas populares de uma maneira negativa, sem influir positivamente sobre elas, como fermento vital de transformação interna do que as massas pensam, embrionária e caoticamente, sobre o mundo e a vida. (Gramsci, 2011, p. 149)

A construção apresentada por Gramsci (2011) parte da perspectiva de que determinadas estruturas sociais reproduzem os interesses e desejos das elites. No contexto analisado, essa reprodução contribui para a manutenção das contradições sociais. Os movimentos político e religioso atuam como forças externas à população, impondo valores e princípios previamente determinados, o que limita a autonomia crítica das massas.

Cristian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro (2022), em seu livro *O populismo reacionário*, sistematizam determinados valores e os denominam como “populismo reacionário”, razão pela qual a obra recebe esse título. A partir dessa definição, identificamos como a lógica judaico-cristã, considerando os elementos gramscianos previamente apresentados, se articula dentro de um conceito amplo de opressão, estruturado por discursos e representações de valores e premissas a serem combatidas para um processo emancipador;

É do *populismo radical de direita* que este livro trata. Populismo que resiste ao avanço da igualdade social em nome de um culturalismo supostamente representativo do “povo verdadeiro”, que justificaria a manutenção ou restauração de uma ordem caracterizada pela hierarquia no âmbito do trabalho e da vida privada. Essa ideia reacionária de “restauração da ordem” organiza o mundo entre bons nacionalistas conservadores (o “povo”) e maus cosmopolitas e progressistas (o “antipovo”), e prega uma cruzada apocalíptica para salvação de uma “civilização judaico cristã ocidental”. Civilização entendida como coletividade de famílias organizadas em nações culturalmente definidas, mais ou menos independentes do Estado e amalgamadas pelo cristianismo. (Lynch, Cassimiro, 2022, p.21)

Lynch e Cassimiro (2022), em seu fragmento, apresentam o conceito de *populismo reacionário*, que é definido neste momento, mas não será utilizado como categoria de análise. Isso porque compreendemos que tal movimento representa uma fração de um grupo social que busca a construção de sua hegemonia (Gramsci, s.d.) dentro do campo social conceito que trabalhamos em nosso primeiro momento. Em síntese, o conceito de populismo, seja em seu caráter reacionário, como no caso aqui apresentado, ou em sua expressão tida como progressista, representa a busca pela construção de uma base de sustentação para transformar ou manter posições políticas dominantes.

Estes valores dominantes podem ser compreendidos na posição de políticas externas e a construção de consensos internamente, como, por exemplo, no objetivo de apoiar a posição de Israel, a partir de valores “judaico-cristão” como apresenta Lacerda (2019);

Outro exemplo de visitas foram as feitas pelo deputado Arolde de Oliveira (PSC/RJ). Uma delas, à Fierj – Federação Israelita. A entidade, em sua página na rede social Facebook, descreveu o parlamentar como “membro da Frente Parlamentar Brasil-Israel e um ativo defensor do Estado Judeu no Congresso Nacional”⁶⁷. Esse parlamentar visitou

⁶⁷ Referência do livro: Disponível em: <https://www.facebook.com/fierj.federacaoisraelita/videos/1202111566584419/?hc_ref=PAGES_TIMELINE>. Acesso em: 25 jul.2017

Jerusalém no ano de 2012, para participar da conferência promovida pela Fundação Internacional dos Aliados de Israel. Dentre as pautas debatidas no evento, segundo ele, estavam a “escalada armamentista nuclear iraniana”, a “consolidação de Jerusalém como capital não dividida do Estado de Israel” e a “parceria cristã-judaica”, considerada estratégica por Israel por conta da “origem de fé comum no Velho Testamento, que é a Torá dos judeus” (discurso em Plenário em 09/10/2012) (Lacerda, 2019, p.158-9)

Antes de aprofundarmos nosso debate, é importante ressaltar que a Torá se baseia nos cinco primeiros livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, excluindo os livros Históricos, Sapienciais e Proféticos, que as denominações cristãs também reconhecem como sagrados. A suposta fé comum entre judeus e cristãos tem sido utilizada como ferramenta para a estruturação do pensamento político, como o neoconservadorismo, dentro do qual se insere o sionismo. Essa perspectiva, por exemplo, busca negar o direito ao palestino ao território de Jerusalém onde se localiza a Mesquita de Al-Aqsa lugar sagrado para os muçulmanos, pois, segundo a tradição islâmica, foi ali que o profeta Maomé ascendeu aos céus durante a Noite da Ascensão.

Considerando esse aspecto no campo da educação e com base em nossas fontes, a crítica ao conceito de populismo nos conduz à construção e ao debate sobre as políticas que grupos sociais vêm desenvolvendo no seio da sociedade. Trata-se de impedir uma compreensão distanciada dos eventos, que reduz os indivíduos a sujeitos apartados da construção da história desprovidos de interesses, vontades e desejos. Dessa forma, a construção parte daquilo que já existe, vinculado à esperança no futuro. Com esses elementos, cabe então perguntar: o que já existe e qual é o futuro que se almeja diante da situação e dos desafios enfrentados pelo povo e pela humanidade?

Observa-se uma disputa entre dois campos. O primeiro é composto por aqueles que buscam transformações condicionadas pela forma social na qual estamos inseridos. Nesse grupo específico, como já apresentado, identificam-se problemas relacionados às limitações das próprias estruturas e da organização do Estado. No caso brasileiro, e dentro do contexto histórico pesquisado, partindo do conceito de Nobre (2022), tem-se o “Pemedebismo” uma estrutura que contribuiu para esse processo de limitação. Para além desse problema, causado por essa lógica institucionalizante, localiza-se outro elemento: a busca pelo controle do processo de transformação e a incapacidade de agir *com* o povo, e não *para* o povo. Como apresenta Freire (2019), trata-se de um *não processo de transformação*;

Fazer esta adesão e considerar-se proprietário do saber revolucionário, que deve, desta maneira, ser doado ou imposto ao povo, é manter como era ante. Dizer-se comprometido com a libertação e não ser capaz de *comungar* com o povo, a quem continua considerando absolutamente ignorante, é um doloroso equívoco. Aproximar-se dele, mas sentir, a cada passo, a cada dúvida, a cada expressão sua, uma espécie de susto, e pretender impor o seu *status*, é manter-se nostálgico de sua origem. (Freire, 2019, p.66)

Freire (2019) aponta os limites da construção de uma nova sociedade, destacando que mesmo sujeitos dispostos a participar da transformação podem repetir posturas incoerentes com seus próprios desejos. Isso ocorre quando não reconhecem no outro a mesma capacidade de produção, o que acaba por afastá-los da mudança. Esse processo é marcado pelo distanciamento dos interesses populares, pois apresenta as necessidades do povo como questões urgentes, estabelecendo uma lista de prioridades baseada em valores individuais, e não coletivos.

O caráter etapista e dirigista dessa condução parte da descrença de que os sujeitos ao seu lado tomarão decisões corretas sendo que o “correto” é, na verdade, a visão particular de quem conduz o processo. Essa falsa construção está repleta de permanências não percebidas por aqueles que, embora desejem contribuir para a transformação, não estão verdadeiramente dispostos ao diálogo (Freire, 2019).

O segundo campo é formado pelos neoconservadores, que buscam, na estrutura do senso comum, conforme Gramsci (2011), práticas pelas quais os indivíduos se tornem cada vez mais excluídos sem, contudo, perceberem essa condição acreditando-se, ao contrário, como detentores de plenos direitos. Essa construção está alicerçada na crença na meritocracia, típica de uma sociedade orientada por valores neoliberais, em que os esforços individuais são considerados os principais determinantes do sucesso social, sucesso este pautado por uma lógica de produtos.

A relação com a propriedade constitui a base material que sustenta nossa posição no atual momento histórico. Nesse processo, a exclusão se manifesta por meio das construções humanas ou, como apresenta Freire (2019)

Daí que tendam a transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objetos de seu comando. Nesta ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhe é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro

é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. (Freire, 2019, p.63)

O processo destacado por Freire (2019) não é fechado nem definitivo; ao contrário, encontra-se em constante movimento, impulsionado pelas desigualdades que observamos diariamente em nosso cotidiano. A desumanização, nesse contexto, manifesta-se em todas as esferas da práxis humana, pois, a partir dela, nos tornamos e reproduzimos em alguma medida, a lógica de produto em nossa vida cotidiana. Essa dinâmica gera desumanização entre todos os envolvidos e, sobretudo, nos afasta do fazer histórico, ou seja, da capacidade de agir como sujeitos transformadores da realidade (Freire, 2019).

Um dos grupos que mais têm sofrido com esse processo são os grupos marginalizados, como pessoas em situação de rua e minorias sexuais e étnicas, que, de alguma forma, representam uma suposta ameaça ao projeto de vida baseado no consumo. O ataque sistemático a esses grupos tem como plano de fundo a quebra do padrão de “produto”, ou seja, não se enquadram em uma sociedade que busca a padronização e que se reconhece no desejo pelo consumo.

É necessário ressaltar que, embora essa minoria seja a principal categoria social a sofrer com tais processos de deslegitimação, isso não significa que ela não possa também reproduzir aspectos da sociedade de consumo inclusive a opressão mesmo quando busca reverter esse processo. Como ressalta Freire (2019);

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização. (Freire, 2019, p. 43)

Essa dimensão apresentada por Freire (2019) revela parte da relação do sujeito com o mundo. Ou seja, o indivíduo, ao internalizar a lógica da opressão, acaba por produzir elementos que permitem ao opressor reproduzir a sociedade que conhece e domina. Esse impedimento está diretamente relacionado à dinâmica do diálogo, conforme propõe Freire (2019), que reconhece o outro e constrói com ele novos sentidos.

Ao não buscar a construção de um novo horizonte pautado na libertação e na superação da lógica opressora o oprimido que ascende à posição de opressor pode, em uma perspectiva futura, tornar-se defensor do neoconservadorismo. Nesse novo papel, ele passa a valorizar a padronização e a defender o consumo como forma de pertencimento social, reproduzindo os mesmos mecanismos que antes o excluía.

Essa construção pode perpassar elementos da religiosidade para justificar suas posições. Por isso, a mobilização da ideia a- histórica dos valores judaico-cristão se torna importante para o campo neoconservador, pois busca criar a dualidade e o conflito entre o bem e o mal e sustenta a ideia de uma organização natural, que não teria sido construída historicamente, mas sim, é a única forma possível de sociabilidade, baseada em valores morais e sociais bem estabelecidos por uma cultura que não deve ser questionada. Essa perspectiva se opõe a qualquer projeto que busque eliminar os elementos civilizacionais existentes para criar uma sociedade, como apresentado no *Manual de Sobrevivência do Cristão no séc. XXI*, produzido pelo Religioso em parceria com Julius Mello (2021);

A cultura relativista pós-moderna também traz consigo uma ideia de nova espiritualidade, com o abandono do racionalismo puro e simples de uma teologia racional em prol de uma outra centrada na “intuição, no “insoldável”. Como demonstrou o professor Olavo de Carvalho em sua obra *A nova era da revolução cultural*⁶⁸, a “religião holística” da Nova Era relaciona-se diretamente com a proposta marxista que nega o Deus cristão para impor um novo “deus”: o marxismo e visão socialista de humanidade. (Religioso, Mello, 2021, p.176)

O Religioso e Mello (2021), neste fragmento, buscam um elemento de continuidade que imobiliza as transformações sociais, ao tentarem erroneamente unificar conceitos que não possuem a mesma estrutura, como o pensamento pós-moderno e o marxismo. Os autores procuram articular que tais correntes filosóficas compartilham, em essência, o mesmo objetivo: destruir a nossa sociabilidade. No entanto, em sua construção argumentativa, o Religioso (2014, 2020, 2021, 2023) não observa as nuances que envolvem esses pensamentos como estruturas autônomas, cada uma com perspectivas próprias sobre o ser humano e o mundo, que não necessariamente convergem para os mesmos propósitos.

Essa abordagem revela também uma visão utilitarista dessas formas filosóficas, como se elas possuíssem uma função definida, um caminho a seguir, uma finalidade

⁶⁸ Rodapé do livro: Campinas: Vide Editorial, 2014.

específica aproximando, assim, o pensamento humano da lógica econômica de concorrência empresarial.

A construção argumentativa proposta por Religioso e Mello (2021), ao buscar uma união entre elementos e pensamentos antagônicos, fundamenta-se em uma lógica que pressupõe um único caminho para a construção social do humano, ignorando outras formas de sociabilidade anteriores ao seu preceito judaico-cristão. Nessa perspectiva, o discurso apresentado camufla uma racionalidade de dirigismo, conforme constituída por Freire (2019): “Se esta crença nos falha, abandonamos a ideia, ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos *slogans*, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo.” (Freire, 2019, p.73)

Nesse sentido, Freire (2019) aponta que a formação que o dirigismo é construído ocorre sob a lógica da repetição de slogans e da ausência de esperança no outro, o que compromete a construção coletiva. Essa crítica pode ser sintetizada na argumentação proposta por Mello e Religioso (2021), que não definem claramente o que seria esse “Deus marxista” nem o que o diferencia do Deus cristão. Para esses autores, qualquer nova experiência social inevitavelmente negaria sua concepção religiosa, o que inviabiliza o diálogo (Freire, 2019), já que não estão dispostos a vivenciar outras formas de comunhão com Deus⁶⁹ formas que não negam a visão cristã, mas que buscam aproximar seus ritos e práticas da realidade vivida pelo povo.

Paulo Freire (2019), em *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, na 15ª carta intitulada *O processo de libertação: A luta dos seres humanos para a realização do Ser Mais*, argumenta sobre a importância de observar a libertação como um processo coletivo. Para Freire (2019), esse processo não deve ser encarado como um etapismo linear, mas sim como uma dinâmica de trocas permanentes, marcada pela escuta, pelo diálogo Freire (2019) e pela formação de um pensamento crítico a partir dos encontros. A construção do *Ser Mais* (Freire, 2019) não se dá de forma isolada, mas ocorre da convivência, da ação transformadora e da disponibilidade ao outro.

Partindo dessa compreensão, tomemos contato com o seguinte fragmento do texto:

⁶⁹ Dentro dessa perspectiva, encontramos experiências históricas significativas no universo religioso. No contexto católico, destaca-se a Teologia da Libertação; já no meio evangélico, a Missão Integral. Ambas as correntes não partem do imobilismo proposto pelo Religioso, mas buscam construir novas formas de vivenciar a fé, fundamentadas no diálogo e na atuação transformadora no mundo. Essa construção e modo de professar a fé serão mobilizados no terceiro capítulo deste trabalho, com o objetivo de apresentar experiências humanas que promovem uma construção social pautada no diálogo, na escuta e na ação concreta.

“[...] Em alguns⁷⁰ mais do que em outros, terei deixado clara a matriz ontológica da luta: a natureza humana que, social e historicamente, se tornou vocacionada ao ser mais. Vocacionada e não inexoravelmente destinada ao ser mais. Daí que tanto possa realizar-se quanto possa frustrar-se a *vocação*. Desde os inícios, até mesmo no tempo mais indeciso, quase nebuloso, em que começava a visualizar o processo de libertação, jamais pude entendê-lo com expressão da luta individual dos homens e das mulheres, mas, por outro lado, sempre recusei a inteligência dele como fenômeno puramente social no qual se diluísse o *indivíduo*, manifestação pura da classe. Pelo contrário, complexo e plural, o processo de libertação se envolve com quantas dimensões marquem fundamentalmente o ser humano: a classe, o sexo, a raça, a cultura. (Freire, 2019, p.252)

Segundo Freire (2019), o processo de emancipação humana é construído de forma coletiva, embora preserve a individualidade. A libertação, portanto, exige a presença do outro, mas esse outro não pode anular a singularidade de cada sujeito. O encontro entre indivíduos deve possibilitar a construção de uma sociedade em que a ampliação das individualidades seja assegurada.

É imprescindível destacar que o autor não trata esse processo como algo fechado, rígido ou prescritivo não há uma receita sobre como dialogar ou como será a sociedade futura. Tal sociedade ainda não se encontra em prática. No entanto, a partir de sua concepção sobre a experiência humana, Freire (2019) defende que o outro é necessário, assim como o diálogo livre e autêntico.

A partir da concepção de liberdade e individualidade apresentada por Freire (2019), é possível identificar divergências e disputas entre diferentes perspectivas. Enquanto o autor propõe uma abordagem centrada no sujeito e em suas relações com o mundo, pautada pelo diálogo Freire (2019) e pela construção coletiva da emancipação, o movimento neoconservador interpreta essa mesma ação como uma ameaça à ordem estabelecida, podendo inclusive associá-la à possibilidade de uma ditadura. Tal interpretação decorre da leitura de autores neoliberais, entre os quais se destaca Hayek, que, conforme apresenta Rocha (2021), compreendia que qualquer intervenção estatal voltada à promoção da justiça social poderia representar um risco à liberdade individual:

Hayek, então professor da prestigiada London School of Economics, amigo de longa data de John Maynard Keynes e ex-aluno de Mises, argumentava que o aprofundamento da lógica “coletivista” e “estadista” que ampararia o Estado de bem-estar social conduziria necessariamente ao totalitarismo e, portanto, ao fim das liberdades individuais. (Rocha, 2021, p.30)

⁷⁰ O autor está argumentando sobre os livros ao qual se debruçou sobre a temática do Ser Mais e da Liberdade.

Rocha (2021) apresenta uma concepção Hayek de formação da liberdade fundamentada em uma lógica pautada por valores individualizantes, que nega inclusive formas de amparo social coletivo, como aquelas representadas pelo Estado de bem-estar social. Essa lógica também é criticada pelo Movimento Político justamente por se opor ao projeto político que buscava fortalecer esse modelo de Estado, como foi o caso das gestões de centro-esquerda lideradas pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que procuraram ampliar o Estado de bem-estar social no Brasil. A crítica a essa estrutura estatal e sua aproximação ao pensamento de Hayek pode ser localizada no texto *Europa - O Lugar Onde o Socialismo Deu Certo*, presente no livro *Manual de Debate Político: como vencer Discussões Políticas na Mesa do Bar* (2021) de um dos líderes do Movimento Político:

Quanto mais serviços um Estado presta, mais caro ele custa para o pagador de impostos. É como comparar um elefante com um pônei: o elefante aguenta muito mais peso, mas em compensação, come muito mais e deixa um presentinho muito maior quando precisa fazer suas necessidades. Foi o que os suecos descobriram no início da década de 1990, quando o Estado de bem-estar social levou o país à falência. E o que salvou o paraíso sueco? Mais hospitais? Destinar 99% do PIB para a educação? Sinto muito, coleguinhas, a realidade é, digamos assim, mais realista: a salvação dos suecos foram privatizações e a flexibilização do mercado de trabalho, justamente o que vocês caros esquerdistas, vivem combatendo aqui no Brasil. Os suecos tiveram que recolher os presentinhos do elefante. Teria sido muito mais fácil se fosse um pônei. E convenhamos que pôneis são muito mais legais. (Movimento Político, 2021, p.120)

A argumentação do Movimento Político⁷¹ (2021) realiza duas abstrações importantes para negar a construção histórica humana e o fator da experiência coletiva. A primeira está na escolha de seus exemplos, retirados do mundo animal. Embora busque apresentar uma dimensão de proporcionalidade, ignora a característica limitante que nos diferencia dos demais animais: a capacidade inventiva ou, como já destacado por Freire (2019), a capacidade de construir a própria realidade.

Os animais, ainda que possam interagir com o ambiente e, com isso, modificar certas características por meio da ação, não são capazes de criar algo a partir dessas

⁷¹ É importante ressaltar que o livro foi lançado em 2021, período em que a pandemia de Covid-19 atingia seu auge no Brasil. O texto busca, justamente, criticar as estruturas do Estado e sua atuação diante da realidade, deixando claro que nem sempre determinadas composições teóricas encontram respaldo na experiência histórica concreta.

experiências. Sua atuação é estritamente determinada pelas respostas ao meio em que se encontram, exceto quando em contato com seres humanos.

O uso de exemplos animais não foi acidental, mas sim fruto da forma como o movimento compreende a sociedade: como algo sem possibilidades de mudança, determinada exclusivamente pelo ambiente que, nesse caso, é o mercado. Isso nos leva à segunda abstração: a ideia de uma resposta única via mercado, que não garante a melhoria coletiva, mas sim uma tentativa de resolução individual dentro de uma construção que exige a coletividade.

Em síntese, o movimento recorre a elementos externos à construção histórica humana para validar valores que, na prática, negam a dimensão social da humanidade.

Na continuação do texto, Rocha (2021) apresenta o impacto da obra de Hayek na sociedade, destacando o encontro do autor com Antony Fisher, ex-piloto da Força Aérea Britânica, que acreditava na necessidade de popularizar os ideais contidos no texto. A partir desse momento, Rocha (2021) aponta que:

Coincidentemente, neste mesmo ano, Hayek havia fundado a Sociedade Mont Pèlerin em uma localidade de mesmo nome na Suíça e estava entusiasmado com a possibilidade de divulgar o ideário pró-mercado. No entanto, tal divulgação deveria ser dirigida apenas a elites intelectualizadas que atuavam na sociedade civil, pois tentar influenciar diretamente um sistema político permeado por “ideias coletivistas” seria uma perda de tempo. Por isso Hayek desestimulou Fisher a se tornar um militante em um partido político, e afirmou que a melhor forma de divulgar o ideário pró-mercado seria por meio da fundação de uma organização civil não partidária. Afinal, naquela época o neoliberalismo ainda era tido como muito radical e pouco palatável para os partidos existentes, e Hayek acreditava que, por meio de uma organização social civil privada, seria possível divulgar o neoliberalismo em sua forma original, “pura”, e sem limitações impostas por lógicas político – partidárias de curto prazo. (Rocha, 2021, p.30-1)

Rocha (2021) apresenta que Hayek acreditava que a ideia neoliberal não teria condições de disputar o espaço público. Por isso, buscava garantir uma aproximação com setores da sociedade que pudessem concordar com sua posição teórica, afastando sua proposta do escrutínio, seja no âmbito acadêmico ou na disputa eleitoral, pois compreendia que enfrentaria dificuldades nesses espaços. Sua solução, ao privilegiar o espaço privado de discussão, representa a distensão promovida pelo pensamento neoconservador, que entende que as ideias e os debates sobre as construções sociais não devem ser tratados por todos, mas apenas por um grupo seleto de indivíduos, capazes de

compreender o contexto e agir da melhor forma para garantir as individualidades e os interesses econômicos.

O livro de Hayek, conforme apresentado por Rocha (2021), foi publicado em 1947. Nele, o autor dialoga com Antony Fisher e argumenta sobre a necessidade de abandonar a via eleitoral, alegando que não haveria espaço nos partidos políticos para suas ideias. Em vez disso, propunha concentrar esforços em eventos e instituições privadas como forma de influenciar o debate público.

Trinta e quatro anos depois, em 1981, como aponta Jung (2018), a então Primeira-Ministra do Reino Unido convocava os defensores do neoliberalismo a se engajarem na promoção desse projeto, demonstrando que embora este projeto tenha sido implementando no campo econômico/político, ainda enfrentava dificuldades no campo social.

No Brasil, uma das primeiras figuras de destaque no século XXI a assumir publicamente essa posição, a partir do ambiente virtual, ou seja, um espaço privado foi o já mencionado Rodrigo Constantino, que passou a defender abertamente os princípios do neoliberalismo por meio do Orkut, um local privado;

Eu fui trabalhar no mercado financeiro e tive um chefe, que é um liberal conhecido no Brasil, o Paulo Guedes, com ph.D. em Chicago. Ali ele começou a me dar umas dicas: “Olha, lê esse troço aí que você vai gostar”. E esse “troço aí” era a Escola Austríaca. Então eu comecei, em paralelo ao trabalho no mercado financeiro, que já é um ambiente muito propício para enfrentar as ideias socialistas, a ir me abrindo o horizonte de leituras teóricas. Assim, por volta de vinte anos eu já era um liberal, digamos assim, radical. Eu sempre gostei de uma boa polêmica também, então eu criava uns grupos de e-mail e mandava polêmicas ou coisas que eu havia lido no jornal e queria contestar, mas não tinha muito feedback dos meus amigos. Quando eu descobri o Orkut e essas comunidades onde todo mundo passava o dia debatendo, foi uma mão na roda para mim. Foi uma época marcante. Eu adorava esse bate-boca, essa polêmica toda, e, ao mesmo tempo, isso ia me treinando em termos de debate. O Orkut foi um aprendizado de vida. Eu tinha tesão em debater, em defender as ideias que eu acreditava, e fui encontrando eco, fui encontrando gente disposta a debater⁷². (Rocha, 2021, p.100)

Rodrigo Constantino, embora represente uma expressão significativa deste tempo histórico e da popularização das comunidades virtuais, não pode ser compreendido como o único ator da perspectiva econômica do neoconservadorismo. Seu próprio chefe, Paulo Guedes, gozava de ampla influência dentro do debate público, tanto que o levou a ocupar ao cargo de Ministro da Economia na gestão Bolsonaro. O que diferencia Constantino é

⁷² Rodapé, do livro: Entrevista com Rodrigo Constantino, IL-RJ, em dez. 2016.

sua capacidade de compreender e utilizar as ferramentas comunicacionais de seu tempo. Como ele mesmo argumenta, estava na faixa dos 20 anos quando passou a utilizar o ambiente virtual um espaço privado para propagar suas posições políticas.

Esse processo demonstra que disputas antes restritas a círculos fechados começaram a ganhar dimensão pública e acessível, permitindo que qualquer indivíduo pudesse ter contato com essas ideias e expressar sua própria posição. Isso contribuiu para o fortalecimento da popularidade de Rodrigo Constantino, que, como ele mesmo afirma, apreciava a polêmica como estratégia discursiva.

Tal fenômeno pode ser compreendido, a partir da leitura de um novo fragmento de Rocha (2021);

A vergonha em se afirmar de direita, porém, não dizia respeito apenas aos políticos, mas também se estendeu a seus ideólogos, simpatizantes e eleitores. Assim, durante as décadas de 1990 e 2000, enquanto anticomunistas, conservadores e direitistas convictos haviam perdido a influência que possuíam durante a ditadura, grupos que antes tinham pouca ou nenhuma penetração na esfera pública tradicional, como feministas, LGBTQ+ e negros, passaram a conquistar maior legitimidade em meio a avanços e recuos.⁷³ Foi apenas após o auge da popularidade de Lula, entre 2006 e 2010, que a vergonha em se dizer de direita começou aos poucos a se dissipar, sobretudo a partir de uma rede social que precedeu o Facebook em termos de popularidade no Brasil, o Orkut. Em meio à denúncia do escândalo do mensalão, que atingiu em cheio a cúpula do primeiro governo Lula, as comunidades do Orkut, assim como blogs e demais fóruns da internet existentes na época, abriram a vozes pouco ou nada ouvidas na esfera pública tradicional novos espaços de debate e discussão de ideias no campo da direita. A grande novidade dessas falas em relação à direita que atuava na esteira da redemocratização é justamente sinalizar uma ruptura com o pacto de 1988, e, para tanto, a nova direita emergente passou a apostar na substituição de seu substrato progressista por um novo amálgama de ideias: o ultraliberalismo-conservador. (Rocha, 2021, p.18-9)

Essa direita neoliberal, que não teme ocupar as ruas e enfrentar o debate articulado nas redes sociais na qual Rodrigo Constantino pode ser interpretado como uma figura de expressão nos primórdios dessa estruturação é acompanhada também por vozes na imprensa, como a de Azevedo (2008). Este último dialogava com um público distinto, composto majoritariamente por leitores habituais de revistas. Vale lembrar que, nesse período, além de manter um blog vinculado à revista *Veja*, Azevedo também escrevia para a própria publicação.

⁷³ Rodapé do livro: É importante lembrar que o avanço nos direitos de pessoas LGBTQ+ no Brasil, por exemplo, continuou a conviver com altíssimos índices de violência, fenômeno análogo aos avanços institucionais em relação às desigualdades racial e de gênero, considerando-se a continuidade das violências perpetradas contra mulheres e jovens negros no país.

Esse movimento, que começa a ganhar força a partir dos elementos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, sai às ruas em 2013 e passa a disputar também o seu sentido. É nesse contexto que surge o Movimento Político (2019), configurando um método de disputa e de formação política para o neoconservadorismo brasileiro. A ocupação de espaços inclusive o espaço político torna-se uma função estratégica, realizada por nossas fontes, em contraste com o pensamento de Hayek, que defendia a atuação em ambientes privados.

Nesse momento, a sociedade brasileira encontrava-se em uma configuração conturbada, atravessada por conflitos sociais, disputas ideológicas e transformações no campo político. As respostas predominantes a esse cenário foram, em grande parte, orientadas pelo neoliberalismo. Mais do que uma mudança administrativa, a disputa eleitoral para o campo neoliberal do neoconservadorismo tratava-se de uma ação voltada à conquista dos afetos, pois a dimensão subjetiva já se encontrava profundamente alinhada aos valores neoliberais (Jung, 2008).

A primeira experiência do Movimento Político ocorre em 2014, por meio do então Partido Republicano Progressista (PRP), com a candidatura de Paulo Batista ao cargo de deputado estadual por São Paulo. O candidato se apresentava publicamente como o “Raio Privatizador”, sinalizando desde então uma adesão explícita aos princípios neoliberais e à defesa da redução do papel do Estado (Movimento Político, 2019). Sobre esse período, um dos fundadores do Movimento Político argumenta:

Paulo voou alto, explodiu de visualizações no Facebook, ganhou fãs e estrelou entrevistas na Folha de Vinhedo, na Folha de S. Paulo e no New York Times. Foi parodiado, imitado, adorado e ridicularizado. Voou alto ao lado de Ron Paul, ícone do libertarianismo norte-americano, assim como trouxe gente de verdade para uma campanha absolutamente improvável e destinada ao fracasso. Perdeu porque éramos todos completamente cabaços, não tínhamos dinheiro algum e alimentávamos uma empolgação cega por estarmos todos no ar, em evidência, dando entrevistas e angariando inimigos de verdade. Foi do caralho! Ganhamos amigos em todo país e nos inserimos com altivez no ascendente “movimento liberal”. Éramos a “equipe do Paulo Batista”, o “time por trás da lenda”, e conquistávamos força e respeito enquanto nosso candidato aparecia. (Movimento Político, 2019, p.85)

Como já mencionado pelo líder do Movimento Político este projeto eleitoral não teve como resultado e obteve 16.853 votos, o que já é um número expressivo para um discurso ao qual buscava ampliar a suas bases e para um grupo de ainda não era conhecido pela população, como o fragmento apresenta, eles ainda estavam se fazendo conhecidos

pelo também pelo movimento liberal. Esta derrota do candidato Paulo Batista, também acompanhou a derrota do candidato Aécio Neves, então candidato da oposição pelo PSDB, para a candidata petista Dilma Rousseff.

Essa eleição, embora marcada por mais uma vitória do campo petista, evidenciou o crescimento expressivo da oposição. A presidenta obteve 54,5 milhões de votos⁷⁴, o que representou 51,64% dos votos válidos, enquanto o candidato oposicionista alcançou 51,041 milhões de votos, equivalente a 48,36%. A partir desse momento, o Movimento Político, foi fundado oficialmente e passou a ganhar expressão nacional, posicionando-se como um dos protagonistas das mobilizações de rua que já foi divulgada por um dos seus fundadores assim que saiu o resultado;

Alexandre era o mais decepcionado. E foi sua decepção que fundou o Movimento Brasil Livre. Por impulso, ele criou um evento no Facebook convocando a população para uma manifestação a ser realizada no dia 1º de novembro. O título: “Ou a Dilma cai, ou São Paulo para”. No dia seguinte, notamos que o engajamento para o ato era grotesco. Mais de 200 mil pessoas confirmadas em menos de um dia, e publicações feitas dentro da página evento alcançavam mais de mil likes em minutos. O que tinha sido só um gesto de voluntarismo poderia se tornar algo real. (Movimento Político, 2019, p.108)

Esse apoio ao Movimento Político, que pode ser compreendido por uma parcela dos *likes* e confirmações no evento, passa a utilizar o antipetismo como ferramenta para reforçar os valores neoliberais. Com isso, busca promover uma série de manifestações contrárias ao governo. Ao final, essa primeira mobilização contou com os motes: “Saímos, então, em defesa da Lava Jato que ainda estava no início e da liberdade de expressão [...]” (Movimento Político, 2019, p. 108). Segundo os organizadores do evento e do livro, “uma hora depois do horário marcado via Facebook, 5 mil pessoas se reuniram no vão do MASP⁷⁵ [...]” (Movimento Político, 2019, p. 108).

Esses números ressaltam um movimento em processo de estruturação, especialmente por contar com um público disposto a participar e construir um caminho a partir dessas posições. Tal engajamento torna-se motivo de preocupação para um dos

⁷⁴ Os dados da eleição podem ser obtidos no site: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/10/26/dilma-e-reeleita-presidente-do-brasil>>. Último acesso em 24/08/2025.

⁷⁵ Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, localizado na Avenida Paulista. Este local passou a ser o ponto de encontro para manifestação na cidade de São Paulo, substituindo o centro Histórico de São Paulo.

líderes do Movimento Político, que acaba chegando à seguinte reflexão sobre a condução e a comunicação durante esse processo:

A ideia do carro de som foi crucial para diferenciar as manifestações do MBL dos protestos de junho de 2013: com o microfone em cena e um palanque, foi possível tratar de pautas claras, afinar discursos, formar oradores e, sobretudo, lideranças. E eu mesmo só aprendi a discursar ali, na prática, sobre o carro de som. (Movimento Político, 2019, p.109)

A maneira como o Movimento Político conduziu o processo é marcada pelo anti-diálogo (Freire, 2019), uma vez que não se permite a todos o direito à palavra, e os objetivos já são previamente definidos antes mesmo de qualquer conversa com os participantes. Essa postura serviu para que o grupo se apresentasse como liderança legítima desse campo de pensamento.

À medida que as manifestações se intensificavam e a operação Lava Jato ganhava força, o Movimento Político decidiu realizar uma marcha de São Paulo até Brasília com o objetivo de exigir o impeachment⁷⁶ da então presidenta Dilma Rousseff. A base para a realização do golpe parlamentar foi uma interpretação jurídica centrada nas chamadas pedaladas fiscais uma manobra contábil utilizada pelo Executivo para cumprir metas orçamentárias.

A importância da articulação de rua promovida pelo Movimento Político pode ser compreendida a partir da análise de Amaral (2016), em seu texto “Jabuti não sobe em árvore: Como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment”, publicado na coletânea *Por que gritamos golpe?*:

[...] aproximando-se do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, para costurar o impeachment e mantendo a estridência das massas que tentaria lhe dar respaldo. Também pressionou por apoio ao movimento nos partidos tradicionais. De acordo com um áudio vazado recentemente de líderes do MBL, os partidos PMDB, PSDB, DEM e Solidariedade financiavam panfletos, caravanas e lanches em manifestações. Os partidos negam⁷⁷. (Amaral, 2016, p.53-4)

Percebemos então que a construção do Movimento Político foi marcada pela indignação popular e elementos antipetista que se faziam presentes em nossa sociedade,

⁷⁶ A notícia sobre a Marcha do Movimento Político está disponível em: < <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/mb1-comeca-caminhada-de-protesto-com-objetivo-de-chegar-ate-brasilia.html>>. Último acesso em: 24/08/2025.

⁷⁷ Rodapé do livro: Ver Pedro Lope e Vícius Segalla, “Áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachment” Folha de S. Paulo, 27 maio 2016; disponível online.

sua função neste processo foi organizar um sentido para tais posições, sentido este não com uma forma libertadora (Freire, 2019), mas como apresentamos, sem a participação popular no processo decisório, ela se transformou em um instrumento como Amaral (2016) apresenta, para pressionar outro grupo a realizar suas vontades.

Enquanto o Movimento Político se constitui a partir da internet e da disputa eleitoral, o Religioso apresenta uma trajetória marcada pela ausência de vínculos com movimentos sociais, mas por uma atuação acadêmica consolidada. Em 2016, defendeu seu doutorado em Letras, na área de Linguística, pela Universidade Federal Fluminense, com a tese intitulada: “*A fé entre o céu e a terra: Um estudo interdiscursivo de dois movimentos do protestantismo brasileiro contemporâneo*”⁷⁸.

Além dessas informações públicas, disponíveis em seu lattes⁷⁹ e na base institucional da UFF, sua presença no debate político só se torna evidente posteriormente, por meio de seu canal digital, onde já articula uma argumentação política. Fora isso, a única referência anterior à sua atuação encontra-se no livro já citado, do Religioso e Mello (2021), no qual argumenta;

Comecei a dar aulas na igreja aos 16 anos, inicialmente para meu grupo de jovens. Alguns anos mais tarde, me ministraram para aulas a todos os fiéis. Essa experiência foi um ótimo “laboratório” para minha futura atividade como professor porque me vi diante dum grupo de alunos bastante heterogêneo: ao lado de um jovem de 18 anos, havia um senhor de 70; ao lado de uma faxineira, havia um dos médicos mais renomados da cidade. Esse é o espaço da Igreja, um lugar onde todos são bem-vindos. (Religioso, Mello, 2021, p.22-3)

Apesar de reconhecer a igreja como um espaço acolhedor, onde iniciou seu processo de docência, é necessário pontuar sua compreensão acerca dos métodos educativos especialmente os de Paulo Freire, referência central neste estudo. No livro *Manual de Sobrevivência do Conservador do Século XXI* (2021), o autor apresenta o seguinte argumento que merece análise crítica;

“[...] o Brasil tem alguns dos piores índices de educação do mundo, simplesmente procurando “Brasil ranking educação” na Internet. [...] A educação está completamente dominada pelo marxismo o que é claro pelos filósofos e escritores de referência na didática e na pedagogia: Vygotsky, socialista; Jean Piaget,

⁷⁸ Link para a tese: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3345>>. Último acesso em 24/08/2025

⁷⁹ Link para seu lattes: < <http://lattes.cnpq.br/0322236325233987>>. Último acesso em: 24/08/2025

idem; Paulo Freire, que começa a *Pedagogia do Oprimido* dizendo que suas referências são Jesus e Karl Marx – e nisto já se vê a ideia da teologia da libertação, que é o “socialismo católico” (Religioso, 2020, p.86)

No texto do Religioso (2020), é necessário realizar uma correção teórica. A primeira refere-se a Jean Piaget, que não era socialista; sua obra está voltada à compreensão de como o conhecimento é constituído a partir da infância e da interação com o mundo. Em sua teoria, o professor atua como mediador entre o conhecimento (o mundo) e o aluno. Em seus escritos, não há abordagens sobre questões de classe social ou processos de transformação social. Outro aspecto importante é que, embora Freire se apresente como marxista e cristão, partindo da construção da *Teologia da Libertação*, o autor aponta a existência de discordâncias por parte de cristãos e marxistas em relação às suas posições, afirmando: “Cristãos ou marxistas, ainda que discordando das nossas posições, em grande parte, em parte ou em sua totalidade, estes, estamos certos, poderão chegar ao fim do texto.” (Freire, 2019, p. 34)

Outro aspecto relevante diz respeito à interpretação dos dados educacionais e dos rankings internacionais, que são utilizados para sustentar a teoria de um suposto domínio marxista nas abordagens do campo educacional o que não se sustenta, conforme o próprio exemplo apresentado pelo autor. Entretanto, sua análise ou melhor, seu apontamento a partir desses dados parte de uma concepção de educação bancária, conforme criticada por Freire (2019). Trata-se de uma perspectiva que reduz a realidade a algo “parado, estático, compartimentado e bem-comportado” (Freire, 2019, p. 79). Tal concepção não corresponde à educação emancipadora, uma vez que esta só pode ser efetiva quando promove a reflexão crítica e não se limita à sua metrificação ou à reprodução dos valores da sociedade vigente.

Nesse sentido, professores que buscam estimular uma educação crítica, ou seja, que incentivam o questionamento da realidade existente deixam de ser reconhecidos como educadores pelos setores neoconservadores. São, ao contrário, rotulados como militantes, não no sentido de disputar e transformar a realidade por meio de um processo educacional mais amplo, mas como sujeitos partidários de esquerda, conforme apresenta o Religioso (2020) em seu fragmento.

O canal do YouTube do autor identificado como “Religioso” foi criado em 12 de dezembro de 2006. O primeiro vídeo registrado no canal data de 17 de agosto de 2012,

intitulado *Desvendando o livro de Juízes: Aula 04*⁸⁰ (Religioso, 2012). No entanto, esse conteúdo encontra-se restrito, disponível apenas para membros assinantes do canal⁸¹. O primeiro vídeo público acessível a todos os usuários é o trailer intitulado *Curso Online "Donald Trump: Cristão ou Anticristo" Trailer 1*⁸² (Religioso, 2018), publicado em 23 de maio de 2018. Até a data de sua utilização neste trabalho, o vídeo contabilizava 5.212 visualizações. Além do link para aquisição do curso, o vídeo apresenta o seguinte texto introdutório:

Saiu! Em ambiente totalmente virtual, o primeiro curso ONLINE do Pr. Daniel Lopez, para assistir quando e onde quiser. Nesse curso são abordados o cenário da Nova Ordem Mundial na Era Trump e argumentos a favor da ideia de que estamos diante do início de uma Nova Era, com o aumento de guerras e diversos outros assuntos, que tornam este curso imperdível e fundamental para os dias de hoje. Inscreva-se já e comece agora mesmo a se aprofundar nesse e em diversos outros temas!" (Religioso, 2025)

Apesar das poucas informações disponíveis sobre o autor religioso, é possível perceber que valores religiosos influenciam fortemente sua visão de mundo. Observa-se uma postura declaradamente anti-marxista, embora ele cometa equívocos ao atribuir posições marxistas a teóricos que não pertencem a esse campo de estudos. Mesmo ao abordar conceitos dentro da tradição marxista, sua construção teórica apresenta inconsistências, evidenciadas até aqui em dois momentos distintos. Sua primeira publicação pública no YouTube busca relacionar política e religião, não sob uma perspectiva libertadora, mas sim a partir de uma ótica escatológica, centrada na ideia de fim dos tempos.

Esses dois grupos os neoliberais, representados pelo Movimento Político, e os de perspectiva religiosa conservadora anti-marxista, como o Religioso se fortalecem à medida que o golpe parlamentar avança sobre a gestão da então presidenta Dilma Rousseff. Nesse processo, o único político que se apresenta como ponto de convergência entre os diversos manifestantes contrários ao governo federal é Jair Messias Bolsonaro, conforme aponta Rocha (2021):

De fato, Bolsonaro era um dos raros políticos, se não o único, que conseguia participar das manifestações pró-impeachment e ser

⁸⁰ Link para o vídeo: < <https://sl1nk.com/yQq4W> >. Último acesso em: 24/08/2025;

⁸¹ O valor mínimo para inscrição é de R\$ 7,99 mensais.

⁸² Link para o vídeo: < <https://sl1nk.com/74j5o> >. Último acesso em: 24/08/2025;

ovacionado pelo público, ao contrário dos demais políticos de oposição. Por meio de sua atuação nas redes sociais, sobretudo a partir de 2013, quando inaugurou uma *fan page* no Facebook, Bolsonaro passou a ficar mais conhecido e angariar novos apoiadores. No ano seguinte, auxiliado pela conjuntura política favorável de desgaste do PT, foi o deputado mais votado do Rio de Janeiro com uma soma de votos quatro vezes maior do que sua média desde seu ingresso na vida política. (Rocha, 2021, p.155-6)

A unidade simbólica que Jair Messias Bolsonaro conseguiu construir no imaginário dos grupos neoconservadores e de uma parcela significativa da sociedade brasileira foi decisiva para sua vitória na eleição presidencial de 2018. Essa convergência foi sintetizada em seu slogan de campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (Bolsonaro, 2018)

Nesta simples frase, é possível identificar um duplo interesse simbólico. O primeiro remete à ideia de unidade nacional, que coloca o Brasil acima dos interesses de grupos específicos, que, no caso, compreendem as minorias que buscavam ampliar seus direitos ao longo da gestão petista, e propõe sua preservação por meio de valores cristãos considerados sólidos. Trata-se da busca de uma coletividade que, embora busque ser coesa, é marcada pela busca da homogeneização ideológica. Paulo Freire (2019) critica esse tipo de coletividade, pois, ao invés de favorecer a individualização e a autonomia do sujeito, ela tende a suprimir a diversidade de pensamento, promovendo uma única forma de agir e sentir.

Já a segunda possibilidade de análise leva em consideração um slogan de caráter internacional, que busca posicionar o país na vanguarda de uma disputa pela manutenção do legado judaico-cristão ocidental, o qual estaria em crise devido ao suposto avanço do marxismo, da pós-modernidade e da construção de uma sociedade voltada à criação de um novo “Deus”, como argumentava o Religioso (2020). Sobre a relação de Bolsonaro com o Estado de Israel, recorremos novamente a Lacerda (2019);

Bolsonaro- que participou das comemorações dos 68 anos de aniversário da independência israelense, oportunidade em que chegou a se batizar no Rio Jordão, pelo Pastor Everaldo (BOLSONARO..., 2016) -, por sua vez, argumenta que a prosperidade de Israel é uma missão divina: Sr. Tenente – Coronel Yossi Shelly, sou o Capitão Jair Bolsonaro. A minha continência ao Estado de Israel. Prezado Alan Rick, recurso minerais, água potável, terras agricultáveis, biodiversidade, precipitação pluviométrica, extensão territorial – veja o que Israel não tem, e o que eles são. Veja agora, no Brasil, o que nós temos e o que não somos. A força de um povo que tem história, que tem cultura, que tem fé, que tem uno, que planeja que ama a liberdade e que

respeita a democracia, de um povo que é marco de resistência de nossa civilização. O que acontece comigo, como cristão, entendo ser uma missão de Deus. Eu sonho alimentar, com Israel, muitíssimas parcerias. O povo de Israel vive! Shalom! (Deputado Jair Bolsonaro – PSC/RJ, discurso em Plenário em 10/05/2017) (Lacerda, 2019, p.159-60)

Esta relação construída entre o judaísmo e o cristianismo ou, mais precisamente, entre setores do Estado israelense e o movimento neoconservador brasileiro, do qual Jair Bolsonaro é representante revela uma articulação que antecede seu governo. Como se observa, seu discurso já se manifestava antes da eleição, buscando demonstrar afinidades de valores entre os dois países. Ainda que reconheça que o Brasil se encontra em uma posição de inferioridade em relação a Israel “apesar do que temos” (Bolsonaro, apud Lacerda, 2019), Bolsonaro apresenta uma perspectiva ideológica e educacional alinhada à do opressor, ou seja, aquela que entende que a melhoria de vida só é possível mediante a adoção de um modelo pré-determinado de existência.

Essa lógica se reflete também em seu slogan de campanha, “Brasil acima de todos” (Bolsonaro, 2018), que, embora pretenda afirmar uma soberania nacional, encontra seus limites diante de nações como os Estados Unidos, cuja influência permanece como referência e parâmetro de sucesso político, econômico e cultural.⁸³

Quando retornamos ao slogan e à primeira parte do enunciado, identificamos a busca por apoio e protagonismo na condução das relações internacionais com já apresentado na base nos valores neoconservadores. Essa interpretação pode ser compreendida a partir das ações e políticas conduzidas pelo Itamaraty durante o período de 2019 a 2021, sob a liderança de Ernesto Araújo, então chefe da diplomacia brasileira.

Nesse período, a diplomacia brasileira foi marcada por um alinhamento a pautas neoconservadoras e repressivas, especialmente em temas como saúde pública e direitos reprodutivos das mulheres⁸⁴. Além disso, observou-se um discurso recorrente de temor quanto à suposta perda dos valores cristãos, atribuída à “imigração desenfreada”⁸⁵.

⁸³ Sobre o dia que Bolsonaro bateu continência para a bandeira dos EUA; <<https://www.terra.com.br/noticias/bolsonaro-recebe-premio-bate-continencia-a-bandeira-dos-eua-e-erra-o-proprio-bordao,3e51701c017f264ac65c2f3bcce8d1c0oldta994.html>>. Último acesso em 24/08/2025.

⁸⁴ Sobre a posição do Brasil em relação a saúde da mulher: <<https://www.camara.leg.br/noticias/567468-ministro-confirma-diretriz-da-politica-externa-contra-conceito-de-genero-e-contra-aborto/>> Último acesso em: 24/08/2025

⁸⁵ Sobre a questão da imigração: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-chanceler-do-regresso/>>. Último acesso em: 24/08/2025.

Localizamos esses elementos ao nos depararmos com a notícia de 22 de outubro de 2020, publicada na *Folha de S. Paulo*⁸⁶, intitulada "*Se atuação do Brasil nos faz um pária internacional, que sejamos esse pária, diz chanceler*", na qual Araújo argumenta: "Sim, o Brasil hoje fala em liberdade através do mundo. Se isso faz de nós um pária internacional, então que sejamos esse pária". (Folha de S. Paulo, 2020).

O texto de Jung Mo Sung (2025),⁸⁷ "*Liberdade, libertação e o caminho da servidão nos dias de hoje*", disponível no site da Unisinos, permite-nos aprofundar o conceito de liberdade defendido por Araújo:

Esse desejo de ter a **liberdade** de dizer em público o que pensa se contrapõe à pressão social de dizer que você não deve dizer coisas que são "politicamente incorretos". E o que seriam essas afirmações? Por exemplo, piadas ou comentários contra negros, gays, imigrantes, mulheres... em um ambiente "público". É claro que essa pressão social foi fruto de lutas sociais e políticas das chamadas "minorias" ou dos e das que estavam em situação de subalternidade na sociedade. Podemos dizer que essa pressão era justificada ou rotulada como falta de "educação". Isto é, além da falta de educação no sentido popular, também a falta de educação formal em que as pessoas aprendem as origens dessas situações e das ideologias que justificam o racismo, a subalternidade das mulheres, dos gays etc. (Sung, 2025)

O fragmento de Jung (2025) permite tensionar os elementos que estruturam o discurso de Araújo e como este pode enfraquecer a diplomacia brasileira no cenário internacional. A política que o campo neoconservador busca impor é formulada com a premissa de preservar as violências já existentes e ampliá-las por meio da retirada de direitos previamente constituídos, criando, assim, um ambiente favorável aos negócios e à elite econômica, porém insalubre para o convívio social em suas formas plurais. Em síntese, trata-se de uma liberdade restrita a poucos sujeitos e centrada nas mercadorias.

A argumentação de Araújo (2020) representa a posição política do governo e demonstra a práxis de uma sociedade fechada (2021), que busca construir elementos não dialógicos. Essa postura privilegia o fortalecimento de barreiras culturais e sociais, criando, assim, um ambiente estéril, que mascara uma falsa harmonia social. Tal discurso, para além de uma sinalização internacional voltada a grupos neoconservadores⁸⁸, busca

⁸⁶ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/se-atuacao-do-brasil-nos-faz-um-paria-internacional-que-sejamos-esse-paria-diz-chanceler.shtml> > Último acesso em 20/01/2025

⁸⁷ Texto disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/649898-liberdade-libertacao-e-o-caminho-da-servidao-nos-dias-de-hoje-artigo-de-jung-mo-sung> >. Último acesso em 20/01/2025

⁸⁸ Neste contexto encontramos uma articulação internacional neoconservadora estruturada, com governos eleitos no EUA, Hungria, além do fortalecimento do Chega em Portugal, Voz da Espanha, Lega Nord,

normalizar o isolamento de seus apoiadores em relação a visões que divergem de sua lógica. Afinal, a luta é contra um inimigo maior, que pretende refundar a sociedade como apresenta a reflexão de Freire (2021):

“[...] sociedade fechada a que já nos referimos. Sociedade, acrescenta-se, com o centro de decisão de sua economia fora dela. Economia, por isso mesmo, comandada por um mercado externo. Exportadora de matérias-primas. Crescendo para fora. Predatória. Sociedade reflexa na sua economia. Reflexa na sua cultura. Por isso alienada. Objeto e não sujeito de si mesma. Sem povo. Antidialógico, dificultando a mobilidade social vertical ascendente. Sem vida urbana ou com precária vida urbana. Com alarmantes índices de analfabetismo, ainda hoje persistentes. Atrasada. Comandada por uma elite superposta a seu mundo, ao invés de com ele integrada. (Freire, 2021, p.67)

Embora o texto de Freire (2021) busque caracterizar a sociedade fechada brasileira anterior ao golpe civil-militar de 1964, alguns elementos dessa estrutura permanecem no discurso do chanceler. A política externa brasileira, a partir de 2019, passou a evitar o diálogo Freire (2019) com países cujas posições e pressupostos divergem dos seus, estabelecendo, assim, um limite claro à reflexão e ao debate internacional. Nesse processo, a diplomacia brasileira assume uma postura predominantemente econômica, que não se dispõe a dialogar sobre pessoas, direitos humanos ou resoluções de conflitos. Ao contrário, busca preservar demandas opressivas, como já evidenciado anteriormente na posição do governo brasileiro em relação às minorias.

Araújo (2019) critica o que denomina como “ideologia do globalismo”, apontando que, fora do contexto neoconservador, essa visão poderia ser reinterpretada como uma proposta de mundo pautado no diálogo e na valorização dos indivíduos. Em suas reflexões posteriores, o autor também se posiciona contra o multiculturalismo, que, segundo ele, enfraqueceria os valores nacionais e cristãos ao promover uma concepção marxista de divindade, com impactos negativos sobre a família e a comunidade (Araújo, 2020). Nesta perspectiva, a diplomacia brasileira e o governo Bolsonaro realizam a defesa da nossa sociabilidade, família e comunidade, e apontam que precisamos ser fortes contra as intempéries; em síntese, convocam a sociedade para a defesa de que ela continue fechada (Freire, 2021).

Ao analisar esse discurso, percebe-se uma convergência com os argumentos previamente apresentados pelo autor Religioso, especialmente no que diz respeito às

Forza Italia e Fretelli D'Itália. Este período representou também a chegada do CPAC (Conservative Political Action Conference) em 2019.

dificuldades de definição do conceito de marxismo. A proposta do Ministro das Relações Exteriores, ao conclamar a sociedade à defesa de um determinado modo de vida, encontra ressonância na obra *Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI* (Religioso, Mello, 2021), em que o autor associa tentativas de pensar novas estruturas a ditadura. Nesse contexto, ele afirma: “Se a ditadura é progressista, ela é virtuosa. É a luta dos virtuosos contra os iguais, isto é, o povo” (Religioso, Mello, 2021, p.62).

O Religioso busca produzir um antagonismo entre as transformações e novas formas de existência, impondo-as a toda a sociedade que não participa dessas mudanças. Esse povo, ao qual o Religioso, Mello (2021) se inclui, deve lutar para impedir, segundo sua definição, uma ditadura, ou seja, a imposição de um novo regime por uma elite dirigente, que pode ser compreendida como globalista, multiculturalista que é o marxismo na visão de Araujo (2020) que busca impor uma sociedade com a qual o povo não concorda nem reconhece.

Enquanto o Religioso, Mello (2021) argumenta sobre a união do povo contra as transformações e a manutenção de um legado, o Movimento Político (2021) realiza uma ruptura com o bolsonarismo, ao mesmo tempo em que busca ampliar sua crítica ao campo da esquerda, conforme apresentado em seu livro *Manual de Debate Político: Como Vencer Discussões Políticas na Mesa do Bar* (2021):

O que queremos fazer ao promover o conservadorismo é proporcionar ao Brasil uma experiência totalmente distinta daquela feita pelos governos de esquerda e pelo governo autoritário tosco da ditadura e de Bolsonaro. Em linhas muito gerais, nosso liberal-conservadorismo é uma doutrina política que: 1. Está umbilicalmente ligada ao constitucionalismo, à limitação do poder e ao sistema de freios e contrapesos. Isso é inegociável, porque entendemos que os homens, sendo maus, têm tendências a abusar do poder; 2. Refuta o otimismo que a esquerda tem na natureza humana (seja na versão de Marx ou Rousseau) e a saída revolucionária; 3. Tem o compromisso com a democracia. Não temos ditadores de estimação, ao contrário de grupos de esquerda que insistem em louvar ditaduras latino-americanas, como Cuba e Venezuela; 4. Entende que os direitos humanos não são negociáveis e devem ser preservados em todos os contextos, ao contrário do que faz a esquerda que aceita grave violações de direitos humanos em regimes que promovem o seu ideário; 5. Entende que o mercado deve promover o crescimento econômico dos países e o bem-estar da sociedade, cabendo ao Estado apenas a prestação de serviços públicos, e mesmo assim, somente quando a iniciativa privada não consegue fazê-lo. Ademais, o Estado jamais deve atrapalhar a iniciativa privada no seu papel de criadora de riqueza. (Movimento Político, 2021, p.52-3)

O fragmento permite aprofundar os limites do neoconservadorismo e sua articulação na realidade brasileira na construção de um projeto de futuro. Enquanto, o texto do Religioso, Mello (2021) busca a manutenção do presente. O Movimento Político (2021), ao tentar se descolar do bolsonarismo, não apresenta grandes transformações; apenas reforça sua política anti-esquerda. Defende uma democracia abstrata uma democracia separada do povo e reforça a importância dos agentes financeiros em sua construção. Critica governos latino-americanos e, conseqüentemente, suas tentativas de novas experiências democráticas.

Seu texto, embora apresente uma ruptura com o governo federal, revela, na prática, um posicionamento mais contundente contra o campo da esquerda. Nesse contexto, cumpre três funções principais:

1. Defesa contra o bolsonarismo: proteger-se de possíveis ataques vindos do campo bolsonarista, que poderiam e de fato acusaram o Movimento Político de ser esquerdista.
2. Reaproximação com o conservadorismo neoliberal: resgatar vínculos com setores conservadores e neoliberais que se encontravam contrariados com as posições do governo.
3. Reivindicação de representação: posicionar-se como o verdadeiro representante desse campo político, buscando legitimidade e protagonismo.

Essa hipótese sobre a intenção do texto leva em consideração outro texto que faz parte da coletânea intitulado *O Fracasso Monumental da Revolução Francesa* (2021), na qual se destaca a reflexão sobre a natureza humana e sua articulação com uma visão específica de democracia. Trata-se de uma concepção que não se fundamenta na Revolução Francesa compreendida de forma pejorativa como excessivamente revolucionária, mas sim na Revolução Gloriosa. Nesse contexto, o autor recorre ao pensamento do filósofo político conservador do século XVIII, Edmund Burke, para justificar sua posição política e seu modelo de organização social:

Revolucionários acreditam em mudanças drásticas, rupturas institucionais, da política como solução para todos os males do mundo, no poder como fonte de esperança. Conservadores acreditam em mudanças graduais, dentro das regras do jogo, veem a política como instrumento necessário para a resolução de boa parte, mas não de todos, os conflitos e angústias da sociedade e enxergam o poder com ceticismo, mantendo sempre acesa a chama de alerta de que quanto maior o poder concentrado nas mãos de poucos homens, maiores os

males que esses homens podem causar. (Movimento Político, 2021, p.146)

A posição do Movimento Político (2021), apresentada nos fragmentos citados, não aposta na capacidade de criação humana, pois observa nossa relação com o mundo como limitada, na qual nossas ações e transformações produzem mais malefícios do que benefícios. Assim, a história é concebida como uma estrutura fechada (Freire, 2021), na qual os sujeitos são determinados e incapazes de produzir uma ruptura que melhore a situação social e, ao mesmo tempo, garanta a capacidade inventiva, transformando o processo de conhecimento em algo separado da práxis humana.

Nesse processo, suas concepções sobre o humano e o fazer histórico contrastam com o pensamento de Freire (2019, 2021). Enquanto as fontes buscam transformar os indivíduos sem perspectivas de mudança, limitando-os à esfera do conhecido, Freire questiona essa visão e propõe o oposto: o ser humano só se reconhece na produção de sentidos, que passa pelo conhecimento do que já existe, mas lhe permite, ao compreender esse fenômeno, escolher entre permanecer nele ou transformá-lo. E sua atuação não cria desordem, mas sim, mais liberdade;

Não são raras as vezes em que participantes destes cursos, numa atitude em que manifestam o seu "medo da liberdade", se referem ao que chamam de "perigo da conscientização". "A consciência crítica (dizem) é anárquica." Ao que outros acrescentam: "Não poderá a consciência crítica conduzir à desordem"? Há, contudo, os que também dizem: "Por que negar? Eu temia a liberdade. Já não a temo"! (Freire, 2019, p.31)

A hipótese de Freire (2019) é que o processo de libertação não se configura como uma anarquia, como pensam aqueles que o temem e o tratam como desordem ou bagunça, mas sim como um processo dinâmico, que busca a construção da democracia por meio da escuta e da valorização das vozes presentes na construção coletiva. À medida que Freire (2019) compreende a possibilidade de criação no plural, observa-se que a prática dos neoconservadores, a partir do governo Bolsonaro, opera por meio da padronização de elementos considerados sagrados como Deus, na visão do Religioso, Mello (2021), e a economia, no caso do Movimento Político (2021), resultando na construção de uma democracia esvaziada sob a condução de Bolsonaro.

Lacerda (2019) sintetiza o projeto de sociedade do neoconservadorismo brasileiro;

É a força da união entre a promessa do progresso material com valores transcendentais e laços sólidos (HIMMELSTEIN, 1983). A insegurança em relação à organização dos afetos dá lugar a papéis sociais bem definidos. Em um mundo de constante mudança, as respostas baseadas em autoridade, na família e em princípios religiosos delimitados oferecem conforto. As incertezas relacionadas a saúde, moradia, educação, desemprego e violência urbana são compensadas com as ideias de pulso forte e a hierarquia. A inclusão social pela via programática estatal parecer complexa e difícil de alcançar. (Lacerda, 2019, p.197)

De acordo com Lacerda (2019), o neoconservadorismo brasileiro parte da organização das inseguranças sociais geradas pelo cotidiano de uma sociedade capitalista, sem, no entanto, apresentar os motivos que originam esse sentimento. A gestão Bolsonaro, nesse contexto, se caracteriza e se estrutura a partir de um conjunto social que, por meio do consumo, percebe uma melhora na qualidade de vida, enquanto outra parcela da população reconhece, no período anterior, uma perda nessa qualidade, motivada pela sensação de perda de capacidade de consumo.

Nessa construção, em vez de estimular novas soluções ou alternativas para enfrentar esse medo, o neoconservador busca alimentá-lo, adicionando uma nova camada: o perigo de ataques aos valores individuais, como a família e a religião. Nesse processo, debates sobre valores de suposto cunho cristão e sobre a configuração da família baseada em padrões heteronormativos tornam-se constituintes desse universo discursivo. Tal discurso representa um medo diante das movimentações sociais, pois, como apresentamos em nosso texto, pautas de defesa das minorias e do feminismo ganharam novo fôlego durante a gestão petista, provocando, para esses grupos, uma percepção de comprometimento das bases familiares.

A importância da família para esse grupo pode ser dimensionada pelo livro *Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos na América Latina* (2020), de Maria das Dores Campos Machado, Juan Marcos Vaggione e Flávia Biroli, sendo esta última responsável pela redação do capítulo “Gênero, ‘valores familiares’ e democracia”:

“[...] o principal avanço em relação ao trabalho anterior de Brown está, ao que parece, no reconhecimento de que há diferentes tipos de privatização – a privatização dos bens e do espaço público, que corresponde à restrição do papel do Estado, e a expansão da “esfera provada protegida”, que corresponde ao papel da família. As duas dinâmicas participam da produção do “cidadão democrático”, na medida em que privatizam as alternativas aos problemas presentes e aos desafios cotidianos da vida, repelindo a pluralidade. (Biroli, 2020, p.148)

Biroli (2020) apresenta que o neoliberalismo, para se sustentar, precisa ir além de um sistema econômico: exige a construção de valores e modos de vida que garantam sua defesa. Nesse processo, o Estado deve ser constantemente atacado, de modo a permitir a primazia do mercado, o esvaziamento da democracia e o enfraquecimento de possíveis construções coletivas.

Os espaços e interesses públicos são, assim, individualizados e mercantilizados. A família, nesse contexto, é reduzida a uma célula de convívio restrita ao espaço privado suas casas, com extensões pontuais em festas ou encontros realizados também em locais privados, como restaurantes, bares ou propriedades de outros membros familiares.

Esse projeto de sociedade parte da perspectiva de que a função da família deve ser impedir que seus membros busquem os espaços públicos e formas de construção coletiva, promovendo, em vez disso, uma formação individualizante.

Nesse sentido, a família do sujeito alinhado aos valores neoconservadores é constantemente percebida como estando em risco diante das instabilidades de uma sociedade que busca se constituir a partir da pluralidade. O discurso neoconservador enquadra essa estrutura como alvo de um movimento progressista que pretende destruir o único espaço historicamente legitimado e seguro. Dessa forma, todas as mudanças ao redor são interpretadas como ameaças iminentes aos seus valores. Em síntese, esse movimento busca reduzir a cidadania ou, como apresenta Lacerda (2019), ao relatar a ação deste grupo nos EUA:

De maneira geral, os neoconservadores atuam de modo a eliminar programas governamentais de cunho feminista e pelos direitos dos homossexuais e foram contra a interferência do Estado no domínio familiar. Assim, defendiam, a prerrogativa de os pais aplicarem castigos corporais aos filhos. Pelo mesmo motivo, reivindicam diversas medidas relativas à educação, como o *homeschooling* e a proibição de materiais que contrariassem as diferenças naturais entre os sexos. Os argumentos utilizados para a agenda eram baseados na maioria moral, no restabelecimento de autoridade patriarcal, na função da família prevenir disfunções sociais como pobreza, criminalidade, gravidez precoce e “filhos ilegítimos” e em fornecer segurança para as mulheres. (Lacerda, 2019, p.61)

Embora Lacerda (2019) situe essa atuação no contexto do neoconservadorismo norte-americano, não podemos ignorar que tais pautas também estão presentes entre

congressistas brasileiros que se aproximam desse universo ideológico⁸⁹. A partir da compreensão que esses atores têm do papel da família, ela é concebida como uma estrutura que se contrapõe ao Estado em áreas como saúde e segurança tanto na defesa do indivíduo quanto na primazia de funções delimitadas a cada membro familiar.

Essa visão sustenta a preponderância do homem sobre a mulher, a definição biológica e binária da sexualidade, e uma educação pautada por valores morais restritivos. Nesse modelo, cada família desenvolve a educação escolar conforme seus próprios preceitos, a partir de um currículo mínimo, sem contato com o contraditório seja em termos teóricos, seja no convívio social. Trata-se, portanto, de uma proposta que busca preservar uma ordem moral específica, excluindo a pluralidade e o debate como elementos formadores da cidadania.

Disputar a realidade para produzir uma educação contra o neoconservadorismo brasileiro deve levar em consideração outro aspecto apresentado por Biroli (2020), no texto já mencionado;

O “cidadão não democrático” resultaria da erosão do público, mas também se tornaria um ativo político para a reprodução das políticas antidemocráticas nesse processo. Queremos dizer, com isso, que a produção de subjetividades autoritárias pode ser um fator fundamental para a ascensão e o apoio posterior a lideranças e governos autoritários. (Biroli, 2020, p.148)

Biroli (2020), em seu argumento, apresenta uma hipótese importante que, ao reiterar as críticas ao autoritarismo as quais compartilhamos aponta que a educação responsável pela formação de sujeitos que defendem valores neoconservadores, e que contribui para a diminuição das possibilidades plurais, constitui um ativo político dentro de uma forma social pautada por premissas neoliberais, nas quais a democracia é compreendida apenas como o ato eleitoral.

Nesse processo, observa-se a construção política eleitoreira do Movimento Político e da gestão Bolsonaro. A partir do desgaste do espaço público que passa a servir

⁸⁹ Atuação dos parlamentares neste tema: < <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/camara-aprova-projeto-que-regulamenta-o-ensino-domiciliar-texto-segue-para-o-senado/> > , < <https://www.camara.leg.br/noticias/411399-deputados-discutem-com-internautas-se-proibicao-de-palmada-retira-autoridade-dos-pais/> > , < <https://www.camara.leg.br/noticias/1072249-camara-aprova-urgencia-para-projeto-que-equipara-aborto-de-gestacao-acima-de-22-semanas-a-homicidio> > , < <https://www.camara.leg.br/noticias/541900-PROJETO-PROIBE-USO-DE-NOME-SOCIAL-POR-TRANSEXUAIS-EM-REGISTROS-ESCOLARES> > . Último acesso em: 24/08/2025

como terreno fértil para novas fórmulas de acúmulo de capital emergem figuras como o Religioso, que colaboram na construção de percepções capazes de moldar esse eleitor.

Diante desse fenômeno, não se trata de impedir a participação desses sujeitos nos processos democráticos, mas sim, como propõe Freire (2019), de pensar a educação para além do espaço escolar compreendendo o processo democrático como uma categoria revolucionária e libertadora, que ultrapassa os limites dos escrutínios eleitorais.

O modelo atual busca inviabilizar um processo verdadeiramente transformador, naturalizando uma perspectiva de horizonte fechado Freire (2021) que esvazia o sentido da experiência criadora. Nesse contexto, a função do sujeito deixa de ser criadora e passa a ser decorativa, servindo apenas para garantir o funcionamento de uma estrutura que o instrumentaliza.

O enfrentamento ao neoconservadorismo brasileiro exige que a sociedade tome consciência do mundo, como propõe Freire (2021). Isso implica desenvolver a capacidade de receber e produzir crítica, observar o desenvolvimento social para além da família e do pensamento religioso, reconstruir os espaços públicos e buscar a compreensão do diferente em seu sentido mais amplo.

É essencial permitir a experimentação do novo não por meio de uma adesão acrítica, mas reconhecendo-o como válido e necessário para a construção de uma sociedade universal e diversa. Esse processo deve ser compreendido a partir da primazia do humano sobre o econômico, algo que só se tornará possível se estivermos dispostos a repensar e transformar a sociedade por meio de alternativas que ultrapassem o método eleitoral e ampliem nossa concepção de democracia.

O processo eleitoral, assim como o método escolar tradicional, não se orienta necessariamente pela criação de experiências sociais, mas sim pela transmissão de métodos científicos e pela reprodução de saberes legitimados. No entanto, esses espaços especialmente o escolar podem se tornar férteis para a construção de uma nova sociabilidade, desde que abandonem as características que Freire (2021) denuncia:

A própria posição da nossa escola, de modo geral acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais, já é uma posição caracteristicamente ingênua⁹⁰. Cada vez mais nos convencemos, aliás,

⁹⁰ Rodapé do livro: “Duas gerações de educadores brasileiros, a cujo esforços se vem juntando o de sociólogos preocupados com a educação, vêm insistindo, em ensaios e artigos publicados em revistas especializadas (entre elas a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*), neste aspecto. E vêm insistindo, com idas e vindas, na objetivação de suas ideias, dentro da perspectiva de uma educação nova, hoje cada

de se encontrarem na nossa inexperiência democrática as raízes deste nosso gosto da palavra oca. Do verbo. Da ênfase nos discursos. Do torneio da frase. (Freire, 2021, p.125)

Freire (2021), neste fragmento, nos apresenta elementos que nos levam a questionar o processo mecânico no qual estamos inseridos e como esses mecanismos ocultam suas contradições, que se reforçam a cada ato. À medida que o processo eleitoral se desenvolve e se fortalece com o ato de votar, revela-se um sistema que, embora ritualizado, não concretiza os desejos coletivos na prática. Em outras palavras, a repetição eleitoral não representa uma mudança estrutural, mas sim a reformulação de um projeto de sociedade que transcende a forma conhecida e institucionalizada sem, contudo, romper com suas bases.

Em nosso processo histórico, isso pode ser observado pelo prisma das acomodações realizadas pela coalizão petista e pela radicalização que busca manter as contradições sociais representadas pelo neoconservadorismo brasileiro, nas posições do Movimento Político e do Religioso e a prática administrativa de Bolsonaro.

O método educacional apresentado por Freire (2021), que busca a crítica a cultura política eleitoreira que se articula para a reprodução da estrutura que garante sua sobrevivência. Esse sistema não permite o novo, mas sim seu continuísmo, busca gerar conformismo e apaziguamento das contradições de classe que permeiam nossa realidade, não as resoluções. Nesse processo, observamos que os desejos por novas possibilidades são reduzidos a um complexo emaranhado de estruturas que se justificam pela negação do novo.

Ao transportar a crítica ao método educacional baseado na memorização que busca produzir sujeitos não autônomos, incapazes de reconhecer suas potencialidades e capacidade criativa para o processo eleitoral, buscamos demonstrar como a construção de sentido político tem sido estruturada. Essa analogia revela elementos educacionais que nos levam ao seguinte questionamento: será que esse modelo parte da necessidade de explorar ao máximo a capacidade humana, ou apenas permite que a realidade social instituída se desenrole sem rupturas?

vez mais voltada para o desenvolvimento. Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Lourenço filho, Carneiro Leão e outros, entre os mais velhos. Roberto Moreira, Artur Rios, Lauro de Oliveira Lima, Paulo de Almeida Campos, Florestan Fernandes (sobretudo sociólogo), Guerreiro Ramos (sociólogo) e outros entre os mais jovens. Sem se falar nas incursões neste tema, muitas delas lúcidas e importantes, que vêm sendo feitas por economistas brasileiros. Em que pese todo esse esforço, a tônica ainda vem sendo a referida no texto, apesar das exceções isoladas.

Considerando o desdobramento dessa questão e sua relação com a práxis brasileira, este será o tema que abordaremos na próxima sessão do capítulo. No primeiro momento, apresentamos o debate sobre como essa realidade é produzida; agora, avançaremos para a crítica de como ela opera para garantir e perpetuar as contradições presentes em nossa sociedade.

2.2- A disputa dos rumos do governo Bolsonaro: as diferenças iniciais entre Religioso e Movimento Político.

Até este momento do texto, buscamos aprofundar os elementos históricos que contribuíram para a formação do espaço neoconservador no Brasil, articulando aspectos culturais e políticos, tanto em sua dimensão institucional quanto em suas expressões sociais. A partir desta etapa, o objetivo passa a ser desdobrar como tais elementos operam na sociedade contemporânea, considerando as informações produzidas pelo Movimento Político e Religioso, bem como suas correlações com os desdobramentos políticos recentes.

Para responder à questão apresentada ao final da seção anterior será que esse modelo parte da necessidade de explorar ao máximo a capacidade humana, ou apenas permite que a realidade social instituída se desenrole sem rupturas? É necessário retornar aos elementos da governabilidade da gestão de Jair Bolsonaro. Sua sustentação governamental pode ser compreendida pela pressão que seus apoiadores exerciam sobre as estruturas políticas, por meio de manifestações que buscavam demonstrar força, criando assim sua base de apoio e garantindo sustentação para projetos e pautas.

Como apresenta João Cezar de Castro Rocha (2021) em seu livro *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*: “O bolsonarismo não possibilitou o triunfo eleitoral da direita, mas, pelo contrário, a ascensão paulatina da direita, articulada desde meados da década de 1980, preparou a vitória do Messias Bolsonaro.” (Rocha, 2021, p. 38).

Rocha (2021) apresenta a hipótese de que o governo Bolsonaro não constituiu um fenômeno novo em termos de projeto político, mas foi alçado ao poder a partir das contradições de uma sociedade que começava a se tornar “democrática” nos momentos finais da ditadura civil-militar. Nesse processo, sua candidatura e, consequentemente, sua gestão conseguiu monopolizar o campo da direita, de modo que o debate sobre a

construção dessa perspectiva passou a ser mediado por sua figura, seja por meio do apoio, seja pela negação, como o Movimento Político (2021).

Esse fenômeno pode ser compreendido à luz do conceito de consenso formulado por Gramsci (s.d), aplicado à direita brasileira, que identificou em Bolsonaro uma figura com capacidade eleitoral significativa. Como já apresentado, ele foi um dos poucos políticos capazes de dialogar com uma parcela da população durante as manifestações que culminaram no golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Esse processo conduziu à formação de uma hegemonia, nos termos de Gramsci (s.d), em que o debate dentro do campo da direita passou a considerar sua posição como central.

Na continuidade de sua obra, Rocha (2021) apresenta quatro elementos que contribuem para o debate sobre a formação desse consenso e da hegemonia em torno do nome de Bolsonaro. Embora o autor os apresente em sequência, optamos por dividi-los em dois blocos. Neste primeiro momento, abordaremos os apontamentos 1 e 2;

(Talvez já na segunda metade da década de 1990, certamente desde 2002 – muito antes de, portanto, de 2013) A simples enumeração dos elementos ilumina a incompreensão ainda hoje predominante: 1) a ação inicialmente positiva de Olavo e Carvalho na década de 1990, ampliando o repertório bibliográfico e fortalecendo a musculatura da direita por meio das polêmicas estratégicas contra ícones da esquerda; 2) uma fissura geracional que escapou aos cálculos da esquerda, em geral, e do Partido dos Trabalhadores, em particular. As quatro eleições presidenciais, legitimamente vencidas pelo PT, possibilitaram a associação automática, embora inédita entre *establishment*, *sistema político* e *campo da esquerda*; daí pela primeira vez na história republicana brasileira, *foi possível considerar-se de oposição por ser de direita*: (Rocha, 2021, p.39)

A partir destes dois aspectos apresentados por Rocha (2021), temos a referência da construção do consenso, no campo da direita brasileira. O fio condutor utilizado por Rocha (2021) para discutir o fortalecimento dessa posição política é a contribuição de Olavo de Carvalho. Rocha (2023) faz uma breve apresentação da atuação de Olavo de Carvalho no final da década de 1990;

Na época, Carvalho possuía um blog, criado em 1998, intitulado Sapientiam Autem Non Vincit Malitia [A sabedoria não é vencida pela malícia], e escrevia textos e artigos de opinião para o Jornal da Tarde, Jornal do Brasil, Diário do Comércio, O Globo e para a revista Bravo!, entre outros veículos, os quais reproduzia em seu site. Além disso, contava com vários livros publicados por editoras de menor expressão em que procurava criticar a esquerda nacional e o marxismo, como A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci,

publicado em 1994, *O jardim das aflições*, de 1995, e os dois volumes de *O imbecil coletivo*, publicados, respectivamente, em 1996 e 1998. De acordo com o próprio Carvalho, a publicação dessas obras, em especial de *O imbecil coletivo*, na qual tecia críticas aos intelectuais e acadêmicos de esquerda brasileiros, teria aberto um espaço para liberais e conservadores que lhes havia sido negado desde os anos 1980.⁹¹ (Rocha, 2021, p.76)

A partir de Rocha (2021), observa-se que Olavo de Carvalho contribuiu para a consolidação de um método brasileiro de atuação neoconservadora, especialmente por meio da controvérsia como estratégia de aproximação com novos públicos. Essa abordagem é particularmente eficaz no ambiente do YouTube, onde os criadores disputam atenção de forma desregulada, sem critérios editoriais claros. Nesse cenário, provocar outro interlocutor torna-se uma forma de projetar seu nome ou canal para além da própria audiência, alcançando usuários que ainda não conhecem seu conteúdo.

Essas disputas costumam adotar um tom provocativo ou combativo, com o objetivo de instigar uma reação ou atrair espectadores de maneira orgânica, mesmo sem a resposta direta do alvo. Outro aspecto relevante é a construção visual e textual da publicação, como o título e a capa do vídeo. Um exemplo é a produção do Movimento Político em 19 de dezembro de 2019, intitulado *Respondi Flávio Bolsonaro...*⁹². Na imagem, vê-se Flávio Bolsonaro apontando para o título. O conteúdo consiste na interação de um dos líderes do Movimento Político com um vídeo em que Flávio Bolsonaro conversa com Rodrigo Constantino. Os apontamentos feitos partem da premissa de que o senador é corrupto, sendo essa a primeira interação visual apresentada ao espectador.

Ainda com base em Rocha (2023), observa-se que Olavo de Carvalho inicia sua atuação nas redes sociais no início do século XXI com o objetivo de difundir seus posicionamentos;

Contando com a colaboração de outros críticos do marxismo e da esquerda nacional, no ano de 2002 o autor de *O imbecil Coletivo* criou o site *Mídia sem Máscara* (MSM), fazendo com que Carvalho passasse a se tornar mais conhecido pelos brasileiros que possuíam acesso à internet na época. Assim, quando a rede social Orkut surgiu, já era possível encontrar duas comunidades formadas por leitores e admiradores da obra de Olavo de Carvalho: “Olavo de Carvalho” e “A Filosofia de Olavo de Carvalho[...]” (Rocha, 2023, p.93)

⁹¹ Rodapé do livro: Ver: Rodolfo Borges, “A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros”. *El País*, 1 ago. 2015. Disponível em: Acesso em: 2 jun. 2021.

⁹² Vídeo disponível em: < <https://11nq.com/NTy8w> >. Último acesso em 24/08/2025

Rocha (2023), ao apontar que Olavo de Carvalho passou a atuar nas redes sociais no início do século XXI, permite enquadrá-lo na categoria de intelectual orgânico conservador, conforme a definição de Martins (2011), uma vez que buscava desempenhar as funções típicas dessa figura. Sua atuação consistia em divulgar autores e, simultaneamente, angariar apoiadores para sua proposta de pensamento. Sob essa perspectiva, Olavo de Carvalho representou, naquele período, uma experiência inédita. Embora defendesse argumentos antigos, com fragilidades conceituais do ponto de vista histórico e filosófico, conseguia estabelecer comunicação com diferentes grupos sociais que tinham acesso à internet: “Entre os anos 2005 e 2007, auge do Orkut no Brasil, o acesso à internet no país era bastante restrito a grupos formados sobretudo por adolescentes e jovens adultos com alta escolaridade, em sua maioria oriundos das classes A e B das regiões Sul e Sudeste” (ROCHA, 2023, p. 94).

O que nos leva a outra atribuição importante desse personagem: a formação e a propagação de autores para uma série de sujeitos que não se sentiam representados pelo projeto petista e buscavam referências para utilizar como argumento em debates. Para além da divulgação de autores como o próprio Hayek, destacamos Ludwig von Mises. Entretanto, Olavo de Carvalho apresenta como principal contribuição a introdução, para aqueles que o acompanhavam, do conceito de hegemonia gramsciniana, Rocha (2021):

A “hegemonia gramsciana” à qual se refere Boeira está relacionada ao argumento desenvolvido por Olavo de Carvalho a respeito de uma revolução gramsciana capitaneada por intelectuais de esquerda e pelo PT desde o fim da ditadura militar. Ainda que teorias similares já circulassem em outros países, é possível dizer que Carvalho as adaptou ao contexto nacional,⁹³ e, ao longo do tempo, suas ideias foram difundidas por meio da internet numa versão simplificada que acabou por se tornar a pedra angular do discurso da nova direita. Por esse motivo optei por reproduzir abaixo uma síntese de seu argumento original, extraída do prefácio da primeira edição de *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, escrito em junho de 1994, ou seja, ainda durante o primeiro ano de governo de Fernando Henrique Cardoso.⁹⁴ (Rocha, 2021, p. 95)

⁹³ Rodapé do livro: Argumentos semelhantes teriam sido mobilizados pela nova direita na França e pela chamada alt-right norte-americana (Angela Nagle, *Kill all Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right*. Ropley: John Hunt, 2017).

⁹⁴ Para dar dinâmica ao texto, optamos realizada Rocha (2021) sobre o livro do Olavo neste espaço “A inteligência nacional está indo ladeira abaixo, ao mesmo tempo que sobe, das ruas e dos campos, o rumo sombrio de uma revolução em marcha. Sim, o Brasil está inequivocamente entrando numa atmosfera de revolução comunista. [...] A geração que, derrotada pela ditadura militar, abandonou os sonhos de chegar ao poder pela luta armada [...] se dedicou, em silêncio, a uma revisão de sua estratégia, à luz dos ensinamentos de Antonio Gramsci. O que Gramsci lhe ensinou foi abdicar do radicalismo ostensivo para

Como apresentado por Rocha (2021), essa construção teórica representa um dos principais legados que se popularizaram na internet, encontrando ecos no pensamento do Religioso (2020), ao abordar os planos marxistas a partir da atuação das agências multilaterais. Partindo da relevância desse tema, aprofundaremos os principais equívocos teóricos relacionados ao autor de Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Quando Olavo de Carvalho apresenta *Revolução Passiva*, sua construção argumentativa transforma este conceito em uma fórmula desonesta e oculta, no caso do PT de dominação cultural e política, entretanto, como apresenta Bianchi (2006)⁹⁵, a concepção original de Gramsci parte de outra perspectiva;

A ideia, que esse conceito pretendia expressar na obra de Gramsci, de uma transformação molecular (gradual e reformista) da sociedade, converte-se, assim, para tais intérpretes, em estratégia política das classes subalternas, que deveria apropriar-se dessa forma do movimento político da burguesia com o intuito de subvertê-la, invertê-

ampliar a margem de alianças; foi renunciar à pureza dos esquemas ideológicos aparentes para ganhar eficiência na arte de aliciar e comprometer; foi recuar do combate político direto para a zona mais profunda da sabotagem psicológica. Com Gramsci ela aprendeu que uma revolução da mente deve preceder a revolução política; que é mais importante solapar as bases morais e culturais do adversário do que ganhar votos; que um colaborador inconsciente e sem compromisso, de cujas ações o partido jamais possa ser responsabilizado, vale mais que mil militantes inscritos. [...] A conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda à estratégia de Antonio Gramsci é o fato mais relevante da História nacional dos últimos trinta anos. É nela, bem como em outros fatores concordantes e convergentes, que se deve buscar a origem das mutações psicológicas de alcance incalculável que lançam o Brasil numa situação claramente pré-revolucionária, que até o momento só dois observadores, além do autor deste livro, souberam assinalar, e aliás mui discretamente. [...] Durante algum tempo, nutri a insensata esperança de que o PT expeliria de si o veneno gramsciano e se transformaria no grande partido socialista, ou trabalhista, de que o Brasil precisa para compensar, na defesa do interesse dos pequenos, o avanço neoliberal aparentemente irreversível no mundo, e propiciar, pelo sadio jogo de forças, o movimento regular e harmônico da rotatividade do poder que é a pulsação normal do organismo democrático. Movido por essa ilusão, votei em Lula para presidente. Hoje não votaria nele nem para vereador em São Bernardo. É que, pela sucessão de acontecimentos desde a campanha do impeachment, o PT mostrou sua vocação, para mim surpreendente, de partido manipulador e golpista, capaz de conduzir o país às vias fraudulentas da “revolução passiva” gramsciana, usando para isso dos meios mais covardes e ilícitos — a espionagem política, a chantagem psicológica, a prostituição da cultura, o boicote a medidas saneadoras, a agitação histérica que apela aos sentimentos mais baixos da população —, e de adornar esse pacote de sujidades com um discurso moralista que recende a sacristia. [...] Se o PT faz isso, é porque perdeu sua confiança no futuro majestoso a que o destinava a nossa democracia em formação, e, excitado por indícios de um sucesso momentâneo que teme não repetir-se nunca mais, resolveu apostar tudo no jogo voraz e suicida do it's now or never. Não quer mais apenas eleger o presidente, governar bem, submeter seu desempenho ao julgamento popular daqui a cinco anos, fazer História no ritmo lento e natural dos moinhos dos deuses: quer tomar o poder, fazer a Revolução, dismantelar os adversários, expelir da política para sempre os que poderiam derrotá-lo em eleições futuras. [...] O que importa é aproveitar o momento, levar a todo preço o Lula lá, carregado nos ombros de garotos raivosos, insolentes e analfabetos, e, antes que o “consenso passivo” da população tenha tempo de avaliar o que se passa, atrelar irreversivelmente o país ao carro-bomba que se precipita, morro abaixo, no rumo da Revolução.” (Rocha, 2021, p. 95-7)

⁹⁵ Artigo disponível em: <
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19523/14027>>. Último acesso em: 25/08/2025

la ou modulá-la⁹⁶ A estratégia gramsciana caminha, entretanto, no sentido oposto dessa posituação. É uma estratégia de anti-revolução passiva. (Bianchi, 2006, p.35-6)

O fragmento apresentado por Bianchi (2006) sobre o conceito de revolução passiva segue em direção oposta à interpretação de Olavo de Carvalho. Enquanto Olavo propõe uma leitura conspiratória, voltada à suposta implementação de um governo de esquerda no Brasil, a concepção gramsciana busca explicar um processo histórico em que a burguesia promove a modernização das estruturas do Estado sem a participação popular, com o objetivo de manter-se no poder.

O próximo equívoco apresentado por Olavo de Carvalho refere-se ao conceito de hegemonia, utilizado neste trabalho. O autor o apresenta como algo ilícito, derivado de uma estratégia de sabotagem psicológica que visa alterar a moral do indivíduo, afetando e buscando destruir a democracia em favor da esquerda.

Em contrapartida, Campione (2003) oferece uma definição distinta sobre o tema;

Em Gramsci, a hegemonia tem múltiplas dimensões. Está claro, porém, em primeiro lugar, que a “direção intelectual e moral” parte de grupos sociais com um papel determinado na vida econômica, para “hegemonizar” outros grupos que desempenham papéis igualmente determinados⁹⁷. Em segundo lugar, é igualmente claro a *catarse* - que eleva a classe ao plano ético-político⁹⁸ - se assenta no campo econômico-corporativo, o que supõe uma série de sacrifícios e compromissos, por sua vez instáveis, dinâmicos, que não podem desconhecer o papel fundamental, originado no mundo da produção, da classe que se aspira a ser “dirigente”. (Campione, 2003, p.53)

⁹⁶ Rodapé do artigo: “Para a idéia da “subversão” da revolução passiva, cf. Christine Buci-Glucksmann. “Sobre os problemas políticos da transição: classe operária e revolução passiva”. In: Instituto Gramsci. Política e história em Gramsci. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. Alberto Aggio defende a tese da “inversão” em “Inverter a revolução passiva: uma política democrática para a reforma do Estado”. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 abr. 1999. A noção de “modulação” encontra-se em Luiz Werneck Vianna, A revolução passiva. Iberismo e americanismo no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ/Revan, 1997. Carlos Nelson Coutinho, entretanto, tem se manifestado contrário a essa posituação da revolução passiva. Cf. Ver, também, Carlos Nelson Coutinho. Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, pp. 220-223.

⁹⁷ Rodapé do livro: Este parágrafo de Gramsci pode ser tomado com uma afirmação de que a hegemonia tem sua base no mundo produtivo: “É verdade que conquista de poder e afirmação de um novo mundo produtivo são indissociáveis; que a propaganda em favor de uma coisa é também propaganda em favor de outra; e que na realidade, somente nesta coincidência é que reside a unidade da classe dominante, a qual é, ao mesmo tempo econômica e política” (CC, 1,427-428)

⁹⁸ Rodapé do livro: Pode-se empregar a expressão ‘catarse’ para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoísta- passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do ‘objetivo ao subjetivo’ e da ‘necessidade à liberdade’ (CC, 1,314)

Para Campione (2003), o conceito de hegemonia, conforme elaborado por Antonio Gramsci, busca explicar como uma classe social pode exercer liderança sobre outras, não apenas por meio da força, mas também pela construção de consenso. Esse fenômeno envolve disputas tanto no campo das ideias quanto na esfera material, expressas nas lutas entre classes sociais antagonistas.

Nesse processo, Gramsci destaca a importância da elevação da consciência de classe, que permite à classe subalterna compreender sua posição histórica e articular um projeto político de transformação social. A hegemonia, portanto, não se limita à dominação econômica, mas abrange dimensões ético-políticas e culturais.

A classe que conquista a hegemonia é aquela que, além de dominar os meios de produção, consegue formular e difundir uma visão de mundo capaz de ser aceita por outros grupos sociais. Essa liderança se estabelece por meio de uma combinação entre coerção e consenso, variando conforme o funcionamento da estrutura social vigente.

Nesta introdução do livro de Olavo de Carvalho, à qual estamos apresentando seus problemas conceituais, identificam-se equívocos que geram distorções em suas aplicações. O autor reduz o pensamento de Gramsci a um elemento conspiratório, sugerindo que o mundo já estaria dominado pelos valores da esquerda. Essa construção é utilizada pelo discurso religioso como ferramenta explicativa, cujo último refúgio é o também equivocado conceito de “judaico-cristão”.

O segundo elemento pode ser compreendido como resultado de anacronismo e descontextualização histórica. A estrutura argumentativa posiciona Gramsci como um contemporâneo do nosso tempo, vinculando diretamente o Partido dos Trabalhadores (PT) à sua concepção teórica. Com isso, transforma o teórico italiano falecido em 1937 em uma espécie de militante ou dirigente do PT, que supostamente busca formas de capturar e manter o controle sobre a estrutura do Estado.

Após este breve apontamento teórico, retomamos nosso objetivo. Olavo de Carvalho passou a se aproximar de adolescentes e jovens a partir dos primeiros anos do século XXI Rocha (2023). Trata-se da geração que hoje está à frente do Movimento Político. Um dos líderes atualmente presidente do partido que buscam fundar tem 41 anos.

Essa geração se identifica com o discurso presente nas obras de Carvalho, encontrando nelas uma afinidade de pensamento e uma oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT). No entanto, essa identificação não representava, naquele espaço, um processo de exclusividade ideológica.

Retomando Rocha (2021), no mesmo espaço virtual o Orkut onde encontramos páginas de apoio a esse personagem, também localizamos críticas contundentes. Havia, por exemplo, uma comunidade formada por seus detratores: *"Eu odeio Olavo de Carvalho"*, mais tarde renomeada como *"Olavo de Carvalho nos odeia"* (Rocha, 2021, p. 93).

Isso permite observar que o ambiente virtual está longe de ser isento de disputas, críticas, apoios e repúdios entre diferentes grupos. O espaço ocupado por Olavo de Carvalho assim como seu fascínio causados entre os jovens e setores contrários ao governo federal revela-se incerto e constantemente em disputa. Seu grau de aprovação, bem como o número de apoiadores ou detratores, está diretamente relacionado à dinâmica política e aos resultados do governo vigente.

Localizar a importância do olavismo⁹⁹ e observar os mecanismos que permitiram a popularização das ideias de Olavo de Carvalho nos possibilita levantar a hipótese de que a gestão petista enfrentava dificuldades em dialogar com uma parcela significativa da juventude brasileira. Nesse contexto, emergiu a figura de Carvalho, que, segundo Rocha (2021), após buscar suporte junto a intelectuais ligados ao Instituto Liberal do Rio de Janeiro e frequentar seus círculos, não teria causado boa impressão entre os participantes. Como relata o autor: “Carvalho não teria causado boa impressão por causa da agressividade que dispensava aos seus oponentes ideológicos e não conseguiu o patrocínio desejado” (Rocha, 2021, p. 77).

Essa posição de Olavo de Carvalho, conforme apresentada por Rocha (2021), reflete-se também na relação que mantinha com seus alunos no Curso Online de Filosofia (COF). Essa dinâmica é evidenciada na reportagem de Calcagno, publicada em *O Globo* em 29 de janeiro de 2019, intitulada *“Por que deixei de ser olavete: ex-simpatizantes narram rompimento com guru Olavo de Carvalho”*¹⁰⁰: “Teoricamente, você pode discordar, mas, na prática, não há clima e ninguém faz. Tudo isso é muito sutil, claro, e a dinâmica não favorecia o questionamento. Se você discorda, ele diz: ‘Mas isso é um ponto de vista idiota’” (Calcagno, 2019)

A postura de Olavo de Carvalho em relação aos seus alunos parece buscar a construção de uma educação baseada na cultura do silêncio, o que permite questionar sua

⁹⁹ Nome atribuído a pessoas que seguem ou encontram proximidade com o pensamento de Olavo de Carvalho.

¹⁰⁰ Notícia disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/por-que-deixei-de-ser-olavete-ex-simpatizantes-narram-rompimento-com-guru-olavo-de-carvalho-23407888>>.Último acesso em: 25/08/2025

intencionalidade e função à luz de Paulo Freire. Como afirma o autor: “O que se pretende autoritariamente com o silêncio imposto, em nome da ordem, é exatamente afogar nele a indagação” (Freire, 1985, p. 47).

As indagações que aproximaram uma parcela da sociedade brasileira dos ensinamentos de Olavo de Carvalho, inicialmente como espaço de queixa e contestação, passam a ser reprimidas nesse ambiente, onde demonstrar dúvidas é desencorajado. A busca por uma ordem neste caso, hierárquica e silêncio revela um modelo em que Olavo de Carvalho não admite ser desafiado.

Elementos como o antipetismo, o uso estratégico da internet, a compreensão equivocada de conceitos, a cultura do silêncio e da hierarquia, além da busca por um novo modelo de Estado, constituem bases que contribuíram significativamente para a ascensão do Bolsonarismo. Esses fatores também impulsionaram a criação e as visualizações dos canais Movimento Político e Religioso, que se consolidaram como espaços de mobilização e informação do movimento neoconservador.

Como destaca Rocha (2023, p. 94), “[...] sobretudo, o sentimento de não se sentir representado em meio à esfera pública tradicional que atuava a partir das prerrogativas estabelecidas pelo pacto de 1988 [...]”. Este elemento se apresenta para uma parcela dos eleitores do Bolsonaro e ainda se faz presente no pensamento neoconservador um objetivo de atuação política.

Como buscamos demonstrar, Olavo de Carvalho foi uma figura importante na estruturação do método neoconservadorismo brasileiro, tendo contribuído significativamente para a eleição de Jair Bolsonaro. No entanto, nossas fontes apresentam posições antagônicas sobre esse personagem.

No livro *Manual de Sobrevivência do Cristão no Século XXI*, ele é retratado como um professor e referência intelectual (Religioso, 2021). Já no contexto do Movimento Político, observa-se um posicionamento ambíguo: ora reverenciado, ora criticado, como se evidencia em sua obra publicada em 2019;

Por mais que eu possa discordar de diversos posicionamentos do ex-presidente – afinal ele é de esquerda-, não dá para negar que se trata de uma pessoa civilizada e que sabe dialogar. Muito diferente de certas figuras que, buscando holofotes a todo custo, acabam jogando contra o próprio time. Para ser claro: refiro-me a Olavo de Carvalho, um sujeito que acredita ter dado início a todas as manifestações direto de seu sofá na Virgínia, nos Estados Unidos. Para ele e seus acólitos, nossa reunião

com FHC¹⁰¹ significava o fim dos protestos, o apocalipse da direita. Olavo, registre-se, posicionou-se firmemente contra o impeachment. Para o sujeito, as manifestações eram uma “ejaculação precoce”. Afinal, ele ainda não havia restaurado a “alta cultura” e, portanto, não havia uma “verdadeira liderança política formada por uma elite cultural. (Movimento Político, 2019, p.204-5)

O Movimento Político (2019), em sua argumentação, apresenta um distanciamento e divergências em relação ao pensamento de Olavo de Carvalho e dos olavistas. Suas críticas estão relacionadas às manifestações de 2015, que, conforme descrito, culminaram no golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Nesse cenário de disputa, não se observa, em Freire (2019), um diálogo sobre os rumos tomados e os aprendizados decorrentes daquele momento no campo neoconservador. Em vez disso, evidencia-se uma disputa pela liderança do movimento, revelando uma fissura interna entre seus integrantes.

Ao analisarmos a tentativa de afastamento entre o Movimento Político e Carvalho e, conseqüentemente, o posicionamento do Religioso percebemos formas distintas de compreender e intervir na realidade. Essas diferenças resultam em processos educacionais diversos, embora ainda pautados por estruturas hierárquicas e práticas excludentes.

Enquanto o Religioso busca uma educação baseada em valores que, em sua concepção, remetem à moral judaico-cristã na qual se apoia para justificar a defesa do pensamento proferido por Olavo de Carvalho outro aspecto que contribui para esse alinhamento é a forma como conduz suas análises, mesclando elementos religiosos com aspectos da política cotidiana, conforme apresentado por Benjamim R. Teitelbaum (2020):

Ele havia se tornado católico enquanto ainda estava na *tariqa* – o sincretismo religioso do Tradicionalismo de Schuon¹⁰² permitirá isso – , e, com o tempo, tornara-se mais dedicado à Igreja. Tratava-se não apenas de uma mudança espiritual, mas social e política. O catolicismo era a chave para sua oposição cada vez mais intensa ao comunismo. Ao longo da vida de Olavo, o comunismo fora deixando de ser um veículo de protesto contra o regime militar do Brasil da década de 1960 para tornar-se uma parte aceita do sistema político local, ao menos no que dizia respeito às relações internacionais. No final do século XX, a elite militar do Brasil mostrara-se aberta a fazer parcerias com as atuais e as antigas ditaduras comunistas em todo o mundo. O anticomunismo

¹⁰¹ É importante ressaltar que o ex-presidente que o fragmento apresenta é Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil entre 1995 e 2003

¹⁰² Rodapé do livro: *Tradicionalismo de Schuon*: SEDGWICK, Mark. *Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century*. Oxford, Oxford University Press, 2004, p.271.

virara, assim, a principal causa do dissidente Olavo. (Teitelbaum, 2020, p.160)

A utilização que Olavo de Carvalho faz do catolicismo para combater o suposto comunismo no Brasil não é novidade em nosso território. Já encontramos esse tipo de abordagem na atuação da TFP (Tradição, Família e Propriedade), anteriormente mencionada. No entanto, com Olavo de Carvalho, desenvolve-se uma nova dinâmica, marcada pela capacidade de propagação de suas ideias por meio das tecnologias contemporâneas.

Sob essa perspectiva, busca-se retirar esse discurso e essa visão do catolicismo conservador de um espaço restrito a grupos periféricos, ampliando-o para alcançar a população em geral. Nesse processo, o discurso anticomunista e religioso de Olavo de Carvalho encontra ressonância na figura de Jair Bolsonaro, como mencionado por Teitelbaum (2020) "Ele e Bolsonaro eram próximos havia anos. Em 2014, tinham começado a transmitir bate-papos on-line, nos quais fofocavam sobre política e cultura" (Teitelbaum, 2020, p.119).

A sociedade que o Religioso busca construir reflete os valores de Olavo de Carvalho e a postura de Jair Bolsonaro, sendo fundamentada no conservadorismo em aspectos religiosos e no neoliberalismo na esfera política. Seu primeiro vídeo, voltado para assinantes, como já mencionado, analisa uma narrativa presente no Antigo Testamento, abordando os desafios enfrentados pela sociedade israelita após a morte de Josué.

Nesse contexto, o povo passa a sofrer opressão por parte dos povos vizinhos, em razão da ausência de um rei e da instabilidade espiritual provocada pelas dúvidas entre manter a fé em Deus ou se afastar dela. Diante dessa situação, Deus envia líderes denominados Juízes, com a missão de restaurar a ordem natural e libertar Seu povo.

Ao comparar a ideia central desse vídeo com o primeiro conteúdo público do Religioso também já mencionado anteriormente sobre Donald Trump, percebe-se a tentativa de construir uma narrativa redentora e profética, aproximando elementos religiosos da compreensão política. Já no primeiro vídeo de apoio ao governo de Bolsonaro¹⁰³, observa-se uma crítica ao feminismo, reforçando a articulação entre valores religiosos conservadores e posicionamentos políticos que rejeitam pautas progressistas:

¹⁰³ Disponível em: <<https://sl1nk.com/WDp9S>>. Último acesso em: 25/08/2025.

"O feminismo não favorece a mulher; o que favorece é a destruição dos direitos que a mulher tinha de poder ficar em casa e criar seus filhos, sem dever nada a ninguém, sem ter a obrigação de trabalhar. Então, o feminismo não é dar direito à mulher, mas tirar o direito da mulher de ficar em casa, tá bom?" (Religioso, 2019).

A posição do Religioso (2019) em relação ao feminismo, bem como a justificativa para sua crítica ao movimento, parte da compreensão de que a luta feminista teria provocado uma perda da autonomia feminina, ao ampliar os espaços sociais nos quais a mulher pode optar por participar. Em sua visão, esse processo teria suprimido o direito da mulher de se dedicar ao trabalho doméstico, tradicionalmente valorizado por setores conservadores.

Entretanto, é fundamental destacar que o movimento feminista não busca retirar o direito da mulher de "ficar em casa", mas sim, por meio de sua vertente marxista, promover um processo revolucionário de transformação social, orientado pela construção de novas formas de sociabilidade e pela superação das estruturas patriarcais que limitam as possibilidades de escolha feminina, ou como escreve Alexandra Kollontai¹⁰⁴, no artigo publicado na revista *Rabotnitsa*¹⁰⁵, em Petrogrado em 1917:

Camaradas operárias! Não podemos mais nos resignar à guerra e à alta dos preços! Devemos lutar. Juntem-se às nossas fileiras, às fileiras do partido social-democrata! Embora isso não seja suficiente, se queremos, realmente, acelerar a chegada da paz, os trabalhadores e trabalhadoras devem lutar para permitir que o poder de Estado seja transferido das mãos dos capitalistas – esses que são os verdadeiros responsáveis por todo nosso sofrimento, por todo o sangue derramado no campo de batalha – para as mãos de nossos representantes, os deputados dos soviets de soldados e operários. (Kollontai, 2021, p.60)

Na fala de Kollontai (2021), percebe-se que sua visão de feminismo marxista, embora discuta o contexto da Primeira Guerra Mundial e a retirada da Rússia desse conflito, também apresenta uma perspectiva de transformação social e combate ao capitalismo, ao propor a retirada do poder estatal das mãos dos capitalistas, visando à construção de uma sociedade mais igualitária.

¹⁰⁴Alexandra Kollontai foi uma marxista russa e a primeira mulher a ocupar um cargo ministerial no período moderno. Participou na Revolução de 1917 e defendeu a emancipação feminina como parte da luta para o socialismo.

¹⁰⁵ *Rabotnitsa*, em russo, significa "trabalhadora". A revista foi fundada em 1914 e contou com a participação de Alexandra Kollontai e Vladimir Lênin. Seus escritos buscavam o diálogo com as mulheres trabalhadoras e suas demandas durante o período da Revolução Russa.

Observa-se, nesse contexto, uma convergência de preceitos entre o Religioso e Olavo de Carvalho de anticomunismo, o que permite identificar uma demanda social e política pela reafirmação de valores conservadores na sociedade brasileira. Essa construção simbólica se fortalece, entre outros aspectos, pela postura política adotada pelo então presidente, que passa a desenvolver um imaginário carregado de significados religiosos e de uma narrativa maniqueísta. Nessa narrativa, o “bem” é representado por figuras como Olavo de Carvalho e o Religioso, enquanto o “mal” é associado ao comunismo, ao feminismo e a todos aqueles que se opõem ao seu governo frequentemente rotulados como comunistas ou esquerdistas por esse movimento.

Essa sociedade que se busca construir fundamenta-se em tradições que, em certa medida, se colocam em crítica à modernidade. Nesse contexto, o Brasil poderia assumir o papel de uma espécie de “reserva cultural”, conforme indicado por Teitelbaum: “Era possível ao Brasil servir como uma reserva cultural à qual as nações deterioradas pela modernidade poderiam se apegar em sua luta pela revitalização” (Teitelbaum, 2020, p. 153).

A luta pela revitalização das tradições envolve, em muitos casos, um processo de oposição a direitos historicamente conquistados como, por exemplo, os direitos das mulheres. Essa dinâmica contribui para a formulação de uma educação pautada na repressão de gênero, cujo objetivo é, entre outros aspectos, limitar a independência financeira feminina, que apresentou crescimento significativo durante os governos petistas. Esse fenômeno é evidenciado no estudo citado por Meirelles e Athayde: “Um estudo do Sebrae levado a cabo em dezoito comunidades exibe o perfil médio do empreendedor¹⁰⁶. Ele é mulher, tem mais de 40 anos [...]” (Meirelles, Athayde, 2014, p.76).

Tais transformações e suas contradições na sociedade permitiram o avanço do modelo social proposto pelo Religioso, por Olavo de Carvalho e, conseqüentemente, pela gestão de Jair Bolsonaro. Entretanto, como apresentado, o Religioso e o Movimento Político possuem compreensões distintas sobre o governo bolsonarista e sobre a figura de Carvalho. Após sua morte, o Movimento Político mantém uma crítica velada, ao mesmo tempo que reconhece sua importância, como se observa no vídeo intitulado “O que eu penso sobre Olavo de Carvalho”¹⁰⁷, publicado em 25 de janeiro de 2022, um dia após seu

¹⁰⁶ Rodapé do livro: Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/03/em-preendedores-de-comunidades-pacificadas-apostam-na-criatividade.html>>. Último acesso em: 13/03/2025.

¹⁰⁷ Disponível em: <<https://sl1nk.com/KiDfn>>. Último acesso em 13/03/2025.

falecimento. Essa ação permite colocar o movimento político em evidência, pois aborda um tema atual com um título suavizado, que evita atacar diretamente sua memória, mas apresenta uma reflexão livre sobre lembranças e pensamentos que incluem o nome do polemista.

O tom do vídeo busca separar a figura que produzia livros de "filosofia" do agente político e polemista. É contra o Olavo polemista que o Movimento Político se posicionava, pois nele são identificados os limites de “um líder de seita” (Movimento Político, 2022), que buscava conduzir os rumos da política de viés direitista no país. Conforme o argumento apresentado no vídeo, esse Carvalho não permitia o desenvolvimento crítico, mas sim a veneração de seus ensinamentos, Movimento Político (2022) aproveita esse momento para anunciar seu projeto educacional;

Você quer entrar para a academia MBL? Este, sim, muito mais do que o do COF e o trabalho do Olavo, um trabalho sério com um futuro para você construir uma elite política virtuosa comprometida com resultados aqui no nosso país, você vai se escrever neste link que está aqui na tela para você entrar para a nova geração da academia é a pré-inscrição vai ter teste tal e os professores desde ano vão ser ainda mais conhecidos e ainda mais importantes que do ano passado que já tem Presidente da República¹⁰⁸, então aguardem que o bicho vai pegar, tá bom? (Movimento Político, 2022)

O Movimento Político se apresenta, neste momento¹⁰⁹, como um projeto distinto daquele desenvolvido por Olavo de Carvalho, posicionando-se como capaz de produzir um consenso nos moldes gramscianos (Gramsci, s.d.), de forma crítica, a partir de seus próprios mecanismos de estudo. Busca, com isso, atrair novos membros para seu grupo, demonstrando estar inserido de maneira consistente no debate político, especialmente ao ressaltar a participação de um presidente como elemento legitimador de sua atuação.

Embora, neste momento, busque um certo distanciamento, do membro do Movimento Político argumenta: “[...] ele fez a direita renascer em grande medida e destruiu a direita em grande medida, teve importância no governo como praticamente

¹⁰⁸ O presidente em questão é Michel Temer.

¹⁰⁹ É importante destacar que o período histórico ao qual pesquisamos o Movimento Político, sua organização apresentava com uma estruturação com foco nas redes e participação eleitoral a partir de espaços em outras legendas, como DEM (atual União Brasil), PP, MDB, PSDB, PSD, Podemos, AGIR, Republicanos, PRD, NOVO, CIDADANIA, SOLIDARIEDADE, PATRIOTAS (atual PRD), processo este que se encontra em reversão, pois, o movimento se encontra em fase final de criação de partido político, intitulado Missão. Sobre a lista de partidos ao qual o movimento disputou a última eleição municipal, recomendamos: < <https://candidatosmbl.com/>>, sobre o site de seu partido:< <https://partidomissao.com/>>. Último acesso em: 15/03/2025.

nenhum intelectual teve há muito tempo [...]” (Movimento Político, 2022). Com essa declaração, reconhece-se a relevância de Olavo de Carvalho no florescimento da direita, ao mesmo tempo em que se atribuem a ele as dificuldades enfrentadas por esse campo político durante a gestão de Bolsonaro.

Outro argumento apresentado pelo Movimento sobre Olavo parte da perspectiva da oportunidade perdida: “[...] morre, de certa forma, em desgraça por não ter conseguido realizar muitos dos seus sonhos [...]” (Movimento Político, 2022). Essa reflexão, já abordada em outro momento do texto, remete à disputa pelos rumos das manifestações de cunho golpista, que podem ser resumidas na tentativa de conduzir aquele processo e formar uma elite intelectual.

De acordo com o Movimento Político, enquanto o projeto de Olavo de Carvalho, apesar de todo o acesso à gestão federal, não produziu os resultados esperados, o próprio movimento obteve êxito em momentos decisivos: “[...] a gente venceu o Olavo no impeachment da Dilma, porque a nossa tese foi vencedora, mas depois o Olavo nos venceu porque o Olavo aparelhou um candidato que era o Jair Bolsonaro [...]” (Movimento Político, 2022). Essa declaração evidencia as divergências entre os projetos de país defendidos por cada grupo, revelando uma disputa interna pela hegemonia Gramsci (s.d) no campo neoconservador.

Retornamos ao fragmento de Rocha (2023), que foi dividido em duas partes, das quais debatemos até agora o primeiro aspecto: a influência de Olavo de Carvalho. Passamos, a partir deste ponto, ao segundo elemento a questão geracional e a possibilidade de localizar o Partido dos Trabalhadores como parte do establishment político. Esse argumento encontra ressonância no pensamento de Nobre (2022), especialmente na ideia de “pemedebismo de coalizão”, segundo a qual os governos petistas passaram a ser percebidos pela população como integrantes da elite política nacional.

Entretanto, essa posição só se torna possível devido a dois fatores principais. O primeiro é a ausência de uma agenda que diferenciasse o PT das estruturas e práticas já consolidadas pelos partidos de centro e de direita nas casas legislativas. Como aponta o deputado federal Ivan Valente¹¹⁰, em seu texto *O colapso da conciliação de classes*, presente no livro *Cinco mil dias: O Brasil na era do Lulismo*;

¹¹⁰ Encontramos uma breve biografia de Ivan Valente na Alesp “IVAN VALENTE (São Paulo, SP, 5/7/1946) Engenheiro, professor, líder estudantil em 1968, integrou o Movimento da Anistia em São Paulo e foi diretor do jornal alternativo Companheiro. Membro dos diretórios estadual e nacional do PT. Deputado

Os anos petismo no governo foram marcados por uma consciente desmobilização das forças sociais de mudança. A linha de menor resistência, adotada desde o início prescindia de uma organização militante e privilegiava as alianças e a busca de governabilidade por cima. Ao aplicar um projeto de recuo, de baixo enfrentamento se solaparam também formas de organização de baixo para cima que pudessem dar sustentação ao governo. Em outras palavras, a militância foi mandada para casa. (Valente, 2017, p.62)

Ao considerar, como apresenta Valente (2017), que a militância de esquerda historicamente apostava na radicalidade dos governos petistas foi deixada de lado em favor de uma política conduzida “pelo alto”, evidencia-se uma busca por acomodação institucional. Tal escolha representa não apenas uma inflexão estratégica, mas também uma renúncia parcial ao potencial transformador da base social que deu origem ao partido.

Essa acomodação, contudo, entra em acordo com o diagnóstico de Weffort (2021), que identifica na democracia brasileira uma estrutura fundada na lógica do voto, porém esvaziada de participação efetiva. Como ele afirma: “Os políticos só se interessam por estas massas na medida em que elas pudessem, de alguma forma, tornar-se manipuláveis dentro do jogo eleitoral.” (Weffort, 2021, p. 38)

A postura de recolhimento da militância e a desarticulação dos grupos que disputavam os rumos políticos da gestão e da sociedade construída pelo bloco petista resultaram na formação de um horizonte de desencantamento para parte da população. Esse desencantamento se expressa, em grande medida, no debate sobre avanços ou retrocessos econômicos, transformando a experiência dos governos petistas, como apresenta Fisher (2020), em mais uma manifestação de uma sociedade que se movimenta sob os efeitos do realismo capitalista.

Essa forma de observar as ações dos governos petistas serve de base para a ampliação do neoconservadorismo, permitindo que a campanha eleitoral e a gestão de Bolsonaro, bem como os canais do movimento político e religioso, organizem seus discursos, cada qual à sua maneira, posicionando o Partido dos Trabalhadores como parte integrante do “sistema”. Ao abandonar a estrutura de militância, os governos Lula e Dilma

eleito à Constituinte com 23.184 votos, a maioria recebidos em São Paulo. Exerceu mandatos na Casa por duas vezes (1987/1991 e 1991/1995). Ocupou, durante os trabalhos constituintes, o cargo de presidente da Comissão do Poder Executivo e de suplente na Comissão de Ordem Econômica e Social. Deputado federal 1995/1999, 2001/2002 e em 2003. Reeito para o período 2003/2007, em 2005 filou-se ao PSOL, pelo qual foi novamente eleito para o mandato 2007/2011.” Disponível em: < <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300183>>. Sobre a sua atuação na Câmara Federal, pode ser encontrada em: < <https://www.camara.leg.br/deputados/73531/biografia>>. Último acesso em 09/06/2025.

romperam com o diálogo direto com a população, transformando suas gestões em administrações tecnocráticas, que não conseguiram ou não se dispuseram a produzir um novo sentido social, enfrentando as contradições geradas por suas próprias políticas.

Avançando no livro de Rocha (2023), vamos retomar os outros dois aspectos apresentado pelo autor que justificam tais consensos;

3) o conflito geracional foi agravado pela difusão da tecnologia digital e sua apropriação criativa e irrelevante por uma crescente juventude de direita, cuja presença nas redes sociais materializou-se nas múltiplas manifestações a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff; 4) por fim, a partir de 2013, no princípio muito timidamente, porém já de forma ostensiva em 2015, a direita começou a disputar as ruas com o campo da esquerda, num desdobramento surpreendente para qualquer analista, pois as ruas pareciam propriedade simbólica dos que estavam *à margem do poder*, ou seja, antes do triunfo eleitoral do PT, a própria esquerda. (Rocha, 2023, p.39-40)

O terceiro aspecto apresentado por Rocha (2023) parte de um fator tecnológico, agora vinculado a um conflito geracional e à ampliação das redes digitais. No entanto, o livro de Meirelles e Athayde (2014) apresenta um dado relevante que pode contribuir para a compreensão e problematização dessa leitura sobre o conflito entre gerações;

As novas gerações são mais escolarizadas que as antigas, Entre os jovens de 18 a 30 anos, 73% já estudaram mais do que seus pais. Em alguns casos, o mergulho dos filhos nesse universo acaba por motivar os pais a retomarem os estudos “Meu filho de 17 anos estuda numa escola técnica e eu, assim como ele, sonho em prestar vestibular para uma faculdade”, afirma Cleide. “Meu sonho é fazer direito”. A educação prospera como um valor para o habitante da favela. Em 2013, sete em cada grupo de dez moradores viam o estudo como alicerce para quem pretende subir na vida. Das pessoas ouvidas, 76% concordam, totalmente (48%) ou em parte (28%), com a asserção: “somente é possível progredir na vida com estudo”. Apenas 15% discordam, totalmente ou em parte. (Meirelles, Athayde, 2014, p.116)

Ao nos depararmos com tais dados, percebemos que o chamado “conflito geracional” não foi necessariamente agravado pela difusão da tecnologia, mas por outros elementos constitutivos da realidade social brasileira entre eles, a questão da escolarização. Como apontam Meirelles e Athayde (2014), os jovens, nesse contexto histórico, já apresentavam maior tempo de permanência na escola, o que funcionava como um estímulo para que seus familiares também retornassem aos estudos.

Dentro dessa perspectiva e se observarmos o fenômeno por outra ótica, ou seja, considerando não um conflito geracional provocado pelas redes sociais e pela

sociabilidade promovida pelos governos petistas, mas sim as confluências entre jovens, seus familiares e indivíduos de faixas etárias superiores é possível identificar essas interações de forma mais complexa. Tal abordagem contribui significativamente para o aprofundamento e desenvolvimento do nosso objeto de estudo, ao evidenciar dinâmicas intergeracionais que extrapolam os limites da polarização digital e revelam processos de troca, influência mútua e reconstrução de vínculos sociais.

Identificamos, portanto, que essa estrutura social compartilhava uma expectativa de transformação de vida, alimentada pelo espelhamento com os familiares mais jovens. Após um período marcado por impossibilidades, emergia o desejo de construção de novos horizontes que, no entanto, tornaram-se progressivamente mais distantes em razão do próprio arranjo institucional promovido pelos governos petistas. Esse distanciamento acabou por abrir espaço para o surgimento de uma alternativa política que se apresenta como a solução para os problemas vivenciados por essa parcela da população.

Ao retomarmos Meirelles e Athayde (2014), observamos que “na favela, 25% dos moradores afirmam conhecer alguém que compartilha sinal, prática considerada legal no país. Nas comunidades, existe um tipo de ‘vaquinha’ para pagar a conta do Wi-Fi” (Meirelles; Athayde, 2014, p. 94). Esse dado revela que as demandas e soluções da população não se articulam exclusivamente por meio da atuação governamental, mas emergem da construção cotidiana de redes de solidariedade e afinidades. É nesse contexto que o argumento apresentado pelo Religioso (2023), se apresente como condizente com a realidade para uma parcela da sociedade;

Não estaria o modelo atual de Estado, esse que se segue ao período de disseminação da teoria marxista e que inspira nela, a serviço de uma elite que se beneficia justamente dessa cosmovisão socialista e a usa para se manter no poder? (Religioso, 2023, p.22-3)

O cotidiano apresentado por Meirelles e Athayde (2014), assim como o fragmento de Religioso (2023), permite observar esse processo para além de uma dimensão meramente tecnológica ou geracional, revelando a construção de um sentido este que se encontra em disputa na sociabilidade produzida após a eleição de centro-esquerda do governo petista. Ao mesmo tempo em que identificamos elementos de construção coletiva, impulsionados pelo aumento do poder aquisitivo, também se evidencia a formulação de um imaginário que prescinde da presença do Estado não sob uma perspectiva emancipatória, mas sob a concepção de que o Estado atua apenas para garantir privilégios a uma parcela restrita da população.

Nesse processo, nossa hipótese parte da perspectiva de que a parcela da população que contribuiu para a eleição petista não se percebe como participante ativa ou como parte integrante da gestão federal em seu cotidiano. Ao contrário, ela passa a reconhecer os elementos ideológicos descritos por Gramsci (s.d.) no campo político oposto o que, nesse caso, pode ser interpretado como a perpetuação dos interesses de uma elite que se beneficia das estruturas estatais. Essa percepção de que o Estado serve apenas aos privilegiados, é o argumento do então candidato Jair Bolsonaro em seus discursos e propõem enfrentá-lo e desarticulá-lo por meio do seu governo.

Dessa maneira, ao observarmos a relação entre juventude, tecnologia e pessoas de diferentes faixas etárias, é necessário situá-la em um campo mais amplo, considerando os elementos do cotidiano que moldam essa construção a partir de afinidades, desejos e dos limites impostos por uma estrutura que busca se preservar, mesmo diante de ataques sistemáticos. Em outras palavras, trata-se de um Estado que se apresenta como distante das classes populares, à medida que se consolidam novos espaços de sociabilidade como a internet e emergem desejos de ordem econômica e social, evidenciados, por exemplo, na ampliação dos processos de escolarização.

Nesse período de ampliação das formas de socialização e de crítica ao governo, observamos o surgimento de um fenômeno relatado pela *BBC News Brasil* em 16 de novembro de 2017, na reportagem de Leandro Machado intitulada “*Por que 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens?*”¹¹¹. Encontramos o seguinte relato: “Gabriel, por exemplo, viu o meme, pesquisou vídeos do deputado no YouTube e passou a acompanhar diariamente sua página no Facebook o perfil do político tem 4,7 milhões de seguidores” (Machado, 2017).

Para além da reportagem jornalística, encontramos dados convergentes no artigo de Pereira (2021), doutorando em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, intitulado “*A personificação da nova direita brasileira: um olhar sobre os eleitores de Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018*”¹¹². Ao estudar o contexto do segundo turno das eleições presidenciais;

No caso de Jair Bolsonaro, se tratando de sexo, foi destacado um maior interesse por parte do público masculino, tendo 61% de vantagem, enquanto no feminino o interesse pelos candidatos empatava. Quando pesquisado o eixo relacionado a idade, Bolsonaro demonstrou ampla

¹¹¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41936761>>. Último acesso em: 15/06/2025

¹¹² Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4796>> Último acesso em: 15/06/2025

vantagem com os eleitores de 60 anos para cima, tendo 60% das preferências, mas também se destacando entre os eleitores que se situavam entre 35-44 anos, tendo, neste caso, 58% da preferência em comparação ao seu adversário. (Pereira, 2021, p.10-1)

A argumentação de Pereira (2021) permite localizar a permanência de elementos que constituíram a base eleitoral de Jair Bolsonaro, formada tanto por eleitores do sexo masculino que, em parte, se sentem representados pelo período civil-militar em razão da idade quanto por jovens que não vivenciaram esse contexto histórico, mas que também não perceberam as ações dos governos de centro-esquerda do Partido dos Trabalhadores como transformadoras de seu cotidiano. Destacam-se, nesse cenário, a consolidação da ideia de antipetismo e o impacto midiático do lavajatismo, princípios ao quais são elementos de formação do Movimento Político.

Com esses dados, identificamos um elemento de organicidade na formação do apoio a Jair Bolsonaro, construído progressivamente por meio da articulação de um consenso nos moldes gramscianos (Gramsci, s.d.), que o posiciona como distinto dos demais candidatos já estabelecidos no cenário político. Essa diferenciação simbólica contribuiu para a consolidação de sua base de sustentação política e de militância. Trata-se de um processo ativo de produção e reprodução de sentidos, como exemplificado na trajetória de Gabriel, relatada por Machado (2017), que, ao entrar em contato com um meme, passou a buscar informações sobre o então candidato, engajando-se com seus conteúdos nas redes sociais.

Freire (1979) apresenta um debate fundamental para refletirmos sobre o cenário social em questão. Em sua obra, ele propõe que os processos de transformação social podem se dar de forma libertadora promovendo a emancipação crítica dos sujeitos ou de maneira reacionária, reforçando estruturas de dominação. Ao transpor essa discussão para nossa pesquisa, observamos dois movimentos sociais contrastantes: de um lado, uma sociedade que se articula em torno do compartilhamento do acesso à internet e se inspira em exemplos de superação para ampliar a escolarização de outro, uma sociedade que se organiza em torno de valores conservadores, mobilizados por figuras como o Religioso e o Movimento Político culminando no apoio à candidatura de Bolsonaro;

Se uma comunidade sofre uma mudança, econômica por exemplo, a consciência se promove e se transforma em transitiva. Num primeiro momento está consciência é ingênua. Em grande parte, é mágica. Este passo é automático, mas o passo para a consciência crítica não é. Somente se dá com um processo educativo de conscientização. Este passo exige um trabalho de promoção e crítica. Se não se faz este

processo educativo só se intensifica o desenvolvimento industrial ou tecnológico e a consciência sofrerá um abalo e será uma consciência fanática. Este fanatismo é próprio do homem massificado. Na consciência ingênua há uma busca de compromisso; na crítica há um compromisso e, na fanática, uma entrega irracional. (Freire, 1979, p. 39)

Antes de aprofundarmos o fragmento de Freire (1979), é necessário retomar alguns conceitos centrais de sua obra. O primeiro deles é o de consciência intransitiva, característica de sujeitos que não acreditam na possibilidade de mudança, enxergam a realidade como fixa e imutável, e permanecem à margem da história. Essa forma de consciência é marcada pelo medo do novo e pelas incertezas que ele pode trazer. O indivíduo guiado por essa perspectiva tende a interpretar os problemas sociais como inerentes a uma suposta “natureza humana” e acredita que qualquer transformação ocorrerá independentemente de sua participação, nutrindo, assim, sentimentos de desconfiança e temor diante do processo de mudança. Destacamos esse aspecto em nossa tese ao abordar o medo presente na classe média e o discurso analisado por Azevedo (2008).

Em seguida, emerge a consciência transitiva ingênua, na qual o sujeito começa a se perceber como parte do mundo e do processo histórico, iniciando um movimento de afastamento da passividade. No entanto, mesmo ao reconhecer as contradições de seu tempo, o indivíduo ainda atua de forma a reforçar as estruturas que sustentam esses problemas, pois não está disposto ou preparado para romper com elas. Essa forma de consciência não promove uma ruptura com os sistemas que geram desigualdades; ao contrário, busca explicações fora da esfera sociocultural para justificar o status quo. Foi esse entendimento superficial que contribuiu para o fortalecimento do neoconservadorismo, ao atribuir os problemas sociais decorrentes das falhas do Estado e das dinâmicas do capitalismo a questões morais e comportamentais. Nesse contexto, defende-se o endurecimento das leis, a redução do aparato estatal e a imposição de valores que se apresentam como cristãos, embora, não o são de fato.

Por fim, chega-se à consciência transitiva crítica, marcada pela compreensão de que o mundo é passível de transformação e de que transformar e construir são tarefas históricas atribuídas ao sujeito. Nesse estágio, o indivíduo reconhece que a história é um ato contínuo de práxis, orientado pela busca da humanização e da libertação social, para além das estruturas que perpetuam as contradições. Essa forma de consciência compreende, ainda, que a transformação não se impõe verticalmente, de cima para baixo,

mas se constrói de forma dialogada, coletiva e participativa, em constante interação entre sujeitos históricos.

Retomando o fragmento de Freire (1979), evidenciam-se os limites de uma transformação social que não se constrói coletivamente, mas se restringe ao processo de industrialização. Tal processo, em nosso contexto, pode ser compreendido como a ampliação do poder de compra da classe trabalhadora e o aumento dos espaços de acesso a bens e serviços. No entanto, essa expansão gera uma dimensão mágica como se o simples acesso mediado pelo capital fosse suficiente para promover mudanças estruturais. Essa lógica ignora a necessidade de uma construção coletiva e da disputa por um projeto de sociedade, resultando em uma educação que não emancipa, mas perpetua o continuísmo.

Embora esse processo revele traços de uma consciência transitiva ingênua, é fundamental reconhecer que ele carrega em si o seu contraditório, o germe do novo. Conforme apontam Meirelles e Athayde (2014), esse potencial pode ser observado na organização popular voltada ao acesso ao universo digital uma movimentação que, embora limitada, expressa desejo de transformação e apropriação de novos espaços. A junção entre o universo da ampliação do consumo e o universo digital produz um encantamento, pois tudo parece estar ao alcance, presente no entorno, como se a transformação estivesse em curso.

Esse processo não foi capaz de construir um novo horizonte transformador, mas apenas de organizar demandas fragmentadas de grupos com interesses e necessidades distintas, localizados em contextos diversos. Ao não se articularem em um projeto comum e ao não ampliarem seus horizontes, essas demandas contribuíram para a perpetuação de uma percepção limitada da realidade, que, por sua vez, favoreceu a estruturação de uma sociedade fechada Freire (2021).

Essa sociedade fechada, como discutida por Freire (2021), fortalece respostas que não problematizam, criando ou buscando o fanático aquele que se mostra incapaz de ampliar seu contato com o humano e com a diversidade de experiências sociais. Esse sujeito se apresenta como agente conservador ou reacionário, não por abrir espaço ao novo, mas justamente por negar o processo de experimentação e vivência de outras formas de sociabilidade. É esse ponto que devemos observar ao analisarmos a reportagem de Machado (2017): Gabriel, o jovem retratado, não experimentou o novo; ao contrário, encontrou em Bolsonaro os elementos constituintes de sua própria realidade, que estava em disputa. Ao não ser superada, essa realidade se consolidou como força hegemônica,

nos termos de Gramsci (s.d.), a partir da eleição de 2018. No livro Freire (1979), lemos “A consciência bancária “pensa que quanto mais se dá mais se sabe.” Mas a experiência revela que com este mesmo sistema só se formam indivíduos medíocres, porque não há estímulo para a criação.” (Freire, 1979, p. 38)

A consciência que Gabriel expressa na reportagem de Machado (2017) reflete uma realidade distinta daquela vivida por gerações anteriores, especialmente por pessoas mais velhas que, embora reconhecessem na gestão petista uma transformação incompleta, ainda assim percebiam uma melhora concreta em suas condições de vida. Gabriel e sua geração, por outro lado, não partem dessa mesma perspectiva, mas sim de seu inverso: enxergam um governo que não responde às suas demandas e anseios, o que gera frustração e descrença.

Curiosamente, é nesse sentimento de descontentamento que se estabelece um ponto de convergência entre Gabriel e os mais velhos não pela experiência compartilhada de melhora, mas pela percepção de que esse processo de melhoria pode ser interrompido ou revertido. Essa inquietação comum contribui para o fortalecimento do Movimento Político, o Religioso e a figura de Bolsonaro.

Esses movimentos nos apresentam a estruturação da “consciência bancária” Freire (2019), que preza pelas respostas e articulações que não buscam desafiar aqueles que recebem seu argumento, mas sim transformá-los em meros reprodutores de receitas e modos de vida idealizados. Essa perspectiva excludente que já fazia parte do cotidiano tanto dos jovens quanto de seus pais e parentes com mais idades. Entretanto, esses personagens não se percebem mais como aqueles que sofrem a exclusão, mas como aqueles que se sentem seguros a partir do método de exclusão, que não permite a criação do novo e a transformação da realidade.

Chegamos, assim, ao quarto e último ponto da citação de Rocha (2021), que argumenta que, a partir das manifestações de junho de 2013 e das mobilizações de 2015 estas últimas impulsionadas pelo processo que culminou no golpe parlamentar de 2016, a direita brasileira passou a disputar as ruas e a organizar suas manifestações de forma sistemática e recorrente. É relevante destacar que um dos líderes do Movimento Político esteve presente nas manifestações de 2013. Entretanto, devemos aprofundar essa ideia de

“ocupar as ruas” e, para isso, vamos utilizar o livro *Tecnologia do Oprimido: Desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil*, de David Nemer (2021)¹¹³;

Os protestos foram muito diferentes daqueles das Jornadas de Junho. Conforme observei em Vitória, os manifestantes não estavam unificados em suas demandas por um país melhor, o que era bem diferente daqueles de 2013. Os manifestantes se dividiam em dois grupos: apoiadores e opositores do governo Dilma. Os opositores, de longe o maior grupo, protestaram contra a corrupção e focaram no Petrolão¹¹⁴ e na Operação Lava Jato¹¹⁵. Eles exigiram ações judiciais contra o PT e a resignação de Dilma ou seu impeachment.¹¹⁶ Aqueles que apoiavam Dilma, como os membros dos sindicatos, insistiram em transparência governamental e novas políticas, como melhores serviços públicos e suporte aos desempregados. Os protestos opostos eram principalmente organizados por três grupos: Movimento Brasil Livre – MBL, Revoltados Online, e Vem Pra Rua. Eles ficaram famosos por mobilizarem adolescentes e jovens adultos em plataformas de mídias sociais, como o YouTube e o Facebook. (Nemer, 2021, p.212-3)

Nemer (2021) apresenta uma chave de interpretação que nos permite questionar o que buscavam os sujeitos que saíram às ruas durante as manifestações. O primeiro movimento buscava transcender os limites do pemedebismo de coalizão, como apresentado por Nobre (2022), mas não obteve sucesso em construir algo novo pronunciar-se (Freire, 2019) e criar formas de organização. Tratava-se de um conjunto social em busca de uma nova práxis, que se mostrava disposto a tornar-se autônomo.

Esse comprometimento com a própria realidade levou esses sujeitos às ruas, em busca de uma transformação que já estava em curso. Entretanto, à medida que as demandas e esperanças se tornavam mais contagiosas entre a população, houve um esforço sistemático para desarticular esse processo, resultando em uma dicotomia: aceitar e defender a estrutura tal como se apresenta ou partir para uma oposição não institucional

¹¹³ Professor da University of Virginia, EUA no Departamento de Estudos de Mídias e no programa de Estudos Latino Americanos. Ele também é pesquisador afiliado ao Berkman Klein Center na Harvard University e e ao Brazil Lab na Princeton University. Nemer é graduado em Ciência da Computação pela FAESA e Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Possui mestrado em Antropologia pela University of Virginia e Ciência da Computação pela Universität des Saarlandes, Alemanha. Nemer tem PhD em Comunicação, Cultura e Sociedade pela Indiana University, EUA. Ele é autor dos livros ‘Favela Digital: Outro lado da tecnologia’ (GSA) e ‘Technology of the Oppressed – Inequity and the Digital Mundane in Favelas of Brazil’ (MIT Press). Nemer mora na cidade de Charlottesville no Estado da Virgínia.

¹¹⁴ Rodapé nosso: “Petrolão” foi o nome dado a uma investigação da Polícia Federal que tinha como base um suposto esquema de propina de empreiteiros via Petrobras, durante os governos de Lula e Dilma.

¹¹⁵ Rodapé nosso: A Operação Lava Jato foi um conjunto de investigações da Polícia Federal que buscava apurar um esquema de lavagem de dinheiro proveniente de propinas, as quais foram investigadas, por exemplo, no caso do “Petrolão”. Para saber mais sobre esse tema, recomendamos: *Operação Lava Jato: Crime, Devastação Econômica e Perseguição Política*, organizado por Fausto Augusto Jr., José Sergio Gabrielli e Antonio Alonso Jr.

¹¹⁶ Rodapé do livro: Cf. GOHN, Maria da Glória Marcondes. Manifestações de Protesto nas Ruas no Brasil a Partir de Junho de 2013: Novíssimos Sujeitos em cena. *Revista Diálogo Educacional*, v.16, n.47. p. 125-146, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.16.047.DS06>.

ou distante, mas próxima, encarnada nos discursos e atuações do Movimento Político e Religioso, e consolidada pela eleição de Bolsonaro.

A não absorção dessas demandas acabou por definir o inimigo para aqueles que já não se sentem respeitados nem representados por essa gestão, o que facilitou a construção de um falso diálogo dentro desse campo político. Contudo, emerge um novo aprendizado: “Uma das muitas lições das Jornadas de Junho para os brasileiros foram os recursos que as mídias sociais proporcionaram para ajudar na organização de movimentos sociais.” (Nemer, 2021, p.211-2)

Apesar do processo de disputa nas ruas e do uso intensivo dos instrumentos digitais, tivemos a reeleição da presidenta Dilma Rousseff. Essa reeleição deve ser analisada sob a perspectiva da manutenção de estruturas, como simboliza um dos slogans de sua campanha em 2014, que trazia o símbolo do PT no topo da imagem, o desenho de uma vaca no canto esquerdo e a frase: “Mexer nos meus direitos? ‘Nem que a vaca tussa’ #EmDireitoMeuNinguémMexe”¹¹⁷ (O GLOBO, 2014). A campanha buscava se contrapor à proposta da então candidata Marina Silva, que defendia a suposta necessidade de modernização das leis trabalhistas, posicionamento ao qual Dilma se opôs¹¹⁸.

Em contrapartida, os neoconservadores e opositores sustentavam o argumento de que a economia brasileira já se encontrava em recessão, o que alimentava o discurso de ruptura com o modelo vigente. Para aprofundar esse debate, retornamos à nota de rodapé 327 do livro de Nemer (2021):

A crise econômica brasileira de 2014, ou a grande recessão brasileira, começou em meados de 2014. Uma de suas características foi a forte recessão, que levou a um declínio do produto do interno bruto (PIB) por dois anos consecutivos. A economia caiu 3,5% em 2015 e 3,3% em 2016. A crise também gerou desemprego, que seu pico em março de 2017 com taxa de 13,7%, representando 14,2 milhões de brasileiros desempregados. (Nemer, 2021, p.211)

Os dados apresentados por Nemer (2021) evidenciam como o campo de oposição conseguiu mobilizar-se nas ruas e, no plano eleitoral, construir um discurso de que a gestão da presidenta Dilma Rousseff era equivocada. Um dos pilares desse discurso foi a crítica à manutenção das leis trabalhistas, sustentando que a ausência de reformas impediria a geração de empregos. Com isso, a retórica oposicionista deslocou-se de um

¹¹⁷ Notícia disponível em: < <https://oglobo.globo.com/politica/contra-marina-pt-faz-operacao-nem-que-vaca-tussa-na-defesa-direitos-trabalhistas-14049417>> último acesso em 22/03/2025.

¹¹⁸ A reforma trabalhista ocorreu após o golpe em 2017, sobre a presidência de Michel Temer. Para saber mais sobre este tema, recomendamos: < https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8130/1/bmt_63_visão.pdf>. último acesso em 23/03/2025.

plano abstrato o debate sobre modelos econômicos e estruturas legais para um campo concreto e emocional: o medo de perder o emprego ou de não conseguir se inserir no mercado de trabalho.

Dessa forma, uma sociedade que antes se apresentava em uma disputa pela construção de uma nova civilidade passou a se organizar em torno de dois polos: a legitimação de um governo de centro-esquerda ou a consolidação do avanço neoconservador. No entanto, essa reorganização não implicava uma disputa efetiva pelas ruas, mas sim a ocupação de espaços voltados à defesa de projetos políticos já estabelecidos. Isso acabou por obstruir um processo de verdadeira disputa, pois este exige, necessariamente, o diálogo entre os diferentes para a construção de uma posição comum algo inviável naquele contexto, uma vez que ambos os campos se mostravam indispostos a considerar os apontamentos do outro, como apresenta Freire (1979).

A sociedade alienada não tem consciência de seu próprio existir. Um profissional alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não está comprometido consigo mesmo, não é responsável. O ser alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva. (Freire, 1979, p.35)

A partir de Freire (1979), compreendemos que a disputa entre apoiadores e opositores ao governo representa um recuo no processo de formação de sujeitos autônomos e de uma sociedade que além do Estado tal como o conhecemos estruturado dentro de limites pré-determinados. Esses limites geram estranhamento em relação ao mundo e promovem o afastamento nas relações com o outro, impedindo a construção de um universo compartilhado que favoreça o desenvolvimento da singularidade de cada sujeito. Em vez disso, consolidam-se universos paralelos, que massificam a percepção social, imobilizam as possibilidades de transformação e criam sistemas de crenças homogêneas, compartilhadas apenas entre grupos específicos, dificultando o diálogo e a construção coletiva de novos horizontes.

Retomando a reportagem de Machado (2017), identificamos uma informação que contribui para o aprofundamento da compreensão acerca da base social do neoconservadorismo:

Para Márcia Cavallari, do Ibope, jovens que não viveram o período da ditadura militar tendem a romantizá-lo. "O regime é uma coisa distante para elas, algo que não foi discutido a fundo. Com a corrupção e o medo da violência, os jovens procuram um discurso que promove a ordem, a lei e os bons costumes", diz. Já Paulino, do Datafolha, afirma que Bolsonaro se aproveita de um dos "maiores medos" da população, a

violência, para alavancar seu apoio popular. "Principalmente entre a classe média, há um aumento do apoio à pena de morte e ao enfrentamento ao crime como forma de combater a violência. Essa é a principal bandeira dele", explica. (Machado, 2017).

Embora Machado (2017) evidencie o interesse dos jovens em relação ao então candidato à presidência, não se pode restringir tais argumentos ao imaginário juvenil. Ao examinarmos o núcleo desses discursos, identificamos a centralidade da ditadura civil-militar como uma lente interpretativa da realidade uma permanência histórica que o governo petista não conseguiu superar, em razão de sua postura conciliatória e do afastamento em relação à sua base social.

Percebemos que o processo de formação da democracia brasileira não se aprofundou na discussão sobre os problemas e as permanências da ditadura civil-militar. Isso ocorreu não apenas pela reorganização do campo político responsável pelo golpe, mas também pela ausência de responsabilização de seus articuladores e executores. A falta de debate público sobre esse tema abriu espaço para que Bolsonaro incorporasse, como estratégia argumentativa, elementos que evidenciam sua afinidade com o regime autoritário, conforme localizamos em Rocha (2021);

Capitão reformado do Exército, Bolsonaro iniciou sua carreira política após ter sido acusado publicamente de planejar explodir uma bomba no quartel como forma de reivindicar melhores salários para os militares na época da redemocratização do país. Afastado da ativa, em 1990 Bolsonaro foi eleito pela primeira vez deputado federal pelo Partido Democrata Cristão (PDC), apenas dois anos após ter se tornado vereador da cidade do Rio de Janeiro, com votos oriundos de bases eleitorais na Vila Militar e em algumas zonas de Resende. Em 1994 concorreu à reeleição com base em uma plataforma que incluía a melhoria salarial para os militares, o fim da estabilidade dos servidores públicos, a defesa do controle de natalidade e a revisão da área concedida aos índios ianomâmis, a qual considerava absurda. Após se reeleger com 135 mil votos, mais do que o dobro do que obteve em sua primeira eleição, o político passou a integrar o Partido Progressista Brasileiro (PPB) em 1995. Em 1998, Bolsonaro decidiu se candidatar à presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, o que provocou uma enorme polêmica tendo em vista seus posicionamentos a respeito do tema. Em um artigo publicado na imprensa, no mesmo mês de sua candidatura, Bolsonaro defendeu a pena de morte, a prisão perpétua, o regime de trabalhos forçados para presidiários, a redução da maioria penal para dezesseis anos e um rígido controle da natalidade como maneira eficaz de combate à miséria e à violência. Ao final daquele mesmo ano se reelegeu novamente com 102 mil votos e desde então o parlamentar continuou a se reeleger com patamares similares de votação. Em 1999, em uma entrevista ao programa Câmara Aberta, na Rede Bandeirantes, o capitão reformado afirmou que o Congresso Nacional deveria ser fechado e que o então presidente, Fernando Henrique Cardoso, deveria ser fuzilado (Rocha, 2021, 132-3)

Localizamos em Rocha (2021), o discurso que resgata aspectos da ditadura civil-militar apresenta forte ressonância na sociedade brasileira. Essa adesão se tornou evidente ao longo das manifestações pré-golpe de 2015. “De acordo com a pesquisa de opinião coordenada pela socióloga Esther Solano e pelo filósofo Pablo Ortellado e realizada durante um dos protestos em São Paulo, em agosto de 2015 [...]” (Rocha, 2021, p.155)

Na sequência de seu texto Rocha (2021) apresenta os números da pesquisa e a confiança em Bolsonaro, “[...] ao serem indagados sobre quem inspiraria maior confiança, 19,4% afirmaram que confiavam muito em Jair Bolsonaro, nome que apareceu em primeiro lugar dentre os citados.” (Rocha, 2021, p. 155).

Esses dados nos permitem dimensionar a notícia citada, revelando que uma parcela significativa da sociedade independentemente de nível educacional ou faixa etária mantém uma visão acrítica sobre o período da ditadura civil-militar. Essa percepção não é isolada. Gohn (2014) apresenta outra pesquisa, desta vez realizada durante as manifestações de junho de 2013, compilada pelo instituto Datafolha em 18 de junho daquele ano:

Essa pesquisa revelou também a descrença nos poderes públicos, nos partidos e nos políticos. As redes sociais foram avaliadas como instituições de prestígio (72%), seguido pela imprensa (70%) e da Igreja Católica (34%). Esses dados tanto relevam graus de percepção dos cidadãos em relação à sociedade e à política, como a crise de legitimidade dos poderes constituídos e as janelas de esperança da população: na atuação das redes sociais e na vigilância da imprensa. (Gohn, 2014, p.30)

Como aponta Gohn (2014), durante as manifestações de junho de 2013, a sociedade brasileira passou a questionar profundamente a forma de atuação do Estado, evidenciando uma inquietação com os modelos institucionais vigentes. No entanto, apenas dois anos depois, em 2015, essa mesma sociedade demonstrava receptividade à candidatura presidencial de uma figura pública que se posicionava abertamente a favor da Ditadura Civil-Militar e da utilização da violência como método de controle social. Essa aparente contradição revela uma mudança na forma de observar a política brasileira.

O período da ditadura civil-militar caracterizou-se, na prática, pela interrupção da participação institucional da sociedade sem eleições democráticas, sem debate público plural e sem deliberações populares sobre os rumos do país. De forma paradoxal, nas manifestações recentes, temas como eleições, representatividade e controle social voltaram à agenda pública, uma vez que parte da população também se percebe excluída do protagonismo político e decisório, mesmo diante da existência do voto, de eleições

livres e de partidos políticos. Esse cenário favorece o ressurgimento do imaginário associado à Ditadura Civil-Militar.

Na permanência do imaginário da ditadura civil-militar e na idealização de seu período, observa-se a ascensão de Bolsonaro, não apenas entre os jovens, mas também entre aqueles que identificam o regime como um suposto momento de desenvolvimento adequado da sociedade brasileira. Dessa forma, amplia-se a base de apoio ao seu projeto e ao campo político que representa. O Religioso (2014) estabelece, em sua obra, uma relação política com os escritos bíblicos nos seguintes termos:

Assim, a terra que “mana Leite e mel” (Êxodo 3.8) ficou sem alimento, e a “casa do pão” (Belém, beyth lecchem) não produzia mais seus mantimentos. Alguma semelhança com o Brasil? Um país que possui as maiores riquezas do mundo 6ª economia do mundo, mas o 84º país em desenvolvimento humano e social? Abismo e injustiça social: sinônimos do Brasil. Isso é um sinal de que o Messias está chegando com seu exército para a grande batalha. (Religioso, 2014, p.32)

O que se destaca no fragmento de Religioso (2014) é a articulação entre elementos religiosos e analogias políticas, ao representar o Brasil e suas contradições por meio do imaginário bíblico. No contexto histórico, essa abordagem permite estabelecer uma conexão com o então candidato Jair Messias Bolsonaro, que se apresentava como ex-militar, tendo como candidato a vice-presidente Hamilton Mourão, general da reserva do Exército Brasileiro.

A construção apresentada pelo Religioso (2014) busca normatizar e legitimar Jair Bolsonaro como uma figura de dimensão salvadora. O texto adquire caráter pedagógico ao justificar sua posição política por meio de pressupostos judaico-cristãos, nos quais o então candidato é representado como alguém escolhido para enfrentar uma batalha espiritual e moral. Ao mesmo tempo em que apresenta o Messias como responsável por conduzir essa luta, o fragmento revela também a figura de seu exército, que se aproxima para o embate. Tal representação permite dimensionar seus apoiadores não apenas como um grupo de eleitores, mas como a construção simbólica de um exército escolhido por Deus para a batalha final devendo, portanto, agir com coesão e obediência às ordens de seu líder messiânico.

A busca pela construção messiânica, de caráter social e político, mobiliza valores religiosos com o propósito de promover uma suposta transformação social. No entanto, tal mobilização acaba por justificar a figura de um indivíduo que representa um projeto de permanências não libertadoras (Freire, 2021), isto é, que apenas assegura a

continuidade do realismo capitalista brasileiro (Fisher, 2020). Essa dinâmica contribui significativamente para a consolidação do neoconservadorismo religioso no Brasil.

Observar essa dimensão implica reconhecer as diferenças históricas que permeiam o uso dos escritos religiosos em processos educativos de natureza político-social. Um exemplo significativo pode ser encontrado na obra de Kotscho (1986), que apresenta um inventário das trajetórias de Paulo Freire e Frei Betto até aquele momento. Em determinado trecho, o autor formula uma pergunta à qual Betto responde, seguida de um breve comentário de Freire, revelando a importância fé e da educação na construção de projetos emancipatórios;

RICARDO – Qual é a relação dos círculos bíblicos com as comunidades de base? BETTO – É o método inicial de ativação das comunidades. É convidar o pessoal para ler a Bíblia e refletir em comum. Por que a leitura da Bíblia cria essa emulação e abre a consciência das pessoas? O processo pedagógico foi trazendo a resposta, ou seja, porque a Bíblia é um livro que conta a história de um povo, em luta por sua libertação. É conta de uma maneira popular. Então, quando o oprimido lê a Bíblia em comunidade, ele está não só se apropriando do texto bíblico, mas do seu próprio contexto da vida e da luta. Às vezes me perguntam como eu definiria uma pessoa consciente, politizada. É uma pessoa que fala do imperialismo americano? Ou do antagonismo de classe? Digo que não, porque já encontrei oprimidos que repetem esse dialeto acadêmico até para agradar os nossos ouvidos, embora sem captar o seu conteúdo. Como tem muita gente que fala em desindexação e não sabe explicar o que é. Já encontrei, também, pequenos-burgueses de esquerda, que repetiam todas as noções e, hoje, abandonaram qualquer esperança de mudança social e estão usufruindo dos benefícios do sistema. Então, que é uma pessoa politizada? Para mim, uma pessoa politizada é aquela que passou de percepção da vida como mero processo biológico para a percepção da vida como processo biográfico, histórico e coletivo. PAULO – Exato. (Kotscho, 1986, p.60-1)

A utilização das escrituras sagradas, conforme apresentada por Frei Betto a Kotscho (1986), tem como finalidade a formação de uma consciência crítica voltada para um processo de libertação. Essa abordagem parte dos elementos do cotidiano como ponto de partida para o questionamento da realidade, visando à construção de uma autonomia transformadora. Tal perspectiva difere substancialmente daquela adotada pelo Religiosos que recorrem às escrituras com o objetivo de validar posições políticas já estabelecidas, reforçando estruturas de poder em vez de desafiá-las.

Ao longo da obra, Frei Betto desenvolve uma construção histórica dos documentos religiosos, evidenciando um discurso libertador pautado na coletividade. Esse discurso emerge do encontro entre a prática de libertação e a busca por autonomia, propondo uma transformação social que se fundamenta na realidade concreta e na

disposição para o agir. Trata-se, portanto, de uma proposta que visa à construção do novo, enraizada na experiência prática e no compromisso ético com a emancipação.

Em contrapartida, o Religioso, ao interpretar uma passagem bíblica vinculada ao contexto brasileiro, procura dissociar reflexão e ação, cerceando a possibilidade de o indivíduo tornar-se autônomo para questionar problemas sociais e atuar historicamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Sua argumentação estabelece um paralelo entre a Belém bíblica marcada pela escassez de alimentos e a crise alimentar no Brasil, com base em dados que evidenciam essa realidade. Com isso, sustenta que um Messias está prestes a chegar para liderar a “batalha”, adotando, assim, uma lógica imobilista: em vez de mobilizar a sociedade no presente, recomenda-se aguardar aquele que, acompanhado de sua tropa, conduzirá o povo a um lugar de melhores condições, proverá mantimentos e orientará nossa sociabilidade de forma ideal.

Quando observamos as referências religiosas da terra prometida e a questão econômica do cenário brasileiro, localizamos um discurso de distanciamento. Ou seja, a população não se faz presente nesses momentos comunitários. Embora, ao ressaltar os dados econômicos, ele busque demonstrar que esse local não faz parte de sua vida, mas sim daqueles que são escolhidos para integrar esse universo. Sendo assim, observamos a construção de uma educação que não busca criar algo, como propõe Frei Betto, mas apenas ocupar o espaço e usufruir das benesses de um local ao qual acredita não pertencer.

E aqui retornamos a uma pergunta realizada em nossa sessão, na qual descrevemos as manifestações do período eleitoral de 2014. Ali, localizamos a disputa das ruas entre o campo da esquerda e o da direita/neoconservadores, e identificamos uma estrutura de trincheira, ou seja, a ausência de diálogo entre os campos antagônicos. Surge, então, a seguinte questão: pensando educacionalmente, podemos identificar uma diferença entre esses dois movimentos na criação de uma educação crítica e libertadora?

Em síntese, não localizamos uma educação libertadora nesses processos, pois não encontramos diálogo nem construção coletiva. Ambos os momentos partem da necessidade de permanência: seja a defesa das leis trabalhistas e da reeleição da então candidata à presidência, Dilma Rousseff que não representava um processo de transformação social e coletiva, mas sim a garantia de direitos adquiridos e a manutenção de um discurso histórico que posiciona seu partido como representante da classe trabalhadora, apontando o retrocesso e a barbárie fora desse espaço, seja no discurso do religioso, que, como mencionado, não busca criar um senso crítico libertador em seus

leitores. Em vez disso, constrói um projeto que parece beneficiar apenas indivíduos que compartilham de sua visão de mundo e que, para isso, exige a ocupação do espaço estatal.

Esse espaço, por sua vez, representa o centro da disputa tanto para o projeto neoconservador quanto para o chamado pensamento progressista. Elemento que, por outro lado, não se encontra presente no fragmento de Frei Betto e na resposta positiva de Paulo Freire, os quais apostam na criatividade humana e em sua capacidade de criação um debate que transcende o Estado e sua configuração atual.

Como mencionado ao longo deste texto, o campo neoconservador é amplo e encontra-se em constante disputa. Quando o discurso religioso busca legitimar a figura de Bolsonaro, acaba por validar valores remanescentes da ditadura civil-militar. Um dos líderes do Movimento Político, em seu livro publicado em 2021, escreve um texto intitulado *Marighella: O terrorismo romantizado pelas esquerdas*, no qual procura comparar os crimes de Estado com os processos de resistência promovidos por grupos de esquerda. Nesse contexto, apresenta o seguinte argumento: “Isso não justifica, é óbvio, os atos da ditadura militar, em especial os atos de perseguição política e tortura, que são horrendos” (Movimento Político, 2021, p. 186).

Embora busque demonstrar que não compactua explicitamente com a violência da ditadura civil-militar, o Movimento¹¹⁹ busca comparar os atos, seja por meio de seu título e fragmentos como: “Marighella foi um guerrilheiro urbano, o que é uma forma simpática de dizer que era um terrorista. Sim o terrorismo urbano existiu durante a década de 1960 e 1970.” (Movimento Político, 2021, p.186). E finaliza com uma ponte entre este período e o processo de resistência, trazendo uma fala de Dilma Rousseff em resposta ao senador José Agripino Maia, então senador pelo partido Democrata do Rio Grande do Norte, na Comissão de Infraestrutura do Senado em 2008: “Lembra quando a Dilma disse que não respeitava delator? Ela também fez parte da luta armada e era adepta da filosofia de eliminar gente bocuda demais.”¹²⁰ (Movimento Político, 2021, p.188)

Este discurso de comparação entre a forma de resistência e a forma de violência busca criar uma centralidade no medo e na obediência. Ao apresentar que ambos são iguais, procura deslegitimar a experiência daqueles que enfrentaram e combateram a

¹¹⁹ Como mencionado em seu texto, o autor procura se apresentar como alguém contra a violência do Estado. No entanto, em 2025, com a formação do seu partido Missão, uma de suas bandeiras se expressa no slogan "Prende, Matou", incluindo até a venda de camisetas com esse conteúdo. Camisa disponível para venda em: <<https://loja.mbl.org.br/produtos/camiseta-prende-matou/>>. Último acesso em 30/03/2025.

¹²⁰ A resposta da então ministra pode ser observada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=Tiyezo1fLRs&ab_channel=drrosinha>. Último acesso 02/04/2025.

ditadura civil-militar, especialmente a então ministra Dilma Rousseff, retratando-a como uma pessoa pouco confiável e que ainda manteria vícios desse período, como o uso da violência e de não falar a verdade para preservar seus interesses. Outro fator importante é que esse fragmento tenta enfrentar a construção de uma identidade, uma vez que tanto o livro do Movimento Político quanto o filme *Marighella*¹²¹ foram lançados em 2021.

O texto contido no livro *Movimento Político* (2021) busca disputar o legado dos movimentos de esquerda, sobretudo de figuras como Marighella, com o intuito de propagar sua própria cultura social. Para tanto, adota um discurso de aparente distanciamento em relação aos crimes da ditadura civil-militar, ao mesmo tempo em que endossa a violência como método legítimo de organização social. Além disso, questiona o protagonismo dos grupos de esquerda no processo de redemocratização e a relevância de sua atuação na contemporaneidade.

Ao insinuar que uma então ministra de Estado agiria, em tempos de paz e democracia, da mesma forma que atuava em períodos de tortura quando se via obrigada a mentir para sobreviver o texto revela um projeto direcionado à desqualificação das ações críticas da esquerda. Paralelamente, apresenta a estrutura política vigente como eternamente duvidosa, ocupada por indivíduos supostamente desprovidos de apreço pela vida humana, marcados por hábitos de violência e mentira, e sempre prontos a executar planos revolucionários para a tomada do poder.

Outro aspecto crucial a ser debatido sobre o Movimento Político que, à primeira vista, pode parecer contraditório é o fato de ele se declarar “contrário a 1964”, ao mesmo tempo em que repudia aqueles que lutaram contra o golpe, independentemente de pertencerem a grupos de esquerda. Essa dupla postura revela, na prática, a existência de um projeto de revolução conservadora.

Ao afirmar-se “contrário” tanto aos crimes da ditadura civil-militar quanto aos movimentos de resistência armada ou não, o movimento produz argumentos símbolos que legitimam sua posição junto à geração que viveu aquele período, como também junto àquelas pessoas que não o presenciaram diretamente. Dessa forma, consolida-se um discurso que aparenta isenção histórica, mas serve para impulsionar um programa político conservador.

¹²¹ O trailer do filme *Marighella* pode ser encontrado em: <
https://www.youtube.com/watch?v=bo5ohsd4T08&ab_channel=ParisFilmes>. Último acesso 02/04/2025

Michael Löwy (1998), nos oferece uma reflexão importante sobre como devemos observar processos que podem se revelar contraditórios: não convém tratá-los de forma unitária nem simplesmente ignorá-los, mas sim considerar suas tensões internas, como apresenta o texto de Pascal, utilizado por Löwy (1998):

Porém, como acentua, com razão, esse eminente precursor da dialética que se chama Blaise Pascal, “para entender o sentido de um autor é preciso conciliar todas as passagens contraditórias. Assim, para entender as Escrituras, é preciso ter um sentido com o qual todas as passagens contraditórias concordem. Não basta ter um sentido que convenha a várias passagens concordantes, mas ter um que concorde inclusive com as passagens contraditórias. Todo o autor tem um sentido ao qual todas as passagens contraditórias se coadunam, ou não tem sentido algum”¹²² (Löwy, 1998, p.79)

Essa contradição, à qual Löwy (1998) apresenta a partir do texto de Pascal se refere, é evidente tanto no Movimento Político quanto nas passagens do Religioso, e não deve ser ignorada, pois fornece pistas para hipóteses sobre suas concepções e objetivos político-sociais e culturais. Com essa postura paradoxal, o Movimento Político busca criar uma cultura: ao tratar os eventos do período civil-militar como algo alheio, procura dialogar com quem, em certa medida, não se interessa por esse momento histórico, por acreditar que ele não afeta seu cotidiano. Esse procedimento resulta na formação de sujeitos que negam a História e suas permanências, impossibilitando qualquer ruptura com as estruturas vigentes e conduzindo à produção de sujeitos alienados, conforme descreve a teoria freiriana.

A busca da criação de uma nova cultura pelo movimento que denomina como neoconservador também é tema do texto de Álvaro Bianchi (2016), o qual argumenta que é fundamental pensar esse processo não apenas em termos políticos ou econômicos, mas também a partir do campo da cultura. Bianchi argumenta que esses grupos buscam influenciar a forma de compreensão do mundo, das histórias e das imagens, a fim de criar um espaço legitimador para seus projetos organizacionais;

É no terreno da cultura que as correntes tradicionalistas, conservadoras, liberais e fundamentalistas estão ganhando a guerra. O sistema de significações que organiza e dá sentido aos modos de vida existentes na sociedade adquire crescentemente características que produzem e

¹²² Rodapé do livro: Pascal, *Pensées*, fragmento 684, in *Oeuvres Complètes*, Paris, Seuil, 1953, p.533. Lucien Goldmann cita este fragmento em *Le Dieu Caché* (Paris, Gallimard, 1955, p.22) e faz dele um princípio metodológico para seu trabalho de interpretação.

reproduzem a heteronomia no lugar da autonomia, a sujeição no lugar da emancipação, o consumo no lugar da fruição. (Bianchi, 2016, p.121)

Bianchi (2016) apresenta um aspecto importante para nossa pesquisa: a construção de significados para a formação educacional de uma sociedade e o quanto o campo neoconservador tem conseguido vitórias nesse fenômeno. Embora essas disputas se aproximem de nossas fontes, elas colocam em pauta formas de organização da opressão, e não seu conteúdo, que está ligado às contradições de classe e aos valores do capitalismo.

A importância da disputa e da construção de imaginários é evidente, sobretudo considerando que o campo neoconservador vem obtendo resultados expressivos nesse terreno. Esses resultados se materializam nas manifestações simbólicas produzidas por esse grupo, as quais não podem ser dissociadas: imaginários e práticas interpenetram-se mutuamente. Para naturalizar e reafirmar valores que percebem sob ataque como família, religião cristã, propriedade privada e o livre mercado, esses grupos utilizam todos os canais de comunicação disponíveis.

Nesse processo, em lugar do questionamento crítico e da expressão pública de dissenso, consolida-se uma cultura de servidão. O “bom sujeito” deixa de ser quem indaga e passa a ser quem obedece e respeita hierarquias artificiais, fundamentadas em valores econômicos, sexuais, raciais e religiosos. Ainda que se reivindique igualdade no âmbito do consumo, essa possibilidade é negada pela falta de recursos financeiros ou por barreiras territoriais e identitárias como vestimenta, raça, credo ou orientação sexual que impedem o acesso a certos espaços.

Esse fenômeno aproveita-se da ausência de horizontes políticos que transcendam o pemedebismo (Nobre, 2022), tanto no contexto brasileiro quanto no cenário global de sociedades de classes ao qual o Brasil também faz parte, para veicular um discurso que se autoproclama revolucionário. Ao criticar simultaneamente os problemas reais da sociedade e as reivindicações legítimas de parte da população, esses discursos apresentam-se como detentores de soluções definitivas. Em essência, porém, representam um projeto contrarrevolucionário que tem se tornado hegemônico ao prometer mudanças pela via da autoridade e do endurecimento dos mecanismos de controle social.

Ambas as fontes discutidas contribuem para a formação de um sujeito que preza valores pré-determinados por exemplo, a heteronormatividade e sua concepção de família, os valores cristãos e a defesa do livre mercado e, com isso, não busca elaborar um valor novo. Este valor já está presente: trata-se da ideologia capitalista. O que esses grupos buscam é criar uma cultura que influencie a forma como a ideologia capitalista se

manifesta no Brasil. Dessa forma, não precisam tensionar diretamente as estruturas econômicas como o desenvolvimento, o comércio, a indústria e o setor financeiro, mas sim garantir que os sujeitos se adaptem a essas estruturas ao seu modo particular de compreensão e funcionamento da sociedade.

O período abordado ao longo da pesquisa, com foco no pós-2013, apresentou uma série de mudanças sociais e políticas: uma nova forma de utilização das plataformas digitais, a reorganização da direita para ocupar as ruas em manifestações de grande escala, o golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff e o reconhecimento de Jair Messias Bolsonaro como suposto líder desse movimento neoconservador.

É nesse processo que esses representantes do neoconservadorismo ganham voz e atraem a população brasileira, que não encontra nesses ambientes um discurso diferente de seus próprios preceitos. Esses caminhos e elementos se constituíram a partir das contradições da política dos governos lulistas, localizando sua expressão política na figura do ex-deputado federal. Partindo destes elementos, vamos a partir de agora atuar com os vídeos de Religioso e Movimento Político em busca de elementos ao qual devem ser questionados para a formação de uma sociedade autônoma.

CAPÍTULO 3

A EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO POLÍTICO E DO RELIGIOSO

3.1 Os comentários no vídeo do Movimento Político e a construção de novos caminhos.

Nosso último capítulo está sendo redigido após as eleições presidenciais de 2022, nas quais Jair Messias Bolsonaro foi derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva. Seu governo, que terminou em 31 de dezembro de 2022, produziu uma tentativa de golpe de Estado¹²³ em 8 de janeiro de 2023¹²⁴, que não prosperou devido à ausência de adesão majoritária da população. A manifestação foi convocada por meio das redes sociais, YouTube¹²⁵, Telegram e WhatsApp, contando com o apoio de uma parcela da burguesia¹²⁶ que viabilizou estruturas de transporte e logística para levar os apoiadores de Bolsonaro até Brasília.

Esse ato encerra um processo de intensas manifestações iniciadas em 30 de outubro de 2022¹²⁷, logo após o resultado eleitoral. O período foi marcado por protestos nas ruas, bloqueios em rodovias, tentativas de atos terroristas¹²⁸ e acampamentos nas proximidades de áreas militares¹²⁹.

¹²³ Um resumo sobre a tentativa de golpe de Estado se encontra no site: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-01/relembre-o-passo-passo-da-tentativa-de-golpe-no-81>>. Último acesso: 27/08/2025

¹²⁴ Para um breve resumo sobre este ato, recomendamos: <https://www.youtube.com/watch?v=MxciQQRUMNk&ab_channel=BBCNewsBrasil> Último acesso: 27/08/2025.

¹²⁵ Sobre os influenciadores que utilizaram as redes sociais: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/17/novos-alvos-operacao-lesa-patria.ghtml>>. Último acesso: 27/08/2025

¹²⁶ Sobre os financiadores do golpe: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/08/23/quem-sao-os-empresarios-alvos-mandados-de-prisao-devido-a-mensagens-no-whatsapp.ghtml>> Último acesso: 28/08/2025

¹²⁷ Sobre as manifestações: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/eleicoes-manifestacoes-rodovias-rs.ghtml>> Último acesso: 28/08/2025

¹²⁸ Sobre o ato terrorista: <<https://www.metropoles.com/brasil/ha-um-ano-golpistas-tentavam-explodir-bomba-no-aeroporto-de-brasilia>> Último acesso: 28/08/2025

¹²⁹ Sobre os acampamentos: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64042482>>. Último acesso em: 28/08/2025.

Agora, em 2025, vivemos a dinâmica dos julgamentos¹³⁰ dos chamados organizadores da tentativa de golpe, entre os quais se incluem Jair Bolsonaro. A imprensa debate o possível fim político do ex-presidente e de seu filho, Eduardo Bolsonaro¹³¹, que atualmente se encontra nos Estados Unidos, acompanhado do neto do ditador João Figueiredo. Ambos têm contribuído para que a gestão Trump intensifique o processo de taxaço sobre o Brasil¹³².

Já se discute, portanto, a política e o setor da direita “pós-Bolsonaro”¹³³. Há uma tentativa de enquadrar o neoconservadorismo sob duas óticas:

1 A ideia de que o neoconservadorismo é equivalente ao bolsonarismo o que buscamos demonstrar que não é, a partir de sua construção histórica e da diferenciação entre o Movimento Político e Religioso.

2 A suposição de que o pensamento e a organização neoconservadora se dissiparão com a possível prisão de Bolsonaro ignorando, assim, as visões de mundo e os aprendizados acumulados até aqui.

A compreensão que busca associar determinado movimento exclusivamente ao bolsonarismo e que, por isso, considera que ele está perdendo espaço ignora o fato de que o Movimento Político encontra-se na etapa final da criação de seu próprio partido. Além disso, figuras como Tarcísio de Freitas, governador do Estado de São Paulo, foram eleitas com o apoio de Bolsonaro e continuam a fazer acenos políticos em sua direção.

De acordo com a reportagem da *CNN Brasil*, assinada por Douglas Porto e intitulada *Quest eleições 2026: Lula tem 32% de intenções de voto; Bolsonaro, 26%* (Porto, 2025), publicada em 17 de julho de 2025, os dados demonstram a relevância política de Bolsonaro, mesmo diante dos desdobramentos políticos e jurídicos que sintetizamos brevemente.

Esta compreensão de que busca associar um movimento unicamente ao movimento bolsonarista e que ela passa a perder espaço, ignora o fato que o Movimento Político está na etapa final da criação do seu partido e a figuras como Tarcísio de Freitas,

¹³⁰ Sobre o juntamento: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/08/15/stf-marca-julgamento-de-bolsonaro-e-mais-sete-aliados-na-acao-de-tentativa-de-golpe.ghtml>>. Último acesso em: 28/08/2025.

¹³¹ Sobre a perca de espaço: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/08/20/centrao-escanteia-filhos-de-bolsonaro-e-calcula-rotas-para-2026.htm>>. Último acesso em: 28/08/2025.

¹³² Sobre o processo de sanção: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/07/30/aliado-de-eduardo-bolsonaro-e-jornalista-quem-e-paulo-figueiredo-citado-pelos-eua-na-sancao-a-moraes.ghtml>>. Último acesso: 28/08/2025

¹³³ Sobre a disputa no campo: < <https://cbn.globo.com/politica/noticia/2025/08/25/disputa-por-heranca-de-bolsonaro-aproxima-governadores-de-direita-em-eventos-pelo-pais.ghtml>>. Último acesso em: 28/08/2025.

governador do Estado de São Paulo foi eleito com o apoio de Bolsonaro e que sempre realiza aceno para ele.

Se, de acordo com os meios de comunicação, estamos vivenciando o fim do bolsonarismo que representou o elo mais forte do pensamento neoconservador brasileiro, embora nunca tenha sido um movimento plenamente unitário é necessário questionar: O que une esses três¹³⁴ blocos quando pensamos em uma plataforma política?

Para responder a essa questão para além do aspecto visível, isto é, influenciar a política e obter lucros recorreremos ao livro *Tecnoconservadorismo e o Brasil Paralelo* (2024), de Pablo Ornelas Rosa, Victor Amorim de Angelo, Victor Aguilar Almeida e Breno Buxton Viera.

“[...] *Moderno movimento conservador dos Estados Unidos*, Souza (2021, p.07) destacou que o *liberalismo*, o *tradicionalismo* e o *anticomunismo* foram o *compósito político* que permitiu que nascesse desta junção o chamado “fusionismo, uma síntese que se tornou base que viria a se chamar de movimento conservador, cujo porta-voz mais sofisticado era a revista *National Review*, fundada por William F. Buckley Jr., em 1995”. Neste sentido, os *libertários* estariam preocupados com a máxima liberdade individual e econômica ante aqueles governos intervencionistas de viés Keynesiano; os *tradicionalistas*, estariam focados na área cultural, sendo muitas vezes religiosos e influenciados por ideias europeias; e os *anticomunistas*, que estariam envolvidos com as disputas políticos-ideológicas acerca da Guerra Fria. (Rosa et al., 2024, p.62)

Embora a análise apresentada por Rosa et al. (2024) tenha como foco a produtora Brasil Paralelo e, neste momento, explore o contexto do conservadorismo norte-americano, é possível identificar um eixo de organização bastante próximo à base de apoio e gestão do governo Bolsonaro. Nesse cenário, conservadores, liberais e tradicionalistas disputam espaço dentro da estrutura governamental, formando não uma coalizão de ideias, mas sim um embate entre correntes ideológicas. Essa dinâmica revela uma característica própria do movimento: a dificuldade de construir um pensamento comum, de formular consensos e interesses que transcendam as circunstâncias conjunturais em que estão inseridos.

Esse é um limite importante, diretamente relacionado à forma como concebemos a educação. Enquanto os neoconservadores brasileiros do campo religioso partem de textos sagrados como no caso da abordagem Religioso para impor uma visão restrita de

¹³⁴ Bolsonarismo, Movimento Político e Religioso.

educação a partir de sua interpretação, figuras como Frei Betto (Kotscho, 1986) buscam, nesses mesmos textos, elementos que atribuam sentido ao cotidiano das pessoas, transformando o processo de compreensão em algo vivo, capaz de modificar a realidade ao redor de maneira emancipadora.

Por outro lado, o Movimento Político procura deslegitimar ações coletivas e obras culturais como filmes que exaltam o se colocar no mundo ao mesmo tempo em que nega a legitimidade de sujeitos que enfrentaram processos históricos de opressão. (Movimento Político, 2021).

O movimento neoconservador busca ensinar e impor uma dinâmica social binária, na qual a superação de problemas, a atuação na realidade e a criação de novas possibilidades sociais tornam-se inviáveis. Isso ocorre porque qualquer ação transformadora exige reconhecer sujeitos que não se encaixam na visão estreita desse movimento sujeitos que, segundo essa lógica, seriam obstáculos ao processo social e à lógica de acumulação do capital.

O indivíduo passa a ser avaliado exclusivamente por sua capacidade de gerar resultados e lucros. Essa racionalidade se manifesta em diversos âmbitos:

- Na educação, onde boas notas definem o “bom aluno” e notas baixas rotulam o “péssimo aluno”, ignorando contextos sociais, subjetividades e processos de aprendizagem.
- No trabalho, onde o funcionário obediente é valorizado, enquanto o sindicalizado que reivindica direitos coletivos é visto como ameaça à ordem.
- Nas relações pessoais, onde o casamento heteronormativo é considerado natural e essencial à sociedade, enquanto o casamento homoafetivo é tratado como contrário às leis divinas e fonte de desordem para o Estado.

Essa é a concepção de educação que esse movimento busca impor: uma educação que não emancipa, mas normatiza, exclui e reforça estruturas de poder e dominação.

Por esse motivo, a figura de Bolsonaro se tornou tão importante nesse campo, inclusive para o Movimento Político. É a partir dele que esses grupos constroem seu discurso: apresentando-se como oposição não apenas à sua gestão, mas também ao movimento de esquerda e progressista em geral.

Joeline Rodrigues de Sousa, em seu livro *Gramsci: Educação, Escola e Formação: Caminhos para a Emancipação Humana* (2014), apresenta uma contradição fundamental da nossa sociedade que serve como crítica ao imaginário neoconservador;

O homem resume-se, então, às suas estritas necessidades vitais e corporais, e como um animal que luta simplesmente para garantir sua sobrevivência, perdendo sua liberdade criadora e inventiva por dispensar todo seu tempo e suas forças somente com o necessário à sua reprodução vital por ficar à margem do acesso à riqueza material e espiritual que ele mesmo produz, as quais concorrem para o processo de humanização, tornando-se, dentro das contradições do capital, cada vez mais embrutecido e sem valor quanto mais produz riqueza e refina seu produto, sendo rebaixado física e mentalmente a um útil e mero fazedor de coisas, distante do seu processo de humanização. O resultado é “que o homem (o trabalhador) só se sente livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar [...] e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se trona humano, e o humano, animal” (MARX, 2010d, p.83)” (Sousa, 2014, p.131)

Sousa (2014), ao recorrer a um fragmento dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx, nos permite tensionar qual é o futuro que o movimento neoconservador busca produzir: um cenário em que o indivíduo perde progressivamente sua dimensão social e política, tornando-se um ser voltado exclusivamente à produção e reprodução de mercadorias. Essa forma de se perceber no mundo não é espontânea ela é construída e ensinada.

Por esse motivo, observamos uma convergência entre o governo Bolsonaro e os canais que difundem essa lógica, reforçando um modelo de educação e gestão que ensina a uma parcela da sociedade, alinhada a essas ideias, que esse é o melhor método de se fazer presente no mundo. Não se trata de sujeitos radicalizados, mas de indivíduos que, por meio de uma educação bancária como denunciada por Paulo Freire (2019) aprenderam que esse é o caminho legítimo para “fazer história”: obedecer, produzir, acumular e excluir.

Nesse processo, ao deixarmos de rotular esses sujeitos¹³⁵ como radicais, extremistas ou protofascistas e passarmos a reconhecer neles a humanidade e a capacidade de se perceberem no mundo e aprenderem com sua própria atuação histórica torna-se possível construir uma nova forma de sociabilidade. No entanto, caso optemos por manter a fórmula política centrada em valores meramente eleitorais, o rótulo de “radicais” torna-se funcional: ele serve para preservar a permanência de determinadas

¹³⁵ Neste exemplo, estou me referindo principalmente aos sujeitos ao qual se sentiram encantados pelo discurso bolsonarista que invadiram Brasília, não se seus líderes, que buscaram construir seu projeto político a partir da utilização destes sujeitos.

estruturas e garantir o imobilismo de outros grupos sociais. Trata-se, portanto, de uma escolha entre aprofundar o diálogo e a transformação ou manter a lógica da exclusão e da estigmatização como ferramenta de controle político e social.

Retomar a distinção entre aquele que recebeu a educação bancária como aponta Freire (2019) e aquele que a produziu com intenção é fundamental para aprofundar a crítica aos canais do Movimento Político e do Religioso enquanto formas de ação educacional. Essa distinção revela que não se trata apenas de sujeitos passivos, mas de agentes que reproduzem uma lógica voltada à manutenção da ordem, e não à emancipação.

A produção de sentido e sua atuação na internet podem ser aprofundadas por Rosa et al. (2024), a partir de seu estudo sobre o *Brasil Paralelo*¹³⁶. Ao qual seu caminho é próximo ao nosso, antes de discutir a produção do canal, realizou o caminho da construção do pensamento conservador americano. Ao longo do livro localizamos uma ao qual vamos dividir em três partes para aprofundar o seu debate.

O primeiro momento parte de uma declaração publicada pela revista *National Review*, intitulada *Credo* (Rosa et al., 2024), a partir da qual realizaremos uma analogia entre os princípios editoriais da revista e o governo Bolsonaro e os valores de nossas fontes;

A – É trabalho do governo centralizado (em tempos de paz) proteger de vidas, a liberdade e a propriedade dos seus cidadãos. Todas as outras atividades do governo tendem a diminuir a liberdade a atrapalhar o progresso. O crescimento do governo (o traço social dominante deste século) deve ser combatido sem tréguas. Neste grande conflito social de nossa era, nós estamos, sem reservar, do lado libertário. (Rosa et al., 2024, p.62-63)

No fragmento de (Rosa et al., 2024) essa cultura produzida é defendida pelo Movimento Político e Religioso e a gestão Bolsonaro colocou em prática. A gestão federal buscou atuar a minar elementos da sociedade que permitiam a aproximação com o outro. Seja no campo do trabalho com o argumento da necessidade de rever e extinguir a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), seja no direito de exclusão dos sujeitos não

¹³⁶Brasil Paralelo é uma produtora de vídeos inserida no mercado conservador educacional, que se popularizou por meio de conteúdos marcados pelo revisionismo histórico. Além de seu canal no YouTube, que conta com aproximadamente 4,47 milhões de inscritos, < <https://www.youtube.com/@brasilparalelo>>, o grupo desenvolveu sua própria plataforma de streaming, disponível em: < <https://www.brasilparalelo.com.br/>> com planos a partir de R\$10 mensais. Para aprofundar a análise dos métodos utilizados por essa produtora, recomenda-se a leitura do artigo: < <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/brasil-paralelo-modos-manipulacao-verdade/>>. Último acesso em: 28/08/2025.

hegemônicos ou ainda nos valores de uma suposta lógica judaico-cristã, o projeto visava influenciar diferentes aspectos da sociabilidade brasileira¹³⁷.

Ao mesmo tempo em que a gestão Bolsonaro buscava reduzir a atuação do Estado nas áreas sociais e na garantia de direitos fundamentais, mantinha uma defesa intransigente da propriedade privada e da liberdade individual, especialmente dentro da lógica de mercado. Essa cruzada em favor do direito à propriedade pode ser sistematizada por meio de sua aliança com o agronegócio, setor que se tornou emblemático durante episódios como o chamado “Dia do Fogo”.

Esse evento foi analisado em reportagem republicada¹³⁸ pela Unisinos, intitulada *Pesquisa mostra relação entre falas de Bolsonaro e o “Dia do Fogo” na Amazônia*, de Duda Menegassi (2021). A matéria apresenta a pesquisa conduzida por Marco Antonio Leonel Caetano, do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), que revela dados significativos sobre a correlação entre o discurso presidencial e o aumento das queimadas na região amazônica, evidenciando como a retórica política pode legitimar práticas predatórias em nome da defesa da propriedade e do progresso econômico:

“Segundo Marco Caetano, os dados indicam, com 95% de confiança, que a troca de palavras sobre a Alemanha e o Brasil incentivou os episódios que culminaram no ‘dia do fogo’, quando agropecuaristas iniciaram múltiplos focos de incêndio às margens da BR-163, no Pará, supostamente para endossar o discurso do presidente Bolsonaro e pedir apoio do governo federal aos proprietários rurais. (Menegassi, 2021)

O episódio conhecido como *Dia do Fogo*, analisado por Menegassi (2021), permite dimensionar a relação de apoio que Bolsonaro recebia de uma categoria social que enxergava, em suas argumentações, a possibilidade de ampliar seus lucros por meio de práticas exploratórias seja da classe trabalhadora, seja da própria Terra. Esse alinhamento revela uma adesão aos valores neoliberais e libertários, que se aproximam do que identificamos como o Movimento Político: uma racionalidade que privilegia o mercado, a propriedade privada e a desregulamentação ambiental como motores do progresso.

¹³⁷ Uma das tentativas pode ser localizada na atuação da “Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família”, que tentou se organizar para impedir o projeto que permite o aborto em casos de microcefalia: <<https://www.camara.leg.br/noticias/554373-FRENTE-QUER-BARRAR-PROJETO-QUE-PERMITE-ABORTO-EM-CASO-DE-MICROCEFALIA>> Último acesso em: 28/08/2025.

¹³⁸ Link da notícia: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/608375-pesquisa-mostra-relacao-entre-falas-de-bolsonaro-e-o-dia-do-fogo-na-amazonia>>. Último acesso: 28/08/2025.

Se esse primeiro eixo pode ser compreendido dentro da lógica econômica e produtivista, o segundo fragmento nos conduz ao campo do Religioso e do pensamento conservador, conforme apresentado por Rosa et al. (2024) na continuação do trecho da revista *National Review*. Nesse ponto, o discurso deixa de se apoiar exclusivamente na liberdade econômica e passa a incorporar elementos morais e religiosos, que legitimam uma visão de mundo hierárquica, excludente e pautada na defesa da tradição como fundamento da ordem social.

B- A profunda crise de nossa era é, em essência, o conflito entre Engenheiros Sociais, que buscam ajustar a humanidade de acordo com utopias científicas, e os discípulos da Verdade, que defendem a ordem moral orgânica. Nós acreditamos que não se alcança a verdade nem se a ilumina pelo monitoramento de resultados eleitorais, por mais impositivo que eles sejam para outros propósitos, mas por outros meios, incluindo a um estudo da experiência humana. Neste ponto, estamos, sem reservas, do lado conservador. (Rosa et al., 2024, p.63)

O fragmento de Rosa et al. (2024) oferece, de forma sintética, elementos centrais do pensamento neoconservador, com ênfase em sua vertente tradicionalista. Os autores destacam a tensão entre valores considerados orgânicos e sedimentados como família, religião e propriedade e os chamados valores teóricos, frequentemente apresentados como “utopias científicas” por esse campo ideológico.

Essa tensão se manifesta na figura dos chamados “engenheiros sociais”, que, embora não sejam cientistas manipuladores em essência, são retratados como agentes que, por meio de suas pesquisas e propostas, buscam impor projetos de transformação social. Tais projetos são vistos como ameaças à ordem moral orgânica, fundada na noção de verdade absoluta e imutável. A crítica neoconservadora, portanto, não se limita à política institucional, mas se estende à epistemologia e à própria ideia de mudança social, que é percebida como desestabilizadora e artificial.

Nesse primeiro momento, é possível identificar ecos diretos da gestão Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19¹³⁹: a recusa em seguir recomendações científicas, a

¹³⁹ Ao longo do período pandêmico, localizamos fala como “Eu não sou coveiro, tá certo?”, quando o País registrava pouco mais de 2.500 mortes. <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>>. Sobre a demora na compra de vacinas <https://www.estadao.com.br/saude/demora-para-comprar-vacina-e-obstaculos-de-bolsonaro-dificultam-chegada-de-imunizante-da-pfize>. Sobre os discursos produzidos por Bolsonaro para desestimular a vacinação <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-20/chip-na-vacina-virar-jacare-e-outros-mitos-criam-pandemia-de-desinformacao-na-luta-contra-a-covid-19.html>> Durante sua gestão ocorreu uma CPI, ao qual recebeu o nome de CPI da Pandemia <<https://static.poder360.com.br/2021/10/relatorio-final-renan-calheiros-cpi.pdf>> Último acesso 25/06/2025.

morosidade na aquisição de vacinas e a retórica de desestímulo à vacinação da população brasileira. Essas ações ilustram, na prática, uma aversão conservadora à ordem orgânica fundamentada no conhecimento científico reconhecido especialmente quando esse saber se sobrepõe aos valores morais e ideológicos defendidos por esses grupos.

Esse posicionamento revela uma cisão interna entre os blocos que compõem o campo neoconservador. O Movimento Político, com sua orientação liberal, opôs-se à condução da pandemia por parte do governo Bolsonaro, criticando a ineficiência e o desprezo pelas evidências científicas. Já o Religioso, por sua vez, reconheceu essas ações como mérito, frente ao que consideram uma “tirania científica”.

O segundo aspecto que o campo conservador busca deslegitimar é a experiência eleitoral como processo de construção coletiva. Para eles, a democracia deve se basear em uma relação na qual apenas aqueles considerados “elite” (pessoas com grande capital e saberes conservadores) teriam direito a decidir. Essa concepção aproxima o Movimento Político das ideias de Bolsonaro, pois compreendem que a democracia não deve se fundamentar na participação popular, mas em um sistema baseado em valores e hierarquias, à semelhança do modelo espartano, no qual apenas quem não recebesse auxílio governamental teria direito ao voto. (Movimento Político, 2022)

Retomando Rosa et al. (2024) para utilizado que sintetizar este pensando “o velho argumento de Edmund Burke contra a Revolução Francesa, sobre o perigo de transformar a realidade com base em idealismo e esquemas teóricos” (Rosa et al., 2024, p.63).

Esse ponto evidencia um elemento de disputa entre o governo Bolsonaro e o Movimento Político. No livro já mencionado, *Manual de Debate Político* (2021), localizamos o texto *Bolsonaro Não é Conservador nem Aqui nem na Inglaterra*, onde encontramos a seguinte afirmação:

Por isso ele traiu a direita. Ele trocou o que seria seu papel histórico, assumindo a presidência enquanto direitista depois de mais de uma década de esquerda no governo, pela conveniência de se manter no poder, ainda que abandonando todos os meios de implementar um projeto verdadeiramente no Brasil, e tendo, por fim, a desfaçatez de querer monopolizar o nome conservador para si mesmo, ganhando com isso o apoio de milhões de conservadores iludidos pela máquina de assassinatos de reputações e de propaganda governista. (Movimento Político, 2021, p.22)

De acordo com um integrante do Movimento Político (2021), Bolsonaro não soube se comportar nem atuar como um verdadeiro conservador após mais de uma década de governos de centro-esquerda. Segundo essa perspectiva, ele manteve elementos de

governabilidade herdados dos períodos anteriores, como a realização de acordos com partidos de centro. Isso se tornou ainda mais evidente após a criação da CPI da Pandemia e a nomeação do senador Ciro Nogueira¹⁴⁰, do Partido Progressista, para a Casa Civil, o que, para esse grupo, representou uma aproximação com práticas políticas que deveriam ter sido rejeitadas por um governo conservador.

Neste processo, ainda de acordo com a citação, a gestão de Bolsonaro apresentava a possibilidade de ampliar os valores conservadores por meio da descentralização do governo federal e do aumento da autonomia dos estados e dos indivíduos. Entretanto, na prática, acabou desarticulando o campo político com suas ações e criou um universo próprio, no qual uma parcela da sociedade que se dizia conservadora passou a se denominar bolsonarista.

Esse descrédito que se tenta construir sobre o governo federal busca afastar o grupo da gestão e apresentar-se como o verdadeiro bastião das ideias conservadoras, acusando Bolsonaro de utilizar o discurso conservador apenas como palanque para um projeto pessoal de poder. Ao aprofundarmos esse debate sobre o “purismo” dentro do neoconservadorismo brasileiro, cabe o questionamento: *qual é o papel do povo nesse fenômeno?*

Tanto na crítica produzida pelo Movimento Político (2021) quanto no fragmento apresentado por Rosa et al. (2024), percebe-se que a população não é convidada a participar dessa formulação segundo esses grupos, ela não estaria “preparada” para tal debate. Isso cria uma separação entre sujeitos e suas funções, suas formas de atuar no mundo e sua capacidade de compreender o que ocorre ao seu redor.

Para essa visão, qualquer projeto que dê centralidade à participação popular é considerado um erro, pois comprometeria a “objetividade” em temas como gestão e educação. A prioridade, segundo essa lógica, não é formular como a população ocupa e transforma esses processos, mas sim manter uma estrutura linear, orientada por metas e funcionamento técnico, desconsiderando a pluralidade de vozes e interesses.

Partindo dessa disputa, o terceiro fragmento da revista busca aglutinar os anticomunistas, reunindo diferentes setores que compartilham o temor de uma suposta ameaça vermelha. Rosa et al. (2024):

¹⁴⁰ Sobre este processo recomendamos a leitura de: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57934269>>. Último acesso em: 27/06/2025

C- A mais flagrante força de utopismo satânico deste século é o comunismo. Nós não consideramos a “coexistência” com o comunismo nem desejável nem possível, nem honrosa; achamo-nos irrevogavelmente em guerra com o comunismo e nós operamos a qualquer substituto que não a vitória. (Rosa et al. 2024, p.63)

O fragmento apresentado por Rosa et al. (2024) busca formular uma crítica a projetos que divergem do neoconservadorismo, revelando como esse campo passou a acusar qualquer desavença como sendo comunista. Um episódio emblemático dessa lógica foi a rotulação de um dos líderes do Movimento Político como comunista pelos próprios apoiadores do então presidente¹⁴¹, evidenciando a disputa interna sobre quem seria o verdadeiro representante do conservadorismo brasileiro.

Nesse contexto, o slogan citado por Freire (2019) torna-se relevante para formular sobre o desenvolvimento do campo neoconservador, pois ajuda a definir quem ocupará o lugar de hegemonia conforme a leitura de Gramsci (s.d.) dentro dessa disputa ideológica. A construção de um bloco hegemônico não se dá apenas pela imposição de ideias, mas pela capacidade de formar consenso e incorporar diferentes setores sociais em torno de um projeto comum. Entretanto, tanto o Movimento Político quanto os bolsonaristas parecem partir da negação do povo como sujeito histórico.

Esse processo, que se articula na realidade brasileira e em suas contradições, adquire dimensão político-eleitoral com a candidatura e eleição de Jair Messias Bolsonaro ex-militar de “*baixo clero*”¹⁴² que se posicionou como porta-voz dos anseios populares de reestruturação social. Neste processo de ampliação dos valores do neoconservadorismo percebemos uma transformação na sociabilidade brasileira, ou como apresenta Nobre (2022)

Daí o caráter caricatural, hoje, das posições que culpavam os governos petistas pela instauração de um “nós contra eles” no país. Aquela polarização estabelecida pelo Plano Real, como procurei indicar desde a abertura deste livro, é qualitativamente distinta do que temos hoje. Não foram apenas as regras que mudaram, foi o próprio jogo. (Nobre, 2022, p.145)

¹⁴¹ Sobre a argumentação que o Movimento Político é comunista, podemos encontrar referências nos jornais: <<https://oglobo.globo.com/politica/lider-do-mbl-critica-bolsonaro-por-demonizar-politica-23682445>> ; < <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/mbl-virou-comunista-depois-que-se-negou-a-convocar-atos-pro-ditadura-por-luis-felipe-miguel/>>; <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html> . Último acesso em: 06/04/2025.

¹⁴² Esta é a forma como parlamentares que não apresentam grande influência no debate nacional são retratados pelos meios de comunicação. Esses parlamentares atuam em questões específicas, sem propor projetos de cunho estruturante; por exemplo, Jair Bolsonaro esteve ligado às demandas da classe militar e à segurança pública.

A citação de Nobre (2022) nos permite aprofundar a crítica da manutenção da nossa sociedade a antiga fórmula e a compreensão que os invasores de 8 de janeiro são radicais. A sociedade que emerge no começo do século XXI e que está em disputa passou por transformações profundas, e os arranjos sociais estabelecidos após o fim da ditadura civil-militar já não representam formas eficazes de organizar nossa sociabilidade. Esse fenômeno reflete o esgotamento de um projeto que, apesar de ter se concretizado parcialmente em termos econômicos para certos setores sociais, moldou sua educação com vistas à manutenção de seus interesses e preservação de seus privilégios.

Tal construção de um modo de vida não ocorreu por acaso, mas foi fruto das dinâmicas e tensões do cotidiano, alimentadas pela tentativa de preservar premissas de classe que se pretendem inabaláveis. É a partir desse contexto que emerge um momento de crise, cuja compreensão pode ser situada na análise de no *Caderno 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce* “A crise consiste justamente nisso: os senhores não mais podem nos impor sua ordem e nós ainda não podemos impor-lhes a nossa” (Gramsci, 1999, p.460)

Nesta reflexão apresentada por Gramsci (1999), parte-se de sua compreensão das lutas de classe e da disputa social pela manutenção ou transformação da sociedade. Nesse processo, os "senhores" podem ser definidos pelo setor político que busca a preservação do pemedebismo (Nobre, 2022) e pelo setor empresarial que apoiou a tentativa de golpe ocorrida em 8 de janeiro.

A ordem proletária ao qual Gramsci (1999) apresenta como nós, ou seja, se colocando e defendendo um campo político e social, depende de uma construção coletiva que transcenda os valores do Estado instituído, que ainda não foi construída. A disputa entre os senhores e a classe proletária envolve a reconstrução da ótica da normalidade, ou seja, aquilo que a sociedade construiu e aprendeu deve ser ignorado para garantir a permanência de um determinado modo de vida. Para isso, uma parcela da sociedade é excluída do espaço social, marcada pelo estigma de "golpista".

Entretanto, como ressalta Nobre (2022), o modo social anteriormente conhecido já não se faz presente. Em seu lugar, inicia-se a construção de uma nova forma de opressão, que precisa ser socialmente validada e legitimada.

A crise apresentada por Gramsci (1999), situada no contexto da realidade brasileira, deve ser compreendida sob o prisma da ausência de uma ruptura radical com as formas sociopolíticas estabelecidas no período anterior à gestão bolsonarista. Essa

ausência impediu a construção de novos modos e métodos de vida. Durante o governo Bolsonaro, as diretrizes das antigas lideranças notadamente a lógica de polarização advinda do contexto do Plano Real, conforme analisa Nobre (2022) demonstraram-se incapazes de se impor, não apenas no campo político que orbita Jair Bolsonaro, mas também na realidade social mais ampla. Tal cenário resultou em uma gradual erosão das bases políticas e sociais dessas lideranças, provocada pelo próprio campo neoconservador, cuja reprodução se ancora em uma construção histórica fundamentada no antipetismo e em ataques sistemáticos a setores de centro-esquerda.

Esse processo histórico, em nosso recorte, pode ser compreendido pela construção de um imaginário que se reproduz por meio da repetição e circulação de vídeos e imagens, denominado meme. Embora geralmente entendido como algo típico do universo da internet, podemos perceber que sua terminologia carrega uma relação mais ampla. Isso é demonstrado no artigo de Viktor Chagas (2020), intitulado *Da memética aos memes de Internet: uma visão da Literatura*¹⁴³, no qual o autor explica que o termo “meme” foi cunhado em 1976, a partir do estudo do biólogo Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta* (Chagas, 2020). O conceito pode ser compreendido desde a biologia e filosofia até chegar à definição que pretendemos utilizar, oriunda das ciências sociais.

De acordo com a biologia, o meme pode ser compreendido como:

“[...] o meme, portanto, assim como o gene, constitui-se como um replicador, uma unidade de transmissão, que carrega informações (biológicas, no caso dos genes; culturais, no caso dos memes) de um lado a outro e se espalha entre as pessoas como se as contaminasse. esse processo, na realidade, espelha uma batalha pela sobrevivência do mais adaptado, à moda do que a seleção natural apregoa aos caracteres herdados biologicamente — os memes então são ideias ou modos de pensar e fazer que competem entre si para se afirmar no caldo cultural humano. (Chagas, 2020, p.03)

Chagas (2020), ao apresentar a construção do conceito da palavra “meme”, permite aprofundar sua importância dentro do campo investigativo no qual estamos inseridos. Trata-se de uma categoria de reprodução cultural fortemente associada aos estudos sobre o debate político mediado pela internet. Em síntese, a origem do conceito de meme, no campo da Biologia, traz elementos relevantes para a compreensão da construção da realidade, ou seja, aponta para fatores de permanência cultural, replicação

¹⁴³ Disponível em: < <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/119/113>>. Último acesso em: 28/08/2025

entre sujeitos e grupos, e geração de significados, os quais podem ser abandonados ou transformados à medida que perdem relevância no contexto sociocultural em que estão inseridos.

Para além de seus primórdios na Biologia, o texto de Chagas (2020) apresenta as transformações e apropriações do conceito de meme por outros campos do saber. No campo da Filosofia, há a reflexão sobre como o meme depende da atenção humana para se manifestar na realidade. Retornando ao texto:

Para compreender o comportamento intrínseco aos memes nessa disputa, e entender que memes têm mais chance de sobreviver à batalha pela atenção dos indivíduos, Blackmore (1999) assume a memética como uma perspectiva orientada não pelo humano, mas pelos próprios memes. Se a mente humana é o recurso disputado, ela é o ambiente ao qual os memes devem procurar se adaptar. Em outras palavras, nós somos pura e simplesmente hospedeiros (ou “máquinas”) dos memes. (Chagas, 2020, p.03-4)

Com Chagas (2020), e seu texto, identificamos uma mudança na forma do conceito de meme. No campo da Biologia, essa estrutura apresenta certas determinações que se replicam e buscam gerar significados externos à consciência humana embora dependam do meio social para se disseminar. Já na Filosofia, o meme não apresenta essa autonomia, pois passa por uma dimensão de reconhecimento e mediação humana. Assim, a replicação do meme depende da reflexão e da interpretação do sujeito, para que ele continue atuando socialmente.

Nesse sentido, podemos observar que a estrutura do meme assume uma dimensão distinta a partir da relação do indivíduo com o tema em questão, abrindo espaço para a formação de identidades e de posicionamentos políticos. Um grupo, por exemplo, pode criar um meme com o objetivo de construir um discurso de ataque contra determinado conjunto de valores e práticas políticas, ao passo que o grupo opositor pode se apropriar desse meme e buscar desconstruir esse imaginário, deslegitimando o discurso original e criando uma interpretação distinta.

A partir dessa construção, localizamos o terceiro elemento do texto de Chagas (2020), que apresenta como os campos das Ciências Sociais Aplicadas e da Comunicação compreendem a função do meme. Ao longo do texto, são apresentadas algumas perspectivas de compreensão desse fenômeno. A primeira é: “Shifman (2014, p. 37-38) argumenta que a memética se desenvolveu a partir de três correntes distintas. A memética orientada por um viés mentalista, diz a pesquisadora, diferencia os memes de seus

veículos.” (Chagas, 2020, p. 04). Ainda de acordo com o texto: “Ela é herdeira direta da definição original ambígua de Dawkins (1976), para quem os memes podem ser ideias (representações, projetos), textos (piadas, lendas) ou práticas (rituais, manifestações populares).” (Chagas, 2020, p. 04).

Em síntese, observa-se esse fenômeno sob uma perspectiva de distanciamento dos acontecimentos sociais, como se o meme possuísse uma qualidade e vida próprias, para além do funcionamento e da práxis social. Na sequência Chagas (2020) apresenta a segunda forma de compreender a estruturação/função do meme que parte de uma visão “comportamentalista (ou behaviorista)” (Chagas, 2020, p.04) segundo o qual observa o meme com uma junção de meio e comunicação, em outras palavras;

Um reisado, por exemplo, não é apenas uma ideia abstrata sobre uma determinada manifestação folclórica em comemoração ao Dia de Reis, mas todo um conjunto de práticas e rituais que, em última instância, são performados pela comunidade. E cada comunidade ou cada apresentação de reisado em uma mesma comunidade é única por si só, na medida em que atravessada por contextos sociais, históricos, culturais diferentes. Ou seja, a interação com o meio é parte absolutamente relevante do processo de seleção (HULL, 2000, p. 54). (Chagas, 2020, p. 04).

O processo descrito por Chagas (2020) ressalta que o meme não constitui uma estrutura dissociada da comunidade, mas sim um elemento integrante desta. No contexto digital, o meme assume diferentes formatos e necessita de interação e produção humanas elementos que conferem sentido e garantem a existência desse fenômeno cultural. Sob essa ótica, o meme atua como um mecanismo de coesão e pertencimento, tanto para indivíduos que participam ativamente da comunidade quanto para aqueles que estabelecem contato esporádico com a imagem.

Para finalizar Chagas (2022) apresenta a terceira forma de compreensão e formação/reprodução do meme na internet;

Segundo Shifman (2014), há ainda uma terceira corrente, denominada por ela de *memética inclusiva*, que alterna suas posições entre a abordagem idealista e a abordagem comportamentalista, admitindo os memes como qualquer peça informacional copiada por processos imitativos. Tamanho grau de inclusividade, contudo, compromete a precisão epistemológica do objeto e cria, em determinadas situações, oximoros contraproducentes. (Chagas, 2020, p.04-5)

A terceira abordagem, que sintetiza as duas correntes anteriores, entende o meme como um processo que reúne informações e propósitos comunicativos, podendo ser reproduzido com valores e significados diversos, conforme os interesses dos grupos que o veiculam. Essa concepção reveste-se de grande relevância, uma vez que contribui para nossa argumentação relativa à lógica das bolhas sociais, abordada no tópico 1.2 do texto.

Compreender a formação do conceito de meme torna-se relevante para entender a dinâmica de circulação e atuação dos memes no ambiente social/virtual. Ao apresentar as formas de interpretação desse conceito, reforçamos nossa opção por ressaltar essa construção humana por meio dessa estrutura conceitual, pois ela abarca elementos humanos e sua complexidade na reprodução, construção e interpretação, destoando de um perfil esquemático no qual o meme apresenta uma função específica.

Nesse processo, a educação neoconservadora presente nos canais estudados busca, em suas ações, a replicação para além de suas bases. Entretanto, tal processo não é controlado quanto à sua ocorrência ou à possibilidade de repercussão positiva. Por esse motivo, adoto essa concepção como ponto de partida para a análise dos vídeos tanto do Movimento Político quanto do Religioso.

O primeiro vídeo disponível no canal do YouTube do Movimento Político, intitulado “*Chico Buarque Apoia Dilma 45*”, foi publicado em 17 de outubro de 2014 data próxima ao segundo turno da eleição, disputada entre Dilma Rousseff e Aécio Neves e resultou na vitória da petista em 26 de outubro do mesmo ano. O vídeo apresenta Chico Buarque em primeiro plano, com, ao fundo, uma pintura de Dilma Rousseff¹⁴⁴. Nele, o artista expõe os motivos que o levam a votar na candidata, destacando respeito, admiração e confiança nas políticas públicas. A versão original do vídeo pode ser localizada no canal *Muda Mais*¹⁴⁵ 16 de outubro de 2014, intitulado “*Chico Buarque está com Dilma 13!*”¹⁴⁶.

¹⁴⁴As capturas de tela das imagens de Chico Buarque, que apresentam ao fundo uma ilustração da ex-presidenta Dilma Rousseff, assim como a montagem contendo o número 45 e as demais imagens descritivas referenciadas ao longo do texto, encontram-se devidamente organizadas no apêndice anexo, apresentando como data de registo o dia ao qual o link foi utilizado para a produção do texto.

¹⁴⁵A descrição do canal Muda Mais: Um passo à frente e você já não está no mesmo lugar. Quem avança não pode parar. www.medium.com/@mudamais Oi! Esse é o canal de vídeos do portal Muda Mais. Ele foi criado com o objetivo de manter um meio de comunicação com nossos usuários. Utilize o nosso canal para compartilhar conteúdos e debater conosco. Estamos sempre abertos ao diálogo saudável e honesto. Para melhor uso desta rede social, os usuários devem observar algumas regras. É vedado postar comentários, mensagens e links que: a) Sejam considerados abusivos, caluniosos, injuriosos, difamatórios, preconceituosos ou obscenos; b) Sejam fraudulentos ou capciosos; c) Constituam violação aos direitos humanos e a qualquer legislação vigente; d) Sejam agressivos ou ofensivos sob aspectos básicos de convivência social pacífica; e) Incluam propaganda, façam referências a lojas, produtos e/ou serviços, inclusive SPAM. Contamos com a sua colaboração!

¹⁴⁶ Link para o vídeo original: <https://www.youtube.com/watch?v=T5HJjulZa90&ab_channel=MudaMais> e do Movimento Político

A escolha deste canal como base de referência para o vídeo original deve-se a dois fatores. O primeiro é que, no canal oficial do Partido dos Trabalhadores, este vídeo não foi localizado, o que poderia suscitar um amplo debate sobre os motivos de sua ausência na rede oficial. O segundo aspecto refere-se à visualização: este canal é o que apresenta o maior número de visualizações para esse vídeo.

Em contrapartida, o Movimento Político (2014) substitui a voz de Buarque por uma dublagem que afirma votar em Dilma porque ela “distribui dinheiro aos amigos” e “rouba”, comparando-a a um robô. O vídeo finaliza com um trocadilho inspirado em uma música do próprio cantor e, em seguida, exibe novamente a peça publicitária original “Dilma Presidenta”, porém com o número 45, correspondente ao então opositor Aécio Neves e a hashtag “#RAIOPRIVATIZADOR”

No canal do Movimento Político, o vídeo acumula 22.000 visualizações, ao passo que o canal que veiculou a versão original registra 7.700. Esses números indicam que a publicação do Movimento Político obteve maior relevância do que a do canal Muda Mais.

Quanto aos comentários, até o período eleitoral o grupo político contabilizava 14; atualmente, esse total já chega a 73, sendo o mais recente datado de 2024. A versão original, por sua vez, reuniu 6 comentários no mesmo período eleitoral e agora soma 15, também com o último registrado em 2024. Esses dados podem parecer irrelevantes em 2025, mas não podemos esquecer que é neste momento que líderes do Movimento Político estão se tornando conhecidos, por coordenarem a campanha de Paulo Batista, o “Raio Privatizador”, como já apresentado neste texto.

Esses dados sobre o número elevado de visualizações do Movimento Político podem ser observados a partir do estudo de Viktor Chagas, intitulado *Quando a política se torna brincadeira: uma leitura crítica*¹⁴⁷. Chagas (2022) discute os compartilhamentos sob a ótica de que nem todos que replicam determinado discurso necessariamente concordam com ele. Para ilustrar, apresenta como exemplo um tweet de Sara Winter¹⁴⁸, publicado em 27 de abril de 2018, no qual ela afirma: “Pais e mães do Rio de Janeiro,

<https://www.youtube.com/watch?v=mVsYDQmDDyg&ab_channel=MBL-MovimentoBrasilLivre>
Último acesso em 20/06/2024

¹⁴⁷Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/8xmfk/pdf/oliveira-9786586213911-04.pdf>>. Último acesso em 25/06/2025

¹⁴⁸Para entender quem é Sara Winter, recomenda-se a leitura do texto da *BBC News Brasil*, intitulado “Quem é Sara Winter, a ex-feminista e atual militante radical bolsonarista presa pela PF a mando do STF?”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53053329>>. Último acesso em, 26/06/2025.

pensem muito antes de colocarem seus filhos na UFF” (Chagas, 2022, p. 49), e argumenta;

Ela foi retuitada mais de 300 vezes e “favoritada” por quase mil usuários diferentes, na ocasião de minha última consulta, cerca de um ano e meio depois do ocorrido. Pouco antes do início do período eleitoral em 2018, era uma das mensagens que geraram maior engajamento no perfil de Winter, que viu, de lá para cá, subir de cerca de 8,4 mil para mais de 60 mil seu número de seguidores. Mas o que chamou mais a atenção é que o tweet não foi apenas replicado por quem de fato compartilha das ideias e dos ideais da ex-ativista, ele foi memetizado, se transformou em uma peça satírica, uma espécie de leitmotiv cômico. Foram muitos os alunos da UFF compartilhando ironicamente o print daquele tweet no Facebook. Outros tantos retuitando, orgulhosos e afrontosos, a mensagem original, que tinha lá o seu tom de alerta, mas que naturalmente se converteu, nesses círculos, em chacota. (Chagas, 2022, p.49)

Com a hipótese de Chagas (2022), argumentamos que a “viralização” nas plataformas digitais, como o YouTube, não representa necessariamente a aceitação do conteúdo. Em muitos casos, expressa nuances de humor e ironia que revelam os limites daquele que produz o ato. É nesse fenômeno que encontramos uma contradição na informação propagada na internet: sua disseminação vai além dos elementos tecnológicos e incorpora questões subjetivas que despertam interesses particulares, ampliando o engajamento com a informação.

Neste processo, a caixa de comentários dos vídeos evidencia as contradições ou a aceitação da produção de um canal, transformando-se, portanto, em uma fonte de análise sobre o tema pesquisado. Nesse espaço, podemos localizar pensamentos sociais convergentes e divergentes que emergem quando o tema se torna relevante. Por esse motivo, a primeira apresentação desse espaço considera uma temporalidade que vai além do recorte destacado: os comentários representam permanências de disputas ainda não finalizadas nem abandonadas.

Mateus Henrique de Faria Pereira¹⁴⁹ (2022), em seu livro *Lembrança do Presente: ensaios sobre a condição histórica na era da internet*, argumenta que “Nessa perspectiva,

¹⁴⁹Mateus Henrique da Faria Pereira é professor da graduação e pós-graduação em História na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) desde 2009. Foi editor da revista História da Historiografia por quatro anos. É coautor dos livros *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI* (Milfontes, 2018), com Valdei Araujo; *Uma introdução à Historiografia brasileira: 1870-1970* (FGV, 2018), com Thiago Nicodemo e Pedro dos Santos; e *Almanaque da covid-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake e um vírus real* (Milfontes, 2020), com Mayra Marques e Valdei Araujo. Também publicou diversos artigos sobre Teoria da História, História da Historiografia, História do Brasil República e História do Tempo Presente

a World Wide Web e a comunicação sem fio são meios para a interação, e tais mudanças ultrapassam a técnica e têm impacto em todas as linguagens e dimensões sociais, culturais, espaciais, temporais, subjetivas, entre outras” (Pereira, 2022, p. 76)

Partindo da argumentação de Pereira (2022), formular sobre a comunicação nas plataformas digitais e seus aspectos subjacentes implica reconhecer que sua atuação envolve não apenas o aspecto técnico de qualidade como é o caso da peça oficial da campanha do PT mas também seu potencial de engajamento, que se constrói por meio da formação de subjetividades, como exemplifica a “sátira” realizada pelo Movimento Político (2014). A circulação desses vídeos e os comentários nas publicações ajudam a revelar a pedagogia da opressão, que não nasce nas redes, mas se manifesta nelas.

A pedagogia da opressão, mencionada no título de nosso trabalho, pode ser observada por dois fatores. O primeiro refere-se aos interesses individuais, de ordem financeira e de preservação da propriedade essa que se expande para abarcar bens de consumo e à defesa de um modo de vida que não se conecta com uma construção histórica ou experiência social coletiva, mas sim com a vivência presente. Esse fenômeno transforma o imaginário político e social, que deixa de ser dialético e coletivo para tornar-se repressivo e individualizado. A busca não está no comum, mas sim na manutenção econômica, em que o progresso e a sociedade passam a ser compreendidos pela quantidade de consumo.

Nesse processo, emerge a naturalização da lógica econômica capitalista e da crença na competição desenfreada por bens de consumo, trazendo consigo a desconfiança e o medo do outro. A sociedade torna-se atomizada ou seja, o pensamento deixa de estar voltado para o comum e passa a se direcionar aos “comuns”, aqueles que compartilham e professam o mesmo estilo de vida. Isso transforma os vínculos de convivência em laços transitórios, como, por exemplo, o tempo em que se trabalha na mesma empresa que um colega.

As relações sociais produzidas na pedagogia da opressão e seus contatos passam pela mediação tecnológica e se apresentam como algo além da dimensão humana, sendo definidas não por limites e capacidades, mas pelos desejos e frustrações que esse instrumento representa em nosso cotidiano. Nesse processo, a utilização da tecnologia que deve ser observada também sob um aspecto político, como aponta Freire (2011), contribui para a construção de uma nova perspectiva de interpretação social. Como apresenta Freire (2019): “Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os

oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro de uma estrutura que os transforma em ‘seres para outro’” (Freire, 2019, p. 84).

Freire (2019) afirma que o sujeito marginalizado não se encontra apartado do mundo, mas sim em contato com o espaço que o oprime. Nessa perspectiva, as informações que, neste momento, são sustentadas por uma crença na universalização das verdades, mensuradas pela quantidade de visualizações de um vídeo no YouTube, assim como pelas curtidas e comentários recebidos podem atuar para garantir e normalizar tais opressões.

Nesse contexto, a caixa de comentários se configura como um espaço de construção de consenso, conforme Gramsci (s.d.), funcionando como palco para discursos e debates. Esses, por sua vez, podem assumir um caráter de mera reafirmação de posicionamentos ou tornar-se um campo de disputa entre diferentes construções argumentativas e interpretações da realidade, como será observado a partir dos comentários nos vídeos do Movimento Político e do Religioso.

Como apresentado, escolhemos o vídeo de “humor” do Movimento Político, produzido durante a campanha da então candidata Dilma Rousseff que apresentou maior circulação que a versão original. O primeiro comentário é de: “@Ednair37 — “Dimitri vc é o cara... mandou bem !!!!!!! kkkkkkkk O seu Leonardo vai dá um 'siricutico’. Fiquei sua fã Dimitri...” (@Ednair, 2014) neste comentário percebemos uma manifestação de apoio entusiástico ao vídeo e o responsável por sua organização.

Em contraste, a resposta de @GIMLIMA evidencia uma discordância explícita, posicionando-se contra tanto o conteúdo do vídeo quanto a construção de um discurso hegemônico dentro do próprio ambiente do Movimento Político. Essa interação revela a caixa de comentários como um campo de disputa, onde o consenso, Gramsci (s.d.), não é dado, mas construído ou contestado a partir da pluralidade de vozes,

Não existe argumento que convença os fanáticos, preconceituosos e lunáticos, quem é contra a igualdade vai sempre nadar contra a maré. Não se deve perder tempo com criaturas assim deixemos o tempo matá-los no cansaço. É DILMA É 13 (@GImlima,2014)

A atuação de @GIMLIMA, a partir deste momento, transforma a caixa de comentários do Movimento Político em um ambiente de disputa e ocupação de espaços. Intervenções como essa contribuem para pensar esse ambiente para além da ótica do algoritmo e da velocidade na troca de informações; devemos analisá-lo a partir da

interação humana e de suas tensões. Ao se apresentar em um espaço no qual não seria reconhecida como apoiadora do movimento, @GIMLIMA se posiciona como sujeito histórico, como alguém que busca fazer a história. Ela opta por estar nesse espaço, por se fazer reconhecida.

O vídeo, ao chegar ao seu conhecimento, lhe causou um incômodo este que a levou a atuar no mundo, conforme Freire (2019). Essa atuação deve ser reconhecida como parte da nossa práxis, na qual a tecnologia é ferramenta, não condição. Ela deve ser compreendida pelos humanos, e não o contrário.

A atuação de @GIMLIMA (2014) no comentário de @Ednair37 (2014) provocou um desarranjo em um ambiente que, até então, se apresentava como seguro e sem contradições, sustentando uma única forma de pensar. Embora sua argumentação não buscasse o diálogo, ao apresentar elementos que justificavam seu voto na então candidata, sua ação desencadeou a participação de outros apoiadores da candidatura petista, como @carmizethmarinho764, que argumenta¹⁵⁰: “Existe empate, como é que você fala que apenas 90% da população usa o raciocínio?”. E aprofundou: “Seu revoltado! Como que um partido entra no poder para roubar? Raciocina, usa os 5% que você ainda tem. Não dá para perceber que a Dilma é melhor para dar continuidade?”. (@Carmizethmarinho764, 2014)

Após esse argumento, surge o posicionamento de @leronas (2014), que baseia sua crítica nos programas sociais de Estado. Ele justifica a defesa do voto em Dilma, feita por @carmizethmarinho764 (2014), como fruto de interesses e necessidades relacionadas à ajuda financeira não proveniente de uma política pública universal, mas de uma ação partidária. Como expressa em seu texto: “Você não quer perder a sua bolsa família¹⁵¹ ou cotas?” (@Leronas, 2014),

Observamos aqui a estrutura que definimos como pertencente ao campo neoconservador, reproduzida no texto de @leronas (2014) e colocada em prática para sustentar a atuação do Movimento Político (2022). O primeiro elemento é a atribuição da posição de @carmizethmarinho764 (2014), que se manifesta contrária a projetos de políticas públicas voltados à mitigação das desigualdades sociais como é o caso do programa Bolsa Família. O programa busca, por meio do Estado brasileiro, oferecer uma base econômica para famílias em situação de vulnerabilidade, mas encontra-se sob

¹⁵⁰ Pelo tipo de escrita, podemos supor que ele se encontrava respondendo alguém ao qual o comentário não se faz mais presente.

¹⁵¹ O erro de digitação será mantido em todas as citações para manter a fidelidade com a fonte.

constante ataque por parte do movimento neoconservador. Esse movimento enxerga tais políticas como estratégias eleitorais para a compra de votos e acredita que promovem a dependência dos beneficiários, desestimulando sua inserção no mercado de trabalho.

O movimento neoconservador enxerga nesse programa gastos públicos considerados injustificáveis, além de promover a produção de sujeitos subjugados e destituídos de autonomia conceito-chave para debater tanto o pensamento neoconservador quanto a possibilidade de enfrentamento desse conjunto social.

Antes de aprofundarmos o debate central sobre o conceito de autonomia, é necessário destacar a relevância das políticas públicas para o desenvolvimento individual e coletivo. Para isso, recorremos ao livro *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*, de Walquiria Leão Rego e Alessandro Pinzani (2014), obra que sistematiza o debate proposto por Elizabeth S. Anderson acerca da noção de igualdade cidadã;

Anderson define a ideia de igualdade cidadã em sentido bastante amplo, já que não a limita à espera política. Ela identifica três níveis nos quais o indivíduo deve ser capaz de certos *functionings* e, portanto, possuir certas *capabilities*. Os três níveis são: (1) o mais geral no qual deve “funcionar” como ser humano, (2) o do sistema econômico e (3) o da vida política. No primeiro nível, deve ter acesso aos meios para garantir a sobrevivência biológica (da nutrição ao cuidado médico), mas também às *capabilities* ligadas ao desenvolvimento de sua autonomia como sujeito moral. O segundo nível exige o acesso efetivo aos meios de produção e à educação necessária para desenvolver seus talentos, assim como a liberdade de escolher a profissão e de fazer contratos e o reconhecimento da própria contribuição à produção de riqueza social (reconhecimento que se dá principalmente, mas não unicamente, pelo recebimento de salário adequado à função exercida). O terceiro exige as *capabilities* necessárias para a participação ativa na vida política da comunidade, da qual já falamos anteriormente. (Rego, Pinzani, 2014, p.89)

A partir do fragmento de Rego, Pinzani (2014), percebemos que a consolidação de políticas públicas como o Bolsa Família contribui para o fortalecimento a garantia do próprio funcionamento da sociedade sob a ótica do capital, que valoriza a produção do trabalho, a reprodutividade e a aquisição de novos bens. Embora os elementos apresentados no texto definam uma sociabilidade capaz de se organizar para sua sustentação e reprodução, o cenário brasileiro revela o oposto: nossa sociabilidade, conforme apresentada nos dois primeiros capítulos, constitui-se sob a ótica da negação. Isso acaba por naturalizar uma das premissas centrais do neoliberalismo a da

individualidade que parte da ideia de que o sujeito não necessita do outro para se afirmar, uma vez que seu reflexo é projetado nas estruturas de consumo e desejo.

Para aprofundar essa perspectiva e suas críticas iniciais, retomemos Rego e Pinzani (2014)

Ora, qualquer indivíduo ou grupo que seja excluído da participação de tais instituições pela falta de *capabilities* (ou por uma descriminalização racista ou classista) é de fato relegado a um nível de cidadania de série B, por assim dizer. Nessa concepção, nenhum membro da sociedade é uma ilha. Sua personalidade, inclusive suas capacidades e seus talentos, só se desenvolvem no contexto social no qual está inserido. Nada do que alcança é completamente fruto de sua ação individual, mas depende sempre do espaço de manobra que o contexto social lhe deixa. O exercício da atividade profissional, o desenvolvimento de certo estilo de vida, o cultivo dos gostos pessoais: tudo isso depende de tal contexto. Na cotidianidade é comum que as pessoas esqueçam isso e considerem como uma obviedade ou um fato natural fenômenos que na realidade dependem da existência da sociedade e do cumprimento de determinadas tarefas por parte de outros membros da sociedade. Um dos maiores êxitos da ideologia neoliberal consiste precisamente em ter ocultado esses aspectos, exaltando o mito do sujeito que é capaz de dominar plenamente sua vida sozinho e que, portanto, é capaz de dominar plenamente sua vida sozinho e que, portanto, é responsável por tudo que obtém nela. (Rego, Pinzani, 2014, p.89- 90)

Partindo de Rego, Pinzani (2014) o neoconservadorismo representa a projeção do desejo econômico sobre o contexto da dominação social. Como mencionado por @leronas (2014), há a argumentação de que o voto em Dilma simboliza a incapacidade de sobreviver de forma independente, sendo associado à dependência do Bolsa Família. Essa percepção está fundamentada na crença de que o desenvolvimento e a existência social só são possíveis por meio de valores individualizantes.

Ao mesmo tempo em que se posiciona contra a assistência governamental voltada à garantia de condições mínimas de vida, o discurso neoconservador também se opõe à inclusão no ensino superior. A dimensão da vida é ressignificada como um mecanismo puramente econômico, justificado por uma retórica meritocrática que se sustenta na lógica de que o esforço é recompensado ao fim do dia e que os “melhores” sempre serão reconhecidos. No entanto, esses “melhores” ocultam uma série de condicionantes econômicos que acabam por transformar o espaço da vida em uma estrutura mercantilizada.

Esse processo cria e sustenta o desenvolvimento de um cidadão com direitos historicamente negados embora, sob a ótica neoconservadorismo, tais direitos não sejam vistos como negados, mas sim como obstáculos “naturais” que cada indivíduo teria a

capacidade de superar para alcançar seus desejos. Essa visão é alimentada por uma concepção de sociedade que supostamente necessita da competição para avançar, ou seja, uma crença em um progresso excludente, no qual o sucesso econômico e profissional seria resultado exclusivo da vontade e da disposição individual.

Nessa lógica, o principal entrave ao desenvolvimento pessoal não reside nas desigualdades estruturais, mas sim no Estado visto como agente interventor que, por meio de regulamentações e programas sociais, favorece os “menos qualificados”. Essa visão se apresenta como forma de disputa política, como observamos na proposição de um deputado vinculado ao Movimento Político (2022), que apresentou um projeto na Câmara dos Deputados com o objetivo de extinguir as cotas em universidades¹⁵²,

O Projeto de Lei 4125/21 estabelece que as cotas para ingresso nas universidades públicas federais serão destinadas exclusivamente aos estudantes de baixa renda. O texto, do deputado Kim Kataguiri (DEM-SP), está em análise na Câmara dos Deputados. A proposta altera a Lei de Cotas de Ingresso nas Universidades (Lei 12.711/12) para proibir a “discriminação positiva para o ingresso nas instituições de ensino com base em cor, raça ou origem”. Nesse sentido, o projeto revoga os artigos da lei que hoje reservam vagas para autodeclarados pretos, pardos e indígenas e pessoas com deficiência nas instituições federais de ensino superior e de ensino técnico de nível médio. (Agência câmara de notícias, 2022)

Embora o projeto apresentado na Câmara dos Deputados (Agência Câmara de Notícias, 2022) se proponha a promover uma forma mais igualitária de desenvolvimento, ele acaba por camuflar dados relevantes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o instituto, pela primeira vez em 2018, o número de estudantes pretos e pardos superou o de brancos no ensino superior da rede pública: “Em 2018, no Brasil, os pretos ou pardos passaram a ser 50,3% dos estudantes de ensino superior da rede pública. Porém, como formavam a maioria da população (55,8%), permaneceram sub-representados” (Agência IBGE, 2019)”¹⁵³.

Esse crescimento no número de estudantes pretos e pardos nas redes públicas não refletiu, necessariamente, em um acúmulo proporcional de capital econômico por parte desses grupos. Na prática, os dados

¹⁵² Para o texto completo da notícia recomendamos: < <https://www.camara.leg.br/noticias/850137-PROJETO-ACABA-COM-COTAS-BASEADAS-EM-COR-OU-RACA-NAS-UNIVERSIDADES>>. Último acesso em: 17/06/2022.

¹⁵³ Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>. Último acesso em: 27/06/2025

salariais evidenciam a manutenção de uma estrutura desigual, que continua favorecendo os segmentos historicamente privilegiados. No mercado de trabalho, os pretos ou pardos representavam 64,2% da população desocupada e 66,1% da população subutilizada. E, enquanto 34,6% dos trabalhadores brancos estavam em ocupações informais, entre os pretos ou pardos esse percentual era de 47,3%. O rendimento médio mensal das pessoas brancas ocupadas (R\$2.796) foi 73,9% superior ao da população preta ou parda (R\$1.608). Os brancos com nível superior completo ganhavam por hora 45% a mais do que os pretos ou pardos com o mesmo nível de instrução. A desigualdade também estava presente na distribuição de cargos gerenciais, somente 29,9% deles eram exercidos por pessoas pretas ou pardas. Em relação à distribuição de renda, os pretos ou pardos representavam 75,2% do grupo formado pelos 10% da população com os menores rendimentos e apenas 27,7% dos 10% da população com os maiores rendimentos. (Agência IBGE, 2019)

Com base nos dados da Agência IBGE (2019), observamos que o Movimento Político (2022) busca se posicionar como solucionador dos problemas causados pelo Estado, por meio de mecanismos de correção social, como o acesso a bolsas de estudo e à universidade. No entanto, sua atuação acaba por perpetuar problemas já existentes e gerar novas demandas que não são atendidas pela lógica de mercado a qual, em vez de demonstrar interesse em resolvê-las, opta por mantê-las como forma de ampliar sua lucratividade.

Esse é um aspecto que o Movimento Político não apenas reconhece, mas normaliza, ao promover o livre mercado e a suposta meritocracia, além de valores como liberdade e igualdade que existem apenas no plano ideal, sem se concretizarem na complexidade da realidade social.

Essas contradições estão presentes no universo das postagens do Movimento Político e continuam sendo exploradas, desta vez por @carmizethmarinho764, que busca responder às provocações de @leronas:

Leonardo Nascimento você fala isso porque nunca precisou, mas pode ter certeza que matou a fome de muitas pessoas, muitas crianças. Se você também não precisa de cotas, é porque é rico! É o que o PT pode fazer, continuar com o programa do Fernando Henrique, lembra? não, claro que não. Ai veio, quem Collor? acertei? quem elegeu o Lula? lembra? meu irmão, estamos no Brasil, país que sempre teve nas mãos de estrangeiros, que até hoje não se sabe direito a história, depois ditadura, você sabe o que é isso? e regime militar, lembra...? pouco antes das diretas já...o povo açoitado nas ruas, cavalaria....nunca ficou sabendo...Chico Buarque Ns...nunca leu nada? Dilma jovem lutando contra regime militar...lembra? ninguém nunca te contou? nunca leu? então meu irmão o jeito é ficar por dentro. E que a economia mundial, esta em colapso...sabia? não! (@Carmizethmarinho764, 2014)

A atuação de @carmizethmarinho764 (2014) não busca dialogar com o membro do grupo do Movimento Político, mas impor sua posição, ou seja, o apoio à candidata do Partido dos Trabalhadores como o único caminho possível. Suas perguntas retóricas não visam o contato, a dúvida ou a construção coletiva voltada para a união e a convergência, mas sim o silenciamento do outro, suprimindo, assim, a relação humana que se constituía entre campos antagônicos.

Ao nos depararmos com essa atuação, torna-se possível formular dois elementos fundamentais. O primeiro é que, mesmo em contextos de campos sociais antagônicos, podem existir elementos que os aproximam. Essa aproximação pode ser interpretada à luz do conceito de “*força e consenso*”, conforme apresentado por Benedetto Fontana (2003);

Ambas as formulações são geralmente expressas numa série de díades opostas, mas complementares: força/consenso, sociedade política/sociedade civil, dominação/direção. Essas formulações são análogas à caracterização gramsciana de supremacia de um grupo social como exército de direção moral e intelectual sobre os grupos aliados e como exercício de domínio para submeter os grupos antagônicos: “O critério metodológico sobre a qual se deve basear o próprio exame é este: a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como ‘domínio’ e como ‘direção intelectual e moral’. Um grupo social pode e, aliás deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (este é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante mas deve continuar a ser também “dirigente (CC, 5, 62-86)” (Fontana, 2003, p.114-5)

Fontana (2003) apresenta ainda outro elemento essencial à construção da hegemonia: ela não se dá de forma linear, como se um elemento simplesmente se sobrepusesse ao outro para gerar a realidade na qual estamos inseridos. Pelo contrário, essa realidade é produzida pelas contradições presentes nos movimentos e nas formas de atuação, o que inclui disputas e possibilidades de imposição.

Ao observarmos a postura agressiva de @carmizethmarinho764 (2014) em relação a @leronas (2014), percebemos que sua atuação se aproxima mais dos ideários neoconservadores do que da posição de @leronas, que busca apoiar a candidatura de Rousseff. Esse tipo de relação ou encontro é possível dentro da lógica de formação de hegemonia, na qual ambos os campos buscam se apresentar como grupos dirigentes, impedindo o diálogo entre os antagônicos.

A aproximação com o campo neoconservador revela características de manutenção das estruturas contraditórias do capital em uma sociedade que baseia sua forma democrática apenas em valores eleitorais. Esse aspecto evidencia os limites de uma reforma social: tais limites, quando não enfrentados, geram imobilismos e a busca por consensos alienantes que, no caso da sociedade brasileira, são representados pelas estruturas políticas do pemedebismo Nobre (2022).

A argumentação dos apoiadores da candidatura petista, ao buscar defender sua candidata em um espaço no qual são figuras minoritárias, não procurou construir um diálogo libertador ou apresentar propostas que justificassem sua escolha. Ao contrário, buscou deslegitimar a posição do outro, gerando, assim, não a diminuição do espaço neoconservador, mas sua ampliação uma vez que este se fortalece pelas próprias ações daqueles que pretendem enfrentá-lo.

Se o primeiro momento importante é marcado pela tensão entre força e consenso, conforme Fontana (2003), devemos agora aprofundar o segundo aspecto que este fragmento apresenta. Para isso, é necessário apresentar a resposta de @leronas a @carmizethmarinho764 (2014);

@carmizeth marinho Não admito ser nivelado por baixo. Mantereí o meu orgulho em dizer: Nunca fui, não sou e nunca serei eleitor do PT. Agora uma coisa não pode deixar de ser dita: Ficou provado que pelo voto, está difícil tirar o PT do poder. O Brasil perdeu a grande chance. Daqui até 2018 haverá mais arrocho, será feita uma ampliação do programa bolsa esmola, preparando o terreno para a volta do sapo barbudo em 2018. Em 2026, todos os brasileiros ganharão um único salário e não haverá divisão de classes, pois todos serão nivelados por baixo. haverá uma única classe social " OS FUDIDOS", ou seja, mesmo que você tenha um curso superior ganhará igual a um gari. Haverá desestímulo pelos estudos, como já existe desestímulo pelo trabalho daqueles que hoje recebem a tal de bolsa esmola. O comunismo é um sistema falido, só prepondera aonde aonde a maioria da população é de idiotas. Vou citar um exemplo: eu conhecia as Alemanhas, na época do comunismo. Em Bremen ou Hamburgo os estivadores eram fortes, bem vestidos, dentes perfeitos e felizes, quando terminavam de trabalhar iam para as suas casa em suas Mercedes. Navegava por 06 horas pelo Kiel canal e chegava a Wismar ou Rostock, quando se deparava com um quadro desolador: Os estivadores eram magérrimos, maltrapilhos, dentes podres e infelizes, quando terminavam o trabalho iam para os micros aptos do governo em suas bicicletas ou no máximo em um Laika todo ferrado, isso se fosse um conferente. Isso eu não quero pro meu país. Eu acho que vou sair do Brasil. Chega! (@Leronas, 2014)

@leronas (2014), assim como @carmizethmarinho764, não buscou o diálogo, mas sim impor sua visão de mundo. Trabalha com a esfera do imaginário e da especulação

ao descrever o cenário de uma sociedade sem o comunismo na qual não se localizam problemas e de uma sociedade que, após a eleição de Dilma Rousseff, seguiria o caminho para o agravamento dos problemas nacionais e para a chegada do comunismo, o que, segundo sua perspectiva, impossibilitaria o desenvolvimento social e o interesse coletivo em trabalhar e estudar.

Afinal, tudo passaria a depender de uma estrutura estatal que, em vez de estimular o desenvolvimento, premiaria o desinteresse. Essa estrutura é apresentada como o oposto da sociedade norte-americana, modelo frequentemente idealizado por setores conservadores. Essa visão é reforçada pelo Religioso (2023):

No socialismo, o médico recebe o mesmo salário de um faxineiro, ainda que desenvolva uma atividade com maior valor agregado, de modo que essa riqueza remanescente é embolsada pelo Estado, num gesto verdadeiramente exploratório. O socialismo se torna um supercapitalismo opressor. No capitalismo de fato ocorre o oposto, o que fica bem representado pela cultura americana do *self-made man*, ou o homem que traça seu próprio caminho e tem controle sobre o próprio destino. (Religioso, 2023, p.17)

O fragmento do autor Religioso (2023), assim como a argumentação de @leronas (2014), produz uma sociabilidade que não se apresenta como atrativa, mas sim como uma sociedade a ser evitada. Observamos que o imaginário do campo neoconservador, alinhado à perspectiva do *realismo capitalista* conforme apresentada por Fisher (2020), isto é, à ideia de que não é possível transformar a sociedade também carrega traços repressivos.

O sonho de liberdade proposto por esse campo não se diferencia da sociedade na qual já se está inserido, pois não acredita na superação das contradições que estruturam nossa realidade. Ao contrário, aposta na sobrevivência dentro dessas contradições, por meio da valorização dos aparelhos de repressão e do fortalecimento da capacidade econômica individual como forma de afirmação social.

Nesse imaginário, o socialismo não se apresenta como uma forma definida, mas como uma representação das impossibilidades de realizar os sonhos na sociedade atual, ou seja, da incapacidade de obter capital e liberdade. Tal construção simbólica não se baseia em uma crítica estruturada ao socialismo, mas sim em sua transformação em um espantinho ideológico, que concentra todas as frustrações e medos relacionados à perda de autonomia individual.

O Estado, que é o elemento ao qual @leronas (2014) busca destruir e teme, não é o “Estado socialista” em sua formulação clássica, mas sim o próprio desenvolvimento do modelo neoconservador aquele que visa reduzir os ganhos do trabalho para ampliar os lucros dos detentores dos meios de produção, impossibilitando, assim, a realização dos próprios desejos. Trata-se de uma contradição interna ao discurso: ao rejeitar o Estado, @leronas acaba por reforçar uma estrutura que, na prática, intensifica a precarização e a desigualdade.

A resposta de @carmizethmarinho764 apresenta uma estrutura irônica e demonstra pouco interesse em rever suas posições ou dialogar genuinamente com seu interlocutor. Em vez de construir pontes, opta por uma retórica de desdém, como podemos observar na sua resposta: “Leonardo Nascimento Coitado! meus pêsames. Fique a vontade, tem o mundo inteiro para se morar.” (@Carmizethmarinho764, 2014).

Este é o ponto seguinte de união entre ambos os personagens: o limite da criação de novos cenários se apresenta como um impeditivo à comunicação e ao diálogo entre diferentes formas de observar o mundo, comprometendo a possibilidade de construção de uma nova realidade. A ausência de abertura para o outro, somada à rigidez ideológica, transforma o espaço de diálogo em um campo de silêncio.

Venício A. de Lima (2015) destaca a importância do diálogo no fazer humano:

Ao analisar o diálogo como fenômeno humano, a *palavra* surge como “essência do próprio diálogo”, porém, sustenta ele, a *palavra* é algo mais que instrumento que torna possível o diálogo. Buscando os elementos constitutivos de uma palavra, Freire encontra duas dimensões – a reflexão e a ação- “numa interação tão profunda que se uma é sacrificada, ainda que em parte, a outra sofre imediatamente”. As consequências são, então, o *verbalismo* – o sacrifício da ação, ou o *ativismo*- o sacrifício da reflexão. Freire prossegue afirmando que “não há palavra verdadeira que não seja ao mesmo tempo práxis. Assim, dizer a palavra verdadeira é transformar o mundo.”¹⁵⁴ (Lima, 2015, p.91)

O fragmento de Lima (2015) nos ajuda a formular uma hipótese sobre os limites da interação observada, na qual não há elementos que indiquem a construção de um diálogo genuíno. Embora, ao longo de todo o processo, sejam identificadas tentativas de questionar os fundamentos das crenças dos apoiadores do vídeo do Movimento Político (2014), esse processo não demonstra que @GIMLIMA e @carmizethmarinho764

¹⁵⁴ Rodapé do livro: Cf. Freire (1977 a, p.91, passim)

estejam dispostos a representar efetivamente suas posições. Da mesma forma, @leronas parece pouco comprometido com a compreensão do conteúdo apresentado.

Apesar da presença de informações e questionamentos diversos, não há evidências de construção argumentativa consistente ou de coerência crítica. O que se verifica, neste momento específico, é um escoamento de argumentos memorizados, que acabam por ofuscar a realidade, em vez de fomentar um debate sobre os elementos concretos das candidaturas em pauta.

Essa forma de atuação não busca formular novas respostas para os conflitos sociais; ao contrário, parece visar à demonstração de superioridade frente ao interlocutor que, aliás, não é reconhecido como tal, mas como inimigo a ser combatido e desmascarado. Em última instância, essa postura contribui para a permanência das contradições sociais e para o fortalecimento dos mecanismos que sustentam a sobrevivência do neoconservadorismo brasileiro, uma vez que não se propõe uma saída para além da representação conjuntural existente.

O verdadeiro diálogo, de acordo com Freire (2019), é marcado pela busca da liberdade e pela construção do comum, sendo constituído a partir de uma relação de respeito e reconhecimento do saber do outro e não pela imposição ou pelo descrédito da possibilidade de expressão do interlocutor;

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perder a humanidade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto” em quem não reconheço *outros eu*? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente” ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a *pronúncia* do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar, se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? (Freire, 2019, p.111-12)

A citação de Freire (2019) permite questionar a forma como todo o processo de troca de mensagens foi conduzido. Identifica-se, nesse contexto, uma notável ausência de reconhecimento da humanidade do outro a alienação é sempre atribuída ao interlocutor, nunca ao próprio sujeito. Ambos se colocam como detentores da verdade, encarregados

de esclarecer o oponente, frustrando-se diante de qualquer argumento que contrarie suas convicções.

A proposta de construção de um novo espaço ou de uma nova forma de sociabilidade, pautada pela ampliação de direitos e pela redução das desigualdades como sugerido por apoiadores da candidatura de Dilma Rousseff deveria contemplar a dimensão dialógica da escuta, conforme Freire (2019). Isso implicaria acolher os apontamentos dos participantes do Movimento Político e construir, em conjunto, alternativas que extrapolassem os limites já expressos.

Entretanto, ao levar essa prática ao extremo, os próprios apoiadores da candidatura do Partido dos Trabalhadores não estariam também sujeitos a revisar suas convicções e, eventualmente, reconsiderar seu apoio?

O diálogo, quando levado às últimas consequências nesse contexto, coloca em risco não apenas a legitimidade do vídeo postado pelo Movimento Político, mas também a própria candidatura petista e, sobretudo, as estruturas da democracia burguesa. Essa democracia, afinal, representa uma construção histórica à qual estamos vinculados e que serve como palco de atuação para os partidos e movimentos que nela operam.

É a partir dessa estrutura que se tornam visíveis as contradições do neoliberalismo, da violência e da impossibilidade do “ser mais” freireano (2019). Esse sujeito não se afasta de seu dever histórico de pensar novas possibilidades e caminhos, ao perceber por meio de uma análise crítica, individual e coletiva que as respostas para seus anseios podem ser reorganizadas e construídas com base em estruturas ainda inexistentes.

Essas estruturas não se mostram ausentes por serem inviáveis, mas sim porque nunca foram efetivamente tentadas em nossa sociedade seja por medo, descrença ou pela falta de reconhecimento do outro como um companheiro de caminhada rumo ao desconhecido.

A crítica à democracia burguesa, nesse sentido, não configura um chamado à construção de ditaduras, mas representa justamente o seu oposto. Compreende-se que essa estrutura, por si só, atua como inibidora das capacidades humanas capacidades que deveriam servir como combustível para o desenvolvimento e a superação, e não para o avanço do neoconservadorismo brasileiro.

Essa proposta de construção de uma nova estrutura remete à perda apresentada por Freire (2019), em sua singela introdução intitulada *Primeiras Palavras*,

Não são raras as vezes em que participantes destes cursos, numa atitude em que participantes destes cursos, numa atividade em que manifestam o seu “medo da liberdade”, se referem ao que chamam de “perigo da conscientização”. A consciência crítica (dizem) é anárquica”. Ao que outros acrescentam: “Não poderá a consciência crítica conduzir à desordem?” Há, contudo, os que também dizem: “Por que negar? Eu temia a liberdade. Já não temo!” (Freire, 2019, p.31)

A posição de Paulo Freire (2019) nos convida a refletir sobre nossos limites históricos e a necessidade de superar o medo para construir a liberdade que, por sua vez, implica a negação dos caminhos previamente traçados. Trata-se de uma liberdade que exige coragem para romper com estruturas cristalizadas e abrir espaço para o inédito viável, como propõe o autor.

Como mencionado, o neoconservadorismo sempre esteve presente e atuante em nossa sociedade. Ao longo das gestões petistas, marcadas por imobilismos decorrentes de acordos de coalizão, esse campo político conseguiu reorganizar suas forças, ampliar suas bases de apoio e contribuir para a eleição de Jair Bolsonaro. Embora atualmente se encontre dividido, permanece ativo e influente, operando nas brechas deixadas pelas limitações da esquerda institucional e pelas contradições da democracia representativa.

3.2 Os comentários no vídeo do Religioso e a disputa orgânica por espaços.

Intervir na realidade implica na necessidade de construir um novo sentido histórico, colocando fim às permanências sociais. Essas permanências não representam uma ausência de ação, mas sim processos e ações que não rompem, conjunturalmente, com a estrutura na qual estão inseridos.

A permanência é construída por meio de diversos elementos: o convívio social, suas acomodações e as necessidades do cotidiano. Nesse processo, produzimos desconfiança diante do novo e esperança de superar seus obstáculos. Trata-se de um movimento que sustenta o funcionamento da ideologia conceito que, segundo Antonio Gramsci (s.d), não deve ser compreendido como algo separado da realidade, mas como algo presente na práxis social. Portanto, não se configura como um conjunto abstrato de ideias e valores, mas como elementos concretos e atuantes.

Essa forma de compreensão pode ser localizada em seu texto de 1926, intitulado *Alguns temas da questão meridional*, incluído no livro *O leitor de Gramsci*, organizado por Carlos Nelson Coutinho (2011).

Na Itália, nas reais relações de classe existentes na Itália, isso significa: na medida em que consegue obter consenso das amplas massas camponesas. Mas a questão camponesa na Itália é historicamente determinada, não é a “questão camponesa e agrária em geral”; na Itália, a questão camponesa, como consequência da específica tradição italiana, do específico desenvolvimento da história italiana, assumiu duas formas típicas e peculiares, ou seja, a questão meridional e a questão vaticana. Portanto, conquistar maioria das massas camponesas significa, para o proletário italiano, assumir como próprias estas duas questões do ponto de vista social, compreender as exigências de classes que elas representam, incorporar tais exigências em seu programa revolucionário de transição, pôr tais exigências entre suas próprias reivindicações de luta. (Gramsci, 2011, p. 112)

Para o autor sardo, a partir deste fragmento, percebemos que a construção ideológica não se dissocia das ações cotidianas; ao contrário, é um elemento que se reflete nas práticas diárias, sendo constantemente construída e validada. Nesse processo, a ideologia, além de ser aprendida e ensinada no fazer humano, torna impossível a existência de uma sociedade que não parta de valores ideológicos.

Da mesma forma, não é viável impor ou destituir uma ideologia e substituí-la por outra sem um trabalho profundo e um diálogo franco entre os membros da sociedade. Essa reconstrução requer uma reflexão coletiva sobre suas práticas, sendo um processo gradual, fruto da ação colaborativa e do tempo necessário para a formação de novos horizontes uma questão que, aliás, não é ignorada pelo autor no trecho citado (Gramsci, 2011).

O primeiro problema a resolver, para os comunistas turinenses, era o de modificar a orientação política e a ideologia geral do próprio proletariado, enquanto elemento nacional que vive no conjunto da vida estatal e sofre inconscientemente a influência da escola, do jornal, da tradição burguesa. É conhecida a ideologia que foi difundida capilarmente pelos propagandistas da burguesia entre as massas do Norte: [...]” (Gramsci, 2011 p.112)

Não se pode separar a construção teórica da crítica ao idealizado “momento mágico” (Freire, 1992) em que todos abandonariam suas posições e adotariam uma nova forma social de maneira súbita. O processo de troca e diálogo é fundamental para permitir

o questionamento e a articulação de novas respostas para problemas que já fazem parte do cotidiano.

Essa é justamente a complexidade do processo de transformação social, pois, como apresentado no início deste capítulo, não se busca uma resposta fora do campo do já conhecido. Há uma articulação de continuidades que, muitas vezes, restringem o pensamento sobre a transformação social à conjuntura eleitoral, sem levar em conta outros elementos como os valores individuais que, progressivamente, podem tornar-se coletivos.

Nesta construção do cotidiano, o campo neoconservador busca disputar os sentidos da nossa sociabilidade, dentre os quais se destaca a interpretação dos conteúdos da fé. Nesse processo, líderes religiosos, partindo, por exemplo, da falsa premissa dos valores judaico-cristãos, buscam fortalecer o Tradicionalismo e construir a sociabilidade conservadora. Benjamin R. Teitelbaum (2020), em seu livro *Guerra pela Eternidade: o Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista*, busca sintetizar o que seria essa forma de compreender o mundo:

Os tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é – comungar com o que eles acreditam serem verdade e estilos de via transcendentais e atemporais, em vez de buscar o “progresso”. **Alguns**¹⁵⁵ Tradicionalistas trabalham seus valores em um sistema de pensamento que vai muito além da divisão política moderna de esquerda ou direita: **alguns**¹⁵⁶ até dizem que este sistema está além do fascismo¹⁵⁷. Consequentemente, esse sistema infundiu o pensamento de propagadores da direita anti-imigração, populista e nacionalista, e o fez de maneira estranha. (Teitelbaum, 2020, p.20)

Teitelbaum (2020) apresenta que o Tradicionalismo tem como objetivo produzir uma nova sociabilidade antimoderna, pautada na retomada de premissas espirituais como centro da socialização, em oposição à dinâmica da racionalidade iluminista. Essa perspectiva questiona profundamente nossa forma de compreensão política. O pensamento Tradicionalista se manifesta no campo da direita, conforme o autor descreve: “[...] Tradicionalismo com o qual a maioria na direita radical se identifica. Na versão que apresentei aqui, a espiritualidade, a Antiguidade, raça branca ou ariana, a masculinidade,

¹⁵⁵ Negrito nosso

¹⁵⁶ Negrito nosso

¹⁵⁷ Rodapé do livro: Além do fascismo: SEDGWICK, Mark. *Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century*. Oxford University Press, 20024. Ver também: WOLFF, Elisabetta Cassini. “Evola’s interpretation of fascism and moral responsibility”. *Patterns of Prejudice* 50 (4-5), 2016, pp.478-494

o hemisfério Norte, a adoração do Sol e a hierarquia social estão entrelaçados.” (Teitelbaum, 2020, p. 34).

No Brasil, o principal representante dessa corrente foi Olavo de Carvalho, que buscava promover uma transformação social orientada pelos valores mencionados. No cenário internacional, o principal propagador dessa visão é Steve Bannon, que, conforme relata Benjamin (2020), não se recorda exatamente quando teve contato com essa concepção de mundo e religiosidade.

O problema é que ele não soube me dizer quando entrou em contato com o Tradicionalismo pela primeira vez – talvez porque não quisesse, mas talvez porque honestamente não conseguisse lembrar. Foi décadas atrás, ele me garantiu, e poderia ter ocorrido em vários cenários e em ocasiões diferentes. Ele poderia citar um, ou uma possível ocasião? Sim, respondeu ele. Houve uma vez em Hong Kong, 40 anos atrás. (Teitelbaum, 2020, p.28)

Teitelbaum (2020) apresenta uma possibilidade de como se dá o processo ideológico de construção de consenso, especialmente quando não há necessidade do uso da força. Tal construção não se configura como um fenômeno imediatamente perceptível caso contrário, seria possível prever suas ações, mas sim como resultado de preceitos que articulamos constantemente com elementos da realidade. Nesse processo, o Neoconservadorismo e o Tradicionalismo podem se entrelaçar no ambiente religioso, contribuindo para a formação de uma sociabilidade específica, à qual o Religioso desempenha papel significativo.

Ao longo do livro, Teitelbaum (2020) relata uma conversa com Steve Bannon sobre o Brasil, da qual obteve a seguinte resposta:

“[...] como Steve certa vez argumentou comigo, o Brasil também tinha dons metafísicos para oferecer aos Estados Unidos. Não apenas o Ocidente judaico-cristão persistia na América do Sul por meio do Brasil, como o Brasil iniciara o processo de modernização mais tarde do que a Europa Ocidental e os Estados Unidos. Isso significaria que sua autêntica cultura ocidental seria mais profunda e menos corrompida. Era possível ao Brasil servir como uma reserva cultural à qual as nações deterioradas pela modernidade poderiam se apegar em sua luta pela revitalização. (Teitelbaum, 2020, p.153)

Na passagem de Teitelbaum (2020), Steve Bannon reconhece no Brasil valores de um Tradicionalismo inato. Ele atribui às dificuldades históricas de industrialização e aos processos de exclusão social elementos que favorecem o desenvolvimento de uma

mentalidade tradicionalista. Sob essa ótica, as contradições e os problemas da nossa sociabilidade devem ser compreendidos a partir de uma perspectiva atemporal, marcada por traços antimodernos. O problema, portanto, não reside na forma como a sociedade brasileira se encontra estruturada, mas na tentativa de transformá-la segundo ideais modernos e progressistas.

Esse sistema de pensamento parte da perspectiva de que há uma essência cultural e espiritual que deve ser preservada, mesmo diante das pressões da modernidade.

Steve estava reiterando conceitos conhecidos do Tradicionalismo. Guénon descreve a reviravolta completa dos sistemas de valores como uma das marcas da Kali Yuga. Abordou essa característica como uma "inversão", e aqueles que são conscientes dela desconfiam de tudo que é oficial na modernidade. Tudo que você acha que é bom é ruim. Toda mudança que você considera progresso é, na verdade, regressão. Toda aparente instância de justiça é, na verdade, opressão. Toda credencial desqualifica o credenciado. O Tradicionalismo, portanto, prepara um terreno místico para o sentimento antissistema – a menos que ele chegue ao poder. O pensamento molda a postura diante de conceitos e de pessoas. Os sistemas de crenças predominantes que emergiram durante o Iluminismo e a modernização apresentam, de acordo com a teoria da inversão, o oposto da verdade (Evolva ridicularizou a teoria da evolução, argumentando que nunca poderíamos nos tornar melhores, apenas retroceder, sugerindo que os primatas não humanos retratam nosso futuro de curto prazo, não nosso passado). A teoria também exige recontextualizar a mudança social. Pense em todos os movimentos emancipatórios do Ocidente moderno: democratização, secularização, feminismo, multiculturalismo. Se partirmos do princípio de que o tempo é o declínio, se considerarmos que um produto desse declínio é a falta de discernimento da sociedade entre o que é virtude e o que é vício, como não se opor a esses movimentos – a todos eles? (Teitelbaum, 2020, p.75-6)

Teitelbaum (2020) apresenta que Steve Bannon, assim como o pensamento tradicionalista, observa a atuação histórica¹⁵⁸ da humanidade como expressão de uma

¹⁵⁸ A construção do período histórico no mundo Tradicionalista tem como base uma construção a partir de ciclos que partem de uma hierarquia: “A hierarquia social do Tradicionalismo opõe, assim, abstrato e concreto, espírito e corpo, qualidade e quantidade. Também mapeia as idades do ciclo do tempo, o que demonstra aquilo que os Tradicionalistas consideram justo e com isso deteriora. A idade do ouro é a dos sacerdotes; a de prata, dos guerreiros; a de bronze, dos comerciantes; e a sombria, dos escravos. Em cada idade, a casta predominante dita a sua visão de cultura e de política para o restante da sociedade. Por exemplo, na idade de ouro, o governo seria teocrata, com a autoridade religiosa e a arte devocional valorizadas acima de todo o resto, enquanto as idades subsequentes testemunhariam a ascensão do Estado Militar, da plutocracia e do governo dos mais ricos. Na idade sombria, por fim, um reinado de quantidade dá poder político às massas na forma de democracia ou de comunismo. Quanto tempo dura cada ciclo de quatro idades? Em geral, o hinduísmo acredita serem necessários milhões e milhões de anos até que o ciclo se complete. Tradicionalistas costumam acreditar em um intervalo de tempo menor, embora ambos tendam a concordar no que diz respeito à idade em que vivemos hoje: a sombria – *Kali Yuga*, em sânscrito. Da mesma forma, condenam o presente, acreditando que o tempo tornará as suas sociedades grandiosas novamente. (Teitelbaum, 2020, p.22-3)

crise profunda. Nesse contexto, a busca política do campo tradicionalista não se orienta pelas demandas modernas, mas sim pela construção de uma nova era, pautada no resgate de valores antigos ou perenes que assegurem a recuperação cultural e a estabilidade social, culminando na formulação de um projeto, ao qual, nos cabe questionar, não encontramos uma aproximação deste pensamento com a visão do Religioso?

Quando nos deparamos com o que o Religioso produz em sua argumentação em defesa de Bolsonaro, identificamos ecos de uma luta contra aspectos da modernidade, contra a organização das classes populares e seu processo de emancipação. A defesa da gestão de Bolsonaro se estrutura na construção de valores religiosos e na leitura de passagens do livro sagrado, com o objetivo de se contrapor ao projeto iluminista de separação entre o pensamento político, a organização social e a esfera privada da crença.

Nesse contexto, a defesa do governo Bolsonaro não representa apenas a adesão a um projeto político, mas sim a um projeto civilizacional. Sua gestão é interpretada como um elemento de estabilidade e contenção diante dos avanços promovidos pela modernidade, já consolidados na sociedade brasileira.

O processo de fortalecimento da modernidade no século XXI, no cenário nacional, apresentou contradições, especialmente durante a coalizão liderada pelo Partido dos Trabalhadores, que buscou conciliar a expansão do consumo com a discussão de pautas sociais e a ampliação da participação popular no processo decisório das políticas públicas, sem, contudo, realizar um enfrentamento direto ao neoliberalismo.

Karl Marx, em seu livro *Crítica do Programa de Gotha* (2012), busca tensionar a posição adotada no congresso realizado na cidade de Gotha, que tratou da unificação entre a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães e o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores. No texto, Marx critica essa aproximação, pois identifica no líder da Associação Geral dos Trabalhadores, Ferdinand Lassalle, e em sua organização, posturas conciliatórias, em contraste com a orientação revolucionária apresentada pelo Partido Social-Democrata dos Trabalhadores.

À medida que sua crítica se desenvolve a partir da análise do documento, observamos;

“Partindo desses princípios, o Partido Operário Alemão ambiciona, por todos os meios legais, alcançar o Estado livre – e – a sociedade socialista, a superação do sistema salarial juntamente com a lei de bronze do salário – e – da exploração em todas as suas formas, a eliminação de toda desigualdade social e política.” Ao “Estado livre”, voltarei mais adiante. Pois bem, o Partido Operário Alemão terá, a partir

de agora, de acreditar na “lei de bronze do salário”¹⁵⁹ de Lassalle! Para garantir isso, comete-se o disparate de falar em “superação do sistema salarial” (o certo seria: sistema do trabalho assalariado) “juntamente com a lei de bronze do salário”. Superando-se o trabalho assalariado, é claro que se superam também suas leis, sejam elas “de bronze” ou de esponja. Mas a oposição de Lassalle ao trabalho assalariado gira quase exclusivamente em torno dessa pretensa lei. Por isso, a fim de provar o triunfo da seita lassalliana, o “sistema salarial” tem de ser superado “juntamente com a lei de bronze do salário”, e não sem ela. (Marx, 2012, p.37)

A partir do fragmento de Marx (2012) que tensiona a união entre os partidos, evidencia-se um limite imposto: o Partido Operário Alemão viu-se obrigado a revisar sua concepção de processo político, adequando-se a uma estrutura voltada apenas para reivindicações de melhorias, e não para transformações radicais.

Essa analogia demonstra como os limites das disputas políticas e das construções coletivas podem ser desarticulados por uma única estratégia, como a ampliação da base de sustentação. A formação dessa maioria reflete-se nos discursos cotidianos, nos quais setores que anteriormente defendiam o não alinhamento passam a compor uma maioria orientada por um projeto voltado à transformação efetiva.

Ao transpor esse raciocínio para o campo da educação e para a perspectiva do Religioso, observamos que, à medida que os imaginários de ruptura social perdem força e cedem lugar a demandas imediatas pautadas na busca por resultados rápidos, todas as instâncias interligadas passam a ser transformadas não pelas relações sociais, mas pelo desenvolvimento econômico. Afinal, a construção coletiva de mudanças foi capturada pelas contradições geradas pelo neoliberalismo.

Paulo Freire (2019) apresenta uma possibilidade de atuação na sociedade já constituída, destacando suas contradições e os limites das tentativas de resolução que, muitas vezes, acabam por fortalecer o desenvolvimento do campo neoconservador. “Sua solução não está em ‘integrar-se’, em ‘incorporar-se’ à estrutura que os oprime” (Freire, 2019, p. 84-85). Ou seja, a verdadeira criação da autonomia e da libertação não se dá por

¹⁵⁹ Rodapé do livro: Em sua “Carta aberta ao Comitê Central pela convocação de um congresso geral dos operários alemães em Leipzig”, Lassalle determinava e fundava a “lei econômica de bronze” com as seguintes palavras: “o salário médio permanece sempre reduzido aos meios de subsistência necessários, os quais, num povo, são comumente exigidos para a sobrevivência e para a procriação. Esse é o ponto em torno do qual o salário real gravita em movimentos pendulares [...]. Ele não pode elevar-se por muito tempo acima dessa média, pois isso ocasionaria, em razão das melhores condições dos trabalhadores, um aumento da população trabalhadora e, com isso, da oferta de trabalho, o que voltaria a pressionar o salário para cima e para baixo de seu estado anterior. O salário também não pode cair duradouramente abaixo do nível desses meios de subsistência, pois assim ocasionaria emigrações, celibato, queda da taxa de natalidade e, por fim, uma diminuição do número de trabalhadores – provocada pela miséria – que, desse modo, diminuiria a oferta de trabalho e, por conseguinte, levaria o salário novamente ao seu estado anterior”. (N. E. A.)

meio da construção de mecanismos que, na prática, reforçam o ambiente que historicamente oprime os sujeitos.

Nesse processo, a busca pela integração acarreta desconfiança e medo por parte daqueles que já se encontram integrados. Os que conseguem se integrar passam a reconhecer, nos valores que antes os excluía, o caminho “natural” do desenvolvimento da sociedade. Sua percepção é de continuidade, e não de ruptura como discutido ao longo deste texto.

Nessa lógica de integração, a dimensão da opressão articula-se com novos valores mediados pelo consumo, pelas tecnologias e pelas práticas culturais contemporâneas, que acabam por reproduzir e garantir a permanência de um determinado modo de vida.

A não integração e a não incorporação, nesse sentido, não representam uma negação dos conhecimentos produzidos por essa sociedade, mas sim a possibilidade de, a partir deles, propor e produzir novas soluções. Trata-se da busca por um ineditismo que impeça o imobilismo, que insira o sujeito na história e que garanta o movimento e a construção de novos saberes a partir dos conhecimentos já constituídos na realidade social.

O não incorporar, na perspectiva aqui apresentada, envolve uma dimensão ideológica: estar aberto à construção de novos valores, em vez de partir da defesa de valores antigos que sustentam uma lógica limitadora da história. Essa lógica define a função da sociedade como instrumento de manutenção e reprodução do capital, estabelecendo que o desenvolvimento e a produção do conhecimento devem ser orientados não por sua capacidade de transformação social, mas por seu potencial de retorno financeiro,

A argumentação do religioso parte de valores tradicionalistas, o que lhe permite uma aproximação com autores como Olavo de Carvalho e com a defesa do governo Bolsonaro. Ao apresentar a disputa entre o bem e o mal, e ao defender a família contra as supostas ameaças feministas, ele busca deslegitimar o espaço de atuação moderno e suas formas políticas, ou seja, enfraquecer o Estado, os movimentos sociais e os partidos políticos em favor de uma mudança não na forma de governo, mas nas mentalidades. Nesse contexto, Bolsonaro deixa de ser apenas um político e passa a representar um mecanismo capaz de reformular a lógica social, não em busca de uma nova forma de democracia, mas do fim da democracia como a conhecemos. Com isso, propõe-se a construção de novos valores, baseados na hierarquia e em sua interpretação da religião.

Ao analisarmos o vídeo selecionado para apresentar os comentários, percebemos, inicialmente, uma diferença em relação aos comentários no vídeo do Movimento Político. A primeira distinção refere-se à ausência de disputa entre campos antagônicos. Apesar de se tratar de um vídeo sobre política, não identificamos comentários de apoiadores de partidos opositores ao governo Bolsonaro se posicionando. É como se o canal estivesse à margem do debate político ou não fosse reconhecido como espaço de discussão política.

A segunda diferença diz respeito à quantidade de comentários, que demonstram, em sua maioria, uma posição favorável às primeiras ações do governo. Nesse ambiente, excetuando-se uma crítica ao fato de o Religioso demorar a abordar o tema principal, não foram localizadas manifestações contrárias ao seu posicionamento. Pelo contrário, observamos pedidos por novos vídeos e felicitações aos seus comentários.

Em seu vídeo “*Resumo: Primeira Semana do Governo Bolsonaro*”¹⁶⁰, publicado em seis de janeiro de 2025. O único apontamento crítico localizado é o do usuário @jesimielmelo6786: “4:30 so de bla bla” (@JESIMIELMELO6786, 2019).

A crítica relaciona-se com a introdução do vídeo, ao qual é solicitado aos espectadores que se inscrevam no canal, compartilhem o vídeo e deixem um like. Em seguida, faz uma breve crítica à gestão petista e busca demonstrar seu conhecimento por meio de uma contextualização etimológica da palavra “política”.

Na parte entusiasmada sobre os primeiros atos do governo Bolsonaro, podemos identificar seu posicionamento a partir do fragmento: “[...] porque Bolsonaro já tomou atitudes incríveis e já está mostrando sua articulação e sua sabedoria política [...]” (Religioso, 2019).

Por fim, ele reforça a venda de seu curso, afirmando: “[...] abordo, por exemplo, no módulo 3 do meu curso Manual da Resistência, ensino você o que é ser de direita e como defender a posição de direita de tudo e diante de todos os argumentos da esquerda [...]” (Religioso, 2019).

Nesta breve introdução, é possível identificar três elementos relevantes. O primeiro refere-se à formação ideológica de seus seguidores, construída a partir da comercialização de cursos que visam ensinar formas de defesa não por meio do diálogo e da interação com o outro para pensar o futuro, mas pela garantia da permanência de determinadas ideias.

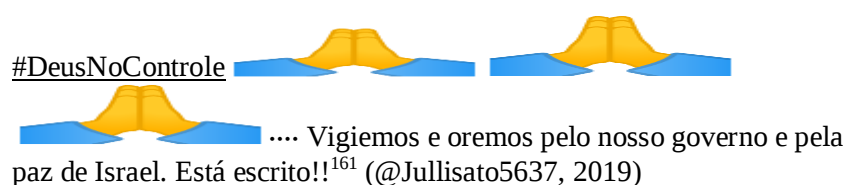
¹⁶⁰ Disponível em: < <https://encr.pw/abY9Q> >. Último acesso em 27/08/2025.

Esse elemento está articulado à busca por uma reprodução econômica, que se camufla sob o argumento de acúmulo de conhecimento. Trata-se de uma estratégia direcionada a um público que reconhece valores religiosos na análise da sociedade, o que configura uma característica marcante do ambiente neoconservador, com ênfase em valores conservadores.

Por fim, observa-se a construção de um espaço de plena confiança entre o Religioso e seus seguidores, evidenciada por comentários como o de @andremarcos528, que reforçam essa relação de credibilidade e adesão: “DANIEL LOPES, DEUS TE ABENÇOE. SEU TRABALHO É IMPORTANTE. PARABÉNS!” (@Andremarcos528, 2019)

O segundo aspecto refere-se à estrutura do neoconservadorismo e à sua dinâmica, que incorpora valores religiosos, morais, militares, sionistas, de livre mercado, patrióticos, antilibertários e de apoio à direita todos esses elementos são identificáveis nos comentários analisados.

A aproximação com estes valores, são localizados no comentário de @jullisato5637



O comentário de @jullisato5637 (2019) apresenta um elemento religioso ao atribuir o destino do país às mãos de Deus, transformando o indivíduo em agente passivo nesse processo. Nesse contexto, o controle dos atos do governo não estaria nas escolhas da gestão federal, mas sim vinculado a um projeto divino sobre o qual não se exerce domínio, cabendo apenas acompanhá-lo em oração não apenas em nosso território, mas também em Israel.

Paulo Freire (2022), em seu livro *Extensão ou Comunicação*, formula a distinção entre o invasor e o invadido, partindo da ideia de que há uma relação de violência no processo de interação humana. Segundo o autor, essa dinâmica revela uma postura autoritária, em que o diálogo é abandonado e em seu lugar, localizamos a imposição de valores e saberes, impedindo a possibilidade de construção coletiva do conhecimento.

¹⁶¹ A imagem representa uma posição em oração, com as mãos dadas. Ao qual a mão é amarela e a manga da camisa/blusa é azul.

O primeiro atua, os segundos têm a ilusão de que atuam na atuação do primeiro; este diz a palavra:¹⁶²os segundos, proibidos de dizer a sua, escutam a palavra do primeiro. O invasor pensa, na melhor das hipóteses, sobre os segundos, jamais com eles; estes são “pensados” por aqueles. O invasor prescreve; os invadidos são pacientes da prescrição. Para que a invasão cultural seja efetiva e o invasor cultural logre seus objetivos, faz-se necessário que esta ação seja auxiliada por outras que, servindo a ela, são distintas dimensões da teoria antidialógica. Assim é que toda invasão cultural pressupõem a conquista, a manipulação e o messianismo de quem invade. Sendo a invasão cultural um ato em si mesmo de conquista, necessita de mais conquista para manter-se. (Freire, 2022, p.49)

A partir da relação apresentada por Freire (2022) entre invasor e invadido, é possível aprofundar a análise sobre a atuação do Religioso com seus seguidores. A ausência de vozes dissonantes nos comentários e o reconhecimento quase unânime de seus argumentos revelam uma dinâmica em que a publicação e a campanha de seus cursos buscam transformar sua posição em verdade absoluta, reproduzida como referência pelos que o acompanham.

Essa estratégia pode resultar no aumento de seguidores, impulsionado pela propaganda espontânea de seus apoiadores, gerando lucros e ampliando o alcance de suas ideias no debate público. A construção autoritária do religioso, ao cooptar indivíduos para reproduzirem seus argumentos sem estimular a criticidade, é fortalecida pela ausência de disputas discursivas em seu canal diferentemente do que ocorre em espaços do Movimento Político.

Ao inserir a dimensão divina no debate público, como exemplificado pelo comentário de sua seguidora @jullisato5637, não devemos negar essa forma de compreender a realidade, mas de utilizá-la como ponto de partida para a construção do diálogo. O debate público, nesse sentido, deve buscar compreender, em primeiro plano, o que leva essa seguidora a interpretar a dinâmica política por meio de valores religiosos associando, por exemplo, o governo de Israel ao brasileiro, e atribuindo a ambos uma atuação divina.

A construção do diálogo não deve se limitar à imposição da laicidade do Estado, mas sim à promoção de um mundo mais plural, sustentado por uma leitura renovada da

¹⁶² Rodapé do livro: A propósito do ato de dizer a palavra, da significação deste ato, cf. Paulo Freire, “A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua, compreensão de sua visão crítica”, in *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975 [São Paulo: Paz e Terra, 2014] e Ernani Maria Fiori, “Aprender a dizer sua palavra”, in id., *Pedagogia do oprimido*.

Bíblia uma leitura que não oprima, mas que reconheça as opressões históricas e se proponha a enfrentá-las, sem naturalizá-las, Kotscho (1986)

Como apresentamos ao longo do texto, uma das dimensões do neoconservadorismo é sua faceta conservadora é o discurso da proteção da família, elemento que localizamos em @emersonluiz7008: “Graças a DEUS. Gloria a DEUS. Mulheres e Homens Família em defesa das crianças vamos continuar alerta pois estamos em guerra, a vitoria completa será colhida no final do mandato do Presidente Bolsonaro.....” (@Emersonluiz7008, 2019).

Durante a campanha presidencial de Jair Bolsonaro, a temática do cuidado com as crianças foi amplamente utilizada e divulgada, especialmente por meio do envio de notícias falsas em plataformas de comunicação como o WhatsApp. A mais emblemática dessas notícias foi a da chamada “mamadeira de piroca¹⁶³”, que alegava, falsamente, que a gestão de Fernando Haddad no Ministério da Educação, até 2012, teria distribuído mamadeiras com bico em formato de pênis em creches, como parte de uma suposta política de combate à homofobia.

Nesse processo, as notícias não devem ser analisadas apenas sob a ótica da veracidade ou da crença individual, mas sim como expressões simbólicas que fazem sentido dentro de determinadas formas de compreender a realidade. Ou seja, não basta apontar que se trata de uma notícia falsa; é necessário investigar os motivos que levam determinados grupos a aderirem a essa narrativa como forma legítima de leitura do mundo.

A partir disso, podemos aprofundar um elemento central do neoconservadorismo e de sua forma de vida, que é aprendida e reproduzida socialmente. No pensamento neoconservador, a sociedade é concebida como atomizada, isto é, fragmentada em núcleos cada vez menores, baseados em relações familiares e de proximidade. Essa visão torna a convivência com o outro incomum, reduzindo a experiência humana a espaços previamente definidos: trabalho, lar e locais de consumo.

O comentário de @emersonluiz7008, ao definir a sociedade por meio de elementos familiares e de um perigo iminente, não explicita qual seria essa ameaça, mas transforma todas as relações sociais em potenciais riscos vindos de qualquer lugar. Romper com essa forma de enxergar o mundo é fundamental para disputar o sentido de

¹⁶³ Sobre estas período, recomendamos: < <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/da-mamadeira-de-piroca-ao-banheiro-unissex/>>. Último acesso: 28/08/2025.

humanidade frente ao neoconservadorismo elemento que, inclusive, foi central para a construção da governabilidade de Bolsonaro.

J. Simões Jorge (1981), em seu livro *Sem Ódio nem Violência: A Perspectiva da Libertação Segundo Paulo Freire*, apresenta um argumento relevante que contribui para o aprofundamento do nosso debate:

As posições antagônicas geram a violência e esta, por sua vez, estabelece o clima das ordens, dos comandos, das imposições e onde os homens transformados em objetos. Como objetos, eles não podem nem criar e, muito menos, recriar os transformar porque vítimas do clima da violência instituído pelo antagonismo. E, proibidos de criar, transformar, jamais conseguirão se libertar e nem libertar o mundo porque não são. Já o afirmou Paulo Freire que a *violência é, essencialmente, a proibição de ser que sujeita os homens impedindo-os de ser*, de optarem, de se autodeterminarem, de se posicionarem, criticamente, em relação ao mundo. (Jorge, 1981, p.36-7)

Jorge (1981), ao destacar que as posições sociais antagônicas de classe e de violência retiram a humanidade ao reduzir o outro a objeto, permite observar como se naturaliza o valor sacrificial apontado por Coelho (2021). Nesse processo, espera-se que posturas como as de @jesimielmelo6786 e @emersonluiz7008 garantam a validação do discurso do Religioso e da lógica neoconservadora.

Neste processo, a violência não se origina nas redes sociais, mas decorre da busca por uma ordem social dentro da lógica neoliberal, que tende a isolar e afastar aqueles que ainda não conhecemos ou que não compartilham dos mesmos valores. Trata-se de uma forma de opressão que atua tanto em dimensões sociais quanto individuais, impondo-se como uma lógica única para aqueles que a adotam.

Nesse contexto, a violência adquire contornos bélicos, evidenciando-se em discursos que não apenas rejeitam o outro, mas o posicionam como ameaça. Comentários como o de @natan5449 (2019) exemplificam essa postura;

Interessante ... Direito penal do inimigo¹⁶⁴ é mt importante. Aqui no Brasil tem mts inimigos do Estado e que não podem ser tratados como

¹⁶⁴ Direito penal do inimigo é um conceito jurídico formulado por Günther Jakobs que visa intensificar a repressão criminal ao tratar determinados cidadãos tidos como indesejáveis como inimigos do Estado. Para aprofundar o tema, recomenda-se o verbete “Direito penal do inimigo” na Enciclopédia Jurídica da PUC-SP. <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/419/edicao-1/direito-penal-do-inimigo>>. Esse conceito despertou atenção entre apoiadores de Bolsonaro depois que o então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, autorizou o emprego de força letal pela polícia com base nesse preceito. A imprensa deu grande destaque a esse posicionamento, como pode ser visto na reportagem da Band intitulada “Witzel autoriza PM a abater criminosos com Fuzil no RJ”

criminosos normais, e sim com mt mais rigor. Esses terroristas podem destruir o país todo! O direito penal está certíssimo ao afirmar que eles não podem ser presos em cadeias comuns! Precisamos sim de um Guantánamo! (@Natan5449, 2019)

A posição de @Natan5449 (2019) permite ampliar o debate sobre as permanências da violência que ainda marcam nossa democracia, herdadas do período da ditadura civil-militar. Sua fala não busca um rito acusatório baseado em provas ou argumentos jurídicos, mas sim a eliminação simbólica e potencialmente física daqueles que, em sua visão, são inimigos do Estado. No entanto, não há definição clara sobre quem seriam esses inimigos, tampouco quais crimes teriam cometido.

Ao propor essa visão do inimigo, evidencia-se que o campo neoconservador e seu discurso não reconhecem o outro como sujeito político legítimo, mas como representante da incivilidade e como obstáculo ao desenvolvimento econômico do país. Dentro dessa lógica, pessoas classificadas como “esquerdistas” como ressalta @BruFerreira devem ser tratadas como inimigas do Estado:

“Sim; em Direito Penal o Direito do Inimigo é demonizado, mas isso se deve ao viés de esquerda do meio jurídico. É preciso trazer esse tema à tona. Porém, observo que vc poderia falar isso tudo em 1/3 do tempo... Seus vídeos têm ficado prolixos. Abraço” (@Bruferreira;2019)

A partir de @Bruferreira (2019), percebemos que o Direito Penal do Inimigo é apresentado, pelo campo neoconservador, como uma ferramenta legítima para a resolução de conflitos no Brasil. Essa medida busca interromper o diálogo com aqueles que não se enquadram na sua visão de mundo sejam inocentes ou criminosos.

No universo neoconservador, a oposição a essa lógica é atribuída a dois grupos bem definidos: os criminosos, que seriam incapazes de assumir a responsabilidade por suas escolhas; e os esquerdistas, que, segundo essa narrativa, se aproveitam do caos social e dos problemas decorrentes da violência para ampliar seu projeto de poder.

Essa construção parte de uma concepção bastante restrita do que seria “à esquerda”, que, naquele período histórico, passou a representar qualquer sujeito ou grupo político com vínculos, reais ou simbólicos, com o Partido dos Trabalhadores. Trata-se de uma estratégia política que busca apresentar que seus oponentes políticos na realidade são inimigos do Estado.

A relação com a esquerda é um elemento muito importante para a família neoconservadora, pois em algum momento um “esquerdista” pode fazer parte da sua família, como aponta @angelitachaves3422;

Gostaria muito de poder fazer seu curso. Eu sei o que passei com minha filha de 19 anos, que, a vida toda estudou em colégios caros e, nestas eleições, fui descobrir que tinha uma esquerdista dentro de casa, sendo que, jamais eu e meu marido, demos este tipo de exemplo.... Fomos inocentes demais. É uma tristeza ver como a escola tem influência sobre a educação que você dá para seus filhos. (@Angelitachaves3422,2019)

@angelitachaves3422 (2019), ao criticar a suposta influência ideológica nas escolas, fundamenta-se em duas premissas centrais do pensamento neoconservador. A primeira consiste na crença de que os exemplos familiares seriam suficientes para moldar a sociabilidade de um jovem ou de qualquer indivíduo, como se essa formação ocorresse exclusivamente em ambientes controlados como a família ou o trabalho negando, portanto, a existência de uma sociedade plural e dinâmica.

A segunda premissa refere-se à ideia de doutrinação escolar, tema que ganhou visibilidade após ser incorporado ao discurso político por movimentos como o “Escola Sem Partido”. “Projeto de Lei nº 193/2016, de autoria do senador Magno Malta, idealizado por Miguel Nagib”. (Gohn, 2017, p. 104).

Na perspectiva neoconservadora, a crítica à chamada “construção esquerdista” encontra sustentação em argumentos como os apresentados por Sandra Unbehau, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, conforme exposto por Gohn (2017).

“[...] o Escola sem Partido defende uma escola sem espaço para discussão da cidadania, garantia estabelecida na Lei de Diretrizes de Bases da Educação (n. 9.394/96). “como é que se desenvolve um pensamento crítico se não discutindo política, filosofia, sociologia, história? Você não vai discutir política partidária, mas vai discutir num sentido amplo, de organização e composição da sociedade”, argumenta. (Gohn, 2017, p. 105).

Conforme apresentado por Gohn (2017), o movimento Escola Sem Partido visava transformar o ambiente escolar em um espaço de não discurso alinhado ao neoconservadorismo. Ao direcionar sua atuação para as escolas espaços em que o diálogo é fundamental ao processo pedagógico e onde diferentes formas de compreender a realidade se articulam na busca por uma sociabilidade mais plural e por resoluções de

conflitos não violentos os conservadores procuram assegurar que sua visão de mundo seja reconhecida como a única legítima, imune à contestação ao longo do tempo.

Nesse contexto, os valores neoconservadores são apresentados como corretos e universais, direcionados especialmente à sociedade em formação: crianças e adolescentes em fase escolar. Trata-se de uma tentativa de construir uma nova sociabilidade desde a base infância, restringindo o pluralismo e a construção crítica do conhecimento.

@angelitachaves3422 (2019) se apresenta preocupada com influência esquerdista e o futuro da sua filha de 19 anos, chegando ao ponto de relatar sobre o ocorrido em um ambiente aberto da internet. Neste momento é interessante percebermos que a construção de influência da escola, são a defesa de valores que não se enquadram dentro da premissa neoconservadora, o que em nosso caso, pode ser a crítica ao Direito Penal do Inimigo.

A construção do imaginário repressivo, tal como evidenciado nos comentários selecionados, depende de dois elementos centrais. O primeiro é o distanciamento em relação ao contraditório. Nesse sentido, destacam-se os resquícios da ditadura civil-militar, as alegações de doutrinação esquerdista nas escolas e a ideia de eliminação física de “problemas” sociais. Essa lógica, para além de seus aspectos anti-humanos, gera um sentimento de certeza entre os que se identificam com o discurso neoconservador: o convívio social estaria em constante desajuste. Tal percepção reforça um discurso moralista, conservador e violento, que, como consequência, aprofunda o isolamento desses sujeitos e os leva a defender valores cada vez mais antidemocráticos¹⁶⁵ e excludentes.

O segundo aspecto é o distanciamento da realidade social. Não se trata da realidade do consumo ou do trabalho que permanece como parte do universo cotidiano desses sujeitos, mas da realidade social propriamente dita. Eles já não compreendem o funcionamento da sociedade que rejeitam, e suas respostas partem de uma dinâmica não crítica, mas justificadora: justificam a necessidade de leis mais violentas, de maior controle, de uma escola sem diálogo, da não problematização do consumo e da naturalização de jornadas de trabalho cada vez mais exaustivas.

Retomando Paulo Freire e sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2019), encontramos o conceito de sectário, definido como o sujeito que não está disposto a rever suas posições,

¹⁶⁵ Um exemplo ao qual podemos destacar é a substituição do projeto escola sem partido pela criação das escolas civil-militar, que na prática retira o ambiente democrática e plural da escola, para transformar este espaço em um ambiente militarizado sem pluralidade de pensamentos, ações e liberdade dos discentes e docentes. Recomendamos a leitura de < <https://jornal.usp.br/articulas/otaviano-helene/sobre-escolas-civico-militares-mais-um-problema-para-atrapalhar-a-educacao-publica/>>. Último acesso em 01/07/2025.

permanecendo preso ao seu universo de certezas e recusando-se a colocar suas convicções à prova.

O sectário, por sua vez, qualquer que seja a opção de onde parta na sua “irracionalidade” que o cega, não percebe ou não pode perceber a dinâmica da realidade, ou a percebe equivocadamente. Até quando se pensa na dialética, a sua é uma dialética domesticada”. (Freire, 2019, p.35)

Embora neste momento nosso debate tenha como foco principal o desenvolvimento do neoconservadorismo, é importante ressaltar que o conceito de *sectarismo*, apresentado por Freire (2019), contribui para compreender dinâmicas presentes em ambos os campos que sustentam a continuidade da nossa forma social.

No campo da esquerda, essa racionalidade se manifesta por meio da criação de estereótipos ou caricaturas do sujeito neoconservador frequentemente rotulado de forma genérica como “bolsonarista”. Essa simplificação ignora as disputas internas que atravessam o próprio ambiente conservador e neoliberal, partindo do pressuposto de uma unidade ideológica a priori.

Essa disputa, bem como as formas de aproximação e distanciamento entre os diferentes atores políticos, muitas vezes, não são observadas em razão da falta de tempo cotidiano para uma análise aprofundada ou, ainda, pelo interesse deliberado em manter uma avaliação sectária.

Conforme apresentado em nosso texto, o Movimento Político buscou distanciar-se do governo de Bolsonaro à medida que as contradições da práxis política se manifestavam. Esse processo foi percebido já na primeira semana pelos próprios apoiadores do governo federal, como evidenciado na posição de @a4mundo (2019);

Minha preocupação é com esses desencontros de comunicação, a mídia vai tripudiar nessas falas. Precisaria de uma assessoria de comunicação e um bom porta voz. E a questão da reforma da previdência, o MBL tá fazendo barulho com a proposta do governo, dizendo que não é a ideal...(@A4mundo, 2019)

O apontamento de @a4mundo (2019) é ignorado pelo sujeito sectário da esquerda, que não reconhece as fissuras internas existentes no campo conservador e concentra-se apenas em argumentações que reforçam sua convicção de que se trata de um bloco homogêneo e impermeável ao diálogo. Essa postura sectária não surge ao acaso; ela encontra eco em posições de @marijosedoutomaiorlopes7172;

E o Kim. Me parece que seria uma melhor estratégia. E defendo o posicionamento da idéia de que essa questão de se articular para garantir um presidente da câmara ficou esquecida durante a campanha. Tenho insegurança com a Joyce (@Marijosesdoutomaiorlopes7172, 2019)

Antes de aprofundar nosso argumento, devemos apresentar o segundo argumento de @marijosesdoutomaiorlopes7172, ao qual apresenta seu desconforto em relação a então deputada e líder do governo Joyce Hasselmann “E tenho um sentimento que a Joyce pertence ao grupo de "usadores" da direita para fortalecerem a esquerda.” (@Marijosesdoutomaiorlopes7172, 2019)

Os fragmentos apresentados de @marijosesdoutomaiorlopes7172 não se enquadram no campo sectário da esquerda, mas revelam um desinteresse em conhecer e dialogar com o contraditório.

Esse contraditório não está oculto em espaços de difícil acesso, mas se manifesta em ambientes de disputa amplamente disponíveis, como o YouTube, onde diferentes perspectivas são constantemente expostas. A postura sectária, nesse contexto, consiste em evitar a disputa de espaços e reduzir o processo político à dinâmica meramente eleitoral, supondo que votos motivados por afinidades ideológicas representem, por si só, vínculos duradouros.

Quando @marijosesdoutomaiorlopes7172 (2019) manifesta interesse em Kim Kataguirí como peça-chave de um futuro governo e questiona as intenções de Joice Hasselmann, adota uma perspectiva distinta daquela apresentada por @a4mundo (2019). Este último observa Kataguirí de forma crítica e defende que o governo precisa aprimorar sua comunicação.

Essa divergência revela uma fissura dentro da perspectiva neoconservadora, evidenciando que não há um projeto político unificado, mas sim interesses comuns em pautas específicas. A existência dessas tensões internas abre espaço para o diálogo e possibilita a construção de novos sentidos, desde que haja disposição para reconhecer a pluralidade de posições fora do próprio campo ideológico.

Enquanto o campo da esquerda, em determinadas situações, adota o sectarismo como forma de evitar o contato com o outro e de restringir o debate a formas de sociabilidade que não transcendem o período eleitoral, o campo da direita neoconservadora utiliza o sectarismo como mecanismo de preservação e reprodução de suas convenções.

Essas convenções não se manifestam apenas durante os ciclos eleitorais, mas estão enraizadas na própria estrutura de pensamento social neoconservador, que busca ser autorreferenciada. Tal estrutura se fundamenta na negação do convívio com a diferença e no desejo de controle sobre os espaços de sociabilidade

Ao analisarmos o comentário de @angelitachaves3422 (2019) que atribui à escola a “culpa” por sua filha ter se “tornado esquerdista” percebemos a ausência de uma definição clara: afinal, o que significa ser “esquerdista”? Trata-se de alguém que defende os direitos humanos, que votou na candidatura petista de 2018 (Fernando Haddad¹⁶⁶), ou simplesmente de alguém que questiona os argumentos familiares?

Esta é uma resposta ao qual não teremos acesso, por não procurar @angelitachaves3422 (2019), e saber a sua compreensão do motivo de considerar sua filha como sendo uma esquerdista. Mas, a partir de sua argumentação, e das outras informações coletadas ao longo deste estudo podemos reiterar algumas possibilidades do funcionamento do sectarismo neoconservador.

A compreensão de sociabilidade apresentada está marcada por permanências históricas que antecedem o governo petista. Nesse período, mesmo em espaços públicos, a sociabilidade era estruturada por uma lógica cultural com características singulares e bem definidas, em que o acesso aos espaços não era garantido a todos, mas restrito àqueles que detinham capacidade econômica para ocupá-los.

Dentro dessa perspectiva, o termo “esquerdista” assume um papel amplo, que não corresponde a uma posição política estática ou definitiva, mas funciona como uma

¹⁶⁶ Fernando Haddad, foi o candidato escolhido para substituir o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva para as eleições de 2018, após o então juiz Sérgio Moro condenar Lula em 12 de junho de 2017, a nove anos e seis meses de prisão pelo crime de corrupção passiva e lavagem de dinheiro a partir de desdobramentos da Operação Lava-Jato. Haddad foi ao segundo turno das eleições obtendo 44,87% dos votos e perdendo para Bolsonaro que obteve 55,13%. Após, eleição Sergio Moro é nomeado para compor o Gabinete de Transição do governo eleito e em 1 de janeiro de 2019, assume como ministro da justiça. Após uma série de atritos durante o período de pandemia de Covid- 19, em 24 de abril de 2020 deixa o cargo após uma entrevista coletiva, aumentando as dificuldades governamentais de Jair Messias Bolsonaro. Em 8 de novembro, Lula deixa a carceragem da Polícia Federal em Curitiba, então comarca do Juiz Moro, após considerar a prisão em segunda instância inconstitucional, já em 14 de abril de 2021, o Supremo Tribunal Federal anula as condenações de Lula por parcialidade do juiz Moro, garantindo seus direitos políticos na sequência e vencendo as eleições de 2022, contra Bolsonaro ao qual Moro se elege senador pelo estado do Paraná. Links para aprofundar sobre o tema: <<https://www.camara.leg.br/noticias/518713-condenacao-de-lula-pelo-juiz-sergio-moro-repercute-no-plenario-da-camara/>>; <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/juiz-da-lava-jato-moro-deixou-a-magistratura-para-assumir-ministerio-da-justica-no-governo-bolsonaro-veja-perfil.ghml>>; <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sergio-moro-pede-demissao-do-governo-bolsonaro/>>; <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/11/08/lula-deixa-a-prisao-em-curitiba-apos-decisao-do-stf.ghml>>; <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1>>; <<https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2022/noticia/2022/10/02/sergio-moro-uniao-brasil-e-eleito-senador-pelo-parana.ghml>>. Último acesso, 03/07/2025.

categoria abstrata e utilizada pelos interesses neoconservadores. Qualquer indivíduo que se oponha ao projeto político neoconservador pode ser rotulado como esquerdista, independentemente de sua filiação partidária ou posicionamento ideológico.

Essa lógica é evidenciada, por exemplo, no caso de um deputado integrante do Movimento Político, acusado de ser esquerdista por setores bolsonaristas, apesar de sua vinculação ao pensamento neoliberal. Em síntese, para o movimento neoconservador, o esquerdismo é menos uma identidade política e mais uma forma de pensamento o pensamento esquerdista que precisa ser combatido.

Por isso, o ataque se concentra no ambiente educacional, espaço que também é de formação crítica e de construção de sociabilidade plural. A estratégia neoconservadora busca minar o debate crítico nas escolas e impedir a organização nas ruas de uma educação social que questione as estruturas de sociabilidade vigentes, reforçando, assim, uma lógica excludente e autorreferenciada.

Após o processo descrito no Capítulo I de ampliação do consumo e de ocupação de espaço pelas classes populares, os discursos conservadores/liberais encontraram ecos no cotidiano do sujeito neoconservador. Este passa a enxergar tal fenômeno apenas como uma questão de espaço e de direito.

Com essa perda de referência, o neoconservador abandona os espaços de convívio e reforça seu sectarismo. Converte seu incômodo em rótulos “petista”, “comunista”, “esquerdista” projetando sua preocupação e angústia no outro. Assim, qualquer crítica é interpretada como erro, ataque pessoal ou ameaça social.

Na continuação de *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire realiza uma distinção entre o sectário de direita e o de esquerda. Segundo o autor, o sectário de direita;

Esta é a razão, por exemplo, por que o sectário de direita, que, no nosso ensaio anterior, chamamos de “sectário de nascença”, pretende frear o processo, “domesticar” o tempo e, assim, os homens. (Freire, 2019, p.35)

O início do fragmento de Freire (2019) retoma a explicação sobre o sujeito sectário aquele que não reconhece a realidade ao seu redor e, quando a percebe, o faz de forma distorcida. O sectário de direita, como já mencionado, permanece preso às suas convicções: não se move, não dialoga e recusa-se a participar ou a permitir mudanças sociais.

Esse sujeito se ancora em valores considerados eternos ensinados como verdades imutáveis como a família heteronormativa, a religião com características conservadoras,

a propriedade privada e o trabalho, este último reconhecido apenas dentro da lógica capitalista. Há, inclusive, uma confusão entre propriedade individual e propriedade coletiva, especialmente no que diz respeito ao trabalho e à produção, o que reforça a visão de mundo autorreferenciada e excludente.

Não por acaso, o slogan do então candidato Jair Bolsonaro evocava os pilares “Deus, Pátria e Família”, mobilizando um imaginário conservador que ainda sustenta manifestações em seu apoio. Trata-se da busca por uma ordem idealizada uma ordem que, historicamente, nunca se concretizou de forma plena em nossa sociedade, mas que é constantemente evocada como referência neoconservadora.

É nesse processo de uma sociedade que não se concretizou que construímos o Capítulo II, ao observarmos a disputa pela construção de um sentido neoconservador. Tal disputa envolve um processo educacional no qual as tecnologias estão presentes para ampliar a comunicação, mas não são o elemento definidor desse processo.

Nesse momento, identificamos a construção de um sentido social e educacional que busca validar esse modo de vida. A gestão de Bolsonaro e seus conflitos internos demonstram que, embora o movimento neoconservador se aproveite das contradições do governo anterior e das permanências históricas, ele depende de um processo educacional para garantir sua continuidade e funcionamento.

Já o sectário de esquerda, segundo Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2019):

Esta é a razão também porque o homem de esquerda, ao sectarizar-se, se equivoca totalmente na sua interpretação “dialética” da realidade, da história, deixando-se cair em posições fundamentalmente fatalistas. (Freire, 2019, p.35)

Para Freire (2019), o sujeito de esquerda que se recusa a dialogar com o diferente e com seu antagonista não consegue apreender o movimento da realidade seus contornos, suas possibilidades e suas transformações. Para esse sujeito, as nuances e disputas internas que apresentamos não existem ou, quando reconhecidas, são tratadas como aspectos secundários do fenômeno, isto é, como espaços irrelevantes dentro do universo social.

Ambos os sectários identificam na ação do outro uma perda de valores, no caso do neoconservador, ou de humanidade, no caso do sujeito de esquerda. No entanto, o que ambos não percebem é que seus posicionamentos representam não apenas uma negação do outro, mas também uma renúncia à complexidade da vida social:

“[...] Fechando-se em um “círculo de segurança” do qual não podem sair, estabelecem ambos a sua verdade. E esta não é a dos homens na luta para construir o futuro, correndo o risco desta própria construção. Não é a dos homens lutando e aprendendo, uns com os outros, a edificar este futuro, que ainda não está dado, como se fosse destino, como se devesse ser recebido pelos homens e não criando eles. (Freire, 2019, p.36)

Esse fechamento apresentado por Freire (2019), e que ambos os campos políticos realizam, garante o pertencimento e a aceitação pelos pares, reforçando não apenas o modo de vida, mas também suas convicções e garantias. Tal postura imobiliza a transformação elemento central que buscamos ressaltar em nosso Capítulo III.

A transformação envolve risco, abertura ao novo e construção coletiva. Não se trata de uma construção segmentada, na qual os interesses se voltam apenas para o fortalecimento de posições como, no nosso caso, as eleitorais, mas de um processo que exige ruptura, escuta e reinvenção.

Essa é a vantagem da pedagogia da opressão em nossa sociedade: ela sobrevive enquanto continuarmos a reconhecer elementos como disputas eleitorais e a sociedade de classes como o ápice da libertação humana. Essa forma de pensamento foi ensinada e permanece em disputa, embora não de maneira radical, mas sim acomodada, pois busca adaptar, sobretudo, o conceito de eleição e o ideal democrático às exigências do neoliberalismo do século XXI.

Nesse processo, esses valores são tratados como formas separadas de se aguardar a emancipação: ora se debate a democracia, ora o método eleitoral, mas raramente se discutem as questões que sustentam a opressão como, por exemplo, os meios de produção, a forma de trabalho e a maneira como tudo isso se articula na relação em que o Estado conduz e cria mecanismos para transmitir e assegurar seus próprios interesses.

Romper com esse processo demanda três aspectos que perpassam a construção deste texto. O primeiro é a compreensão ampliada de educação, que envolve todas as esferas do cotidiano e permite, a todo momento, a criação de possibilidades de ação. Ao não colocarmos essa concepção em prática como sociedade, negamos a nós mesmos a oportunidade de sermos livres.

O segundo é compreendido, novamente, a partir de Freire (2019), na obra já referenciada;

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixar prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta necessidade

para, conhecendo-a melhor, melhor para transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos¹⁶⁷. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. (Freire, 2019, p.37)

A radicalidade, segundo Freire (2019), não deve ser interpretada como violência ou controle; tais práticas não caracterizam o radicalismo, mas reproduzem a lógica da pedagogia da opressão. Ao restringir-se a ações coercitivas, permanece-se em uma caricatura de processo de mudança estratégia frequentemente adotada pelo movimento neoconservador. Sua aparente intenção transformadora não apresenta inovação estrutural e está imbuída apenas de elementos violentos. Dessa forma, renega-se o potencial de ruptura emancipatória.

Assumir a radicalidade implica posicionar-se ao lado de construções capazes de transcender as formas instituídas e de contribuir para a criação de novos horizontes. Esse movimento exige aprender e ensinar com o outro, cultivar a divergência respeitosa diante de perspectivas distintas e superar respostas previsíveis no âmbito das experiências humanas. É por meio dessa postura que se abre espaço para a expansão das possibilidades e a efetivação de processos verdadeiramente transformadores.

O radical deve cultivar a paciência temporal e a prudência, evitando a expectativa de resultados imediatos, pois essa postura pode levá-lo ao sectarismo ou ao fatalismo, reproduzindo práticas e concepções anteriores. Sua atuação deve considerar que o processo de aprendizado que constituiu esta sociedade foi e continua sendo contínuo. Portanto, sua superação também deve seguir essa premissa, distinguindo-se, contudo, pela escuta ativa e pelo diálogo como fundamentos de uma transformação genuína.

O terceiro aspecto é o diálogo, ao qual partiremos novamente para Freire (2019), agora com o livro *Educação como Prática da Liberdade*, para aprofundar sua importância neste processo transformar a pedagogia da opressão;

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há

¹⁶⁷ Rodapé do livro: “Enquanto o conhecimento teórico permaneça como privilégio de uns quantos ‘acadêmicos’ dentro do Partido, este se encontrará em grande perigo de ir ao fracasso”. Rosa Luxemburgo, “Reforma o Revolución”? In: Wigh Mills, *Los Marxistas*. México. Ed. Era S. A., 1964, pág. 171.

comunicação. “O diálogo é, portanto, o indispensável caminho”, diz Jaspers, “não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos” (Freire, 2019, p.141)

O diálogo, segundo Freire (2019), deve ser compreendido como instrumento da práxis transformadora; ou seja, é por meio dele que as mudanças sociais se concretizam. Para que haja verdadeira transformação, o diálogo não pode se configurar como forma de manipulação, nem apresentar traços de alienação. Deve ser franco e respeitoso, estabelecido entre iguais entre seres humanos que buscam construir uma nova sociabilidade e uma melhor qualidade de vida para todos, reconhecendo as diferenças, as potencialidades e os limites de cada sujeito.

A articulação dessas três estruturas o reconhecimento de novas formas de educação, a radicalidade e o diálogo permitem a construção de novos rumos para a humanidade, enfrentando a pedagogia da opressão e contribuindo para o desmonte do projeto neoconservador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desta pesquisa no doutorado em Educação buscou contribuir para o debate sobre como o cotidiano produz formas e sentidos educacionais que influenciam o significado da vida. Nesse processo, assim como ocorre na educação bancária apresentada por Paulo Freire (2019), somos frequentemente levados a acompanhar o curso histórico sem questionamentos ou reflexões sobre o que fazemos, como fazemos e para que fazemos.

Essa forma social, que é histórica e não natural, se apresenta diariamente em disputa entre permanências e rupturas, ressaltando o caráter humano desse processo e, conseqüentemente, do fazer educacional. Partindo dessa perspectiva, o trabalho gira em torno de quatro aspectos que apresentamos.

O primeiro diz respeito à escolha dos principais autores: Paulo Freire e Antonio Gramsci. Suas presenças não são acidentais, mas sim fundamentadas na relevância de suas contribuições para o diálogo entre educação e transformação social. Ambos produziram uma teoria comprometida com a construção de uma nova sociabilidade. Seus escritos não se limitam a compreender a sociabilidade à qual estavam historicamente vinculados, nem a propor reformas pontuais, mas sim a superá-la por meio da construção coletiva e da atuação na práxis.

Ao buscar ampliar o conceito de educação para além do espaço escolar, esses autores disputam o sentido da realidade, reconhecendo o paradigma político e de classes que a educação representa na sociedade. Nesse processo, a possível solução para enfrentar nossos problemas sociais e até ecológicos passa pela esperança, tema recorrente em Freire, e pela ação, que se revela como convite nos escritos do pensador sardo.

Partindo dessa perspectiva, nosso trabalho não busca apresentar soluções dentro de uma institucionalidade já constituída, que fornece o cenário que pretendemos destituir, mas sim propor sua ruptura e a construção do novo sem roteiro ou manual para evitar que o processo se transforme em um dirigismo no qual a população, mais uma vez, não participe efetivamente, tornando-se apenas coadjuvante e novamente oprimida.

A partir destes autores, encontramos a possibilidade de debater e formular posições a partir da atualidade do tema ou das diversas fontes que utilizamos, passando por notícias de jornais, autores e textos de diversas áreas do conhecimento, e sujeitos com carreiras políticas, o que pode causar um desconforto para os leitores. Não é algo sem

intenção, pois ela parte da perspectiva de que estas fontes tão divergentes contribuem para o processo de compreensão de nossa sociedade. Afinal, se estamos pensando em uma forma de sociabilidade para além do nosso modelo atual, devemos ressaltar como este modelo é pensado e estruturado a partir de vários aspectos de sua construção. Esta busca de apresentar uma polifonia ao longo do texto parte da compreensão da História do Tempo Presente ou História Pública, dependendo da sua posição historiográfica e da nossa compreensão de Educação.

Compreender estes fenômenos envolve buscar elementos em outras formas de conhecimento para além do debate da Educação. Passa por um debate da Ciência Política, Sociologia, História, Filosofia, que buscam, de alguma forma, a partir da sua construção metodológica, explicar o fenômeno ao qual se inserem. Neste processo, quando apresentamos estas referências plurais e livros destas formas de pensamento das humanidades e ciências sociais aplicadas, buscamos não a especificidade de cada ciência, mas sim suas convergências, que nos ajudam a pensar e compreender o fazer humano, ou seja, a educação que se relaciona e produz o nosso cotidiano.

Ao expandir a interpretação com autores para além do campo da Educação e com uma perspectiva de buscar uma compreensão do movimento do real, em outras palavras, dos elementos que constituem o nosso período histórico, utilizamos materiais da imprensa e sujeitos políticos no sentido de atuação parlamentar ou de atuações revolucionárias, com o objetivo de apresentar, na atuação social, os elementos que constituem a nossa sociedade, nossas permanências e rupturas. A partir delas, busca-se criar uma lógica educacional dos acontecimentos, e como tais fatos e falas contribuem para o desenvolvimento, fortalecimento e enfrentamento do pensamento neoconservador brasileiro.

Com as argumentações e informações dos jornais, podemos localizar o sujeito que atua com as práticas neoconservadoras e suas articulações na realidade, em busca de compreender a educação que produz e absorve em seu cotidiano como uma maneira de se portar perante as contradições do fazer histórico, destacando a sua não linearidade entre suas intenções, ações, percepção do seu período histórico.

O fazer histórico não é evolutivo ou linear, como se acredita na construção a-histórica, o que acaba sendo refletido na estrutura do texto e na utilização das fontes. Embora o texto trabalhe com essas contradições da dimensão da vida, seu objetivo permanece em compreender a construção de uma educação neoconservadora na sociedade brasileira e como podemos disputar o sentido da realidade e contribuir para

uma educação sem as contradições da lógica do Estado burguês e o avanço do neoliberalismo.

O que nos leva ao segundo aspecto: a ausência da construção de autonomia, elemento discutido ao longo dos três capítulos desta tese. A inexistência de um projeto que promovesse o desenvolvimento da autonomia permitiu o avanço do pensamento neoconservador uma corrente já presente em nossa sociedade, mas que ampliou sua capacidade de atuação a partir da confluência de contradições políticas e sociais emergentes no início do século XXI, especialmente com a chegada do Partido dos Trabalhadores à gestão federal e com a expansão de novas tecnologias, com destaque para a Internet e, em particular, a plataforma YouTube.

Nesse processo, identificamos o fenômeno da tentativa de fortalecimento de uma cidadania mediada por valores de mercado, ou seja, pautada pelo consumo, o que, em nossa compreensão, resultou na desarticulação de setores sociais que buscavam superar a lógica dominante da sociabilidade vigente e construir criticamente uma nova forma de organização social. A opção pela manutenção das estruturas existentes, sem ruptura, contribuiu para que as demandas coletivas perdessem espaço diante de pautas individuais centradas no consumo e na preservação de bens, gerando um distanciamento social e promovendo uma padronização baseada em valores e capacidades econômicas.

Essa manutenção da sociedade pelo consumo acabou gerando impactos na forma de compreensão social. Em palavras, localizamos uma disputa entre uma parcela da sociedade que observa a construção de políticas públicas como instrumento não de garantias fundamentais para o funcionamento da lógica social à qual está inserida. Essa construção é observada ao longo do debate sobre a suposta perda de espaços e o discurso de Reinaldo Azevedo, mas ainda se mostra atual quando localizamos críticas a qualquer discurso de atuação do Estado para garantir uma melhor qualidade de vida às classes populares, historicamente excluídas do debate político e social.

Em nosso texto, localizamos a construção de uma disputa entre uma chamada classe média histórica, ou seja, aquela que consegue utilizar e se reconhece nos espaços de convívio social, e o surgimento, na visão do Partido dos Trabalhadores, de uma nova classe média, que passa a ocupar e reconfigurar tais espaços. Nesse processo, o debate se estabelece entre a manutenção dos antigos valores, o que implica a negação de políticas públicas e a restrição dos espaços, embora tal negação não seja reconhecida como tal, mas sim como a preservação de uma ordem social e de seu funcionamento instituído, e a construção de uma nova forma de ocupação desses espaços, a partir das demandas dos

novos sujeitos que passam a ser reconhecidos principalmente por sua capacidade de consumo e produção dentro de uma sociedade neoliberal.

Essas contradições e formas de atuação nesse processo apresentaram como resolução não a ampliação dos espaços, mas a incorporação da chamada nova classe média aos valores já constituídos na estrutura da nossa sociedade, ou seja, a manutenção de uma lógica excludente. Com isso, emergiu também a crítica às políticas públicas que contribuíram para a inserção dessa nova classe nos espaços sociais. Esse movimento nos permite refletir sobre a ausência de ampliação da autonomia no período retratado, evidenciando uma aposta na ocupação de espaços já existentes, sem que houvesse questionamento sobre o que esses locais representavam em termos de estrutura e ideologia.

A junção entre uma classe que se percebia em processo de perda de espaço, conhecida como classe média tradicional, e uma nova parcela da população, apresentada como nova classe média, em busca de convivência em um ambiente que carrega consigo uma ideologia e ideias de uma suposta meritocracia, contribuiu para a naturalização de discursos conservadores e para a manutenção de interesses estabelecidos. A construção coletiva da autonomia foi sendo abandonada em favor de uma perspectiva de interesses individuais, protagonizada por sujeitos que já não se reconheciam nas contradições que lhes permitiram o acesso a esses espaços, mas sim por aqueles que sempre estiveram presentes neles.

A educação neoconservadora, nesse processo, não foi inserida em locais novos. Ela sempre esteve presente nos espaços nos quais a lógica do neoliberalismo se justificava, ora pelo campo do consumo, ou seja, pela possibilidade de ser reconhecido pelo produto, ora pelo campo das ideias. Com isso, os discursos nos meios de comunicação ganham destaque e importância, pois contribuem para o desenvolvimento de uma hegemonia que naturaliza as contradições da nossa realidade. A nova classe trabalhadora, ao se deparar com esses espaços, não conseguiu produzir sua autonomia e seu processo de sociabilidade, mas sim absorveu as contradições presentes nesses locais, tomando-as como suas e renunciando à possibilidade de transformação em troca de um pertencimento a uma estrutura já construída.

Esse cenário abriu espaço para o fortalecimento do discurso neoconservador, o que nos conduz ao terceiro aspecto de nossa análise, que envolve a questão das novas tecnologias presentes a partir do século XXI, entre as quais se destaca a plataforma de

vídeo YouTube, que funciona como um novo instrumento de propagação de ideologias e construção de hegemonias.

O YouTube como ambiente de reprodução de uma educação neoconservadora é analisado por meio dos canais do Movimento Político e Religioso. Este espaço não deve ser compreendido como algo externo à dinâmica social ou como um ambiente autônomo em relação à capacidade humana. Ele não produz conteúdos de forma independente, mas atua a partir das demandas que constituem nossa sociabilidade demandas que, neste momento histórico, estão orientadas pela obtenção de lucros e pela manutenção da lógica neoliberal.

O YouTube, que surgiu como uma estrutura de armazenamento de vídeos, passou a ganhar outras formas de uso a partir da sua utilização social, entre elas a construção de análises políticas por canais com valores tanto à esquerda quanto à direita. Nesse processo, e considerando as contradições apresentadas pelo período histórico em que se insere, o pensamento neoconservador consegue se apresentar como hegemônico nesses espaços, por meio da criação de diversos canais e do compartilhamento de suas posições em outras redes sociais ou aplicativos de comunicação. Na tentativa de compreender esse fenômeno ou a expansão dessa lógica em nossa sociedade, observa-se o fortalecimento do conceito de bolhas sociais ou câmaras de eco, que parte da perspectiva de que um indivíduo é exposto repetidamente ao mesmo discurso devido ao algoritmo, que acaba por assumir tal posição como sua e com isso consome e dialoga apenas com os seus.

Esse argumento, presente em nosso texto, é questionado por não considerar as dimensões políticas da sociedade brasileira, que já apresenta elementos capazes de fortalecer a construção e a circulação de tais valores. Outro ponto que esse argumento nos impede de debater é a construção da autonomia do sujeito e sua interação com a realidade, que o leva a refletir e tomar posição diante dos acontecimentos. Ao desconsiderar essa perspectiva, o indivíduo é transformado em alguém sem escolhas, capturado pelo algoritmo e preso à sua estrutura e aos seus pensamentos.

Antes de aprofundarmos a crítica, é importante ressaltar que não negamos a existência do algoritmo. Ele constitui uma estrutura da nova forma do capitalismo digital, que, a partir do nosso tempo de tela, busca construir e apresentar conteúdos que nos levem a permanecer mais tempo consumindo nesse ambiente, garantindo lucro por meio de propagandas direcionadas aos nossos interesses. Nosso ponto parte de uma pergunta anterior a esse processo e de uma posterior, que busca compreender os limites e as possibilidades da ação humana diante dessa lógica.

A pergunta que antecede este processo é: não seria a realidade social que contribui para a criação e fortalecimento de determinados canais e posições políticas como em nosso caso o neoconservadorismo que acabam gerando engajamento? Em nossa perspectiva a resposta é sim, ou seja, não seriam os algoritmos que criam as situações, mas sim, a práxis que produz um sentido político ao qual, o algoritmo busca aferir lucro.

Com essa perspectiva, analisamos dois canais que denominamos como Movimento Político e Religioso. Ambos se apresentam como intelectuais orgânicos, no sentido gramsciano, atuando com o objetivo de garantir a implementação do projeto neoconservador na sociedade brasileira. A educação promovida por esses canais não busca romper com os elementos já estabelecidos socialmente.

Como destacado na introdução do trabalho, a escolha dos canais não foi aleatória. Ela se deu com base em sua relevância na internet e na demonstração de posições distintas dentro do campo neoconservador. O primeiro canal possui um caráter neoliberal, enquanto o segundo adota uma perspectiva religiosa, evidenciando que esse campo político não é homogêneo, mas composto por contradições e disputas internas.

A partir desses canais, buscamos os comentários em seus vídeos, não com o objetivo de realizar uma análise dos discursos dos interlocutores ou dos comentaristas, mas com o interesse voltado à construção política e educacional presente nesses espaços. Isso não significa que a análise do discurso não contribua com essa abordagem, mas nossos autores de referência e a escolha teórica adotada priorizam o debate em torno de elementos de disputa que vão além da linguagem e do discurso.

Nesse sentido, nossa investigação sobre os vídeos e comentários visa compreender a construção de um projeto educacional e político que se encontra em constante disputa e transformação dentro de seu próprio campo. Essa dinâmica permite possibilidades de atuação e diálogo que transcendem a lógica previamente estabelecida.

Nos comentários dos vídeos das fontes utilizadas, buscamos identificar uma nova possibilidade de diálogo. Esse ambiente deve ser compreendido como um espaço de disputa simbólica e política, que pode ser orientado para a construção de uma sociedade autônoma e capaz de enfrentar as contradições estruturais que a atravessam. As argumentações presentes nos canais partem de uma premissa de autoridade, na qual os produtores de conteúdo apresentam suas posições como verdades absolutas, esperando que seus espectadores as aceitem sem questionamento. Nesse processo, a educação libertadora deve atuar para despertar a crítica sobre as informações e construção social

que se encontra sendo proposta, não apenas nesse ambiente, mas em todas as formas de estruturação social.

A partir desses comentários e construções, adentramos na eleição de Jair Messias Bolsonaro, fenômeno que nos conduz ao quarto e último aspecto que estrutura esta pesquisa. A gestão neoconservadora de Jair Bolsonaro evidenciou a disputa existente no campo e os limites da lógica neoconservadora, manifestando-se nos comentários dos vídeos analisados em nossas fontes e nas notícias de jornais apresentadas ao longo do texto.

Ao nos depararmos com os comentários e as produções dos vídeos, observamos posições antagônicas em relação à condução política do governo, revelando um distanciamento interno no próprio campo conservador e neoliberal. Ao mesmo tempo, esse cenário fortalece a possibilidade de uma nova construção social, desvinculada das características neoconservadoras de exclusão social e ausência de diálogo.

A gestão de Bolsonaro e do campo bolsonarista, em nossa perspectiva, não representa uma novidade na política brasileira ou na forma de atuação da sociedade, mas sim uma permanência que estrutura nossa sociabilidade, baseada na violência e na exclusão. Em síntese, a lógica bolsonarista é a expressão política de uma sociedade que foi e continua sendo construída sob a lógica do individualismo e do pertencimento mediado pelo consumo.

Ao longo da gestão Bolsonaro, percebemos as diferenças dentro do campo neoconservador que, embora na prática apresentem um projeto similar, com os valores já discutidos, devem ser analisadas a partir de suas distinções. Essa abordagem é fundamental para compreender os valores que os unem e, a partir disso, realizar a disputa política e a construção de uma educação que vá além do interesse da reprodução do capital.

Ao nos depararmos com o governo de Jair Bolsonaro, percebemos que ele se articula para dar sentido a uma educação construída a partir das contradições do período anterior. Essa articulação se baseia na suposta construção meritocrática da sociedade e na defesa de valores judaico-cristãos, conceito que não encontra respaldo em uma racionalidade científica ou religiosa, mas que se fortalece dentro de um discurso político conservador. Esse discurso busca funcionar como um freio de emergência em uma sociedade que se encontra diante da possibilidade de repensar e construir novas alternativas.

A construção educacional proposta durante o período denominado como bolsonarista é disputada dentro dos próprios setores neoconservadores. O canal denominado Movimento Política, por exemplo, não reconhece o governo como conservador ou liberal, mas o caracteriza como autoritário e de esquerda, alegando que buscava instaurar uma ditadura nos moldes venezuelanos. Essa argumentação, discutida ao longo do texto, não apresenta evidências concretas na realidade, mas se configura como um recurso político e educacional para validar posições antagônicas à gestão.

O Movimento Política busca promover uma educação alinhada à perspectiva neoliberal de desregulamentação econômica, na qual o Estado não participa diretamente desses ambientes. No entanto, o Estado se faz presente em outros espaços do cotidiano, atuando na reprodução e circulação de mercadorias e do capital, por meio da utilização de estruturas repressivas voltadas à contenção de grupos opositores à sua lógica. Essa perspectiva, defendida pelo grupo, encontra ressonância em uma sociedade que reforça seus laços por meio do consumo, estimulado pelas políticas da gestão de centro-esquerda do período anterior.

O canal denominado Religioso válida a gestão bolsonarista com base em pretensos valores de cunho moral e religioso, segundo os quais o suposto avanço da esquerda estaria destruindo valores considerados imutáveis da sociedade, sustentados no falso conceito já apresentado de tradição judaico-cristã. Nessa perspectiva, a educação proposta pelo Religioso representa a consolidação de valores excludentes e de imobilismo social. Não se trata de uma defesa de valores econômicos, mas sim de uma negação da construção de uma sociedade plural. Sua preocupação central é garantir que as necessidades dos sujeitos excluídos da disputa política permaneçam sem espaço.

O que une esses dois grupos é a ausência de uma compreensão histórica e do papel do humano, que consiste na construção de uma sociabilidade. Não vivemos um processo evolutivo linear, tampouco existe um único modo de vida legítimo, mas sim a necessidade de convivência em sociedade e de troca com o outro. O que ambos não percebem em sua crítica ao que chamam de problemas da esquerda é, na verdade, a expressão de uma sociedade baseada na lógica de um determinismo tecnológico e econômico, que reduz a construção da experiência humana a fatores de reprodução do capital. Em síntese, a educação defendida por esses grupos parte da perspectiva de uma educação bancária, que não permite a vivência da experiência.

Isso nos leva à segunda pergunta posterior à construção que apresentamos: o algoritmo é determinista e não temos nada a realizar? Em nossa posição, a resposta é não.

O algoritmo representa um período histórico e educacional em que nos encontramos em constante disputa. Não podemos negar sua existência nem as tecnologias que o sustentam, mas devemos buscar utilizá-las na construção de novas formas de sociabilidade.

Dessa forma, não atribuímos os rumos sociais exclusivamente à sua utilização. Compreendemos o algoritmo como um instrumento criado por seres humanos, que pode ser utilizado tanto para a libertação quanto para a alienação, dependendo da forma social e da construção coletiva que o emprega.

Neste processo a construção de uma nova sociabilidade e a disputa por esse espaço passam pela compreensão de que ele não é gerado pela tecnologia em si, mas pela sociabilidade humana que a constitui. A tecnologia, nesse sentido, é uma construção social, e sua desarticulação deve reconduzir a relação com o humano não apenas pelo viés técnico, mas por todas as esferas que envolvem o sujeito. Enfrentar e desarticular a pedagogia da opressão, portanto, não é apenas um desafio tecnológico, mas um desafio profundamente humano, político e social.

Estes quatro elementos, em síntese, buscam justificar a proposta deste trabalho no campo da educação, que procuramos abordar de forma ampliada, recuperando a dimensão política presente nas obras de Antonio Gramsci e Paulo Freire. O debate que ambos propõem ultrapassa os limites do ambiente escolar, direcionando-se à construção de uma sociedade para além dos valores do capital. Para que essa nova sociabilidade se concretize, é necessário que esteja pautada em novos elementos educacionais, os quais devem ser construídos a partir da prática histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e Liberalismo. In: GALLEGOS, Esther Solano (org) **O ódio como Política: A reinvenção das diretas no Brasil**. -1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2018. p. 27- 32

ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo. E outros estudos sobre a era da emergência**. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

AZEVEDO, Cecília Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o imaginário das elites – século XIX; prefácio de Peter Eisenberg**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Reinaldo. **O País dos Petralhas**. – Rio de Janeiro: Record, 2008

_____. **O País dos Petralhas II: O Inimigo Agora é o Mesmo**. – 1ªed. – Rio de Janeiro: Record, 2012.

BARBOSA, Nelson. Dez anos de política econômica. In: Emir Sader (org). **10 anos de governos pós neoliberais no Brasil: Lula e Dilma** – São Paulo, SP: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil 2013. p.69-102

BIANCHI, Álvaro. A guerra que estamos perdendo, In DEMIER Felipe, HOEVELER, Rejane. **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

BIROLI, Flávia, MACHADO, Maria das Dores Campos. VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia**. -1.ed- São Paulo: Boitempo, 2020

BOUFLEUER, José Pedro. Cognoscente (ato). In: Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 82-4.

BOULOS, Guilherme, SIMÕES, Guilherme. Outra governabilidade era possível – A relação contraditória com o movimento social. In: MARINGONI, Gilberto, MEDEIROS, Juliano (orgs.) **Cinco mil dias: o Brasil na era do Lulismo** -1.ed. – São Paulo: Boitempo/Fundação Lauro Campos, 2017. p. 71-6

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. - 1. ed - Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAMERON, Andy. BARBROOK, Richard. **A ideologia californiana: Uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício**. Traduzido: Marcelo Träse, União da Vitória: Monstro dos Mares, 2018

CHAUI, Marilena. Uma nova classe trabalhadora. In: Emir Sader (org). **10 anos de governos pós neoliberais no Brasil: Lula e Dilma** – São Paulo, SP: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil 2013. p.123- 134

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano 1. Artes do fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. O debate sobre a ciência e tecnologia na superação do modo de produção capitalista: Lições do processo russo e questões da atualidade. In: CALDART, Roseli Salete, BÔAS, Rafael Litvin Villas (orgs) **Pedagogia socialista Legado da revolução de 1917 e desafios atuais** 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 127-48

COELHO, Allan da Silva. **Capitalismo como Religião: Walter Benjamin e os Teólogos da Libertação**. São Paulo: Recriar, 2021.

CAMPIONE, Daniel. Hegemonia e contra-hegemonia na América Latina. In: COUTINHO, Carlos Nelson, TEIXEIRA, Andréa de Paula. (orgs) **Ler Gramsci, entender a realidade** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.51-66

COUTINHO, Carlos Nelson. **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916- 1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do Marxismo Cultural**. – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2020

COSTIPO, Giuseppe. In Guido Liguori e Pasquale Voza (Orgs.) **Dicionário Gramsciano 1926-1937**. Tradução Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastri e Silvia de Bernardinis; Revisão técnica Marco Aurélio Nogueira. 1-ed. –São Paulo, Boitempo, 2017.p. 365- 8

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de FAKE NEWS**. – 1. ed- Tradução: Carlos Szak Barueri: Faro Editorial, 2018.

DEL ROIO, Marcos. **Os prismas de Gramsci: A fórmula política da frente única (1919- 1926)** – [2. ed.]. – São Paulo: Boitempo, 2019

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza – São Paulo: Perspectiva, 2008. 21. ed – (Estudos; 85)

FISHER, Mark. **Realismo capitalista. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Tradução Rodrigo Gonsalvez, Jorge Adeodato, Mikael da Silveira [Coordenação Manuela Beloni, Cauê Ameni]. -1. Ed. – São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. -2. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. (org. Ana Maria Araújo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____, BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 4º ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: Novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação e mudança**. -18.ed – Tradução Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 Coleção Educação e Comunicação vol.1

_____. **Educação como prática da liberdade**. – 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. **Extensão ou comunicação?** – 25º ed- Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022

_____. **Política e Educação**. – 12º ed. [organização Ana Maria de Araújo Freire]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido** - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

_____. **Pedagogia do oprimido**. -71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019

FONTONA, Benedetto. Hegemonia e nova ordem mundial. In: COUTINHO, Carlos Nelson, TEIXEIRA, Andréa de Paula. (orgs) **Ler Gramsci, entender a realidade** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-formal e cultura política: Impactos sobre o associativo do terceiro setor**. – 2 ed- São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da nossa Época; v.71).

_____. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Americanismo e fordismo**. 2 Quaderni del carcere. 3. Tradução Gabriel Bogossian. 4 Notas Alvaro Bianchi. –São Paulo: Hedra, 2008.

_____. **Cadernos do cárcere. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Organização: Carlos Nelson Coutinho. Tradução: Luiz Sérgio Henriques; Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do Cárcere Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HAMMERSLEY, Martyn, ATKINSON Paul. **Etnografia: Princípios em prática**. Tradução: Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HOBBSBAWM, Eric J. A era das Revoluções 1789 – 1848. – 43.ed- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

JORGE, J. Simões. **Sem ódio nem violência: a perspectiva da Libertação Segundo Paulo Freire.** – 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

KATAGUIRI, Kim. SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente MBL: A Origem.** -1. ed-. Rio de Janeiro: Record, 2019.

_____. **Manual de debate político: como vencer discussões políticas na mesa do bar.** -1. ed-. São Paulo: Edições 70, 2021

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online.** Tradução: Daniel Bueno; Revisão Técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. – Porto Alegre: Penso, 2014.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro.** -1. ed-. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LYNCH, Christian. CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo.** - São Paulo, SP: Contracorrente, 2022.

KOLLONTAI, Alexandra. **Revolução socialista e as mulheres: obras escolhidas de Alexandra Kollontai: volume 1.** Tradução Maitê Peixoto. – São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

LÖWY, Michael. **Método dialético e teoria política.** Tradução: Reginaldo Di Piero. - 2.ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **A evolução política de Lukács: 1909-1929.** Tradução: Heloísa Helena A. Mello, Agostinho Ferreira Martins, Gildo Marçal Bradão. -1.ed. rev.- São Paulo: Cortez, 1998.

LOPEZ, Daniel. **Manual de sobrevivência do conservador no séc. XXI.** – Campinas, SP: Vide Editorial, 2020.

_____. MELLO, Julius. **Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI.** Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

_____. **Davi: O homem projetado por Deus.** -1ed-. Rio de Janeiro: Desvendado o original, 2014.

_____. **O mínimo sobre o Manifesto Comunista** – Campinas, SP: CEDE – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico, 2023.

MARI, Cezar Luiz De. **10 lições sobre Gramsci.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. (Coleção 10 Lições)

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha.** Seleção, tradução e notas de Rubens Enderle; prefácio à edição brasileira de Michael Löwy. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels).

_____. ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Organização e introdução Osvaldo Coggiola: [tradução do Manifesto Álvaro Pina e Ivana Jinkings]. – 1. ed. revista – São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do Capital**. Tradução: Isa Tavares. -2. ed. – São Paulo: Boitempo, 2008. – (Mundo do trabalho)

MEIRELLES, Renato, ATHAYDE, Celso. **Um País chamado FAVELA: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. -São Paulo: Editora Gente, 2014.

NEIL, Cathy O'. **Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia**. Tradução: Rafael Abraham. -1.ed- Santo André, SP. Editora: Rua do Sabão, 2020.

NEMER, David. **Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Vitória: Milfontes, 2021

NOBRE, Marcos. **Limites da Democracia: De junho de 2013 ao governo Bolsonaro**. 1-ed. – São Paulo: Todavia, 2022

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Lembrança do Presente: Ensaio sobre a condição histórica na era da internet**. 1.ed.-Belo Horizonte: Autêntica, 2022. – (História & Historiografia)

PORTA, La Lelio. Crise orgânica. In Guido Liguori e Pasquale Voza (Orgs.) **Dicionário Gramsciano 1926-1937**. Tradução Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastri e Silvia de Bernardinis; Revisão técnica Marco Aurélio Nogueira. 1-ed. –São Paulo, Boitempo, 2017.p. 162-4.

REGO, Walquiria Leão, PINZANI, Alessandro. **Vozes do Bolsa Família: Autonomia, dinheiro e cidadania**. – 2.ed. – São Paulo: Unesp, 2014.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil**. – 1.ed.- São Paulo: Todavia, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **BOLSONARISMO Da Guerra Cultural ao Terrorismo Doméstico: Retórica do Ódio e dissonância cognitiva coletiva**. -1. Ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2023. – (v.1.)

ROMÃO, Eustáquio. Educação. In: Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.150-2

ROSA, Hartmut. **Alienação e Aceleração: Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna**. Tradução: Fábio Roberto Lucas. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

ROSA, Pablo Ornelas; ANGELO, Victor Amorim de; ALMEIDA, Victor Aguiar; VIEIRA, Breno Buxton. **Tecnoconservadorismo e o Brasil Paralelo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

SADER, Emir. **A nova toupeira: os caminhos da esquerda latina-americana** – São Paulo: Boitempo, 2009.

SOUSA, Joeline Rodrigues de. **Gramsci: Educação, Escola e Formação: Caminhos para a Emancipação Humana**. Curitiba: Appris, 2014.

SUNG, Jung Mo. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos: Uma crítica teológica do novo mito capitalista**. São Paulo: Paulus, 2018. – Coleção Novos caminhos da teologia.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Tradução: Cynthia Costa. – Campinas, SP: Unicamp, 2020.

VALENTE, Ivan. O colapso da conciliação de classes. In: MARINGONI, Gilberto, MEDEIROS, Juliano (orgs.) **Cinco mil dias: o Brasil na era do Lulismo** -1.ed. – São Paulo: Boitempo/Fundação Lauro Campos, 2017. p. 59-64

Venício A. de Lima. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. – 2 .ed. rev. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 1º reimpressão, 2º edição revisada, 2015

WEFFORT, Francisco C. Educação e Política: Reflexões sociológicas sobre uma Pedagogia da Liberdade. In. FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. 50º ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2021.

WILLIAMS, Raymond. **POLÍTICA DO MODERNISMO: Contra os novos conformistas**: Tradução André Glaser. – São Paulo: Unesp, 2011.

Artigos

ALMEIDA, Monica Piccolo. **O Consenso de Washington chega ao Brasil: O neoliberalismo na Propaganda Eleitoral de Fernando Collor de Mello**. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/240_trabalho.pdf>. Último acesso: 10/04/2025

AVELAR, Lúcia. **As eleições na era da televisão**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/YX34cybzZcY83TCJkHmYQ/?format=pdf&lang=pt>>. Último acesso: 10/04/2025

BIANCHI, Álvaro. **Revolução passiva: o pretérito do futuro**. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19523/14027>>. Último acesso em: 25/08/2025

CARVALHO, Sandro Sacchet de. **Uma visão geral sobre a reforma trabalhista**. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/d4de2726-3686-42d8-a8bf-6ce56a88323c/content>>. Último acesso em: 23/03/2025

CHAGAS, Viktor. **Da memética aos memes da internet**. Disponível em:<<https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/119>>. Último acesso em: 28/08/2025

MENEGASSI, Duda. **Pesquisa mostra relação entre falas de Bolsonaro e o “Dia do Fogo” na Amazônia.** Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 12/04/2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/608375-pesquisa-mostra-relacao-entre-falas-de-bolsonaro-e-o-dia-do-fogo-na-amazonia>. Acesso em: 28/08/2028.

FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. **Repensar a esfera pública política a partir das Câmaras do Eco: conceitos e questões metodológicas.** Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6067>> Último acesso em 13/01/2024.

MARTINS, Marcos Francisco. **Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política.** Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643249>>. Último acesso: 03/10/2024.

_____. **Educação, cidadania, e movimentos sociais regressivos: O MBL em questão.** Disponível em: <<https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/364>> Último acesso em 13/01/2024.

OLIVEIRA, Nicollas Rodrigues de, MEDEIROS, Dianne Scherly Varela de, MATTOS, Diogo Menezes Ferrazani. **Identificação de Câmaras de Eco em redes sociais através de Detecção de comunidade em Redes complexas: Ferramentas, tendências e desafios.** Disponível em: <<https://sol.sbc.org.br/livros/index.php/sbc/catalog/download/106/472/745-1?inline=1>> Último acesso em 13/01/2024.

PEREIRA, Mateus Ribeiro. **A personificação da nova direita brasileira: um olhar sobre os eleitores de Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018.** Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4796>> Último acesso em: 15/06/2025

PELLIZZARI, Bruno Henrique Miniuchi, JUNIOR, Irineu Francisco Barreto. **Bolhas Sociais e seus efeitos na sociedade da informação: Ditadura do algoritmo e entropia na Internet.** Disponível em: <<https://www.indexlaw.org/index.php/revistadgnt/article/view/5856>> Último acesso em 13/01/2024.

RECUERO, Raquel, SORAES, Felipe, ZAGO, Gabriela. **Polarização, Hiperpartidarismo e Câmaras de Eco: Como circula a Desinformação sobre COVID-19 no Twitter** Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45611>> Último acesso em 13/01/2024.

SUNG, Jung Mo. **Liberdade, libertação e o caminho da servidão nos dias de hoje.** Instituto Humanitas Unisinos – IHU, Disponível em: 25/03/2025. <<https://www.ihu.unisinos.br/649898-liberdade-libertacao-e-o-caminho-da-servidao-nos-dias-de-hoje-artigo-de-jung-mo-sung>>. Último acesso em: 20/01/2025

Dissertações e Teses

CORRÊA, Fabiano Simões. **Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da internet**. Dissertação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08102013-162610/publico/Fabiano_Correa_Mestrado.pdf> Último acesso em: 02/02/2025

LOIOLA, Daniel Felipe Emergente. **Recomendado para você: O impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas**. Dissertação em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B6GEZC>>. Último acesso em: 20/10/2023.

LOPEZ, Daniel. **A fé entre o céu e a terra: Um estudo interdiscursivo de dois movimentos do protestantismo brasileiro contemporâneo**. Tese em Letras (linguística). Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/3345>> Último acesso em 24/08/2025

MAIA, Lidia Raquel Herculano. **Conversações políticas no youtube: junho de 2013 e circulação de sentidos nos comentários do vídeo “globo e os protestos”**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/items/82ede074-be16-4ef8-9537-0e924aad0f39>>. Último acesso em: 27/03/2025.

Sites

ALCÂNTARA, Manoela. Há um ano, golpistas tentavam explodir bomba no Aeroporto de Brasília. **Metrópoles**, 24/12/2023. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/ha-um-ano-golpistas-tentavam-explodir-bomba-no-aeroporto-de-brasilia>>. Último acesso: 28/08/2025

BBC NEWS BRASIL. A rotina do acampamento em SP onde bolsonaristas pedem intervenção militar. **BBC NEWS BRASIL**, 26/12/2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64042482>>. Último acesso em: 28/08/2025

_____. Por que o Brasil ainda não julgou os crimes da ditadura militar? YouTube, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MxciQQRUMNk>>. Acesso em: 27/08/2025.

_____. “Não é coincidência”: como ações de Bolsonaro coincidem com avanço da destruição na Amazônia. **BBC News Brasil**, 22/06/2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57934269>>. Acesso em: 27/06/2025

_____. Quem é Sara Winter, a ex-feminista e atual militante radical bolsonarista presa pela PF a mando do STF. **BBC NEWS BRASIL**, 15/06/2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53053329>>. Último acesso em: 26/06/2025

BRASIL. Câmara dos Deputados. Frente quer barrar projeto que permite aborto em caso de microcefalia. Brasília: **Câmara dos Deputados**, 27/03/2019. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/noticias/554373-frente-quer-barrar-projeto-que-permite-aborto-em-caso-de-microcefalia/>>. Acesso em: 28/08/2025.

_____. Deputados insatisfeitos com Feliciano lançam frente de direitos humanos. **CÂMARA DOS DEPUTADOS**, 20/03/2013. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/398702-deputados-insatisfeitos-com-feliciano-lancam-frente-de-direitos-humanos/>>. Último acesso em: 28/10/2023

_____. Ministro Confirma diretriz da política externa contra conceito de gênero e contra aborto, **CÂMARA DOS DEPUTADOS**, 07/08/2019. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/567468-ministro-confirma-diretriz-da-politica-externa-contra-conceito-de-genero-e-contra-aborto/>> Último acesso em: 24/08/2025

_____. Projeto acaba com cotas baseadas em cor ou raça nas universidades. **Câmara de Notícias**, 17 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/850137-PROJETO-ACABA-COM-COTAS-BASEADAS-EM-COR-OU-RACA-NAS-UNIVERSIDADES>>. Último acesso em: 17/06/2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19. **MINISTÉRIO DA SAÚDE**, 28/03/2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>>. Último acesso em: 02/01/2025

BRASIL. Senado Federal. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. *Relatório final da CPI da Covid*. Brasília: **Senado Federal**, 2021. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2021/10/relatorio-final-renan-calheiros-cpi.pdf>>. Acesso em: 25/06/2025.

BRASIL. SENADO, Notícias. PP, PTB e PL são os partidos com maior número de parlamentares sob investigação. **Senado Notícias** 17/07/2006. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/07/18/pp-ptb-e-pl-sao-os-partidos-com-maior-numero-de-parlamentares-sob-investigacao>>. Último acesso em 11/01/2025

_____. Dilma é reeleita presidente do Brasil, **Senado Notícias** 26/10/2014. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/10/26/dilma-e-reeleita-presidente-do-brasil>>. Último acesso em: 24/08/2025.

BIOGRAFIA, Ivan Valente Alesp. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300183>>. Último acesso em 09/06/2025.

_____. Ivan Valente Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/73531/biografia>> Último acesso em 09/06/2025.
BALZA, Guilherme. Deputado defende que beneficiário do Bolsa Família seja proibido de votar. **UOL**, 29/10/2014. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/2014/10/29/deputado-defende-que-beneficiario-do-bolsa-familia-seja-proibido-de-votar.htm>>. Último acesso em: 04/02/2024

BRASIL DE FATO. Sabesp é privatizada como perda de pelo menos R\$ 4,5 bilhões para os cofres de SP, 22/07/2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/07/22/sabesp-e-privatizada-com-perda-de-pelo-menos-r-4-5-bilhoes-para-os-cofres-de-sp/>>. Último acesso em: 26/10/2024.

_____. Sergio Moro pede demissão do governo Bolsonaro por “interferência política” na PF. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/24/sergio-moro-pede-demissao-do-governo-bolsonaro-por-interferencia-politica-na-pf/>>. Último acesso em: 05/01/2025

BRASIL PARALELO. Brasil Paralelo – Canal oficial. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@brasilparalelo>>. Acesso em: Último acesso em: 28/08/2025

BETIM, Felipe. Flávio Bolsonaro é denunciado por lavagem de dinheiro e organização criminosa no caso da ‘rachadinha’. **EL PAÍS**. 04/11/2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-04/flavio-bolsonaro-e-denunciado-por-lavagem-dinheiro-e-organizacao-criminosa-no-caso-da-rachadinha.html>>. Último acesso: 21/08/2025

BOL. Homem ironizado por usar bermuda em aeroporto é advogado e voltava de cruzeiro internacional. **BOL**, 10/02/2014. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2014/02/10/homem-que-foi-ironizado-por-professores-universitarios-e-identificado.htm>>. Último acesso em: 10/01/2025.

BULLA, Beatriz. Bolsonaro bate continência à bandeira dos EUA e muda bordão. **Terra**, 16/05/2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/bolsonaro-recebe-premio-bate-continencia-a-bandeira-dos-eua-e-erra-o-proprio-bordao,3e51701c017f264ac65c2f3bcce8d1c0oldta994.html>>. Último acesso em 24/08/2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Condenação de Lula pelo juiz Sérgio Moro repercute no Plenário da Câmara. **Portal da Câmara dos Deputados**, Brasília, 12/06/2017. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/518713-condenacao-de-lula-pelo-juiz-sergio-moro-repercute-no-plenario-da-camara/>>. Último acesso em: 03/07/2025

CARTA CAPITAL. Você sabe o que é o bolivarianismo?. **CARTA CAPITAL**, 07/11/2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bolivarianismo-2305/>>. Último acesso em: 03/01/2025

CHAGAS, Viktor. Quando a política se torna brincadeira: uma leitura crítica. In: OLIVEIRA, K. E.; PORTO, C.; SANTOS, E. (org.). **Memes e educação na cibercultura** [livro eletrônico]. Ilhéus: Editus, 2022. p. 45–57. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/8xmfk/pdf/oliveira-9786586213911-04.pdf>>. Último acesso em 25/06/2025

COLETTA, Ricardo Della. Se atuação do Brasil nos faz um paria internacional que sejamos esse paria diz chancelar. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/se-atuacao-do-brasil-nos-faz-um->

paria-internacional-que-sejamos-esse-paria-diz-chanceler.shtml> Último acesso em 20/01/2025

CNN BRASIL. Sergio Moro pede demissão e acusa Bolsonaro de interferência na PF. **CNN Brasil**, São Paulo, 24/04/ 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sergio-moro-pede-demissao-do-governo-bolsonaro>>. Último acesso em: 03/07/2025

CONSTANTINO, Rodrigo. Em defesa dos valores judaico cristão. **Gazeta do povo**, 08/05/2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/em-defesa-dos-valores-judaico-cristaos/>>. Último acesso em 15/10/2024

COUTO, Marlen. Canais bolsonaristas deletam mais de 1,5 mil vídeos após operação da PF contra o ex-presidente. **O GLOBO**, 14/02/2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2024/02/14/canais-bolsonaristas-deletam-mais-de-15-mil-videos-apos-operacao-da-pf-contr-o-ex-presidente.ghml>>. Último acesso em 13/01/2025

COSTA, Gilberto. Relembre o passo a passo da tentativa de golpe no 8/1. **Agência Brasil**, 08/01/2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-01/relembre-o-passo-passo-da-tentativa-de-golpe-no-81>>. Último acesso em: Último acesso: 27/08/2025.

DATAFOLHA, Instituto de Pesquisa. 43 milhões de brasileiros acessam internet por dispositivos móveis. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/mercado/2014/01/1400618-43-milhoes-de-brasileiros-acessam-internet-por-dispositivos-moveis.shtml>> Último acesso em: 02/01/2025

DETONI, Piero. A manipulação “nas entrelinhas” do Brasil Paralelo. **Outras Palavras**, 27 fev. 2024. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/crise-brasileira/brasil-paralelo-modos-manipulacao-verdade>>. Acesso em: 28/08/2025

DIEGUEZ, Consuelo. O CHANCELER DO REGRESSO: Os planos de Ernesto Araújo para salvar o Brasil e o Ocidente. **Piauí**, 04/2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-chanceler-do-regresso/>> Último acesso em: 24/08/2025.

ESTADÃO. Demora para comprar vacina e obstáculos de Bolsonaro dificultam chegada de imunizante da Pfizer. **O Estado de S. Paulo**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/saude/demora-para-comprar-vacina-e-obstaculos-de-bolsonaro-dificultam-chegada-de-imunizante-da-pfize>>. Acesso em: 25/06/2025

FERRO, Mauricio. Os “300 do Brasil” – que não chegam a 30 – acampavam há mais de 1 mês, **PODER 360** 13/06/2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/os-300-do-brasil-que-nao-chegam-a-50-acampavam-ha-mais-de-1-mes/>>. Último acesso em:05/01/2025

Folha de S. Paulo. Bolsonaro tenta controlar investigações e blindar família dizem integrantes da justiça e da PF, **Folha de S. Paulo** 24/04/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/bolsonaro-tenta-controlar->

investigacoes-e-blindar-familia-dizem-integrantes-da-justica-e-da-pf.shtml>. Último acesso em 21/08/2025.

GHEDIN, Rodrigo. Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do YouTube durante as eleições são de extrema direita. **Intercept Brasil**, 28/08/2019. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>>. Último acesso em: 26/11/2024.

GOMES, Pedro Henrique. “Não sou coveiro, tá?”, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. **G1**, 20/04/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 25/06/2025

G1. Aliado de Eduardo Bolsonaro e comentarista político; quem é Paulo Figueiredo, citado pelos EUA na sanção a Moraes. **G1**, 30/07/2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/07/30/aliado-de-eduardo-bolsonaro-e-jornalista-quem-e-paulo-figueiredo-citado-pelos-eua-na-sancao-a-moraes.ghtml>>. Último acesso: 28/08/2025

_____. Após resultado de eleição, manifestantes realizam protestos em rodovias do RS, diz polícia. **G1**, 30/10/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/eleicoes-manifestacoes-rodovias-rs.ghtml>>. Último acesso: 28/08/2025

_____. Influenciadores, pastor e cantora: quem são os novos alvos da Lesa Pátria suspeitos de terem fomentado a “Festa da Selma”, **G1**, 17/08/2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/17/novos-alvos-operacao-lesa-patria.ghtml>>. Último acesso em: 27/08/2025

_____. Juiz da Lava Jato, Moro deixou a magistratura para assumir Ministério da Justiça no governo Bolsonaro; veja perfil. **G1**, 24/04/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/juiz-da-lava-jato-moro-deixou-a-magistratura-para-assumir-ministerio-da-justica-no-governo-bolsonaro-veja-perfil.ghtml>>. Último acesso em: 03/07/2025.

_____. Lula deixa a prisão em Curitiba após decisão do STF. **G1**, Curitiba, 8/11/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/11/08/lula-deixa-a-prisao-em-curitiba-apos-decisao-do-stf.ghtml>>. Último acesso em: 03/07/2025

_____. MBL começa caminhada de protesto com objetivo de chegar até Brasília. **G1**, 24/04/2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/mb-comeca-caminhada-de-protesto-com-objetivo-de-chegar-ate-brasil.html>>. Último acesso em: 24/08/2025.

_____. Sergio Moro (União Brasil) é eleito senador pelo Paraná. **G1**, Curitiba, 2/10/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2022/noticia/2022/10/02/sergio-moro-uniao-brasil-e-eleito-senador-pelo-parana.ghtml>>. Último acesso em: 03/07/2025

_____. STF marca julgamento de Bolsonaro e mais sete aliados na ação de tentativa de golpe, **G1**, 15/08/2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/08/15/stf-marca-julgamento-de-bolsonaro-e-mais-sete-aliados-na-acao-de-tentativa-de-golpe.ghtml>> Último acesso em: 28/08/2025.

_____. Quem são os empresários que defenderam golpe de Estado em mensagens de WhatsApp e viraram alvos de mandatos do STF. **G1**, 23/08/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/08/23/quem-sao-os-empresarios-alvos-mandados-de-prisao-devido-a-mensagens-no-whatsapp.ghtml>>. Último acesso: 28/08/2025

HELDER, Darlan. Acesso à internet em residências brasileiras salta de 13% para 85% em 20 anos, aponta pesquisa TIC Domicílios 2024. **G1 TECNOLOGIA**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/31/acesso-a-internet-em-20-anos-pesquisa-tic-domicilios-2024.ghtml>> Último acesso em: 19/08/2025

HELENE, Otaviano. Sobre escolas cívico-militares, mais um problema para atrapalhar a educação pública. **Jornal da USP**, São Paulo, 17/06/2024. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/articulistas/otaviano-helene/sobre-escolas-civico-militares-mais-um-problema-para-atrapalhar-a-educacao-publica/>>. Último acesso em 01/07/2025.

INTERCEPT_Brasil. Especial AS MENSAGENS SECRETAS DA LAVA JATO. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/especiais/mensagens-lava-jato/>>. Último acesso em 05/01/2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece. **Agência de Notícias IBGE**, 13 nov. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>. Acesso em: 27/06/2025

JARDINS DE SOFIA – filmes e livros. *Filhos da esperança (Children of Men) – trailer legendado pt-br*. YouTube, 13 anos atrás. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9jisy5XHAC0>>. Acesso em: Último acesso: 03/01/2025

JUCÁ, Beatriz. Chip na vacina, “virar jacaré” e outros mitos criam pandemia de desinformação na luta contra a covid-19. **El País Brasil**, 20/12/2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-20/chip-na-vacina-virar-jacare-e-outros-mitos-criam-pandemia-de-desinformacao-na-luta-contr-a-covid-19.html>>. Acesso em: 25/06/2025

KOZINETS, V. Robert. School for Communication and Journalism. **USC Annenberg**. Disponível em: <<https://annenberg.usc.edu/faculty/robert-kozinets>> Último acesso em: 12/12/2024

LATTES. Daniel Lopez. <<http://lattes.cnpq.br/0322236325233987>>. Último acesso em: 24/08/2025

LEMOS, Iara. Deputado vê ‘prodridão’ em gays e diz que há ‘maldição’ sobre africanos. **G1 Política**, 31/03/2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/deputado-ve-podridao-em-gays-e-diz-que-africanos-sao-amaldicoados.html>> Último acesso em 28/10/2023

LEMOS, Karen. Disputa por ‘herança’ de Bolsonaro aproxima governadores de direita em eventos pelo país. **CBN Política**, 25/08/2025. Disponível em: <<https://cbn.globo.com/politica/noticia/2025/08/25/disputa-por-heranca-de-bolsonaro-aproxima-governadores-de-direita-em-eventos-pelo-pais.ghml>>. Último acesso em: 28/08/2025.

LISTA de partidos dos Candidatos do Movimento Político. Disponível em: <<https://candidatosmbl.com>>. Último acesso em: 15/03/2025.

MACHADO, Leandro. Por que 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens?. **BBC NEWS BRASIL**, 16/11/2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41936761>>. Último acesso: 15/06/2025

MAZIEIRO, Guilherme. Bolsonaro aumenta valor após fala de Maia e propõe R\$ 600 a trabalhadores. **UOL**, 26/03/2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/26/bolsonaro-aumenta-valor-apos-fala-de-maia-e-propoe-r-600-a-trabalhadores.htm>>. Último acesso em: 05/01/2025.

_____. BRANT, Danielle. Kim nega traição do MBL e diz que Bolsonaro usa Estado para proteger filho. **UOL**, 07/01/2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/videos/2020/01/05/kim-nega-traicao-do-mbl-e-diz-que-bolsonaro-usa-estado-para-proteger-filho-04024C1C3170CCB96326.htm>>. Último acesso em: 05/01/2023

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro diz que auxílio emergencial será de R\$300 por mais 4 meses. **G1**, 01/09/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/01/bolsonaro-diz-que-auxilio-emergencial-sera-r-300.ghml>>. Último acesso em: 05/01/2025

MEMÓRIA GLOBO. Mensalão: cronograma do caso. **GLOBO**, 30/11/2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/mensalao/noticia/mensalao-cronologia-do-caso.ghml>>. Último acesso em: 11/01/2025

MORAES, Alexandre Rocha Almeida de. Direito penal do inimigo. **Enciclopédia Jurídica da PUCSP**, 01/08 /2020. Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/419/edicao-1/direito-penal-do-inimigo>>. Último acesso em 01/07/2025

MORI, Leticia. Por que a Ucrânia, onde Sara Winter diz ter sido treinada, fascina bolsonarista? **BBC NEWS BRASIL**, 15/06/2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52900757>>. Último acesso em: 05/01/2025.

MOTORYN, Paulo. 700 mil mortos, nenhum condenado: Brasil completa 3 anos do primeiro caso de covid sem punições. **Brasil de Fato**, 26/02/2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/02/26/700-mil-mortos-nenhum-condenado>>

brasil-completa-3-anos-do-primeiro-caso-de-covid-sem-punicoes.> Acesso em: 25/06/2025

MUDA MAIS. **Chico Buarque está com Dilma 13!** YouTube, 25 set. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T5HJjulZa90>>. Acesso em: 20/06/2024

NIKLAS, Jan, CALCAGNO, Victor. Por que deixei de ser olavete: ex- simpatizantes narram rompimento com guru Olavo de Carvalho. **O Globo**, 29/01/2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/por-que-deixei-de-ser-olavete-ex-simpatizantes-narram-rompimento-com-guru-olavo-de-carvalho-23407888>> Último acesso em: 25/08/2025

OLIVEIRA, Germano. Contra Marina, PT, faz operação ‘nem que a vaca tussa’ na defesa diretos trabalhistas. **O Globo**, 26/09/2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/contra-marina-pt-faz-operacao-nem-que-vaca-tussa-na-defesa-direitos-trabalhistas-14049417>>. Último acesso em: 22/03/2025

PACELLI, Márcio. SOLIANI, André, CABRAL, Otávio. Lula faz convite a PMDB para participar do governo. **Folha de S. Paulo**, 24/02/2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2402200311.htm>> Último acesso em: 15/03/2025.

PARIS FILMES. *Marighella Trailer Oficial.* YouTube, 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bo5ohsd4T08>>. Acesso em: Último acesso 02/04/2025

PRATA, Antônio. O aeroporto tá parecendo rodoviária. **Folha de S. Paulo**, 19/01/2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1901201104.htm>>. Último acesso em: 10/01/2025

PARTIDO MISSÃO. Disponível em: <<https://partidomissao.com/>>. Último acesso em: 15/03/2025.

PEREIRA, Felipe, NOGUEIRA Carolina. Centrão escanteia filhos de Bolsonaro e calcula rotas para 2026, **UOL**, 20/08/2025. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/08/20/centrao-escanteia-filhos-de-bolsonaro-e-calcula-rotas-para-2026.htm>>. Último acesso em: 28/08/2025.

PODER 360. Bolsonaro fala em auxílio emergencial de R\$ 150 a “R\$ 300 e poucos”. **PODER 360**, 06/03/2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-fala-em-auxilio-emergencial-de-r-150-a-r-300-e-poucos/>>. Último acesso: 05/01/2025.

_____. Regina Duarte diz “eu tenho medo” a uma possível vitória de Lula – 2002. **YouTube**, 23/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skVHeZ0OPdQ&ab_channel=Poder360>. Último acesso em: 12/01/2025.

PORTO, Douglas. Quaest eleição 2026: Lula tem 32% de intenções de voto; Bolsonaro, 26%. **CNN Brasil**, 17/07/2025. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quaest-eleicoes-2026-lula-tem-32-de-intencoes-de-voto-bolsonaro-26/>>. Último acesso em: 28/08/2025.

SANTOS, João Felipe. Da mamadeira de piroca ao banheiro unissex. **Revista Piauí**, São Paulo, 26/09/2022. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/damamadeira-de-piroca-ao-banheiro-unissex/>>. Último acesso em: 28/08/2025

SILVA, Luiz Inácio Lula da. **Carta ao Povo Brasileiro**. In: Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 06/2002. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2010/02/cartaaopovobrasileiro.pdf>>. Último acesso em: 12/01/2025

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF). STF confirma anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato. **Portal STF**, Brasília, 15/04/2021. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1>>. Último acesso em: 03/07/2025

TRISOTTO, Fernanda. Ao contrário do que disse Bolsonaro no JN, esquerda propôs Auxílio Brasil de 600 permanente, mas governo votou contra. **O Globo**, 23/08/2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/esquerda-propos-auxilio-brasil-de-r-600-permanente-mas-governo-orientou-base-a-votar-contrano-congresso.ghml>>. Último acesso em: 05/01/2025.

UNESCO, Cetic.br. **TIC Domicílio 2024 Lançamento dos dados Semana de inovação 2024**. Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2024_principais_resultados.pdf>. Último acesso em: 19/08/2025.

ANEXO 1 – LISTA DE VÍDEOS UTILIZADO

Tabela 1- com o vídeo do Movimento político

Título do Vídeo	Link
Chico Buarque Apoia Dilma 45	https://encr.pw/Mrqgm
BRASIL VIROU VENEZUELA	https://sl1nk.com/IEajT
Respondi Flávio Bolsonaro...	https://l1nq.com/NTy8w
O QUE EU PENSO SOBRE OLAVO DE CARVALHO	https://sl1nk.com/KiDfn

Tabela 2- com o vídeo do canal do Religioso

Título do Vídeo	Link
RESUMO PRIMEIRA SEMANA DO GOVERNO BOLSONARO	https://encr.pw/abY9Q
A disputa pelas mentes e coração	https://l1nq.com/2Tq8T
Curso Online "Donald Trump: Cristão ou Anticristo" Trailer	https://sl1nk.com/74j5o
Desvendando o livro de Juízes: Aula 04	https://sl1nk.com/yQq4W
O QUE AS FEMINISTAS ACHARAM DO PROTAGONISMO DE MICHELLE BOLSONARO NA POSSE?	https://sl1nk.com/WDp9S

ANEXO 2 – LISTA DE IMAGENS UTILIZADAS NA TESE

Imagem 1- Print do vídeo original de apoio de Chico Buarque à candidatura de Dilma Rousseff



Imagem 2 -Print dos comentários do vídeo original em que Chico Buarque declara apoio à candidatura de Dilma Rousseff.

15 comentários  Ordenar por



Adicione um comentário...



@sandrades há 10 anos

Admiro demais esse cidadão, sua composições e sua postura. Sou fã de Chico Buarque, que encanta as mulheres

 2  Responder



@guedeswyd há 10 anos

confia tanto que mora em Paris

 7  Responder

 1 resposta



@gilmpj há 10 anos

Perfeito, meu caro amigo!

Como sempre mantém a sensatez e a lucidez histórica que nem todos conseguem enxergar.

A história do Brasil está numa trajetória ascendente, e só vamos mudar qnd aparecer alguém que incline mais essa curva para cima!

 1  Responder



@leandrocadozo1500 há 4 anos

Chico gênio

 2  Responder



@laisp.7634 há 10 anos

LINDO!

 2  Responder



@LilianVaz1 há 10 anos

Estou com o Chico e com Dilma!!!

 2  Responder

 1 resposta



@ledearaujo1 há 10 anos

Depois desse vídeo, 99,999% das mulheres do Brasil irão votar na Dilma. hehehehhe :)

 1  Responder



@baraojoao.vitoretii6996 há 8 anos

tochau querida

 2  Responder

 3 respostas



@anintricateuniverse há 8 anos

ISSO AI

  Responder



@iurepraxedes3050 há 1 ano

Lula 2026

 2  Responder



@iurepraxedes3050 há 1 ano

Dilma 2030

 2  Responder

Imagem 3- Print do vídeo do Movimento Político de apoio de Chico Buarque à candidatura de Dilma Rousseff





Imagem 4 -Print dos comentários do vídeo do Movimento Político



Pesquisa

73 comentários  Ordenar por

 Adicione um comentário...

 **@rafaelsantana8093** há 5 anos
Primeiro vídeo do MBL! Vendo em 2019
 39  Responder
[^ 3 respostas](#)
 **@cezarbarros9624** há 4 anos
Eu tbm kakaakkaka vendo em 2021 kakashak
 6  Responder
 **@fabioh.m.3770** há 1 ano
Eu em 2023
  Responder
 **@LSG1705** há 1 ano
2024 🤔
 2  Responder

 **@phideas8925** há 5 anos
00:00 Nasce o MBL
 29  Responder
[^ 1 resposta](#)
 **@joaovitor-dh1lj** há 4 anos
O começo de uma era
 5  Responder



@marcellocastro9237 há 9 anos
pensei q ia escutar o áudio real...

👍 10 💬 Responder



@Andr1749 há 4 anos
Primeiro vídeo do mbl q legal eu tô em 2021

👍 5 💬 Responder



@eufrazio9 há 9 meses
Vendo em 2024 kk

👍 5 💬 Responder



@wyllamrenato há 3 anos
Vendo em 2022

👍 4 💬 Responder



@doprimeiroaoutimo3428 há 6 anos
ALGUÉM AINDA VÊ ESSE VÍDEO?

👍 15 💬 Responder

^ 2 respostas



@paulodomingos10 há 1 ano
Tamo junto , procurei o vídeo mais antigo do MBL , e caiu nesse kkkk.

👍 💬 Responder



@eufrazio9 há 9 meses
Sim eu vejo esse vídeo é muito bom

👍 💬 Responder



@salomao473 há 3 anos
Quem diria que o primeiro vídeo que temos aqui é do Chiquinho da massa?!

^



@player1oneofc há 1 ano

E foi aqui onde tudo começou...   



3



Responder



@leohernandez6578 há 10 anos

"MÃE, AFASTA DE MIM ESSA MADRASTA

MÃE, AFASTA DE MIM ESSA MADRASTA

MÃE, AFASTA DE MIM A MADRASTA

A DILMA E SUA GANGUE.."

Mostrar menos



26



Responder



@Andr1749 há 4 anos

00:00 nasce o mbl



3



Responder



@JORGE_BRASILEIRO há 4 anos

RAIO PROCESSADOR

ZUMMMMMMMMMM

RUBINHO NUNES APARECEU

Mostrar menos



2



Responder



@cauealfieri5393 há 10 anos

manos, essa voz parece a do Gustavo, Black Alien... o_O



2



Responder

@simoneazevedo8732 há 5 anos
2019 alguém ?

2

Responder

@toby0198 há 5 anos
GRANDE DIA 🍌🍌🍌

3

Responder

@betoarantes1 há 10 anos
CRIME ELEITORAL.

1

Responder

@AlexandrePorto há 10 anos
LOOOOOL

3

Responder

@Ednair37 há 10 anos
Dimitri vc é o cara... mandou bem !!!!!!! kkkkkkkk O seu Leonardo vai dá um "siricutico".Fiquei sua fã Dimitri...

2

Responder

<

6 respostas

@GIMLIMA há 10 anos
Leonardo Nascimento
Não existe argumento que convença os fanáticos, preconceituosos e lunáticos, quem é contra a igualdade vai sempre nadar contra a maré. Não se deve perder tempo com criaturas assim deixemos o tempo matá-los no cansaço. É DILMA É 13

Responder

@carmizethmarinho764 há 10 anos
Leonardo Nascimento quem tem que raciocinar é você ,se até o momento existe empate, como é que você fala que apenas 90% da população usa o raciocínio. Seu revoltado! como que um partido entra no poder para roubar? raciocina, usa os 5% você ainda tem. Não dar para perceber que, a Dilma é melhor para dar continuidade?

Responder

@leronas há 10 anos
Você não quer perder a sua bolsa família ou cotas?

2

Responder

@carmizethmarinho764 há 10 anos
Leonardo Nascimento você fala isso porque nunca precisou, mas pode ter certeza que matou a fome de muitas pessoas, muitas crianças. Se você também não precisa de cotas, é porque é rico! É o que o PT pode fazer, continuar com o programa do Fernando Henrique, lembra? não, claro que não. Ai veio, quem Collor? acertei? quem elegeram o Lula? lembra? meu irmão, estamos no Brasil, país que sempre teve nas mãos de estrangeiros, que até hoje não se sabe direito a história, depois ditadura, você sabe o que é isso? e regime militar, lembra...? pouco antes das diretas já...o povo açoitado nas ruas, ...
Ler mais

Responder

@leronas há 10 anos
carmizeth marinho Não admito ser nivelado por baixo. Mantereí o meu orgulho em dizer: Nunca fui, não sou e nunca serei eleitor do PT. Agora uma coisa não pode deixar de ser dita: Ficou provado que pelo voto, está difícil tirar o PT do poder. O Brasil perdeu a grande chance. Daqui até 2018 haverá mais arrocho, será feita uma ampliação do programa bolsa esmola, preparando o terreno para a volta do sapo barbudo em 2018. Em 2026, todos os brasileiros ganharão um único salário e não haverá divisão de classes, pois todos serão nivelados por baixo. haverá uma única classe social " OS FUDIDOS", ou seja,...
Ler mais

2

Responder

@carmizethmarinho764 há 10 anos
Leonardo Nascimento Coitado! meus pêsames. Fique a vontade, tem o mundo inteiro para se morar.

Responder

@yagothekid há 4 anos
Você rouba e a gente defende kkkk

2

Responder

@luisaugustodemoraes8285 há 8 anos
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK,VOCES FORAM DESMASCARADOS ,SEUS PILANTRAS!!!!

2

Responder



@takezosan há 10 anos

Cara, tenta de novo...



Responder



@summerdaze6121 há 3 anos

up

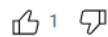


Responder



@angelscreamowna há 10 anos

kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk BEST VIDEO EVER

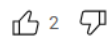


Responder



@migadm3024 há 8 anos

kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk



Responder



@josevinciuscunha3856 há 8 anos

😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂

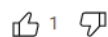


Responder



@natanlopes711 há 4 anos

KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK



Responder



@adriellysaless há 7 anos

Kkkkkkk



Responder



@betoarantes1 há 10 anos

DESPERADOS HEIM!!!... kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk....DESPERADOS E JÁ DEVIDAMENTE DENUNCIADO



Responder

 3 respostas

@snowareski há 10 anos

continua no ar...tenta mais um pouco... shuashuashusa



Responder



@santiagogustavoo há 10 anos

"E já devidamente denunciado" Mas que democracia hein, fera!! Adorei essa liberdade de expressão...



Responder



@franklinmuniz há 10 anos

Denunciado pelo que??? Justifica aew....



Responder



@ed-jt4cz há 3 anos

Que vou comer hoje,ua



Responder

 1 resposta

@warneymartins115 há 3 anos

Só vim ver se tinha comentário recente graças ai áudio do mamae falei.



Responder



@victorvaz3204 há 4 anos

Pqp



Responder

Imagem 5 -Print do vídeo do Religioso



Imagem 6 – Print dos comentários do vídeo do Religioso

667 comentários ≡ Ordenar por



Adicione um comentário...



@danielleamalgamaramalho7924 há 6 anos

Na minha visão Bolsonaro precisa de uma assessoria de imprensa para evitar discursos desalinhados com a esquipe ministerial. Tudo que for falado precisa ser milimetricamente calculado ou é melhor ficar calado. A hora é de evitar polêmicas.

👍 75 🗨 Responder

^ 6 respostas



@valdeciraugustodejesus7535 há 6 anos

Muito bemmmm.....

👍 5 🗨 Responder



@ismeniaazevedo7841 há 6 anos

Concordo, mesmo porque a imprensa mofada deturpa tudo o que ele diz.

👍 4 🗨 Responder



@mariacarvalho2207 há 6 anos

Esther Medeiros dos Santos Ana Amélia seria ideal

👍 4 🗨 Responder



@franmarcos4660 há 6 anos (editado)

Os inimigos do governo Bolsonaro não querem explicação, querem destruição do brasil e seus valores cristão e da familia, na minha opinião não faz a menor diferença ter essa comunicação assessoria de imprensa . Com essa esquerda comunista socialista tem que aprovar leis duras.

👍 🗨 Responder

 @marayaizabel há 6 anos

Verdade.... pois está faltando um porta voz pois ele diz uma coisa e Guedes e Onix diz outra Totalmente diferente....

 1  [Responder](#)

@sokovianaByRapha há 6 anos

Ele precisa de pessoas que molde oque ele pensa na frente das câmeras, para passar uma boa impressão, o contrario do que ele realmente é?

👍 🗨 Responder

 **@macedomandu2373** há 6 anos
Eu glorifico a Deus pela vida do nosso presidente bolsonaro. Dando sabedoria a ele e aos ministros para que possa governar o país corretamente.

 **@jullisato5637** há 6 anos
#DeusNoControle 🙏🙏🙏 BRIL
Vigiemos e oremos pelo nosso governo e pela paz de Israel. Está escrito!!
 94  **Responder**

 **@PAMELA-mr6jm** há 6 anos
Em pouco tempo a coisa já tá andando! Obg Dani vc tem se dedicado muito com bons vídeos

 **@TMurtuoso** há 6 anos

Concordo , os esquerdistas estão loucos falando de base militar de soberania . Está só começando temos que dar um tempo e não confundir hipótese com algo concreto . No momento é a previdência e dar mais trabalho pra gente só isso o resto a gente vai fazendo cobrança mas o que importa é isso cobrar a reforma e mais trabalho.

 7  [Responder](#)

 @andremarcos528 há 6 anos

 @falacommeufalo ESCREVA DIREITO NÃO ENTENDI O QUE VC TENTOU EXPRESSAR. VOLTE PARA A ESCOLA =====ESCOLA SEM PARTIDO=====

 **@robertoalves3939** há 6 anos
O governo BOLSONARO tem que ter governabilidade e está no caminho certo.
O pacote de reformas tem que ser votada e colocada em prática o mais rápido possível.
BOLSONARO NELES.

 **@sokovianaByRapha** há 6 anos
Bom pra quem n é índio, LGBT's e ateu.... num é mesxmu?

 **@92056436** há 6 anos
Graças a Deus estamos no caminho certo!

 **@marcelooliveiradasilva6477** há 6 anos
Pátria amada Brasil....

 **@piquenoxl2271** há 6 anos
Brasil acima de tudo. Deus acima de todos. Equipe Bolsonaro com pé no acelerador.

 **@janiagomes1704** há 6 anos (editado)
Daniel você explica bem d++a gente consegue assimilar muito bem!
Obrigada 🌞🌞🌞
Essa primeira semana está maravilhosa.....Votaria de novo!

 **@carlosrogeriodesouzacarlos7018** há 6 anos
Esquerda nunca mais. Se Deus e o povo quiser... amém 🙏🙏🙏

-  **@patriciaramos6933** há 6 anos
Que Deus continue dando sabedoria ao nosso Presidente e toda sua equipe!
👍 3 🗨️ [Responder](#)
-  **@Luiz81-k8e** há 6 anos
Excelente!!! Sua opinião é oportuna. Vamos continuar pedindo a Deus pelo nosso governo. Desejo tudo de bom pra vc.
👍 4 🗨️ [Responder](#)
-  **@claudiaboccia7252** há 6 anos
100 % de Apoio ao nosso Presidente e sua Equipe.
👍 2 🗨️ [Responder](#)
-  **@emersonluiz7008** há 6 anos
Graças a DEUS. Gloria a DEUS. Mulheres e Homens Família em defesa das crianças vamos continuar alerta pois estamos em guerra, a vitória completa será colhida no final do mandato do Presidente Bolsonaro.....
👍 1 🗨️ [Responder](#)
-  **@andremarcos528** há 6 anos
DANIEL LOPES DEUS TI ABENÇOE SUA DE TRABALHO É IMPORTANTE PARABÉNS!
👍 3 🗨️ [Responder](#)
-  **@andremarcos528** há 6 anos
"acredito que aos poucos tudo vai se resolver com o Brasil crescer para o povo e para uma economia forte e confiante Brasil acima de tudo Deus acima de todos"
👍 3 🗨️ [Responder](#)
-  **@oianos8105** há 6 anos
O Brasil vai dar certo! Frase do nosso presidente Jair Bolsonaro
👍 11 🗨️ [Responder](#)
-  **@nuria6245** há 6 anos
Daniel, PARABÉNS PELO vídeo!!! Por favor, ajude a esclarecer TUDO QUE acontece no governo! É muita gente FALANDO BOBAGEM, FALANDO MAL, inclusive da DIREITA!!! Por favor temos que SUBIR teu canal pra que mais pessoas se informarem corretamente
👍 7 🗨️ [Responder](#)
-  **@mariaalice5896** há 6 anos
Obrigada Daniel, por nos deixar sempre informados, que Deus continue iluminando a mente do nosso presidente, para ele fazer um governo maravilhoso!
👍 8 🗨️ [Responder](#)
-  **@anariquieri1404** há 6 anos
Bom dia Daniel. Obrigada pelos esclarecimentos sobre política. Estamos de olho em tudo. Bom domingo. Abraço de Franca SP
👍 7 🗨️ [Responder](#)
-  **@27Neguim** há 6 anos
Bom dia a TDS ótimo desempenho desse novo governo e muito otimismo no ar!!!
👍 10 🗨️ [Responder](#)
-  **@ricardoaraujo9850** há 6 anos
Obrigado pelas informações Daniel, fico muito contente em ter uma pessoa como você para poder passar as informações e explicações de maneira coerente, sensata e simples. Parabéns!
👍 14 🗨️ [Responder](#)
-  **@raimundobarbosa1904** há 6 anos
Sempre esperando o melhor para o povo brasileiro, excelente explicações Daniel López
👍 2 🗨️ [Responder](#)
-  **@sergionascimento1015** há 6 anos
Muito bem Daniel! Vamos defender o Governo Bolsonaro! Os ratos vão começar a achar ruim!
👍 5 🗨️ [Responder](#)

 @anajaworski5009 há 6 anos

Oi estou sempre recebendo seus vídeos com satisfação porque suas análises são confiáveis e só acrescenta sabedoria ao nosso dia a dia

Obrigada

10 Responder

 **@marlideoliveirasenne671** há 6 anos
Com certeza em nome de Jesus !

48 Responder

 @marcelaveiga9111 há 6 anos

Bom dia , nosso presidente vai ter muito trabalho pela frente ,mas estamos juntos .

31 Responder

1 resposta

 **@trboccia1957** há 6 anos
Muito bom ...colocando o trem nos trilhos e ordem no galinheiro. Parabéns à toda equipe. 🙌🙌🙌

 Responder

 @diihcosta9854 há 6 anos (editado)

Parabéns Daniel 🌟🌟

Você sempre aborda estes assuntos complexos com muita clareza. O nosso Brasil está entrando num ciclo de mudanças, e com certeza neste processo terrorista não terá vez. Bora apoiar o nosso governo Brasil... o caminho é esse!

3 Responder

[illegible]

Responder

B @Bel-ek9vv há 6 anos

Vamos nos unir para fazer um país melhor. Vamos apoiar, e entender que Bolsonaro, terá uma grande luta. Mas tenho certeza, que a Vitória é certa.

1 Responder

 há 6 anos

Seria exigir muito da nossa política, ter alguém 100% limpo e imparcial na presidência da Câmara. Nossa política ainda é suja demais e eu entendo perfeitamente a situação de Bolsonaro. Nosso presidente, é muito esperto e inteligente, ele está usando Rodrigo Maia, justamente para obter as vitórias que precisamos para a aprovação de projetos e afins... Bolsonaro é esperto e vai usar Maia até que tenha alcançado seu objetivo. Isso é desonesto?? Não, é esperteza. Jogando o próprio jogo deles!!!!

[Ler mais](#)

12 Responder

 @rafaelfreitas6021 há 6 anos

Parabéns Daniel pelo esforço e dedicação acerca de passar o entendimento correto da situação política do Brasil, sempre assisto!

3 Responder

 @migueiasx.c3195 há 6 anos (editado)

Concordando com muitos o Bolsonaro precisa de um porta voz, não há necessidade dele ficar falando todo tempo e entrar em contradição com os ministros Isso é um prato cheio para mídia falar mal do seu preparo!!! Bom trabalho Daniel continue com essa sensibilidade e agilidade em passar as informações 🙏🙏

👍👍👍👍👍. Força e Honra 🙏🙏

Responder

 @carlosalexandresilva9469 há 6 anos
"Direito penal do inimigo" vamos estudar... Gratidão pelo termo.

98  Responder

 **@reginasb8697** há 6 anos
Bom dia Daniel, obrigada pelos esclarecimentos! Deus continue abençoando vc e sua família!

4 Responder

 **@fernandohenrique7841** há 6 anos
O Bolsonaro vai evoluir muito em política nessa gestão... Espero um bom governo.

 **@fransousa2998** há 6 anos
Está colocando o Brasil em ordem e aos poucos o Gigante será uma potência mundial. 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷
👍 🗨️ Responder

 **@marciamaia5039** há 6 anos
Daniel, você tem feito a diferença aqui na internet.
Se são inimigos, tratemos como tais, guerra e morte pra cima deles.
👍 2 🗨️ Responder

 **@geraldosantana56** há 6 anos
Bons comentários!!!
👍 16 🗨️ Responder

 **@mariahelenahilario11** há 6 anos
Parabéns estamos no caminho certo 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷
👍 🗨️ Responder

 **@moniacordaro1700** há 6 anos
Estou gostando! O Brasil esta começando a dar os primeiros passos! Não sei bem os projetos da Reforma da previdência! Sei que as aposentadorias pagas para O segurado especial (agricultor familiar, pescador artesanal e indígena) para solicitar a aposentadoria por idade e ser beneficiado com a redução de idade para trabalhador rural deve estar exercendo a atividade na condição de segurado especial (ou seja, rural) quando fizer a solicitação ou quando implementar as condições para o recebimento do benefício..Este cidadãos não recolhem o INSS, sendo assim deveriam receber as aposentadorias conforme o salário mínimo, já as pessoas que recolhem anos e anos deveriam receber um valor muito maior do que o salario mínimo , pois se for computar todos os valores recolhidos com juros e correção nós os aposentados que pagamos o valor vai ser muito maior que o salário mínimo!
Mostrar menos
👍 1 🗨️ Responder

 **@MarcosVinicius-ds1ji** há 6 anos
Bolsonaro está no caminho certo, parabéns Brasil fez a melhor escolha.
👍 6 🗨️ Responder

1 resposta

 **@neuzateixeira5628** há 6 anos
Eu acredito no nosso presidente, sei que fará um governo limpo e limpará nosso Brasil de toda essa escuridão imunda que se via no governo passado, vamos continuar orando por ele e pela sua equipe, que Deus o abençoe
👍 1 🗨️ Responder

 **@martamarreiolopesdacruz1542** há 6 anos
Bom dia Daniel, parabéns por seus vídeos, grande esclarecimento que estão sempre aqui no seu canal.
👍 4 🗨️ Responder

 **@gepereira7903** há 6 anos
Meus parabéns
👍 9 🗨️ Responder

 **@juliamariaf.queiroz2682** há 6 anos
Gosto muito dos seus vídeos Daniel. Você explica com muita clareza.
👍 4 🗨️ Responder

 **@TiagoGama23** há 6 anos
Esse canal é melhor do que qualquer jornal
👍 6 🗨️ Responder

1 resposta

 **@fredparreira808** há 6 anos
Muito boa a primeira semana do nosso governo, queria está lá com eles ajudando, dando apoio à um trabalho tão importante para nação brasileira, estou muito feliz com o governo, nunca votei tão bem como nessas eleições, parabéns ao senhor excelentíssimo presidente da República federativa do Brasil Jair Messias Bolsonaro, estou é estarei orando pelo senhor presidente.
👍 🗨️ Responder

 **@vanyagoncalvesclimaco9999** há 6 anos
Já tiveram a sensação de orgulho extremo ao olhar para um filho?
Minha filha tem 13 anos e acaba de se inscrever no canal. Eu estava assistindo um vídeo teu e ela gostou do que ouviu e se inscreveu também.
Obrigada Daniel por colaborar com a difícil tarefa de educar nossos jovens. Eu tenho muita sorte em ter a Júlia como filha, mas tenho plena certeza de que o trabalho nunca termina.
Mostrar mais



@sandrastost6205 há 6 anos

Daniel, muito orgulhosa e satisfeita por tudo que tem acontecido nos últimos dias no governo do nosso Presidente!

Sou cearense e sei a importância do Bolsonaro ter ajudado o Ceará mesmo sendo um pedido de um esquerdista; Camilo que não me representa, diga-se de passagem!



Responder



@guimarodrigues7733 há 6 anos

Estou totalmente confiante no nosso Capitão. Esse clima que tomou conta do Brasil com a eleição do nosso Presidente Bolsonaro é ímpar! Estamos a caminho de uma nova realidade para o Brasil. Brasil acima de tudo; Deus acima de todos!



Responder



@BARROS412 há 6 anos

Estamos no caminho correto! GOSTE!!!! Deus abençoe o Brasil. AVANTE PATRIOTAS!!!!



Responder



@juniorgirassolcarvalho2126 há 6 anos

Isso só confirma a eficiência da equipe de transição escolhida e posteriormente a escolha de todos os ministérios com pessoas altamente capacitadas !! Parabéns a todos, principalmente ao maestro dessa orquestra!!!



Responder



@rodrigotkm8429 há 6 anos (editado)

Excelente nova "pauta" para o canal Daniel Lopez.

Se possível e quando houver relevância, por favor faça/continue com esse "resumão" do governo Bolsonaro.

E vamos esperar que o governo Bolsonaro continue trabalhando tanto mesmo depois de 100 dias de governo e até o fim.



1 Responder



@eikocelia há 6 anos

Obrigada Daniel Lopez por esclarecer sobre Rodrigo Maia e terrorismo no Ceará!



Responder



@MeuOlhar há 6 anos

Estou gostando muito do governo Bolsonaro e de seus ministros muito eficientes.



Responder



@delcampos. há 6 anos

Parabéns pelo excelente trabalho realizado.



3 Responder



@RicardoOliveira-7374 há 6 anos

Estou satisfeito até agora com o governo, espero continuar achando maravilhoso, alguns problemas acontecerão é normal, é muita gente junto pra pensar e idéias cada um tem a sua, fechar em um só contexto não é fácil e ainda tem a oposição saudável e os bandidos dos comunistas, então vamos acompanhar de perto e orar muito pelo nosso presidente e nossos deputados e ministros



Responder



@charlesrafaelsoares8 há 6 anos (editado)

Bom dia, foi uma semana que demonstrou para todos nós que o nosso Brasil agora está no rumo certo, sabemos que os desafios são grandes, mais sabemos que DEUS está no controle, nosso papel é estar orando para que SENHOR de sabedoria para o nosso presidente e toda sua equipe.

#brasilacimadetudo#DEUSacimadetodos#



Responder



@lucibasi6449 há 6 anos

Louvado seja Deus! Deus acima de todos 🙌 BRBR



1 Responder



@andreiamari5712 há 6 anos

Parabéns a você também professor Daniel!!!! Excelente avaliação, com equilíbrio e fundamentos. 🌟🌟🌟🌟🌟



Responder



@waldemir7275 há 6 anos

Aos poucos o Presidente Bolsonaro vai fazendo a diferença! Tamo junto!



Responder



@telmoaraujo3165 há 6 anos

Chegou a hora de consertar o nosso Brasil 🙌 foram décadas de atraso. Parabéns pelo canal Daniel Lopez



@marise6182 há 6 anos

Deus abençoe, Daniel!! Deus abençoe nosso presidente e o proteja da investida maligna!!! 🙏❤️🙏🙏🙏🙏🙏🙏🙏

👍🗨 Responder



@consertaconserta9024 há 6 anos

BOM DIA .QUE ABENCOE NOSSO DIA 🙏🙏

👍🗨 Responder



@idneycarlos7064 há 6 anos (editado)

Maravilha! Deus já vem preparando Bolsonaro há muito Tempo!

👍🗨 Responder



@lucaskowaciczandi2892 há 6 anos

Os discursos de posse dos ministros foram um orgulho pra nação, eu como estudante de economia me senti emocionado com o conhecimento do Paulo Guedes, mas em especial, o discurso do Ernesto Araújo entra pra galeria das grandes orações do nosso país !

👍🗨 Responder



@mariavenis7529 há 6 anos

Estamos com muita esperança de um país melhor.
Finalmente a esperança voltou.
Amo o seu canal.

👍🗨 Responder



@eliansauer902 há 6 anos

Eu estou amando esse é o meu presidente , precisamos apoiar ele sempre ! E não se intimidar com os ataques da esquerda !

👍🗨 Responder



@fatimahardy9157 há 6 anos

Gostei muito ,nosso presidente está no caminho certo. Parabéns a toda sua equipe!

👍🗨 Responder



@Nilva24 há 6 anos

Minha confiança no governo aumenta dia apos dia, torcendo no mundo por um Brasil melhor. Parabéns pelos seus videos que muito nos ensina e enriquece.

👍🗨 Responder



@sanderamorim883 há 6 anos

Você é TOP! O Brasil precisa de você muito! Vida longa pra vc e o seu canal é muito sucesso para os seus cursos.bDeusvte abençoe!

👍🗨 Responder



@celiascannavino5056 há 6 anos

Daniel, vc sabe acalmar nossos corações qto a política atual!!! Aprendendo muito com vc!!!Abraços!!!

👍🗨 Responder



@ruthespiritasantanasa4466 há 6 anos

👍👍 Parabéns Daniel, como aprendo com vc e obrigada.

👍🗨 Responder



@joanavechi3634 há 6 anos

Confio no nosso presidente e na sua equipe...Orando sempre para que tenham proteção Divina.

👍🗨 Responder



@LourdesAzevedo há 6 anos

Concordo totalmente com você, Daniel. Bolsonaro e sua equipe estão fazendo um excelente trabalho. São anos e anos de desmandos, que não se pode concertar do dia para a noite como esperam alguns. É preciso acreditar, confiar e ter paciência. A posição do nosso Presidente é extremamente complicada. Precisamos saber esperar e continuar torcendo e apoiando esse novo governo.

👍🗨 Responder



@miltom.pedroso9312 há 6 anos

Bom dia, eu tbm acho q Bolsonaro começou bem, muito bom seu trabalho Daniel parabéns! Abraço.

👍🗨 Responder

-  **@marisadelimaviana2876** há 6 anos
Deus o a abençoe e de muita sabedoria!
  Responder
-  **@jefersonbatista4090** há 6 anos
Parabens pelo vídeo muito bom.
 3  Responder
-  **@aldirvalle** há 6 anos
Está melhor do que imaginava, fazer limpeza, reestruturar e governar ao mesmo tempo não é fácil, apesar de alguns desencontros nota 10 pro novo governo.
  Responder
-  **@soniaspinelli8593** há 6 anos
Olha Daniel procuro muito me informar com vc! Estou muito satisfeita com nosso governo! Até agora tudo muito bem explicado! Estamos no aguardo para ver nosso país andar pra frente!!!!
  Responder
-  **@angelamariamelo1706** há 6 anos
AMÉM,AMÉM,AMÉM,GLÓRIA A DEUS,GLÓRIA A DEUS.TU ÉS FIEL SENHOR! TU ÉS FIEL SENHOR,DIA A DIA COM BENÇÃO SEM FIMMMMMMMMM.GUARDA SENHOR! NOSSO PRESIDENTE. ELE É DÁDIVA TUA.
  Responder
-  **@ELTONCARLOS** há 6 anos
Primeira semana Bolsonaro!

Foi uma boa semana!

Tem muito trabalho a ser feito, muitos adversários confrontando. Tudo previsto!
Mostrar menos
  Responder
-
-  **@silviooliveirademelo3909** há 6 anos
Precisa acabar o quociente eleitoral, pra q somente aqueles q receberam voto, sejam eleitos. Creio q estamos à caminho de momentos melhores nesta nação. Deus abençoe nosso presidente!
  Responder
-  **@sudileatodescan9616** há 6 anos
Pouco tempo e já vemos a diferença de quem ama o Brasil é quer colocá-lo no rumo certo. Deus abençoe nosso presidente e o proteja, a sua família e a toda a sua equipe. Os brasileiros de bem estão com o Senhor Presidente.
  Responder
-  **@rogeriodasilva5132** há 6 anos (editado)
Pessoal na boa esse canal é fantástico, a cada aula é um show de conhecimentos que nos enriquece cada vez mais. Um canal como esse já era pra ter no mínimo 5 milhões de inscritos, mas infelizmente muita gente não gosta ou tem preguiça de buscar conhecimento. Mesmo sendo de direita.
  Responder
-  **@denisebacellar8842** há 6 anos
Muito bom!!
 10  Responder
-  **@adrianasantos5922** há 6 anos (editado)
Amei a primeira semana!!
Acompanhando cada passo!!
  Responder
-  **@rosimeirebitencourt276** há 6 anos
Que bom ouvir vocês, que entendem de políticas 🍷🍷🍷 BRBR
  Responder
-  **@rileygomes** há 6 anos (editado)
Boa noite Daniel, quero parabeniza-lo pelo excelente trabalho que vem fazendo. Você é um dos poucos que realmente oferece conteúdo de qualidade, agregando informação, conhecimento técnico e didático de altíssimo nível.

-  **@SandraRegina-tk1bi** há 6 anos
Estou so aprendendo cada vez mais com seus videos. Amei a Posse do nosso Presidente Bolsonaro!Desejo Boa Sorte a toda equipe do novo governo e tbm Boa Sorte aos seus inscritos no curso Manual da Resistência. Em breve será minha vez! Mas continuo desconfiada deste PT. Não será armação do próprio governador?
  Responder
-  **@junia825** há 6 anos
A primeira semana de Bolsonaro está dando uma ideia positiva, sem dúvida. Ele escolheu as pessoas certas para assessorá-lo.
  Responder
-  **@silvonetegomes8194** há 6 anos
Bom dia Daniel!gosto muito do seus comentários eo acompanho todos os dias.
  Responder
-  **@nadiaribeiro1676** há 6 anos
Assim como DEUS cuida de todos nós, assim temos Que deixar Bolsonaro E sua equipe trabalhar. Pois creio Que DEUS estar no controle de tudo. E hora de ganhar, estamos vivendo os anos da vaca gorda!!!
  Responder
-  **@fredericoruegger9912** há 6 anos
Obrigado por todas informações que voce nos dá.... Deus em Jesus o abençoe muito....
  Responder
-  **@azath-d6s** há 6 anos (editado)
Nada é perfeito mas dado ao cenário de terra devastada acho que o Bolsonaro se saiu até que muito bem, infelizmente o congresso tai, senado e STF também, achar que vai passar pelos 3 com o pé na porta é de uma ingenuidade quase mortal, o seu raciocínio está certíssimo, simples e direto ao ponto, vc transmite conhecimento de forma muito clara, o que não é tão simples quanto aparenta, valeu.
  Responder
-  **@eduardoqueiroz36** há 6 anos
Um dos melhores canais de análise da política atual brasileira! Parabéns pela sua competência Daniel !
-  **@janaina4733** há 6 anos (editado)
Excelentes videos com explicações fantásticas. Você tem contribuido muito para estimular o SENSO CRÍTICO da nossa sociedade há tanto tempo manipulada. Um abç! Super recomendo os seus videos para os meus amigos.
  Responder
-  **@monicareiscosta3522** há 6 anos
Bolsonaro conhece bem o congresso. Estou confiante, mas ainda temo pela sua integridade.
  Responder
-  **@aloisiocosta2374** há 6 anos
Parabéns Daniel. Assisto com entusiasmo os seus comentários!
  Responder
-  **@hugoresende6683** há 6 anos
Fala Daniel, sempre acompanhando seus vídeos! Abraço...
 44  Responder
-  **@eliezermariano7642** há 6 anos
Bom dia Daniel. O direito penal do inimigo precisa ser implementado! eu adorei o novo posicionamento do ministro Ernesto Araújo sobre a questão venezuelana, vamos viver novos tempos na AL.
  Responder
-  **@LuisHenrique-cm8ep** há 6 anos
video espetacular!! Vou tentar, com fe em DEUS fazer seu curso. Vc é muito crânio.
 1  Responder
-  **@noeliacoelho8932** há 6 anos
Eu estou confiante no governo do Bolsonaro!
Não é fácil, mas a equipe é muito competente!
  Responder

-  **@verapires5651** há 6 anos
Que Deus continue dando sabedoria e saúde ao nosso querido presidente! E toda sua equipe, muito bom vídeo Daniel. Bom dia bom início de semana
👍 🗨️ Responder
-  **@nelsonalves6096** há 6 anos
Eu gostei ,começaram com tudo e assim devem [continuar.Com](#) o apoio do povo para o Brasil mudar .
👍 🗨️ Responder
-  **@xboxdestruidor4k950** há 6 anos
Achei ótimo a primeira semana do governo Bolsonaro, [#direitopenaldoinimigo](#)
👍 3 🗨️ Responder
-  **@richardsonrodriguesdeolive7838** há 6 anos
É preciso ter fé, perseverança e atitude. Vai dar certo.
👍 🗨️ Responder
-  **@marcos2001a** há 6 anos
Excelente vídeo ! Só a mídia alternativa mesmo pra nos informar do que realmente é importante.
👍 🗨️ Responder
-  **@wirlenestoryvenancio715** há 6 anos
PARABÉNS DANIEL!! Sempre assisto seus vídeos pra ficar bem informada!! OBRIGADA!!!
👍 🗨️ Responder
-  **@vantite2026** há 6 anos
Oi Dani! Admiro muito seu canal! Fico encantada com sua coerência e sabedoria! Acredito que seja muito tempo de estudos e muita leitura
👍 🗨️ Responder
-  **@manuelteodosio2087** há 6 anos
Sábio como sempre, ótimas análises sobre a situação do país.
A cada vídeo que assisto no seu canal eu tenho certeza que vai dar certo.
Bolsonaro, será o melhor presidente que o Brasil já teve na história.
A cada tentativa de armação da esquerda eles quebram a cara.
Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.
Mostrar menos
👍 🗨️ Responder
-  **@carloscampos1023** há 6 anos
Gostei do comentário, e do começo do Governo, estamos no caminho certo
.
👍 🗨️ Responder
-  **@maria1295** há 6 anos
Foi uma ótima semana de governo. Nunca vi tanta coisa sendo feita em tão pouco tempo!
👍 🗨️ Responder
-  **@leilamachadoneves551** há 6 anos
Estou encantada com o novo governo. Confiante. Concordo com você quando diz que eles estão no caminho certo. Isso é fazer política. As coisas vão se ajear com o tempo. Atualmente, Rodrigo Maia é necessário. Estratégia é tudo.
👍 🗨️ Responder
-  **@teixeirarumoaluminacao** há 6 anos (editado)
Professor, vamos ficar na torcida, mas que realmente parece estar no caminho certo, isso aparenta! Pq se não der certo, será mais um passo em direção ao Niillismo.
👍 16 🗨️ Responder
-  **@jeanaparecidobaptista9620** há 6 anos
Sou de foz do iguaçu, Paraná parabens pelo seu trabalho, me informo pela sua seriedade...
👍 🗨️ Responder



@dayseviana8500 há 6 anos

Orgulhosa do meu país. Bolsonaroooo no caminho certo...

Responder



@Daniel-hi9kz há 6 anos

Top meu chara, top, muito top, concordo plenamente com as suas considerações e idéias. Muito obrigado por nos ensinarmos sobre diversos assuntos. Parabéns pelo conteúdo!

Responder



@walbermenezesduarte4386 há 6 anos

Gosto do seus comentários mostra uma visão conservadora de preservar a família para que Brasil tenha ordem e progresso .

Responder



@matildewosnjuk7508 há 6 anos

Direito penal do inimigo, vamos estudar e entender melhor sobre o terrorismo no Brasil. Valeu Daniel!

Responder



@sarasousa7423 há 6 anos

Você é fera 🍌🍌

1 Responder



@marcelowilliams5978 há 6 anos

Olá. Bom resumo, parabéns! Estamos no caminho certo!

Responder



@sheilabolsoguedes4057 há 6 anos

Estou confiante e com sua opinião mais ainda! Parabens Daniel 🍌🍌🍌

Responder



@silguersilguer4676 há 6 anos

Muito legal!



@antonioricardovieira8572 há 6 anos

Nós, pobres do subsolo da sociedade, dependemos das notícias geradas na mídia de maneira geral. E acompanho diariamente procurando fazer a leitura dos textos dessas manchetes. Como eleitor de direita, recebo na maior parte vídeos de direita, parciais e imparciais. Depois de tudo filtrado tiro minhas conclusões levando em conta meu conhecimento na política, que você delineou corretamente, em seu sentido amplo. Pelo volume de informações recebidas, há um tendência normal de interpretações dúbias sobre o mesmo tema. Uso raciocínio lógico e sereno para extrair um conteúdo que me sirva como base conclusiva. Conhecendo os meandros da política através do estudo, mesmo que superficial da mesma, considero esta semana bem interessante, apenas uma pequena amostra do que ainda está por vir. Vamos aguardar com expectativa otimista o desenrolar dos acontecimentos...

Mostrar menos

Responder



@ssc9042 há 6 anos

Boa tarde! Daniel Lopez.

Também estou de acordo com a sua análise da primeira semana do governo de Bolsonaro. Gostei muito do video e compartilhei.

Responder



@alissonceresa há 6 anos (editado)

Ótimas explicações resume bem a situação política atual. Estão muito cautelosos ainda Bolsonaro precisa por um pouco mais de energia, principalmente a questão da reforma da previdência na minha opinião mulheres e homens tinham que ter a mesma faixa de idade pra se aposentar, e essa faixa teria que ser acima dos 65 anos. E daqui pra frente cada pessoa que entra no mercado de trabalho paga sua própria aposentadoria... Essa questão do senado precisa ser feito um trabalho maior para angariar apoio, Renan Calheiros não pode ser presidente do senado.

Responder



@melssa2015 há 6 anos

Tenho indicado muito o seu canal Daniel. Gosto MUITO do seu trabalho..

Responder



@FatorAtemporal há 6 anos

Um novo e próspero Horizonte se desenha no Brasil.

Responder



@vaguianegondinho3360 há 6 anos

Isso, concordo com você Daniel, minha opinião também, é que o governo dele está no caminho certo.

-
-  **@carlosalexandresilva9469** há 6 anos
Há tres aspéctos na vida que nao tem como fugir deles: A política,a filosofia e a verdade...É inevitável...fugir deles é ignorar a própria essência...
- 👍 1 🗨️ Responder
-  **@rosaguimaraes6347** há 6 anos (editado)
Quando vc não consegue destruir o inimigo,se uni a ele,e depois por ele mesmo se destrói. 😊
- 👍 🗨️ Responder
-  **@Cont425** há 6 anos
Se não fosse o preparadíssimo Daniel estaria mais perdida que militante petista esperando pagamento!
Valeu msm Daniel amo seu canal 🙏❤️
- 👍 1 🗨️ Responder
-  **@wsaxplayerorquestra** há 6 anos
Excelentes comentários, parabéns
- 👍 🗨️ Responder
-  **@Garagem255** há 6 anos
O time está mostrando para que veio!! Esses pequenos desencontros entre a equipe é normal no início é como um time de futebol iniciando um torneio com um time novo, no inicio tem alguns passes errados, mesmo todos sendo craques, mas depois de um tempo o time se afina!!! Bora Brasil eu acredito em vc!! Bora Bolsonaro a missão é de todos nós!!
- 👍 🗨️ Responder
-  **@reginadossantos335** há 6 anos
Acredito no presidente que elegemos e em sua equipe, Que Deus os abençoe para que seja esse o melhor governo que a nossa nação já teve !
- 👍 🗨️ Responder
-  **@mcniecearaujo7995** há 6 anos
Bom dia Daniel! Conte com a gente pra avancar rumo ao milhao 🙌
- 👍 10 🗨️ Responder
-  **@somoamorr** há 6 anos
Bom dia, estamos no rumo certo, até os argentinos estão pedindo um Bolsonaro por lá. Segue em frente pátria amada!
- 👍 🗨️ Responder
-  **@mariadelourdeschavestibana2917** há 6 anos
Bom dia Daniel!! Graças a Deus vc vai falar sobre isso. Eu entendi mas fiquei 😊 preocupada. Rdrigo Maia.
- 👍 2 🗨️ Responder
-  **@ReginaBento61** há 6 anos
Olá Daniel , estou na torcida por Bolsonaro e equipe , mas como mineira que sou... um pouco desconfiada do Ônix Lorezoni entre outros . aguardo pra aplaudir o governo . Abraços bom fim de semana
- 👍 3 🗨️ Responder
-  **@mauriciobenicio-jesusresc5164** há 6 anos
Importante como todo processo democrático, o nosso presidente está no caminho certo, vai demorar um pouquinho para as coisas se acertarem mas vão se acertar.
- 👍 🗨️ Responder
-  **@metronbob** há 6 anos
O povo unido em Deus e em prol da pátria assim deve ser nesse novo tempo de governo Bolsonaro.
- 👍 🗨️ Responder
-  **@rudiba78** há 6 anos
To aprendendo muito com o senhor.
- 👍 1 🗨️ Responder
-  **@kikamilanezi6503** há 6 anos
Muito bom esse vídeo! Esclarece muita coisa! 🙌🙌🙌
- 👍 🗨️ Responder



@OQueTeFazBem há 6 anos

Vou super compartilhar esse vídeo...muita verdade no que você fala.



Responder



@gelzalima3622 há 6 anos

Eu gostei, com tantos eventos para comparecer, não podia ser melhor em tão poucos dias!



Responder



@marcosmanganaro5337 há 6 anos

Boa tarde olha começamos bem , no caminho certo



Responder



@ReginaBento61 há 6 anos

Pra mim ficou muito melhor a live sem aquele som 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌. Grande abraço



Responder



@osnipereira2053 há 6 anos

Muito bom..parabéns pela objetividade....



Responder



@luizhenriquedutraleal9178 há 6 anos

Muito Bom 🙌



Responder



@mary31587 há 6 anos

Como vc ensina bem e tira todas as duvidas,pois a imprensa fala muito e explica pouco.



Responder



@ernanekbca6007 há 6 anos

Eu também achei muito boa. Fiquei até impressionado que minha concunhada era anti Bolsonaro daquelas ferrenhas e chegou aqui em casa este fim de semana elogiando tudo que ela está vendo acontecer. Eu disse pra ela o seguinte: se você não tivesse comprado o que a mídia podre lhe vendeu sobre ele você já saberia disso há muito mais tempo.



Responder



@arnaldomatheus7030 há 6 anos

Estou bastante satisfeito com a primeira semana do nosso novo governo! Aprendo muito com seus vídeos, Daniel.



Responder



@caroles_paivas6071 há 6 anos

Muito legal esse formato de vídeo pastor! Um bom formato, para acompanhar o trabalho desse novo governo. Seria bom, se pudesse fazer sempre. Abraços!



Responder



@leticiaalmeida8052 há 6 anos

Tenho me informado mto c vc...obrigada.



Responder



@franmarcos4660 há 6 anos

1 semana do governo Bolsonaro : excelente, so oque ja foi feito ja valeu meu voto



Responder



@RoseMary-hq8mz há 6 anos

Bolsonaro esta de parabéns então pouco tempo esta mostrando pra que veio so tenho elogios a faze - lo, o presidente esta no caminho certo



Responder



@concurseiro_da_madrugada há 6 anos

Parabéns Daniel Lopez.
Seus comentários são fantásticos. Análise completa sempre coerente.



Responder

1 resposta



@dorisdaylopesilva483 há 6 anos

Parabéns Daniel, gosto muito dos seus comentários que Deus te abençoe como também nosso presidente nós brasileiros estamos confiantes.



Responder



@paulobenedit5949 há 6 anos

Perfeitas explicações! Parabéns Daniel!



Responder



@melssa2015 há 6 anos

Excelente este vídeo Daniel. Parabéns..



Responder



@svaleriaas. há 6 anos

Estou gostando sim , o começo do ano está bem movimentado, e acho que é a primeira vez no Brasil que o ano está começando bem antes do carnaval. Acho até que não vamos ver recessos na Câmara dos Deputados e do Senado. Só gostaria que o Nosso querido Presidente fosse mais cuidadoso nas declarações para evitar o mimimi da Imprensa e dos esquerdopatas. De resto tá pegando fogo como eu queria ver.



Responder



@elizabethp.albarellobeth7191 há 6 anos

Bom comentário!
Compartilhar!



Responder



@herbertgccarvalho4341 há 6 anos

Que a polícia ou ABIN investigue, identifique os chefes ou mandantes, e seus subordinados e que todos tenham o tratamento merecido, para que isso não venha se repetir. BRASIL!



Responder



@marinesrodrigues6363 há 6 anos

Direito penal do inimigo... Ok! Vamos pesquisar mais. Obrigada, Professor! 🙏



Responder



@patriciacampos4892 há 6 anos

Grande Daniel!!!! 🌟🌟🌟



Responder



@rabelos616 há 6 anos

Daniel tá ficando exaltativo, mais objetivo, continuou a te amar viu.



Responder



@gislainefrancisco1136 há 6 anos

Parabéns pelo seu trabalho sou seu fã



Responder



@ronaldoyamamura5581 há 6 anos

A primeira semana do Governo do Presidente Bolsonaro foi bastante desafiadora. Diante de tanta choradeira mostra que estamos no caminho certo, o Brasil do politicamente correto morreu e deu lugar a uma política de enfrentamento dos problemas na raiz. Há muito tempo os políticos nos inferiorizou e o "complexo de viralatas" foi instituído. Somos uma grande Nação e um povo muito bom, tenho a certeza que estamos iniciando uma nova era, a partir deste ano 2019 emergirá uma grande Nação, Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.



Responder



@lancelncc há 6 anos

Eu já chamava essas coisas de terrorismo a muito tempo, pelo simples motivo de espalhar o terror na sociedade.

E eu tbm sempre tinha a noção e falava que esses terroristas não podiam ser penalizados do mesmo jeito que uma pessoa comum, isso pq uma pessoa comum, mesmo no desespero nunca faria algo organizado e se envolveria com outros criminosos



Responder



@ANDRE25994 há 6 anos

Esse canal é muito bom pra gente ficar bem informado



Responder



@ionmihaipacepa5885 há 6 anos

Muito bom o conteúdo professor, Deus o abençoe.



Responder



@g.c.a.6482 há 6 anos

Quando abro os vídeos desse canal, já vou logo dando like, porque o conteúdo, com certeza, é bom!



Responder



@edsondeoliveiraoliveira8935 há 6 anos

Tem de destravar a economia pois não aguento mais ficar desempregado.



Responder



@Josh_map há 6 anos

Excelente vídeo Daniel, Rodrigo Maia é a melhor opção na câmara neste momento para o governo Bolsonaro.



Responder



@matheusbarreto7404 há 6 anos

Eu acho que Bolsonaro tem muito trabalho pela frente, mas ele não está sozinho.



Responder



@marceloramos9104 há 6 anos

Deus abençoe Bolsonaro

-  **@robgollino5103** há 6 anos
Tenho aprendido muito. Obrigada
  Responder
-  **@andersonprachesqui9525** há 6 anos
Parabens pelo trabalho Daniel! Canal top, crescendo a cada dia, baterá um milhao de inscitos logo!... sigo acompanhando e indicando o canal para os amigos! Forte abraço!
  Responder
-  **@leolillo8596** há 6 anos
foi feito muita coisa em pouco tempo por isso acho que vai acontecer o melhor para o nós...
  Responder
-  **@zeca9214** há 6 anos
Semana maravilhosa!
  Responder
-  **@franciscojosedoliveira577** há 6 anos
Estou gostando do governo, sei que é difícil em pouco tempo fazer algo significativo, más estamos no rumo certo!
  Responder
-  **@CarlosHenrique-fb5mw** há 6 anos
Confesso que nunca me interessei por politica. Mas depois de conhecer o seu canal, tenho me empenhado bastante em estudar como funciona essa maquina publica. Vou ver se consigo me inscrever no seu curso. Parabéns pelo canal..
  Responder
-  **@mariadocarmolopessouza4500** há 6 anos
Estou confiante,acredito que o Brasil vai entrar na linha
  Responder
-  **@ellianabertucci1882** há 6 anos
Sempre compartilho! Gosto muito...
  Responder
-  **@marcellomastronnione4233** há 6 anos (editado)
É uma pena que este teu canal, Daniel Lopes, tenha apenas estes 285.000 inscritos, enquanto que outras porcarias tenham milhões de inscritos, que não acrescentam em nada, somente supérfluos, descartáveis!! Mas é preferível qualidade do que quantidade, mas se puder juntar os dois seria ótimo!! Nós que somos inscritos em teu canal, somos beneficiados com as informações que traz a nós, enquanto tantos alienados, imbecis curtem nada que preste!! 😊 😊
BR
Mostrar menos
 39  Responder
-  **@MarcoAntonio-ic7fr** há 6 anos
Excelente
  Responder
-  **@leilamachadoneves551** há 6 anos
Estou encantada com o novo governo. Confiante. Concordo com você quando diz que eles estão no caminho certo. Isso é fazer política. As coisas vão se ajeitar com o tempo. Atualmente, Rodrigo Maia é necessário. Estratégia é tudo.
  Responder
-  **@tarciaaraoliveira7059** há 6 anos
Excelente
  Responder
-  **@leilamachadoneves551** há 6 anos
Estou encantada com o novo governo. Confiante. Concordo com você quando diz que eles estão no caminho certo. Isso é fazer política. As coisas vão se ajeitar com o tempo. Atualmente, Rodrigo Maia é necessário. Estratégia é tudo.
  Responder



@cristianrochabianki3384 há 6 anos

Excelente



Responder



@guilherminaoiveira1327 há 6 anos

Melhor semana da história política do Brasil.



Responder



@lenitabandeira2280 há 6 anos

DEUS continue direcionando o nosso presidente .



Responder



@vasconcelosdias1634 há 6 anos

Bom dia daniel



2 Responder



@edithpessette5786 há 6 anos

Daniel ha tempo tenho essa visão Bandido tem que ser tratado como bandido com muito vigor sem privilegios nenhum



Responder



@MateusSilva-rm6fh há 6 anos

O Brasil é mesmo um país abençoado por DEUS. Mesmo nossa economia em frangalhos ainda temos fartura



Responder



@suelisantos6467 há 6 anos

Parabens pelo canal!

Só estou acompanhando pessoas sérias como vc, no yutub, como na TV está tendo muita porcarias tentando distorcer as coisas, e assim, trabalhar na cabeça do povo contra o presidente e seu governo.



Responder



@marciaborges679 há 6 anos

Trilhando o caminho com as bênçãos do Senhor.



Responder



@thalitadavi3811 há 6 anos

Melhor canal, gostaria muito que vc já tivesse no mínimo 100000 de inscrições



Responder



@marciodoflamengo há 4 anos

Parabéns pelo conteúdo



Responder



@rosineidesousa4450 há 6 anos

Graças à Deus 🙏 as coisas tão andando 🙌



Responder



@churchmacarlos8025 há 6 anos

Não vejo a hora do canal chegar a 1 mi de inscritos.



Responder



@rosaliasilvanamarquesdasil7540 há 6 anos

Análise perfeita, como sempre!!!!



Responder



@mariadosocorrodejesussilva1905 há 6 anos

Graças a Deus, vamos prosperar!



Responder



@gabriel.backes há 6 anos

Faça este resumo de cada semana do capitão!



Responder



@anapoloni4721 há 6 anos

Ótimo vídeo.

Deus salve o Brasil 🙏



Responder

^ 1 resposta



@Rubrapple há 6 anos

Amém! 🙏



Responder



@lucaskowaciczsandi2892 há 6 anos

Parabéns pelo trabalho amigo !



Responder



@edneafuregatti474 há 6 anos

Ótimo vídeo. Parabéns.



Responder



@mourafe3595 há 6 anos

Graças a Deus!



Responder



@nilcicarvalho há 6 anos

Eu confio neste novo governo.



1



Responder



@valdemirferreira4919 há 6 anos

Está muito bem melhor do que esperava!



Responder



@profandreluis2098 há 6 anos

Glória a Deus!

-  **@lenevaladares1356** há 6 anos
Esse é o nosso Presidente ã é o perfeito pq ninguém é só Deus é perfeito porém será o melhor presidente
👍 🗨 Responder
-  **@luardmorais** há 6 anos
Excelente primeira semana de governo.
👍 🗨 Responder
-  **@robertacassia9874** há 6 anos
Acredito que daqui para o final do ano teremos excelentes resultados, e o melhor de tudo será a fila de ptrlhas nos presídios sendo encarcerados. Excelente vídeo, muito esclarecedor 🌟🌟🌟🌟🌟 BRBRBRBR
👍 🗨 Responder
-  **@nicolas0007nil** há 6 anos
Logo logo mais 1 milhão brow parabéns pelo trabalho
👍 1 🗨 Responder
-  **@christiandancini8081** há 6 anos
continua com o bom trabalho!! admiro muito seus vídeos!!
👍 🗨 Responder
-  **@MsDenise0605** há 6 anos
Gosto muito dos seus vídeos!
🌟🌟🌟
👍 🗨 Responder
-  **@Nyfonceltic** há 6 anos
Bom dia Daniel. Tudo está indo bem. ❤️
🗨 🗨 Responder
-  **@dequalquerjeito9375** há 6 anos
Dani fui o primeiro a ver ,manda um salve ,forte abraço!Penedo Alagoas
👍 14 🗨 Responder
-  **@solalbuq9816** há 6 anos
Direito Penal do Inimigo... SUPER INTERESSANTE !!!!!
👍 🗨 Responder
-  **@cassio9205** há 6 anos
O INSS é tenso ! Minha mãe tá tentando aposentar e não tá conseguindo ! Ela vive de dores, osteoporose, fraqueza nos ossos, tá incapacitada pra trabalhar devido a muito tempo na máquina de costura. Vive fazendo perícias e exames de raio-X que comprova com clareza os problemas dela e mesmo assim não tá conseguindo aposentar sendo que sempre trabalhou honestamente e o INSS só fica negando a aposentadoria pra ela sendo que contribuiu nos carnês corretamente ! 😞😞😞😞😞😞😞😞
👍 🗨 Responder
-  **@ClaudioCalmon** há 6 anos
Ótimos vídeos Daniel!!!! 🌟🌟🌟
👍 🗨 Responder
-  **@SugaFunny** há 6 anos
Já estou adorando

Mano, adventistas provavelmente irão entender o porquê.
👍 🗨 Responder
-  **@selmavieira2369** há 6 anos
bom dia Daniel
👍 🗨 Responder
-  **@mauriciopacheco2440** há 6 anos
Muito bom!!
👍 🗨 Responder

-   responder
-  **@cresomarclorenzede demaced1895** há 6 anos
Show! Parabéns pelo vídeo!
  Responder
-  **@adrianasantos5922** há 6 anos
Parabéns, Daniel!!
  Responder
-  **@fernandopereira533** há 6 anos
Sempre uma análise importante. Obrigado.
  Responder
-  **@claudiocarvalho6423** há 6 anos
Gostaria que você comentasse o João Doria, e as alianças que ele anda fazendo, que está desagradando a equipe de Bolsonaro.
  Responder
-  **@nunobenini4615** há 6 anos (editado)
Conteúdo a partir de 5:45, mas muito bom! Parabéns pelos comentários... Achei q essa semana o Bolsonaro se mostrou estressado por tanto trabalho e acabou fazendo confusão com a previdência e aumento de impostos, talvez por isso nao teve agenda nesse FDS. Se cuida presidente.
  Responder
-  **@donemfr7430** há 6 anos
Explicação perfeita! obrigado
  Responder
-  **@niveapagnano3807** há 6 anos
Concordo. Os generais são especialistas em contra terrorismo.
  Responder
-  **@jorgepecanha3623** há 6 anos
Muito boa suas análises! 🍌🍌🍌🍌🍌
  Responder
-  **@chris_tina2903** há 6 anos
Daniel de uma olhada em alguns videos de reportagens e entrevistas com o novo secretario do CE Mauro Albuquerque. Especialista em intervenção penitenciária.
  Responder
-  **@vanialiberato670** há 6 anos
A SUA FALA FOI FANTÁSTICA
  Responder
-  **@nubinhagomes7969** há 6 anos
RUMO CERTO!
  Responder
-  **@lopeunmo1** há 6 anos
Concordo com tua definição de Política como Arte do possível.
  Responder
-  **@somdoamorr** há 6 anos
Daniel, você poderia, por favor, abordar o assunto sobre a dona de casa? O que você acha sobre a dona de casa?
  Responder
-  **@adrianasantos5922** há 6 anos
Amei!!!
  Responder
-  **@lacirlourenco1057** há 6 anos
Tô gostando das decisões tomadas até o momento.

-  **@vilmagouvea7280** há 6 anos
Ótima melhor impossível
👍 🗨️ Responder
-  **@gmh2070** há 6 anos
Nunca vi tanta mudança positiva em tão pouco tempo no governo.
👍 🗨️ Responder
-  **@antonow23** há 6 anos
Todas as medidas até agora, são ótimas, deslizes fazem parte do processo. Quanto a Rodrigo Maia, não gosto muito dele, porém é um mal necessário. Espero que Renan não consiga se eleger, até porque aproveitei pra enviar um e-mail ao candidato em que votei e pedir à ele que não vote em Renan. Fiz minha parte e vou acompanhar.
👍 🗨️ Responder
-  **@alcimargarcia3632** há 6 anos
Semana show de bola
👍 🗨️ Responder
-  **@dadaysouza2307** há 6 anos
Muito boa explicação.
Entendi melhor!!
Vlw
👍 🗨️ Responder
-  **@alodocura...** há 6 anos
[#ZeDirceuNaCadeiaJa](#)
👍 🗨️ Responder
-  **@marinatak4083** há 6 anos
Sempre um ótimo canal
👍 🗨️ Responder
-  **@zoropalmeirense5764** há 6 anos
Smp bem informado com vc Daniel
👍 🗨️ Responder
-  **@osvaldofernandesrosaljunio8523** há 6 anos
Daniel boa tarde! Acabei de ver a pouco um vídeo sobre a medicação que o Brasil dispõe para a cura do câncer e que está suspenso o uso por conta do esquema criminoso que existe nos laboratórios. Seria bom divulgar este assunto no seu canal se puder trazer está pauta em um vídeo. Abraço.
👍 1 🗨️ Responder
-  **@henriquebarbosa4278** há 6 anos
Boa professor!! 🙏🙏
👍 🗨️ Responder
-  **@marildeoliveirasenne671** há 6 anos
Bom diaaaaaaaa !
👍 15 🗨️ Responder
- ^ 2 respostas
-  **@2012Orivaldo** há 6 anos (editado)
Bom dia Marli Senne e tenha um excelente e abençoado domingo!!
👍 1 🗨️ Responder
-  **@marildeoliveirasenne671** há 6 anos
[@2012Orivaldo](#) obrigada querido 🙏
👍 1 🗨️ Responder
-  **@juniatavares539** há 6 anos
Tenho aprendido muito com vc !!
👍 🗨️ Responder

-  **@richard9774** há 6 anos
Muito bom daniel
  [Responder](#)
-  **@rosaliacunha3407** há 6 anos
Concordo plenamente amigo.
  [Responder](#)
-  **@danike4897** há 6 anos (editado)
DANIEL O QUE VC ACHA DE BASE MILITAR AMERICANA NO BRASIL ??? FAZ O VÍDEO EXPLICADO PRA NOIS ISSO 🇧🇷
 7  [Responder](#)
[1 resposta](#)
-  **@biriba4931** há 6 anos
Daniel não esqueça de comentar sobre a mudança da embaixada do Brasil para Jerusalém mais que depressa, essa é a chave do bom relacionamento entre Brasil e Israel, pois um gesto representa mais que palavras. Sucesso amigão!!!
  [Responder](#)
-  **@cassiaalves595** há 6 anos
Primeira semana de glória!
  [Responder](#)
-  **@flaviodiasantonio9054** há 6 anos
Daniel, sensacional seu canal... Mas galera estamos no início do ano, ou seja falta muito trabalho, estou assistindo a entrevista da Ministra Damares, olha acerto em cheio, esta escolha. Também estou muito animado, por este início de governo.
  [Responder](#)
-  **@gustavopontinlopes9797** há 6 anos
Cara muito bom seus vídeos, parabéns pelo trabalho.
-  **@its_ylana** há 6 anos
Pr. Daniel quando é que vai ter live no cristão geek?
Saudades!!!
Ótimo dia!!!
  [Responder](#)
-  **@jhugo31** há 6 anos
Primeira semana do governo de Jair Bolsonaro foi ótima!!
  [Responder](#)
-  **@diegosouza-ks3zo** há 6 anos (editado)
Parabéns pelo canal, vc poderia publicar um livro do manual da resistência
  [Responder](#)
-  **@JorgePedrinhoPfischer** há 6 anos
O Presidente tem descer do palanque. Falar menos e fazer mais.
  [Responder](#)
-  **@eduardonassaro5066** há 6 anos
Ótima análise, Daniel San!! Sugestão: análise sobre o rico discurso de posse do Ministro Ernesto Araújo.
 1  [Responder](#)
-  **@mariadaconceicaoafelipedoss5912** há 6 anos
Estão acontecendo os primeiros desafios. Vamos aguardar
  [Responder](#)
-  **@pacribe** há 6 anos
Bolsonaro tem sido bastante coerente - antes de ser eleito já declarava seu apoio a Rodrigo Maia para presidente da Câmara.
  [Responder](#)

-
- 

@oaktree8661 há 6 anos

No primeiro instante a escolha do R. Maia chocou, justo o Maia, mas no jogo da política a escolha não poderia ter sido outra mesmo. Era isso, ou isso. Na política é necessário muita astúcia, habilidade, muito Bolsonaro.

  Responder
- 

@oneidecosta389 há 6 anos

É um jogo necessário!!!!

  Responder
- 

@adrianaalmeida1156 há 6 anos

Bom dia ! Vou fazer propaganda do seu canal .Como ganhei voto pro Bolsonaro.

 2  Responder
- 

@angelitachaves3422 há 6 anos

Gostaria muito de poder fazer seu curso. Eu sei o que passei com minha filha de 19 anos, que, a vida toda estudou em colégios caros e, nestas eleições, fui descobrir que tinha uma esquerdista dentro de casa, sendo que, jamais eu e meu marido, demos este tipo de exemplo.... Fomos inocentes demais. É uma tristeza ver como a escola tem influência sobre a educação que você dá para seus filhos.

  Responder
- 

@anaclaudiasoares1986 há 6 anos

Melhor é impossível.

  Responder
- 

@waldenilsomp1028 há 6 anos

Estamos juntos meu amigo BRBRBR B17 BRBR B17

  Responder
- 

@alesantos279 há 6 anos

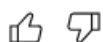
Mas uma aula pra nós, 😊

  Responder



@madalenheringer4783 há 6 anos

PSL deu uma tacada de mestre, cheque mate. Parabéns pela análise!

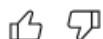


Responder



@ThomasPaine01 há 6 anos

Esperando Fevereiro chegar para me inscrever no curso...



Responder



@richard9774 há 6 anos

Daniel todo domingo vc posta um resumo seria daora

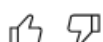


Responder



@valdirpires7568 há 6 anos

Boa notícia



Responder



@marciocarreiro4859 há 6 anos

ESSE É O PRIMEIRO GOVERNO PREOCUPADO COM O POVO ! AGORA VAI...

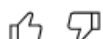


Responder



@neideguimaraes4872 há 6 anos

Daniel, se começarem com chantagem sou pelo fechamento do Congresso.



Responder



@lisestein9356 há 6 anos

Você está fazendo a diferença como Olavo de Carvalho.
Que bom!



Responder



@anavitoria5690 há 6 anos

very good

-  **@filipemarques6458** há 6 anos
Daniel recomende o livro Hugo Chaves o espectro
👍 6 🗨️ Responder
-  **@carolinacarratebaldi3238** há 6 anos
Muito otimista 😊😊😊
👍 🗨️ Responder
-  **@felipecereverzeff1992** há 6 anos
Top hein Dani, valeu!
👍 🗨️ Responder
-  **@EverardoSantosPescador** há 6 anos
Fale sobre a cláusula de barreira nos partidos!
👍 🗨️ Responder
-  **@isaia8751** há 6 anos
TMJ irmão!
👍 🗨️ Responder
-  **@jeffersona.bshoranmoran343** há 6 anos
Gente eu sonhei hoje com a fome na Venezuela. E em um lugar chinês com muita comida chinesa era o panelão de comida. E eu comia muita comida chinesa e era muito saboroso.
👍 🗨️ Responder
-  **@guilhermafarias4271** há 6 anos
Graças a Deus nosso presidente Bolsonaro Sérgio moro tem que pôr ordem no Brasil ordem e progresso
👍 🗨️ Responder
-  **@suelifreitas5109** há 6 anos
Quanto a questão proposta no final da sua live, chegamos a uma situação tal que ninguém aguenta mais. Portanto, nessa circunstância a coisa fica entre a vida do bandido (terrorista) e/ou do policial. Neste caso, sou a favor do Policial. E que se dane o bandido que não é útil em nada, nem para ele mesmo, nem para os cidadãos, nem para o país.
👍 🗨️ Responder
-  **@juvenilson2008** há 6 anos
Primeira semana excelente, só golaço.
👍 🗨️ Responder
-  **@josyildasantos** há 6 anos
Infelizmente ainda têm muita gente escravizadas com o poder de outros.
👍 🗨️ Responder
-  **@alinemaria4144** há 6 anos
Ola Daniel
👍 1 🗨️ Responder
-  **@diogenesmiranda7889** há 6 anos
Muito muito muito boooooom
👍 🗨️ Responder
-  **@edsondeoliveiraoliveira8935** há 6 anos
Ótimo só precisa dar uma freada no onix pois está q aparecer demais.
👍 🗨️ Responder
-  **@luizmondini6531** há 6 anos
Daniel, Estou contente com essa primeira semana. No entanto, acho que está acontecendo alguns desencontros nas informações do Presidente e seus Ministros, dando margem pra essa mídia podre que não quer um país melhor.
👍 🗨️ Responder

-  **@rochaarados** há 6 anos
Muito boa sua explicação!! Parabéns
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@paulo6581** há 6 anos
Confo no presidente, essas alianças que estão sendo feitas agora no futuro serão desfeita pois, os militares sabem muito bem quem são as pessoas que estão dentro do congresso, são militares de alta patente que estão ocupando cargos políticos importantes. Acredito que estão jogando o xadrez político, e muito bem diga-se de passagem.
Vamos deixar o tempo passar e a verdade aparecer no tempo certo.
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@thiagoa4625** há 6 anos
Ótima análise
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@marleneleal4286** há 6 anos
Eu, estou confiante .
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@a4mundo** há 6 anos
Minha preocupação é com esses desencontros de comunicação, a mídia vai tripudiar nessas falas. Precisaria de uma assessoria de comunicação e um bom porta voz. E a questão da reforma da previdência, o MBL tá fazendo barulho com a proposta do governo, dizendo que não é a ideal...
-  **@edsonamorilima6399** há 6 anos
Essa semana foi FANTÁSTICA
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@marayaizabel** há 6 anos
Realmente a equipe de Bolsonaro foi malandro nessa costura para uma possível eleição de Rodrigo maia.espero que Rodrigo siga apoiando o presidente.
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@jonathanlopes-bio** há 6 anos
Até agora estou satisfeito com o que o governo está fazendo.
Mas ainda sinto a falta de um porta-voz que possa falar em nome do governo. Isso evitaria os desencontros de informação.
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@edinaldoalves8694** há 6 anos
O costume de casa vai a praça, arrumar primeiro a casa onde está um inferno,e, depois fazer grandes negócios com o mundo. (O BRASIL DE ONTEM, QUEM CONHECE NÃO O COMPRA) . BOTA NO TÔCO CAPITÃO.
👍 12 🗨 [Responder](#)
-  **@hiramgiraolima8442** há 6 anos
Aqui no Ceará, quem comanda é o C.C.C, CAMILO, CIRÓ, CID!!!!!!
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@davidxbrand** há 6 anos (editado)
Muitos liberais foram eleitos, os pro liberalismo economico. Inclusive Kim Kataguiri é candidato à presidente da câmara, ele é liberal conservador, é pro livre mercado, corte de regalias e de grandes salários, incluindo ele próprio.
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@terezadanin4159** há 6 anos
Vou solicitar mais uma a você que dica a data do vídeo logo no início. Obrigada
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@arthurphelipe1072** há 6 anos (editado)
Parabéns pelos vídeos! Há um artigo muito elucidativo (salvo engano chama-se "Esquerda e crime crime organizado") que trata dessa associação e parto do Comando Vermelho pelos guerrilheiros comunistas presos em Ilha Grande no começo da década de 1970, no apêndice do livro do professor Olavo, A Nova Era e a Revolução Cultural (última edição).
👍 🗨 [Responder](#)
-  **@adelinosouza7430** há 6 anos (editado)
Política é isso, nem tudo é possível e perfeito e nem tudo sai como imaginamos. Por isso entre o fresco digo o Freixo e Maia é o Rodrigo Maia. Ou seja, é o mal necessário, pra alcançar um objetivo maior.

-  **@simonekaam6681** há 6 anos (editado)
Daniel a minha opinião, o novo governo esta batendo cabeça nesse início, e a esquerda pode aproveitar isso. Um reino dividido entre si não pode subsistir. Os deputados do PSL não são unânimes na eleição de Maia, segundo o que o deputado Kim Kataguiri divulgou.
- 👍 9 🗨 Responder
-  **@josymenezese** há 6 anos
Like sem ver o vídeo antes ... Canal bom a gente chega assim ... Likeeeee
- 👍 🗨 Responder
-  há 6 anos
De que forma prática seria possível dar "ignição" ao Código penal do inimigo? Nossa CF permite uma alteração desta natureza?
- 👍 🗨 Responder
-  **@robadinh0** há 6 anos
Vamos vencer a guerra.
- 👍 🗨 Responder
-  **@vidanointerior8655** há 6 anos
Bom dia..
Infelizmente temos que saber jogar na política
Política e nojenta asquerosa
Mas Capitão ta no caminho certo
- 👍 🗨 Responder
-  **@francionesmarmentini4011** há 6 anos
Ta indo bem pro começo.. vamos ver o Senado como fica [#RenanNao](#)
- 👍 🗨 Responder
-  **@gilmiranda3316** há 6 anos
Só vendo p crer!
- 👍 🗨 Responder
-  **@franciscovitorinosilvabrot750** há 6 anos
A semana começou bem
- 👍 🗨 Responder
-  **@adrianasantos5922** há 6 anos
Parabéns, Bolsonaro!!
- 👍 🗨 Responder
-  **@thalitygirl2939** há 6 anos
Estou lendo o mínimo do Olavo 🍷🍷🍷
- 👍 3 🗨 Responder
-  **@brunodigezi** há 6 anos
Conhece Ênio Fontenelle? Ele tem canal no YouTube é que tem coisas que você diz que foi o primeiro a dizer, sobre a intervenção no STF. Essas aproximações sucessivas Ênio Fontenelle já comentava ele é General aposentado.
- 👍 🗨 Responder
-  **@edivanoliveira3025** há 6 anos
Parabéns pela análise Daniel, mas nada estava disponível para acesso, nem os livros indicados 😞
- 👍 3 🗨 Responder
-  **@wallace_bento** há 6 anos
Boa análise!!!
- 👍 🗨 Responder
-  **@jademel1888** há 6 anos
A primeira semana do governo foi ótima!... 🤔🤔🤔
- 👍 🗨 Responder
-  **@glaucielima4468** há 6 anos
O que está acontecendo no Ceará está no Manual do Guerrilheiro Urbano de Carlos Marighella, logo tem dedo do KGB, Zé Dirceu (livre, leve e solto)

-  **@jerlisonrodrigues6206** há 6 anos
Canal top
👍 1 🗨️ Responder
-  **@wsaxplayerorquestra** há 6 anos
Daniel faça um resumo semanal
👍 🗨️ Responder
-  **@dennisxavier9513** há 6 anos
Na minha nota para a primeira semana do Bolsonaro é 6,5. Tenho certeza que várias notas 9 e 10 virão.
👍 🗨️ Responder
-  **@carlosalexandredasilva9469** há 6 anos
Quem nao faz politica nao filosofa e quem nao filosofa nao busca a verdade...
👍 2 🗨️ Responder
-  **@ademirr3010** há 6 anos
quando ele vai começar a governar por enquanto so vi ele agir como os outros agiram sempre começando pelo salario minimo e aposentadoria ate agora tudo igual os anteriores
👍 🗨️ Responder
-  **@ThurinY** há 6 anos
Vamos subir a rashtag "direito penal do inimigo já"
👍 🗨️ Responder
-  **@fishlestat** há 6 anos
Deem uma olhada no Código Penal Militar, só de curiosidade...
👍 1 🗨️ Responder
-  **@osvaldofernandesrosaljunio8523** há 6 anos
O jornalista Nêumanne disse que Bolsonaro errou ao acordar com Rodrigo Maia e permitir a permanência do Marum no governo.
👍 🗨️ Responder
-  **@TenRoy** há 6 anos
Top
👍 🗨️ Responder
-  **@nandopimenta4099** há 6 anos
Parabéns Bolsonaro
👍 🗨️ Responder
-  **@cevelonmagalhaes8213** há 6 anos
Achei muito boa a segunda será excelente , a terceira os inimigo s vão está igual a cão selvagem .
👍 🗨️ Responder
-  **@thatanrs5685** há 6 anos
[#DireitoPenalDoInimigoJa!](#)
👍 🗨️ Responder
-  **@carlosbarbosa881** há 6 anos
ESTOU TBEM MUITO SATISFEITO C SEU VÍDEO, DANIEL. ASSIM, POR TUDO EXPOSTO, É Q LULA E SEUS ASSECLAS DEVEM INAUGURAR A GUANTÁNAMO BRASILEIRA O QUANTO ANTES....! 🇧🇷
👍 🗨️ Responder
-  **@luviso6102** há 6 anos
Não gosto do Rodrigo Maia, mas pensei como você. O Kim seria melhor e mais confiável. No senado o Renan seria um escracho!! Apoiaria Álvaro Dias, Tasso, ou outro q não fosse de esquerda. Parabéns pelos comentários lúcidos.
👍 🗨️ Responder

-  **@thiagoantunes6976** há 6 anos
O governo Bolsonaro tem que ter o desfavelamento principalmente no Rio de Janeiro
-   [Responder](#)
-  **@emersongaleideoliveira1761** há 6 anos
Daniel, ao colocar o Rodrigo Maia na presidência do congresso não daria a ele uma grande moeda de troca? Por exemplo, ele poderia sempre pedir as coisas ao Bolsonaro e se o Bolsonaro disser não ele poderia dizer "estou com vários pedidos de impeachment em minhas mãos". Será que isso é uma boa alternativa mesmo?
-   [Responder](#)
-  **@ULQJR** há 6 anos
Daniel a legalização da maconha é muito importante para o Brasil em diversos aspectos .
-   [Responder](#)
-  **@jorgexavier1709** há 6 anos
Daniel, já sabemos que o caminho será sinuoso! Olha o que fizeram na Alemanha ontem com pichações? Serão 4 anos com a imprensa batendo 24 horas por dia em Bolsonaro! Abraço! Bom dia 🙌
-  4  [Responder](#)
-  **@raulsilva6046** há 6 anos
Canal crescendo
-   [Responder](#)
-  **@alanmarquespessoa** há 6 anos
Daniel, nesse caso do governo apoiando Rodrigo Maia, qual seria a diferença entre o famoso toma lá, dá cá e apoio político puro e simples? Obrigado e parabéns pelo canal.
-   [Responder](#)
-  **@lu2072** há 6 anos
Daniel acho que você poderia legendar os seus vídeos em inglês e espanhol para ter mais abrangência
-   [Responder](#)
-  **@jeffersoncameirojoca7272** há 6 anos
O que está acontecendo aqui no Ceará é treta do governador.
-   [Responder](#)
-  **@mariajosegomesb.marques638** há 6 anos
Acho ótima a primeira do presidente mitoooo
-   [Responder](#)
-  **@marcelomonteiro6510** há 6 anos
Daniel esses conflitos internos no país motivado pelas organizações criminosas como todos nós conhecemos não terá fim? Isso porque, isso irá atrasar os processos de reforma que terão que ser executados.
-   [Responder](#)
-  **@Bel-ek9wv** há 6 anos
Por favor, peça ao Bolsonaro para não abrir a guarda. Assim como sua família. Muita gente ruim, contra. Obrigada.
-   [Responder](#)
-  **@mariajosesoutomaiorlopes7172** há 6 anos
E o Kim Kataguirí. Me parece que seria uma melhor estratégia. E defendo o posicionamento da idéia de que essa questão de se articular para garantir um presidente da câmara ficou esquecida durante a campanha.
Tenho insegurança com a Joyce.
-   [Responder](#)
-  [1 resposta](#)
-  **@mariajosesoutomaiorlopes7172** há 6 anos
E tenho um sentimento que a Joyce pertence ao grupo de "usadores" da direita para fortalecerem a esquerda.
-   [Responder](#)
-  **@ryva370** há 6 anos
Agora vai.
-   [Responder](#)



@julianadantasf.teixeira4061 há 6 anos

Eu achei ótimo. Só acho que o Bolsonaro tem que alinhar melhor as informações para a equipe não precisar corrigi-lo.

Responder



@m.l.s9599 há 6 anos (editado)

Daniel, posta todo domingo um resumo da semana?

53 Responder

3 respostas



@anatheodoro9596 há 6 anos

Imagino que seja "todo domingo" hahaha Concordo.

4 Responder



@adrianaalmeida1156 há 6 anos

Boa.

3 Responder



@janaineesteves6857 há 6 anos

Apoio

Responder



@loucadostoddynho4877 há 6 anos

Parabéns p informações amei a semana do mito..

Responder



@wendelerleal9248 há 6 anos

Essa do BBB foi boa!



@laudaetearcanjo9713 há 6 anos

O governo precisa arrumar um porta-voz urgentemente. E seria bom que o Bolsonaro parasse de ficar criando polêmicas nas redes sociais, como o bate-boca com Haddad e o vídeo das pedradas na mulher por um muçulmano. Ele desgasta a própria imagem sem nenhuma boa razão para isto. Está faltando sabedoria.

35 Responder

4 respostas



@cassius573 há 6 anos

Analisando por outro prisma, é exatamente essa postura combativa e polêmica que o gera popularidade.

12 Responder



@valdeciraugustodejesus7535 há 6 anos

Muito boa sua colocação seu comentário

Responder



@franmarcos4660 há 6 anos (editado)

É isso que a esquerda quer calar não so nosso presidente Bolsonaro, mas todos nos da direita. Não adianta ficar calado diante daqueles que querem nossa morte, o fim da sociedade brasileira como ela é com valores da família e valores cristãos. Não ficaremos calados e acredito que o presidente jair Bolsonaro não deve ser calar. Foi falando que ele foi eleito e falando que ele deve governar.

Responder



@grasielamorales4056 há 6 anos

Daniel... O que a gente não entende pq pra fazer grandes estádios e grandes estruturas para a Olimpíada tem \$\$\$ (e muito) e para construir um presídio de segurança máxima não tem?

Responder

-  **@joseaugustopimenteldasilva1654** há 6 anos
Foi produtiva e tem que frear esse Renan Calheiros.
  Responder
-  **@ailtonpereiradasilva9784** há 6 anos
👍👍
 1  Responder
-  **@welbenchagas9667** há 6 anos
+ 1 escrito e toma o like.
  Responder
-  **@sabinadi7814** há 6 anos
Daniel tenho uma dúvida que me corrói a alma, se somos iguais perante a lei por que a diferença de aposentadoria? Alguns homens questionam dessa forma, não seria direitos iguais com seres diferentes
  Responder
-  **@luizcarlosrodrigues8654** há 6 anos
Sou pai de duas universitárias. Cuidei das duas desde sempre... resultado são mais de direitas que vc
  Responder
-  **@thanasousa7898** há 6 anos
I LOVE BOLSONARO!
  Responder
-  **@thiaorodriguez7367** há 6 anos
Olá Daniel ! Parabéns pelo vídeo, mas tira esse reflexo AZUL do seus óculos !
  Responder
-  **@rosaguimaraes6347** há 6 anos
Nesse primeiro ano,não será fácil, pois ainda tem petralha no meio,mas o mal não vai prevalecer.
-  **@EDUARDO-vi1tf** há 6 anos
Iruuuu agora vai
  Responder
-  **@deniseucha4136** há 6 anos
Estou aflita.....!!!!!!
  Responder
-  **@jeancarlobaso3801** há 6 anos
Certo Daniel! Este informativo será semanal com as evoluções semanais do governo Bolsonaro? Acho interessante! Abraço!
  Responder
-  **@sakurahairdesign5031** há 6 anos
👍👍👍
  Responder
-  **@fellypesullivan6096** há 6 anos
Ótimo vídeo Daniel, a única coisa que tou estranhando é apenas o esquema de cores e a luminosidade do vídeo, está muito alaranjado e tá deixando você até mesmo você com uma aparência estranha. Fora isso, o vídeo tá show de bola. Abraço!
  Responder
-  **@blacksanchez2468** há 6 anos
Daniel, primeiro lugar parabéns pelo seu trabalho, segundo, a candidatura do Kim é uma ameaça a governabilidade? Ele saberá negociar com os deputados caso seja eleito presidente da Câmara?
  Responder
-  **@VladimirGoulartMora** há 6 anos
A cláusula de barreira que você menciona é a janela da filiação partidária?
  Responder
-  **@kowalski296** há 6 anos
Ainda é muito cedo para essa conclusão.



@wendelerleal9248 há 6 anos

Daniel, poderia explicar porque a Globo difama tanto o governo do Presidente Bolsonaro?



Responder



@alicekfs há 6 anos

tem gente q não entende, se a joice não tivesse apoiado o doria o psdb tvz não estivesse apoiando o bolsonaro hj



Responder



@armindahonestidade1712 há 6 anos



Responder



@Dotanuki100 há 6 anos (editado)

Olá Daniel, creio que estamos no caminho certo.
Mas quando será aberto os segredos do BNDES???
O que você acha?
Forte abraço!!!



Responder



@silvanoherculano4543 há 6 anos

Boa tarde Daniel, eu prefiro o Rodrigo Maia.



Responder



@VladimirGoulartMora há 6 anos

A cláusula de barreira que você menciona é a janela da filiação partidária?



Responder



@fellypesullivan6096 há 6 anos

Ótimo vídeo Daniel, a única coisa que tou estranhando é apenas o esquema de cores e a luminosidade do vídeo, está muito alaranjado e tá deixando você até mesmo você com uma aparência estranha. Fora isso, o vídeo ta show de bola. Abraço!



Responder



@welbersiqueiralulu3766 há 6 anos

Muito boa mas ele deu umas caneladas, tipo a história do aumento do IOF ele tem que deixar assunto economia com o Ipiranga Paulo Guedes. Mas estou feliz e com fé no novo governo.



Responder



@gessegoncalves6493 há 6 anos

eu queria era o cunha como presidente da camará , pena que ele ta preso
Ele ia aprovar tudo



Responder



@carmenluciarangel3599 há 6 anos



Responder



@zenedacom há 6 anos



Responder



@netyrow6817 há 6 anos

Daniel por favor já que vc tem contato com a família, Bolsonaro o que eu vejo é que todas as medidas que estão sendo tomadas tem que ficar esclarecidas à população (principalmente a reforma de previdência) assim como vc está fazendo no seu canal, mais sabemos que a maioria dos eleitores de Bolsonaro não acessa canais de jornalismo sério e sim a Globolixo que fala tudo de forma distorcida e tendenciosa. Obrigada



Responder



@robadinh0 há 6 anos

Bolsonaro foi na casa do Silvio Santos. E o sogro de maia ja disse ao maia como é q vai ser.



Responder



@monicareiscosta3522 há 6 anos

Daniel tem algum deputado do PSDB que apoia Bolsonaro? À sua pergunta, prefiro Maia.



Responder



@gabriel.backes há 6 anos

Negócio é laçar políticos de outro partidos, para emplacar daqui 2 anos a previdência da camera

👍 🗨 Responder



@fatimahardy9157 há 6 anos

Ainda bem que o psl do Bolsonaro foi rápido com relação ao Rodrigo Maia.

👍 🗨 Responder



@marcosdomiciano222 há 6 anos

Olá Daniel, Parabéns pelo trabalho!

Olha a notícia: <https://pt.gatestoneinstitute.org/> (Alemanha:

Nova Lei que Proibe o Casamento Infantil Considerada Inconstitucional)

porta escancarada para a implementação das tradições islâmicas : (

👍 🗨 Responder



@opiniaobrasil1545 há 6 anos

Oque jamais poderíamos fazer quanto ao crime organizado é o erro enorme que a Colombia fez.

Permitir que os Narcotraficantes se transfirmem em políticos. Aqui seriam autorizados por lei e com cobrrtura do STF ao crime.

Primeiro determinar muito bem o que é terrorismo e suas implicações. Leis rígidas.

👍 🗨 Responder



@cristianobersancamposbersa3221 há 6 anos

AVANTE , SEM RECEIO !

👍 🗨 Responder



@neideguimaraes4872 há 6 anos

Queria Flávio Bolsonaro no senado

👍 🗨 Responder



@carlosramos9224 há 6 anos

Quero saber do BNDS



@zoropalmeirenseb/b4 há 6 anos



👍 🗨 Responder



@mauroivancosta3219 há 6 anos

Só falta a caixa preta do Bndes!!!

👍 🗨 Responder



@alexandropereirapereira6032 há 6 anos

Estamos vivendo um novo tempo em nossa nação pessoas que ama de verdade sua pátria enquanto isso os esquerda do inferno tá torcendo pra nosso presidente dá errado vocês vão ter que nos engolir

👍 🗨 Responder



@gustavojoseruy-secco8725 há 6 anos

E base militar Americana e muito bom

👍 🗨 Responder



@paulo0369 há 6 anos

🤔 Eu prefiro o Kim Kataguirí, e não quero o PSOL ou o PT lá de jeito nenhum, mas como não posso votar o jeito é esperar... 🤔

👍 🗨 Responder



@brunohasilva há 6 anos

Daniel, há muita preocupação quanto à questão da flexibilização do acesso às armas, veja o que o Bene Barbosa vem relatando. Seria um grande erro não garantir à população o direito à legítima defesa, muitos inocentes continuariam a morrer e o sangue destes estaria também nas mãos do novo governo.

👍 🗨 Responder



@mauriciovieira6729 há 6 anos

Realmente é um orgulho colocar o Rodrigo Maia na presidência do legislativo de novo. Kkkkkkkkkkkk nova política só rindo muito. Kkkkkkkkkkkk isso foi só a primeira semana.

👍 🗨 Responder

-  **@almeidasouza1318** há 6 anos
O grau de críticas, e revolta por parte da esquerda, indica que o Bolsonaro está acertando em cheio.
  Responder
-  **@vincenzolapuma7951** há 6 anos
Comente sobre Kim Kataguiiri para presidente da Câmara.
  Responder
-  **@neidecosta4139** há 6 anos
Oi Dani,você é amigo do chefe Alexandre ?
 2  Responder
-  **@jeronimovalentimvalentim8391** há 6 anos
Olha, eu penso o seguinte, que o governo não tem que ficar com mimimi e com essas frescuras de modinhas, " menino isso, menina aquilo", pô tem que falar coisas concretas e com ênfase e de moral, para quebrar essa espinha que a esquerda está tentando impor no governo, não tem que tá dando munição para a esquerda, o que for pronunciar tem que ser com cuidado e com responsabilidade e com firmeza, como faz o vice Mourão.
  Responder
-  **@jeronimovalentimvalentim8391** há 6 anos
Outra coisa é o ministro da casa civil, tá falando muito, tem que falar, tá certo tem que dar notícias à população, mas ele fala muito, tem que ser curto e grosso no bom senso.
  Responder
-  **@vdcmscarenhas** há 6 anos
Porque não, Kim Katagure na presidência da Câmara?
  Responder
-  **@kowalski296** há 6 anos
Ainda é muito cedo para essa conclusão.
  Responder
-  **@dia6prod** há 6 anos
tem que ter muita coragem pra falar isso do PCC, tem que manter isso aí, ok.
  Responder
-  **@AryanoRen** há 6 anos
Sabem como é tratado esturador, sequestrador, terrorista e alguns outros delitos em Dubai? Apenas comentei isso porque aqui os direitos são dos patifes, enquanto a vitima e familiares além de manter os patifes nas cadeias(sem contar salário reclusão), seus direitos nunca são reconhecidos. É o rabo balançando o cachorro.
  Responder
-  **@JohnnasPaivaCamargo** há 6 anos
2019, o ano que começou antes do carnaval!
  Responder
-  **@ronycantaruti5274** há 6 anos
Daniel sininho acionado, mas não recebi este vídeo!!!!
  Responder
-  **@mariacristinabarbosafreire7252** há 6 anos (editado)
Porque não considerar o nome do deputado federal Kim kataguiiri?
  Responder
-  **@jovinamoreirabarreto9755** há 6 anos
Olá Daniel, manda o valor do Curso.
  Responder
-  **@CALCLAUDIANE** há 6 anos
Direito Penal do Inimigo.
Wilson Witsel como ex Jurista sabe o que está fazendo.
  Responder
-  **@patriciacorrea1687** há 6 anos

-
-  **@patriciacorrea1687** há 6 anos
Será que os professores esquerdistas vão obedecer as novas diretrizes da educação? Já vi postagens de professores dizendo que não vão mudar e continuarão doutrinando na sala de aula, dizendo que na sala quem manda são eles.
  Responder
-  **@jonhnegu3283** há 6 anos
De vagarinho e se ajustando com o que pode é possível 🤔
  Responder
-  **@jordanbrasil1977** há 6 anos
O Freixo não tem chance nenhuma de ser presidente da Câmara.
  Responder
-  **@Senhor.Antonio** há 6 anos
Não tao diferente, o crime de colarinho branco deveria ser abordado dessa forma ou seja, terrorismo.
  Responder
-  **@florianofilho216** há 6 anos
E os cofres do BNDES? quando será aberto?
  Responder
-  **@cassiocoutinho1865** há 6 anos
DANIEL, QUERO PROPOR UM TEMA: VOTO, OU DECRETO ADMINISTRATIVO, QUAL A VERDADE A RESPEITO? VALEU!
  Responder
-  **@virginiamaria3640** há 6 anos
Em qual situação o presidente independe do congresso? E não pode ter debandada de petistas pra outros partidos?
  Responder
-  **@alissonceresa** há 6 anos
E a questão do BNDES como ficou Bolsonaro esqueceu de revelar na primeira semana de governo a caixa preta BNDES
  Responder
-  **@we.are.the.brazil** há 6 anos
O canal e o conteúdo é muito bom. Apenas considerando a "lei dos 30 segundos" referente ao tempo de atenção das pessoas, em alguns casos a propaganda do próprio canal sai totalmente fora do assunto do próprio vídeo. Mas isto não desmerece o canal. É apenas um ponto que pode ser melhorado.
  Responder
-  **@paulosergioramos9690** há 6 anos
E a abertura da caixa preta do BNDS?
  Responder
-  **@julianerf5161** há 6 anos
Deus nos livre de Marcelo Freixo e do Psol. Se bem que não confio muito no Rodrigo Maia também...
  Responder
-  **@socorrorizzari3908** há 6 anos
Confio no Presidente!!!!Ele é cobra criada!!! 😡
  Responder
-  **@ruthdimarco9337** há 6 anos
Nenhum dos dois prestam
 3  Responder
-  **@indireitasp5220** há 6 anos
Eu quero saber da caixa preta do BNDES, pois o Bolsonaro falou q ia abrir na primeira semana, vc divulgou sobre isso no seu canal uma porção de vezes
 1  Responder
-  **@mkmusicmarcos4972** há 6 anos
Acho que o cenário dos vídeos antes era melhor, ta muito rustico!
  Responder
-  **@reciproco-k2z** há 6 anos
O navio tá se livrando do abismo

 **@ofocobrasilnews** há 6 anos
É o BNDES ? CAIXA PRETA ? LEVI VAI ABRIR OU SER DEMITIDO ?

  Responder

 **@gisouza8178** há 6 anos
Daniel, fale sobre o vídeo do Faustão. Ele está realmente falando mal do Bolsonaro? Eu não duvido, mas pra mim isso não ficou muito claro.

  Responder

 **@vanderalmeida7482** há 6 anos
Seu óculos está com reflexo azul. Acho melhor o outro fundo que você utilizava....

  Responder

 **@neto9591** há 6 anos
Jatobs, um dos criadores do direito penal do inimigo. Não é aceito no Brasil, mas temos resquícios como a lei Maria da Penha e o RDC.

  Responder

 **@abiliocaldas** há 6 anos
O soldado usa as armas que são disponibilizadas para ele.

  Responder

 **@veragarcias6775** há 6 anos
Marcelo Freixo nem pensar!!!

  Responder

 **@marilzacarvalhodalasilva2320** há 6 anos
Quem disse que o santo fuzil não funciona?

  Responder

 **@Luiz81-k8e** há 6 anos
A Dilma tinha que tá na grade!

 **@amr5195** há 6 anos
Falta a tal caixa preta do bndes ????

  Responder

 **@larafranca4999** há 6 anos
Recebi esta mensagem no WhatsApp, e estou Repassando

Pessoal, tenho um amigo que é da PM, e ele me fez o seguinte relato, o qual transcrevo e não digo o nome, por motivos óbvios:

...

Ler mais

  Responder

 **@suelifreitas5109** há 6 anos
Fazer um governo sem a participação dos partidos é feita em parte e o Presidente escolheu os ministros que quis. Na Câmara ou no Senado a coisa é diferente. Precisa de muita conversa e convencimento. Portanto, apoio a decisão pelo Maia. Mas não quero, Renan Calheiros no Senado. Aliás, ninguém de bom senso quer.

  Responder

 **@RafaelBolao0** há 6 anos
Daniel os vídeos estão muito longo, fica complicado assistir.

  Responder

 **@duque6759** há 6 anos
Daniel tu esta resumindo só a cereja do bolo, tem decepções também! não vamos ser parciais.

  Responder

 **@edercfnet** há 6 anos
Demorando muito pra entrar no assunto principal. Um resumo não precisa ser tão extenso

  Responder

-  **@davidxbrand** há 6 anos
Opa, num condomínio vc tem opção de não participar. No estado vc é forçado a participar. É bem diferente.
👍 🗨️ Responder
-  **@valdirpires7568** há 6 anos
Foi uma tacada do PSL
👍 🗨️ Responder
-  **@franciscowitt8710** há 6 anos
Me desculpa mas no Comunismo como em Cuba, tem igualdade pois a comida é racionada para todos feijão arroz e um ovo por dia para cada duas pessoas. Que coisa triste e a ONU não faz nada
👍 🗨️ Responder
-  **@neideguimaraes4872** há 6 anos
Ônix está sobrando.
👍 🗨️ Responder
-  **@2012Orivaldo** há 6 anos
O pessoal do governo Bolsonaro ainda está "aprendendo a andar na bicicleta"... depois irão virar exímios corredores. Tenham paciência...
👍 🗨️ Responder
-  **@biaconradofontes8847** há 6 anos
Eu prefiro o dep. kim katagui!!!
👍 🗨️ Responder
-  **@jeanribeiro1690** há 6 anos
o sininho do meu canal desativou sozinho
👍 🗨️ Responder
-  **@nascimento Lucas454** há 6 anos
posso usar seus vídeos pra compartilhar no facebook?
-
-  **@tailon5105** há 6 anos
Eu prefiro Kim Katagui na presidência da câmara.
👍 🗨️ Responder
-  **@reginaldofranciscomartins520** há 6 anos
E o BNDS ?
👍 🗨️ Responder
-  **@Nml0907** há 6 anos
Prefiro kim katagui para presidente da Câmara
👍 🗨️ Responder
-  **@lageniamaria6953** há 6 anos
Aqui no Ceará, tá feio
👍 🗨️ Responder
-  **@WilliamDouglasSilva** há 6 anos
Onde está a lista dos livros?
👍 🗨️ Responder
-  **@paulodelacerda4653** há 6 anos
Abordar o financiamento externo do terrorismo no Brasil ponto nevrálgico do caso que requer solução urgente por razões óbvias não é mesmo?
👍 🗨️ Responder
-  **@retterjunior** há 6 anos
kkkkkkkkkk o cara ganhou a eleição com toda mídia e mentiras atacando ele, facada, sem dinheiro, sem apoio dos grandões e ainda tem gente achando que ele é inexperiente!...phooo ta de sacanagem ele tem é 30 anos de experiencia, se isso não é experiencia é o que?
👍 🗨️ Responder
-  **@martoni-11pereira7** há 6 anos
BRBR
👍 🗨️ Responder

-  **@Bitcoio** há 6 anos
Abriram a caixa preta do BNDES?
  Responder
-  **@Nypciart** há 6 anos
E o sigilo do BNDES?
  Responder
-  **@edmilsonluz7298** há 6 anos
DEIXA O HOMEN TRABALHAR
  Responder
-  **@angelicafaustino6334** há 6 anos
Como diz Joice : - " Banana com banana " prefiro o Rodrigo Maia !!! Kkkkkkkkk Jesus estamos no sa!!! Mas vai dar certo !!!!
  Responder
-  **@felpesilveira6691** há 6 anos
Quero saber pq mulher vai aposentar mais cedo? Somos iguais perante as leis ou não? A politica de classes vai continuar nesse governo, não votei nele para isso.
 3  Responder
[3 respostas](#)
-  **@neideguimaraes4872** há 6 anos
[#Renan](#) NUNCA.
  Responder
-  **@sandraa.vilelacosta8628** há 6 anos
Direito penal do inimigo 🚫.
  Responder
-
-  **@giselebonetti** há 6 anos
KIM KATAGUIRI PARA PRESIDENTE DA CÂMARA !!!!
  Responder
-  **@neideguimaraes4872** há 6 anos
Eu.preferia que fosse Eduardo Bolsonaro.
  Responder
-  **@rilleygomes** há 6 anos (editado)
Direito penal do inimigo já...
  Responder
-  **@marcelochobas4719** há 6 anos
Bolsonaro vai ser refem do Maia ,escreva o que eu to dizendo.Cade os 350 deputados que Onix alardeou era mentira???
  Responder
-  **@ThurinY** há 6 anos
Deus nos livre do Marcelo Freixo! 🙏
 1  Responder
-  **@fabiopimentelsaxccb** há 6 anos
Eu prefiro o Kim Kataguiri.
  Responder
-  **@RS-wq7ez** há 6 anos (editado)
O Rodrigo maia deveria estar preso ! NAO SE NEGOCIA COM CRIMINOSOS!
 3  Responder
-  **@tomiryk** há 6 anos
Eu prefiro o Kim Kataguiri
  Responder

-  **@lek5038** há 6 anos
Só acho que o Bolsonaro está sendo muito ingenuo por acreditar que Maia vai apoiar o governo quando ganhar a presidência da câmara
-   Responder
-  **@joaoluis9157** há 6 anos
Falta um bom porta voz...
-   Responder
-  **@natan5249** há 6 anos
Interessante ... Direito penal do inimigo é mt importante. Aqui no Brasil tem mts inimigos do Estado e que não podem ser tratados como criminosos normais, e sim com mt mais rigor. Esses terroristas podem destruir o país todo! O direito penal está certíssimo ao afirmar que eles não podem ser presos em cadeias comuns! Precisamos sim de um Guantánamo!
-   Responder
-  **@sosteny8514** há 6 anos
Vou deixar minha opinião de espectador. Você tá demorando muito pra entrar no assunto.
-   Responder
-  **@paulopauloc2873** há 6 anos
Direito penal do inimigo.
-   Responder
-  **@camilavilela9812** há 6 anos
não achei a lista de livros 🙄
-   Responder
-  **@AndréFelipeS40** há 6 anos
31 Petistas deram dislike.
-   Responder
-  **@sueilyogama** há 6 anos
🇧🇷 🇨🇦 🇨🇦 🇨🇦 🇨🇦 🇨🇦 🇨🇦 🇨🇦 🇨🇦 🇨🇦
-   Responder
-  **@maurinasouzacarvalho6392** há 6 anos
Votei no Bolsonaro mas, no meio de ministros tão cultos ele parece um ingnorante
-   Responder
-  **@ratonaton5927** há 6 anos
ESTE TIPO DE COISAS QUE ACONTECEU NO CEARÁ O QUE RESOLVE E BALA NÃO IMPORTA SE E DE MENOR OU O QUE SEJA SÃO TERRORISTAS. ESTE TIPO DE PESSOA E BALA QUE RESOLVE.
-   Responder
-  **@jesimielmelo6782** há 6 anos
Foram 5:30 so de bla bla
-   Responder
-  **@sergiomarques-b2k** há 6 anos
Freixo seria uma desgraça.
-   Responder
-  **@azmodan1528** há 6 anos
discordo, essa 1 semana foi péssima. bolsonaro fez comentarios ignorando conselhos do Heleno que acabou derrubando as ações da embraer, se contradizeu o tempo todo em relação as reais proposta do seu misnistro nas entrevistas que deu. sobrou até pro Onyx Lorenzoni vir a publico e dizer que o Presidente se "equivocou"
-   Responder
-  **@Jana-ke4wf** há 6 anos
Pr Daniel, por favor remova as propagandas desse Érico. Eu não me importo de ver as propagandas para ajudar no faturamento do canal, mas esse e o Mário Vergara perderam o bom senso. Grata
-   Responder

 **@elianeiveth8489** há 6 anos
Eles querem buscar Deus... JESUS 📖🎵 como estudar as leis de Deus nas penitenciárias?? 📖🧐🤔 Só o Lula pode estudar?? 🧐🗣️ a palavra fala que se pedirem pelo Espírito Santo... 🌿🙏 receberão... 🧡🔥 Luc 11:13

👍 🗨️ Responder

 **@vaniacosta9005** há 6 anos
Chega de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio! OSPB e Moral e Cívica

👍 🗨️ Responder

 **@helgaroessing8375** há 6 anos
Eu não entendo essa lógica "Rodrigo Maia ou Marcelo Freixo". Não é muito limitado esse campo de visão? Daniel, não achas que o PSL está subestimando o poder conquistado nas urnas usando da velha política de se aliar com raposas (coisa que o povo refutou nas urnas), ignorando, por exemplo, um Nelson Barbudo que foi super votado no Mato Grosso, por exemplo? Não é arriscar o "próprio Rei" dando a possibilidade de colocá-lo em xeque, se, com o tal "apoio ao Rodrigo Maia" o adversário não poderá querer bagunçar o jogo (como é típico dos arruaceiros de esquerda) implacando logo de cara um pedido de impeachment, ou ...
Ler mais

👍 🗨️ Responder

 **@lucasedemeiros4271** há 6 anos
Existe Ditadura Capitalista?

👍 🗨️ Responder

 **@Patrick_Obatman** há 6 anos (editado)
Primeira semana da dentadura Bonoro 🤔🤔

👍 🗨️ Responder

 **@Dipilikibaby** há 6 anos
Vinte minutos de vídeo??? Tá longuíssimo fica cansativo

👍 🗨️ Responder

 **@jucaraneves9643** há 6 anos
Cadê o Queiroz ? kkkkkkkkkkk O governo começou muito bem ! kkkkkkkkkkk

👍 🗨️ Responder

 **@Brimperial** há 6 anos
O direito penal do inimigo é um meio que ajudaria no combate à criminalidade, sem dúvida. Mais crucial do que essa medida, no entanto, é implementar uma reforma estrutural no sistema de segurança pública brasileiro. A realidade do sistema de segurança pública brasileiro é uma piada. Um completo fracasso para ser mais realista. Quem conhece uma instituição policial por dentro sabe o que isso quer dizer a fundo. As polícias no Brasil se tornaram mais um braço do aparato burocrático brasileiro que não funciona. Eduardo Bolsonaro é Escrivão de Polícia Federal e deve conhecer bem essa realidade deprimente. As "polícias investigativas" (Polícia Civil e Federal) são gigantescos cartórios onde Inquéritos Policiais vão de um lado a outro (Judiciário, Ministério Público e cartório policial) sem quase nada produzir de resultados efetivos para sociedade. Os conhecidos "chefes de polícias" (Delegados) tornaram-se especialistas em direito que pouco entendem de investigação policial. O resultado é o lastimável e desolador índice de solução de crimes - não chega a 10% os casos de inquéritos que conseguem desvendar um crime ocorrido.
Casos de uma investigação bem sucedida são exceção. Hoje, se não se conseguir um delator que denuncie toda a quadrilha e seu modus operandi nenhum resultado possivelmente será conseguido por meio de investigação. A regra, como o cidadão já conhece de forma indireta, é aquela máxima de se limitar a: "fazer o B.O.". Ninguém vai atualmente a uma delegacia confiando que o crime de que foi vítima será solucionado.
Sem mexer, portanto, nesse atual modelo policial não existe Moro ou Direito Penal do Inimigo que dará conta de reverter esse quadro. A reforma das instituições policiais - da segurança pública como um todo - é tão urgente e necessária como se pretende fazer na educação, na previdência e na legislação trabalhista. Mas não vejo da parte de ninguém do governo a percepção dessa realidade. Vejo medidas positivas e esforço, mas que não conseguirão atingir o cerne do mal na segurança pública. Sem polícias capazes de investigar de forma técnica os crimes jamais serão solucionados, o crime organizado será desarticulado e combatido com o mesmo nível de profissionalização que atuam. Repito, quem já trabalhou numa instituição policial brasileira sabe um pouco dessa realidade, esperava que Eduardo Bolsonaro, como escrivão de polícia federal, tivesse mais consciência da magnitude desse mal, levasse essa realidade a conhecimento do presidente e Moro, e alguma reforma mais profunda nesse setor fosse feita - ou ao menos discutida -, mas o que se vê é Moro cercando-se de burocratas os mesmos e antigos "especialistas" de outrora.
Mostrar menos

👍 🗨️ Responder

 **@jesimielmelo6782** há 6 anos (editado)
4:30 so de bla bla

👍 🗨️ Responder

 **@soaresyaohuhoares6244** há 6 anos
Ah, terrorismo no Brasil.

👍 🗨️ Responder

 **@sinvasZLOpiniao** há 6 anos
Semana opressora kkkk

👍 🗨️ Responder



@gersonsebaje1145 há 6 anos

MARCHINHA PARA O BOLSONARO

Aro, aro, aro, aro, aro... vamos confiantes... no BOLSONARO.

Aro, aro, aro, aro, aro... vamos confiantes... no BOLSONARO.

Tátátátátátá....

Nunca mais a confusão, roubalheira, nem esculhambação (Back vocal)

Tátátátátátá...

Flagrantemente derrotada pelo povo brasileiro,

Qual desesperado Caim, a esquerda urra, amigo

Endemoniada, e partiu para o terrorismo besteiro.

Autoridades, onde está a lei: o Direito Penal do Inimigo?

Tátátátátátá...

Coro remember dos patriotas:

Quem foi que empurrou a mão do bispo? (Bis)

Quem foi que alisou a mão do bispo? (Bis)

Quem foi que acobertou a mão do bispo? (Bis)

Mostrar menos

Responder



@carlosbarbosa881 há 6 anos

TALVEZ, SEJA MELHOR BOLSONARO NOMEAR UM PORTA-VOZ PARA ACABAR C ESSAS INFORMAÇÕES DESENCONTRADAS(cada um fala o q quer)... 😞

Responder



@japeri171 há 6 anos

Sejam todos bem-vindos à Nova Era, com pistola e pitu na mão.

Responder



@jessicamatos1599 há 6 anos

Primeira semana abafada!!!! Cheia de fake news

Responder



@rodolfomollaneto4291 há 6 anos (editado)

Sobre a primeira semana...ACHEI INJUSTO O TEMPO DE TRABALHO FIXADO PARA APOSENTADORIA....isto mostrou que o Governo de Jair Bolsonaro será como o anterior em relação a injustiça contra os Homens. TANTO O GOVERNO DE ESQUERDA QUANTO DE DIREITA SÃO GINOCRÁTICOS E APOIAM O FEMINISMO !!!...privilegiam mulheres em detrimento dos direitos dos homens...é incrível como a grande maioria dos homens não só aceitam como sequer se manifestam contra !!!!...e até aprovam !!!!...como o macho brasileiro é um verdadeiro energúmeno !

<https://www.youtube.com/watch?v=GEIDD2itiqk&feature=em-uploademail>

Mostrar menos

Responder



@BruFerreira há 6 anos

Sim; em Direito Penal o Direito do Inimigo é demonizado, mas isso se deve ao viés de esquerda do meio jurídico. É preciso trazer esse tema à tona. Porém, observo que vc poderia falar isso tudo em 1/3 do tempo... Seus vídeos têm ficado prolixos. Abraço

Responder



@ILENESABORDEFESTAS há 6 anos (editado)

<https://youtu.be/nYpByRGEzWE>

Pessoal deem uma olhada nesse link da direita que eu acabei de ver

Responder



@ronildofs há 6 anos (editado)

Daniel curto demais os seus comentários. mas quando você fala galera, incomoda muito!

Responder



@maria1295 há 6 anos

A Ilha das Cobras seria um bom lugar para estes terroristas. Seria o nosso Guantánamo.

Responder



@brancopereira7327 há 6 anos

Babá ovo .



@renatooficialhd há 6 anos

Que ridículo este canal....aff



Responder